



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS**

ARIANE BASTOS GONÇALVES DE ARAUJO

**“O GLADIADOR DO PENSAMENTO E A PALAVRA-AÇÃO”: A ACRÓPOLE IDEAL
NOS ESCRITOS DE RAIMUNDO ANTONIO DA ROCHA LIMA (1874-1878).**

**FORTALEZA
2013**

Ariane Bastos Gonçalves de Araujo

**“O GLADIADOR DO PENSAMENTO E A PALAVRA-AÇÃO”: A ACRÓPOLE IDEAL
NOS ESCRITOS DE RAIMUNDO ANTONIO DA ROCHA LIMA (1874-1878).**

Dissertação submetida ao Mestrado Acadêmico em
História e Culturas da Universidade Estadual do
Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau
de Mestre em História.

Orientação: Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso

**FORTALEZA
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Biblioteca Central do Centro de Humanidades
Doris Day Eliano França - CRB-3/726

A663g Araujo, Ariane Bastos Gonçalves de.
 “O Gladiador do Pensamento e a Palavra-ação”: a Acrópole Ideal nos escritos de Raimundo Antonio da Rocha Lima (1874-1878) / Ariane Bastos Gonçalves de Araujo . -- 2013.
 CD-ROM. 166 f. : il. ; 4 ¾ pol.

 “CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm)”.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de História, Fortaleza, 2013.
 Área de Concentração: História e culturas.
 Linha de pesquisa: Memória, Oralidade e Cultura Escrita.
 Orientação: Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso.

 1. Rocha Lima. 2. Prática Letrada. 3. Fortaleza – círculos letrados, 1870-1878. I. Título.

CDD: 981.31

ARIANE BASTOS GONÇALVES DE ARAUJO

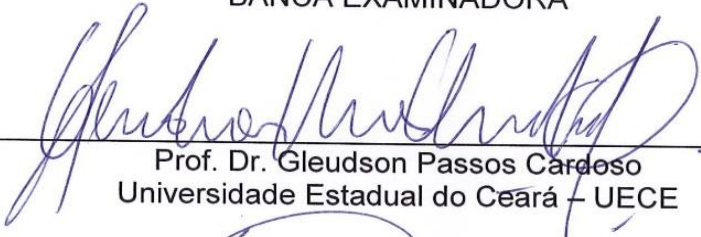
**“O GLADIADOR DO PENSAMENTO E SUA PALAVRA-AÇÃO”: A ACRÓPOLE
IDEAL NOS ESCRITOS DE RAIMUNDO ANTONIO DA ROCHA LIMA (1874-1878)”**

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em História.

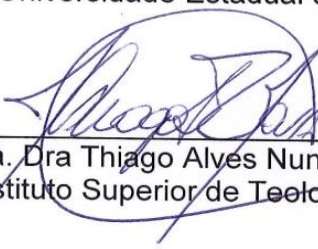
Área de Concentração: História e Culturas

Aprovada em: 27 / 09 / 2013.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Thiago Alves Nunes Rodrigues Tavares
Instituto Superior de Teologia Aplicada - INTA



Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Universidade Estadual do Ceará -UECE
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

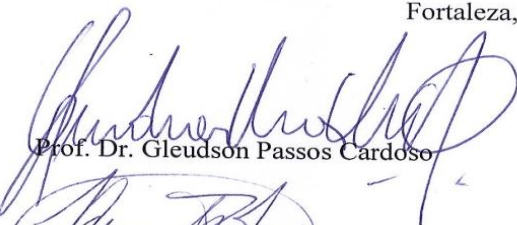
Criado pela resolução N° 520 do CONSU - UECE de 31 de maio de 2005

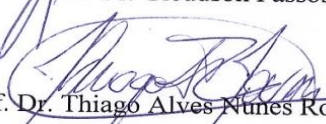


ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA ALUNA ARIANE BASTOS GONÇALVES DE ARAUJO

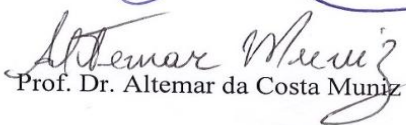
Às 16h00min do dia 27 (vinte e sete) de setembro de 2013 (dois mil e treze), no Curso de Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, a Comissão Examinadora da dissertação, para obtenção de grau de Mestre apresentada pela aluna **Ariane Bastos Gonçalves de Araujo**, intitulada **“O GLADIADOR DO PENSAMENTO E SUA PALAVRA-AÇÃO”: A ACRÓPOLE IDEAL NOS ESCRITOS DE RAIMUNDO ANTONIO DA ROCHA LIMA (1874-1878)”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito **“APROVADA”** em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Gleudson Passos Cardoso (Orientador - UECE), Thiago Alves Nunes Rodrigues Tavares (INTA) Francisco José Gomes Damasceno (UECE). Assinam também a presente ata, o Coordenador Prof. Dr. Altamar da Costa Muniz e o secretário Adauto Rufino de Lima Neto, para devidos efeitos legais.

Fortaleza, 27 de setembro de 2013.


Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso


Prof. Dr. Thiago Alves Nunes Rodrigues Tavares


Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno


Prof. Dr. Altamar da Costa Muniz

Adauto Rufino de Lima Neto

Dedico este trabalho
Aos meus filhos
Lucas
Loreno
Enzzo
Amores da minha vida.

Agradeço aos meus pais
Antônia Eliete
e José Ari
Pelo apoio e amor
incondicional.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu Senhor e Salvador; porque para Ele tudo é possível. Aos meus Filhos Lucas, Loreno e Enzzo, sentidos da minha existência e o motivo de não desistir diante aos obstáculos da vida. Aos meus pais Antônia Eliete e José Ari, que acompanharam o processo desse trabalho e que sempre me proporcionaram todas as condições para chegar até aqui. A eles meu amor incondicional. À minha vizinha querida Regina Fernandes de Oliveira que partiu deixando seu exemplo de mulher forte e professora dedicada.

Aos meus irmãos Júlio Cesar e Carlos Alexandre, companheiros desde nossa infância, desde o ventre de nossa mãe, agradeço o apoio e o amor. Em especial, ao meu irmão Júlio que faz o papel de pai dos meus filhos e salvou-me nos momentos que precisava ler e escrever. Aos meus tios e tias, primos e primas que sempre acreditaram na minha realização profissional e acadêmica. Em especial, agradeço a minha tia Eliliete, sempre pronta a socorrer-me e apoiar. A minha querida comadre Diane Comin por ser a amiga de todas as horas. Deixo beijos a minha afilhada Beatriz Comin Bastos. Aos amigos queridos pelas orações, pela confiança, carinho e até pelas cobranças: Hisllya Bandeira, Cecília Alencar, Soraya Progênio, Celestino (Celé), Elita, Kátia Nunes, Vera, Gleucimar Rocha, Marcelo Briseno, Giordana, Diego Gomes e Vanessa de Souza.

Ao meu orientador Gleudson Passos, pela confiança e apoio durante a realização desta pesquisa. Aos professores da banca: Dr. Thiago Alves Nunes Rodrigues Tavares e ao Dr. Francisco José Gomes Damasceno por aceitar participar do meu rito final. Em especial, ao Prof. Damasceno por ser sempre um farol em alto mar, em noites de tormentas.

Em especial, ao professor Dr. Pádua Santiago por todas as conversas teóricas, muitas vezes divagações filosóficas. Considero-o um combatente do pensamento livre. À banca de qualificação, composta pelo Prof. Temístocles Américo Corrêa Cezar (UFRGS) e pelo Prof. Dr. Thiago Alves Nunes Rodrigues Tavares (INTA) pelas ricas e decisivas contribuições para o desenvolvimento desta dissertação. Ao Prof. Temístocles, por acreditar na minha escrita e capacidade de recriar o Rocha Lima, e ser meu interlocutor que inúmeras vezes, recorri a sua fala gravada na qualificação, Obrigada!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pelo incentivo à pesquisa através da concessão das bolsas de mestrado.

RESUMO

Neste analisamos os escritos do pensador cearense Rocha Lima publicados em obra póstuma *Crítica e Literatura* (1878) enquanto indício sensível de uma Cultura Letrada e de uma Prática Social e Cultural. O período em questão é a década de 1870. A espacialidade é a cidade de Fortaleza. Nossa problemática central parte da premissa de que a escrita de Rocha Lima, denominada aqui como palavra-ação - meio/instrumento/prática sensível de atuar, interferir e transformar a realidade vivida -, define o ideal de formação dos cidadãos enquanto seres comprometidos com uma sociedade solidária e que juntos poderiam constituir a Acrópole Ideal. Nossa pergunta fundamental é: como Rocha Lima, na década de 1870, tendo como referência a cidade de Fortaleza e as representações de outras cidades que chegavam através de leituras, pensou/desejou/representou e buscou sua “Acrópole Ideal”? Desta forma, portanto, nossa análise visa compreender ainda, o quanto de “tradução” de ideias e conceitos teóricos em voga no século XIX o pensador Rocha Lima apreendeu enquanto leitor e expressou em seus escritos. Nossa pesquisa enquadra-se na perspectiva da História Cultural, buscando nas categorias teóricas de: Cultura Letrada, Sensibilidades, Representação, os suportes explicativos e analíticos de compreensão do sujeito histórico Rocha Lima, do seu ideal de vida e do seu universo material e simbólico representado em seus escritos. Portanto, ao perscrutarmos seus escritos, analisamos sua proposta de Cidade Ideal, buscando compreender as sensibilidades conceituais que influenciaram o seu pensamento, a sua escrita e sua atuação social e letrada na cidade de Fortaleza na década de 1870.

Palavras-chave: Rocha Lima, Prática letrada, Círculos Letrados, Fortaleza.

RESUMEN

En el análisis de los escritos de Ceará pensador Rocha Lima publicó póstumamente en *Literatura y Crítica* (1878) como un indicador sensible de una cultura escrita y una práctica social y cultural . El período de referencia es el 1870. La espacialidad es la ciudad de Fortaleza. Nuestro problema central asume que la escritura de Rocha Lima , conocida aquí como la palabra acción - medios / instrumentos / ley de práctica sensible , intervenir y transformar la realidad vivida - define el ideal de formación de los ciudadanos como estar comprometido con un sociedad solidaria y que juntos podrían formar la Acrópolis Ideal . Nuestra pregunta básica es : ¿cómo Rocha Lima, en la década de 1870 , con referencia a la ciudad de Fortaleza y las representaciones de otras ciudades que vinieron a través de lecturas , Pensamiento / desease / representada y buscó su " Acrópolis Ideal "? De este modo , por lo tanto , nuestro análisis también tiene como objetivo entender cómo la " traducción " de las ideas y los conceptos teóricos en boga en el pensador del siglo XIX Rocha Lima aprovechó como lector y expresó en sus escritos. Nuestra investigación se inscribe en la perspectiva de la historia cultural , mirando a categorías teóricas : Alfabetizado Cultura , sensibilidades , Representación , soportes explicativos y analíticos comprensión del sujeto histórico Rocha Lima, su ideal de la vida y su universo material y simbólico representado en sus escritos. Por lo tanto , los perscrutamos sus escritos , analizar su propuesta Ideal City , buscando entender las sensibilidades conceptuales que influyeron en su pensamiento , su escritura y sus actividades sociales y letras en Fortaleza, en la década de 1870 .

Palabras clave: Rocha Lima, Prácticas letradas, círculos letrados, Fortaleza.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. CAPÍTULO - Narrar o Abstrato. Sensibilidades e Representações sobre o Pensador Rocha Lima.....	23
1.1. Narrativa Itinerária: A criação de uma Ordem Historiográfica.....	30
1.2. Rocha Lima: um mestre a ser seguido.....	38
1.3. Narrativas do Outro: a imagem de Rocha Lima que surge das sensibilidades.....	46
2. CAPÍTULO - Territórios Sensíveis: os espaços sociais e simbólicos criados e vividos por Rocha Lima.....	57
2.1 Perfis Juvenis: o Futuro Passado da Moderna Geração do Ceará.....	60
2.2 Os Círculos Letrados: Espaços Sociais e Simbólicos de constituição da Moderna Geração do Ceará.....	79
2.3. Do Silêncio do Gabinete para a Tribuna Ruidosa.....	88
3. CAPÍTULO - Rocha Lima: O Gladiador do Pensamento e sua Palavra-Ação em Busca de constituir a Acrópole Ideal.....	101
3.1. O Gladiador do Pensamento e sua Palavra-Ação.....	105
3.2. Narrativa Filosófica: os escritos do pensador Rocha Lima.....	111
3.3 A Acrópole Ideal nos escritos de Rocha Lima: o ideal de verdade e de bem.....	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
FONTE MANUSEADA.....	160
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	161

INTRODUÇÃO

Trançar fios.
Urdi-los em trama de fios sem nós.
Tecido texto.
Tecido de fios soltos,
Pontos vazados.
Sem segredos do fazer.
Texto tecido¹.

Do Tema em Estudo

Raimundo Antonio da Rocha Lima é o nosso objeto de estudo, sem negar o desejo secreto de tê-lo por inteiro, nosso fazer historiográfico optou por estudá-lo a partir de suas práticas de leitura, escrita e atuação social na cidade de Fortaleza na década de 1870.

Pressupondo que a existência, a realidade é social e culturalmente tecida e profundamente influenciada pelo abstrato, pelo sensível que afeta e cria universos materiais e simbólicos dentro de cada indivíduo, propomos refletir sobre o plano de vida de construção da acrópole ideal de Rocha Lima, plano que orientou suas práticas de leitura e escrita, de inserir-se e intervir na realidade urbana de Fortaleza, bem como, ainda refletir sobre a ação do historiador de compreender e narrar o outro.

Da Trajetória da Pesquisa ao Encontro com Rocha Lima

Em 2005, descobri Capistrano de Abreu na disciplina de historiografia brasileira, foi paixão à primeira leitura. Passei a ler tudo sobre Capistrano. Criei vários projetos de pesquisa, mas não conseguia “sair dos projetos”. Nessa época fazia parte de um projeto de organização e catalogação do acervo de Capistrano de Abreu e do Barão de Studart no Instituto Antropológico, Geográfico e Histórico do Ceará, quando uma colega Ítala Byanca Moraes da Silva aconselhou-me a pesquisar a Academia Francesa. Segui seu conselho. A Academia Francesa tornou-se nosso ponto de encontro – meu, do Capistrano e do Rocha Lima. A Academia não se tratou de uma instituição formal com registros documentais de sua formação e funções a cumprir, ou atas das reuniões. Foi muito mais um símbolo a unir jovens letrados num ideal de transformar e construir um projeto de sociedade num período de fortes confrontos de ideais, o que para a história legitimou-se como a moderna geração cearense, a geração de 1870.

¹Autoria nossa.

A cada leitura, Capistrano de Abreu foi cedendo lugar para Rocha Lima, deixando de ser nosso objeto principal de investigação. Rocha Lima e a Academia Francesa tornaram-se uma questão de conhecimento. Percebemos que as análises e os escritos sobre esse movimento e a representação de seus membros seguiam uma mesma ordem historiográfica, um mesmo discurso. Eis o que motivou nossa pesquisa monográfica: compreender como foi constituído o conhecimento historiográfico sobre eles e de como esse conhecimento constituiu-se uma trajetória historiográfica. Trabalho intitulado “Itinerários Historiográficos: análise da constituição de narrativas historiográficas sobre a Academia Francesa”². A presente dissertação é fruto desta reflexão.

A Construção do Objeto de Investigação e a Problemática

A presente pesquisa intitulada “O Gladiador do Pensamento e a Palavra-Ação: a Acrópole Ideal nos Escritos de Raimundo Antonio da Rocha Lima (1874-1878)” analisou o plano de vida de Rocha Lima de constituição de uma civilização ideal representada pela “Acrópole Ideal”. Antes de tudo, faz-se necessário explicar o que significa a expressão “Gladiador do Pensamento” na obra do pensador de *Crítica e Literatura*³. Ela ganha destaque no artigo “Evolução”⁴, definida como a ação combativa de alguns pensadores em nome da liberdade de pensamento, em prol da transformação da realidade tangível⁵. Esse “Gladiador do Pensamento” diferencia-se dos pensadores que utilizam o pensar e a escrita com o único intuito de conquistar a adesão dos leitores pela palavra ornada e não pelas ideias defendidas⁶.

No que concerne à ideia de “palavra-ação”, o termo é aplicado à posição tomada por Rocha Lima enquanto filósofo, munido do seguinte método: analisar, compreender e propor os caminhos para a transformação; e utilizar a escrita publicada e o discurso em tribuna como espaço e instrumento⁷ de luta social e política.

² ARAUJO, Ariane Bastos G. de. **Itinerários historiográficos: análise da constituição de narrativas historiográficas sobre a Academia Francesa**. Fortaleza: monografia de graduação, UECE, 2009.

³ ROCHA LIMA, R. A. da Rocha. **Crítica e Literatura**. 1ª ed. Maranhão. Tip. Paiz, 1878.

⁴ ROCHA LIMA, R.A. da. **Crítica e Literatura**. Prefácio de Capistrano de Abreu. Introdução e notas de Djacir Menezes. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1968. p.317.

⁵ Rocha Lima em seu artigo “Evolução” diz: “Se nas esferas superiores do pensamento, quer os combatentes chamem-se Darwin ou Hegel; Comte ou Spencer, Saint-Simon ou Fourier, Baboeuf ou Karl Marx (...) uma cegueira funesta inutiliza para a luta profícua os mais vigorosos gladiadores”. Ibid. p.318.

⁶ Em seu artigo “Nosso Jornalismo”, publicado no Jornal Cearense em 10 de janeiro de 1876, utiliza o termo “gladiadores da palavra” para determinar o tipo de argumentação com o único intuito de conquistar a adesão dos leitores pela palavra ornada e não pelas ideias defendidas, diferenciando-se de “gladiador do pensamento”.

⁷ Em seu artigo “A Escola Popular” Rocha Lima diz: “A palavra de hoje é de cristal ou de cêra. Em vez de um fim, tornou-se ela um instrumento”. Ibid. p.230.

Quanto ao recorte temporal, de 1874 a 1878, justifica-se por ser o período da produção escrita de Rocha Lima, composta por discursos, críticas e estudo de autores e de livros publicados nos seguintes jornais: *A Constituição*⁸, *O Cearense*⁹ e *Fraternidade*¹⁰, depois reunidos e publicados postumamente na obra intitulada *Crítica e Literatura*¹¹. É importante observar a relevância desta coletânea que possibilitou mapear, analisar e compreender, num só trabalho, a complexidade do pensamento e o ideal de Rocha Lima. Mesmo os textos classificados como de “análise literária”, são fundamentais porque neles emergem temas importantes para a nossa análise como: a visão de Rocha Lima sobre a sociedade e o indivíduo; o cidadão, o Estado e a política; a ciência, a moral, o conhecimento e o papel do pensador. Enfim, todos os conceitos que fundamentavam sua análise e os métodos possíveis para a construção da Acrópole Ideal. Entretanto, por compreendermos que as práticas sociais e as práticas letradas de Rocha Lima não podem se limitar apenas ao recorte de 1874 a 1878, pois um texto também é um encontro de outros textos e vozes, por isso, em vários momentos fizemos algumas incursões nas décadas anteriores para apreender contextos que nos auxiliaram a mapear e compreender a cidade de Fortaleza vista e sentida e a cidade proposta por Rocha Lima: “a Acrópole Ideal”.

Nossa problemática central partiu da premissa de que a escrita de Rocha Lima, denominada aqui como Palavra-Ação - meio/instrumento/prática social de atuar, interferir e transformar a realidade vivida e imaginada -; define o ideal de formação dos cidadãos enquanto seres comprometidos com a sociedade e que juntos poderiam constituir a “Acrópole ideal”. A nossa pergunta fundamental foi: Por que e como Rocha Lima, na década de 1870, tendo como referência a cidade de Fortaleza e as cidades apreendidas em suas leituras, pensou/desejou/representou e buscou sua “Acrópole Ideal”? Desta forma, portanto, nossa análise visou compreender ainda, o quanto de “tradução” de ideias e conceitos teóricos em voga no século XIX o pensador Rocha Lima apreendeu enquanto leitor. Essa observação é

⁸Jornal *Constituição* (1863-1889), órgão conservador adiantando, em oposição às ideias pregadas pelo jornal *Pedro II*, também conservador, oriundo do rompimento de Domingos Jaguaribe e Joaquim da Cunha Freire do jornal *Pedro II*. Cf. FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A Imprensa em pauta**: jornais *Pedro II*, *Cearense* e *Constituição*. Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2006. p. 81.

⁹Jornal *Cearense* (1846-1891), órgão liberal, fruto do jornal *Vinte e Três de Julho*, de 1840, órgão político fundado para comemorar a ascensão liberal à presidência cearense, com a posse do senador Alencar. A partir de 1846, com a cisão do partido Liberal cearense, passa a ser chamado de *Cearense*. Id. Ibid. p. 18-19.

¹⁰O Jornal *Fraternidade* circulava as terças feiras na cidade de Fortaleza. O primeiro exemplar circulou em 04 de novembro de 1873 e o último em 27 de abril de 1875. Trazia na abertura de sua página: “Fraternidade, Fortaleza, Ceará, Organ dedicado a causa da Humanidade, propriedade da Aug. Loj. Frat. Cearense. ORLO AB CAHAO. Typografia Brasileira”, Impresso por Francisco Perdigão.

¹¹1ª edição publicada no Maranhão em 1878.

significativa, pois possibilitou-nos a construção de uma narrativa historiográfica sobre uma época e as práticas de seus atores sociais.

Do Diálogo com a Historiografia e o Enquadramento teórico-Metodológico

Nosso fazer histórico buscou seguir o exemplo de um tecelão: tramar e urdir sem esconder as amarrações e as pontas dos fios. Tecer um tecido texto em que nosso leitor fosse capaz de perceber a montagem da trama, sabendo exatamente os momentos de nós dos fios, sendo possível desatá-los e tensioná-los. Nosso texto tecido buscou muito mais refletir e provocar, do que afirmar um cenário-pintura homogêneo. Desta forma, partimos da reflexão bio-historiográfica sobre Rocha Lima, uma vez que na historiografia nosso sujeito é representado como um intelectual dos fins do século XIX participante de um movimento intelectual na cidade de Fortaleza na década de 1870, determinado por um lugar socioeconômico, por um repertório de leituras e uma sociabilidade cultural; constituindo aparentemente sua biografia completa: nascimento, filiação, formação e atuação intelectual e morte. Entretanto, consideramos que um sujeito sócio histórico não é sua biografia, ou sua interpretação e reconhecemos que a narrativa possibilita o “retorno do morto” ao historiador¹², mas, paradoxalmente, o esconde entre um jogo de estratégias discursivas. O processo de interpretação exige intérpretes que “são veículos de lógicas sociais e de estratégias individuais [...], exprimem-se através de modelos discursivos e fazem-se eco das crenças e valores [e respectivos combates] próprios do seu tempo”¹³.

Sendo assim, observamos que os membros da Academia Francesa, entre eles Rocha Lima, acabaram por serem categorizados como intelectuais pertencentes à elite da cidade de Fortaleza em busca de manter seu *status quo*¹⁴, ou como intelectuais determinados social e culturalmente por um universo de leituras¹⁵, ou como intelectuais produtos da sociabilidade maçônica cearense¹⁶, ou ainda como intelectuais representantes do pensamento político progressista a confrontar o pensamento tradicionalista em Fortaleza na década de

¹²DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

¹³MAURÍCIO, Carlos. **A Invenção de Oliveira Martins**: Política, Historiografia e Identidade Nacional no Portugal Contemporâneo (1867-1970). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005. p. 11-12.

¹⁴Cf. RAMOS, José Tinhorão. **A província e o Naturalismo**. Edição fac-similar de 1966. Fortaleza: NUDOC. UFC, 2006. ; e GONÇALVES, Adelaide. Muitos Typos na Educação para os pobres: imprensa e instrução no Ceará de fins do século XIX aos anos 1920. p.57-100. In Documentos. **Revista do Arquivo Público do Ceará**: história e educação, n 2. Fortaleza: Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006.

¹⁵OLIVEIRA, Almir Leal de. Universo Letrado em Fortaleza na década de 1870. In SOUZA, Simone e NEVES, Frederico de Castro (orgs). **Intelectuais**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

¹⁶ABREU, Berenice. **Intrépidos Romeiros do Progresso**: maçons cearenses no império. Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2009.

1870¹⁷. Concluímos que a categoria *Intelectual* conferiu compreensibilidade ao objeto, entretanto ofereceu uma *ilusão da certeza*¹⁸, silenciando possibilidades de compreender o movimento da Academia Francesa no campo ideológico, enquanto projeto de vida, de ser e de atuar dos sujeitos históricos. Por entendermos que a categoria Intelectual foi insuficiente para significar o movimento da Academia Francesa e a atuação de seus membros, propomos o estudo e a análise dos escritos de um de seus participantes, Raimundo Antonio da Rocha Lima, por o considerarmos emblemático na formação e atuação da Academia Francesa, na qual acreditamos ganhar sua plena significação enquanto projeto de construção de uma civilização ideal por Rocha Lima. Segundo Capistrano de Abreu, Rocha Lima foi o ponto de convergência a reunir as expectativas pessoais dos demais membros, a mediação dos conflitos e o sentido da existência da Academia Francesa¹⁹.

A Academia Francesa ao lado da escola de Recife tornou-se um símbolo do pensamento do Norte para as letras pátrias. Em vários estudos, a Academia Francesa é citada e caracterizada como um movimento de intelectuais imbuídos das grandes teorias em voga no século XIX, em busca de conquistar ou defender seu *status quo*. Entretanto, não consta na historiografia um estudo em conjunto e aprofundado sobre os escritos de seus integrantes, compreendendo as apropriações e os usos das ideias que circulavam no período e que tanto influenciou na trajetória da moderna geração cearense. Assim, diferente do que se viu na produção historiográfica de então, propomos a partir da perspectiva da História Cultural, buscando nas categorias teóricas de: *Sensibilidades*, *Representação* e *Cultura Letrada* os suportes explicativos e analíticos de compreensão do sujeito histórico Rocha Lima, de seu plano de vida e de seu universo material e simbólico representado em seus escritos.

Da Construção dos Capítulos

Desta forma, tecemos o primeiro capítulo intitulado *Narrar o Abstrato. Sensibilidades e Representações sobre o Pensador Rocha Lima*, com o objetivo de apresentá-lo através de suas representações, considerando que toda representação é fruto de uma afetação-sensação-expressão; tríade que impõe pensar sobre por que e como somos atingidos pelos acontecimentos e pelas informações, quais aspectos individuais e coletivos possibilitam sermos afetados; depois, como processamos e construímos nossa representação, ou seja, de

¹⁷CORDEIRO, Celeste. **Antigos e modernos no Ceará Provincial**. São Paulo: Annablume, 1997.

¹⁸Conceito trabalhado por Frederico de Castro Neves na Conferência sobre pesquisa em história realizada na Universidade Estadual do Ceará - UECE, 02.08.2007.

¹⁹Abreu. In: Rocha Lima, op.cit. p.78-79.

como expressamos nossa visão de mundo e de como atuamos. O sujeito histórico analisado, assim como, o historiador são universos/territórios sensíveis desse itinerário: afetação-sensação-representação. Buscamos nesse conceito de *sensibilidades* “estremecer as bases” de análises historiográficas que compreendem o sujeito histórico como mero produto ou reproduzidor do meio material e intelectual.

Desta forma, imaginamos um historiador tecelão que escolhe os fios e a trama a ser historiada, mas a urdidura é fruto de uma forma de olhar e sentir o passado. Há uma técnica e uma teoria, uma perspectiva de tecer, escrever. A própria escrita é parte do conhecimento histórico. Portanto, neste primeiro capítulo trabalhamos a trajetória de Rocha Lima a partir de três tessituras, a saber: *Narrativa Itinerária: A criação de uma Ordem Historiográfica*, na qual discutimos a representação historiográfica de Rocha Lima; *Rocha Lima: um mestre a ser seguido* - tessitura montada a partir da representação de Rocha Lima, feita por Capistrano de Abreu, a de um modelo a ser admirado e seguido; e por fim, *Narrativas do Outro: a imagem de Rocha Lima que surge das sensibilidades*, em que dissertamos sobre as influências de Rocha Lima nos círculos letrados de Fortaleza.

Nossa trama foi alinhavada pelos conceitos de *sensibilidades e representação*, partindo de Sandra Pesavento, Alain Corbin e Roger Chartier, construímos nossa narrativa mostrando o Rocha Lima criado pelas sensibilidades e visões de seus amigos e coetâneos que o tomaram como um símbolo e exemplo de intelectualidade e caráter.

Apresentamos seu círculo familiar, pontuando sua origem social e cultural. Neste ponto, utilizamos os conceitos de *ilusão biográfica e de trajetória* de Pierre Bourdieu dialogado pela proposta de Sabina Loriga de que uma vida carrega um *Pequeno X* que a individualiza e simultaneamente a insere no coletivo. Sabina Loriga nos auxiliou a propor a biografia enquanto problemática histórica, ou seja, a vida não como uma coerência forjada por um destino ou escrita biográfica, como denunciou Bourdieu, mas como um *jogo de escalas* em que a lente deve ser mudada de acordo com os vestígios que se impõem ao longo do processo de pesquisa e compreensão, interpretação. Afinal, o que faz o historiador ao analisar e escrever sobre a vida?

Ao tratarmos da biografia, enquanto problema, fizemos algumas incursões historiográficas sobre o fazer biográfico na história, por isso, utilizamos ainda, as reflexões de Benito Bisso Schmidt, do qual encontramos apoio para nossa visão de que muitas vezes os conceitos operacionalizados funcionam como “camisas de força”, forjam “rótulos” que acabam por sufocar os sujeitos na trama histórica.

Esse arsenal teórico-metodológico nos ajudou a analisar e compreender as informações coletadas sobre a vida de Rocha Lima em passagens de livros de coetâneos e estudiosos dos movimentos letrados em Fortaleza do século XIX, assim como, nas notas dos jornais cearenses: *O Cearense*, *A Constituição*, *Jornal do Ceará*, *Echo do Povo*, *Libertador*, *Pedro II*, *Gazeta do Norte*, *O Colossal*; dos jornais cariocas: *Gazeta da Tarde*, *O Globo*, *Gazeta de Notícias*, *O Cruzeiro*, *O Paiz*; e do jornal maranhense: *Diário do Maranhão*; que contribuíram com o nosso acesso às representações construídas sobre Rocha Lima, enquanto símbolo da intelectualidade cearense, insígnia da Academia Francesa e exemplo a ser seguido.

Ressaltamos a representação de Capistrano de Abreu sobre Rocha Lima²⁰ como ponto gerador de nossa análise e discussão, devido à carga emocional e descritiva sobre o ideal de vida de Rocha Lima. A amizade entre os dois, a convivência nos círculos letrados e o necrológio feito por Capistrano nos levaram a acreditar e a pesquisar os escritos de Rocha Lima. Por fim, fechamos com a análise historiográfica, problematizando a imagem construída pela historiografia de um Rocha Lima ateu, positivista e integrante de uma elite em defesa de seu *status quo*.

Os conceitos trabalhados neste capítulo foram: *sensibilidade, representação e narrativa*, com o objetivo de: refletir, problematizar e compreender como Rocha Lima foi representado pelos amigos, contemporâneos e pela historiografia. O conceito de sensibilidades trabalha com a ideia de Afetação, Sensação e Representação, ou seja, como as leituras, as experiências nos afetam, criando sensações, imaginários, certezas, e práticas que são pessoais e também coletivas [compartilhadas culturalmente]. As sensibilidades nos ajudaram a melhor configurar o conceito de representação que trabalha a ideia de que não falamos do passado, mas da construção do passado, isto é, *Representação* como chave de acesso e significação. Portanto, representamos alguém ou algo de acordo como somos afetados e reagimos a esta afetação.

O conceito de *narrativa* permitiu-nos refletir sobre o ato de narrar o outro, compreender os modos de ver, sentir e organizar uma narrativa sobre um sujeito ou acontecimento passado. Enfatizando ainda, a necessidade de qualquer pesquisa de encontrar/criar/provar uma verdade, pontuando/tensionando que toda narrativa segue um encadeamento, uma lógica de pensamento e exposição das ideias com o “claro” objetivo de apresentar e convencer seu leitor da sua verdade/pesquisa.

Em conjunto, o primeiro capítulo refletiu sobre o ato de narrar o outro, compreender os modos de ver, sentir e organizar uma narrativa sobre um sujeito ou acontecimento passado. Enfatizou ainda, a necessidade da pesquisa de encontrar/criar/provar uma verdade, pontuando/tensionando que toda narrativa segue um encadeamento, uma lógica de pensamento e exposição das ideias com o (des)velado objetivo de apresentar e convencer seu leitor da sua verdade/pesquisa. Por isso, propomos a imagem de um historiador tecelão a urdir e tramar sem esconder ou camuflar os nós do texto-tecido. Pedimos a complacência de nosso leitor em lembrar que os momentos de aparente “quebra” dos itens foram propositais, afinal, concordamos com Bourdieu em romper com a *coerência biográfica* que dá sentido único a uma vida, e ainda concordamos com Schmidt em “cutucar” os enquadramentos historiográficos dos sujeitos analisados. Assim, adiantamos que os aparentes subtítulos sem numeração ao longo de todo texto dissertativo pretendeu mostrar os “nós” da trama, talvez ainda incipientes, assumimos o risco.

Nosso segundo capítulo *Territórios Sensíveis: os espaços sociais e simbólicos criados e vividos por Rocha Lima* buscou refletir sobre os espaços circulados por ele, partindo do pressuposto de que esses espaços comporiam territórios sensíveis, materiais e simbólicos. Tomamos o termo *território* enquanto conceito, pois o operacionalizamos em duas perspectivas simultâneas: uma enquanto espaço geográfico, e a outra, enquanto lugar social, afetivo e intelectual, que mais do que lugares de encontros físicos, são principalmente o lugar do encontro de corpos e almas em confluências e divergências de ideias e ideais

²⁰ Introdução em formato de necrológio de Rocha Lima, intitulado Raimundo Antonio da Rocha Lima, IN: ROCHA LIMA, R. A. da. **Crítica e Literatura**. São Luiz, Typografia do Paiz, 1878, e nas edições de 1913 e 1968.

compartilhados. São sensíveis porque afetam os sujeitos de modo diferente, causando diferentes reações e expectativas de inserção social e política. São territórios materiais e simbólicos porque são pontos de encontro de realidades urbanas e desejos do vir a ser realidade urbana e social.

Os conceitos foram criados e refletidos a partir de François Sirinelli, Sandra Pesavento, Alain Corbin, Angela Alonso e Reinhart Koselleck. Reflexões, a saber, sobre o fato de que as ideias e os ideais são carregados por homens que pertencem a conjuntos sociais e culturais; homens afetados pelo universo ao redor, pelo próprio universo interior, pelas ideias que chegavam das leituras e dos debates. Sirinelli contribuiu com a perspectiva de que as ideias não são universos condicionadores de práticas, mas que, são as práticas que forjam o universo social e cultural. Práticas forjadas pelo mundo que é material e é simbólico; é individual e é coletivo, simultaneamente. Sirinelli nos ajudou ainda a perceber que os sujeitos mesmo que coetâneos, nem sempre vivem ou compartilham um mesmo tempo histórico. Mais uma vez, recorremos a Pesavento e a Corbin para lembrar-nos da importância da tríade das *sensibilidades* em que o espaço sócio geográfico é material, mas também o é simbólico e afetivo.

Para entendermos e representarmos o tempo histórico e seus múltiplos contextos, utilizamos as reflexões propostas por Koselleck, essenciais para materializar nossa visão do mundo compartilhado por Rocha Lima e seus companheiros de luta, um mundo forjado pelo *espaço de experiências* compartilhadas e pelo *horizonte de expectativas* desejadas.

Desta forma, propomos neste segundo capítulo, compreender Rocha Lima e seus círculos letrados enquanto *Territórios Sensíveis* - Espaços geográficos reais - Lugares simbólicos, ligados por fronteiras que separavam e aproximavam Rocha Lima e seus amigos da Academia Francesa. Os textos lidos, as ideias e as críticas compartilhadas funcionaram também como esses espaços de confronto e posicionamento diante do mundo novo oferecido pelo século XIX. Até porque, o texto lido, o texto escrito são diálogos que se constituem diante do outro, ganham pleno sentido nas dinâmicas sociais e visões sensíveis sobre o mundo. Não poderíamos nos furtar de considerar o território vivido e criado por Rocha Lima sem dimensionar a importante relação do tempo tríade: presente-passado-futuro.

Advertimos que não foi nossa intenção constituir o cenário histórico vivido por ele, afinal, seria uma contradição propor um tempo e um espaço simbólico, um tempo e um espaço interior e, de repente, enquadrar Rocha Lima em uma pintura estática e condicionada. Simplesmente, seguimos a orientação de Michael de Certeau de constituir *outro tempo*, que

não é o nosso, de historiadores, e nem o é o tempo de Rocha Lima, este tempo está perdido para sempre. Mas, *outro tempo*, capaz de reapresentar/ressignificar/representar o nosso Rocha Lima. Alertamos que o tempo não passou para ele, não estamos propondo com isso um “*eterno presente*”, apenas ressaltar que Rocha Lima morreu muito jovem, sem ver as transformações políticas, sociais e culturais da cidade que ele percebia, vivia e desejava. O tempo não passou para Rocha Lima. Para tanto, buscamos em Reinhart Koselleck e sua concepção de Futuro Passado apresentar os círculos letrados criados e vividos por Rocha Lima como uma forte relação entre o *Espaço de Experiência* e o *Horizonte de Expectativa*, entre o vivido e o esperado.

Havia um propósito nas leituras feitas e refletidas por Rocha Lima, havia desejos e conflitos a serem conquistados e superados; havia um projeto de vida, projeto de um jovem dos 15 aos 23 anos de transformar e viver em uma cidade ideal. Não uma cidade de pedra marcada por construções modernas e um progresso físico, mas uma cidade marcada pela convivência solidária de uma sociedade, de indivíduos interligados socialmente em busca de constituir um “paraíso terreno”, um lugar de felicidade compartilhada e guiada por uma moral racional. Para falar da cidade percebida, vivida e desejada por Rocha Lima buscamos, novamente, em Alain Corbin e Sandra Pesavento as concepções de *Território do Vazio* e de *sensibilidades* para pensar e representar a cidade de Fortaleza das décadas de 50, 60 e 70 do XIX, dialogando com Koselleck a ideia de um espaço e um tempo marcados pelas experiências e expectativas de rapazes muito jovens, que acreditaram ser possível mudar a cidade vivida por eles, uma cidade aqui compreendida como *um território do vazio*, ou seja, um território de possibilidades, de construção. Rocha Lima e seus amigos liam outras cidades e aos compará-las com a cidade de Fortaleza, projetavam seus ideais de cidade e de cidadãos.

Buscamos nas leituras e escritos desses jovens, nossas fontes além das utilizadas no primeiro capítulo, um sentido e um uso marcados por esse mosaico de experiências e expectativas, que rompem com uma perspectiva redutora e legitimadora de uma historiografia limitada por um enquadramento teórico-metodológico, e sem medo, com certa audácia assume o risco de enveredar pelo terreno movediço e simbólico do ideal de vida.

Assim, dividimos o segundo capítulo em: *Perfis Juvenis: o Futuro Passado da Moderna Geração do Ceará*, que retrata o meio social e simbólico compartilhado por Rocha Lima; *Os Círculos Letrados: Espaços Sociais e Simbólicos* - apresentamos os espaços frequentados por Rocha Lima, e fechamos com, *Do Silêncio do Gabinete para a Tribuna*

Ruidosa que permitiu ressignificar a cultura letrada de Rocha Lima enquanto uma prática social e política de inserir-se e de atuar no cenário de Fortaleza na década de 1870.

Em conjunto, o objetivo do segundo capítulo foi apresentar os círculos letrados criados e frequentados por Rocha Lima enquanto *Territórios Sensíveis*, como se fossem extensões do Rocha Lima; lugares *maiêuticos*, em que o confronto de ideias, as refutações, permitiria um conhecimento filosófico mais aprofundado, e que talvez, pudesse servir às mudanças pretendidas na sociedade em que viviam.

Os lugares, a saber: os colégios Ateneu e Liceu, a Fênix Estudantal, a Academia Francesa, a redação do jornal maçom *Fraternidade*, a Escola Popular e o Gabinete Cearense de Leitura foram apresentados em exposição cronológica de surgimento e de compartilhamento. Em alguns, desses espaços, nossa escrita foi sucinta, como sobre a Fênix Estudantal, porque as fontes são escassas, ou pouco foi dito sobre ela na historiografia, o que notamos foi o uso da existência da Fênix Estudantal como marco do surgimento da vida cultural em Fortaleza, e como argumento para diferenciar o Rocha Lima antes e depois da Academia Francesa, antes e depois do seu perfil ateu ou agnóstico. Sobre os Lugares de estudo, o Liceu e o Ateneu Cearense, foi nosso objetivo apenas mostrar um lugar de origem das leituras e formação, muito mais como espaço afetivo e geográfico, do que de fato de formação, pois concordamos com: Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Clóvis Beviláqua, Djacir de Menezes, Alcântara Nogueira dentre outros, que a formação filosófica e política deles se deram nos espaços da Academia Francesa e da Escola Popular.

Sobre os membros da Academia Francesa, trabalhamos especificamente o perfil letrado do Xilderico Araripe de Faria e do Tristão de Araripe Júnior com a análise de seus textos publicados no jornal *Fraternidade*, respectivamente, *O Papado*; e a *Liberdade Religiosa*; conferências pronunciadas em tribuna nas aulas da Escola Popular em noites de quinta-feira, no ano de 1874.

Textos que possibilitaram refletir sobre a cultura letrada e a prática político-social do grupo, a convergência de ideias e leituras. Destacamos o uso dos conceitos de Liberdade Civil, Cidadão, Conhecimento, Ciência, Religião, nos escritos dos primos e amigos Xilderico e Araripe Júnior, também presentes nas reflexões de Rocha Lima. Pontuamos que o texto intitulado *Soberania Popular* de Pompeu Filho foi trabalhado no terceiro capítulo, pois o mesmo foi analisado por Rocha Lima, diálogo importante para compreendermos as “fronteiras” que os aproximavam e os diferenciavam. Já o texto de Capistrano de Abreu publicado na mesma época não atendia a nossa reflexão, pois refletia sobre a literatura. Afinal, o nosso objetivo com os textos de Xilderico e Araripe Júnior foi avaliar as disputas teóricas em relação ao papel da religião na educação e na formação da sociedade, preparando o “terreno” para discutirmos o ideal de Rocha Lima.

Por fim, nosso terceiro capítulo intitulado *Rocha Lima: o Gladiador do Pensamento e sua Palavra-ação em busca de constituir a Acrópole Ideal*, após a apresentação da trajetória bio-histórica no primeiro capítulo e dos círculos vividos por Rocha Lima e por seus amigos no segundo capítulo, mergulhamos nos seus escritos que ganharam uma nova perspectiva histórica: palavras-ações de um gladiador do pensamento que acreditou e buscou transformar a cidade em que vivia.

Assim, propomos e apresentamos o perfil de combatente de Rocha Lima enquanto um *Gladiador do Pensamento* munido de sua *Palavra-Ação*, ou seja, Rocha Lima tomou para

si a missão, enquanto filósofo, de combater a ignorância e a intolerância no cenário político e social de Fortaleza, pois, acreditava que todo o mal estava no *resto de animalidade* no homem que o prendia no cárcere do medo e da inércia. Enquanto filósofo, Rocha Lima aproximava-se do ideal socrático de entender o conhecimento enquanto virtude, e a ciência como uma prática moral e um instrumento da inteligência. Esta, a inteligência, seria a ignição do *motor da evolução social*. Portanto, seus escritos foram analisados enquanto indícios desse ideal, compreendidos como um texto maior, um plano de ação. Então, em *Narrativa Filosófica: práticas de leitura e de escrita de Rocha Lima*, apresentamos seus textos/discursos como prática ativa de provocar reflexões e propor novas condutas sociais e políticas.

Finalizando nossa escrita, com o tópico *A Acrópole Ideal nos escritos de Rocha Lima: o ideal de verdade e de bem*, representamos Rocha Lima como um filósofo que acreditou e buscou constituir uma cidade marcada por uma prática social, política e cultural solidária e guiada por uma nova moral, baseada na inteligência e nos benefícios promovidos pelo conhecimento e pela ciência. O ideal de verdade e do bem em Rocha Lima funcionou como motor propulsor e motivador das leituras realizadas e das concepções teóricas utilizadas por ele como fundamentadoras do seu projeto de vida. A busca pela verdade seria a realização do bem supremo: a felicidade compartilhada por uma sociedade solidária.

Veremos neste último capítulo o ideal político republicano de Rocha Lima, com a proposta de uma nova estruturação administrativa não burocrática e independente dos jogos de interesses dos grupos partidários “sem nenhum senso filosófico”, como acreditava que deveriam ter. Foi nesse cenário filosófico e político que compreendemos o ideal de Rocha Lima de constituição de uma cidade ideal, na qual, seus habitantes seriam cidadãos livres dos condicionamentos pregados pela moral cristã que não seria mais capaz de guiar a civilização que se formava no século XIX. Por este motivo, os debates teóricos em torno da religião. Observamos que a fé jamais fora questionada pelos membros da Academia Francesa, mas sim, a prática católica. Rocha Lima e seus amigos, talvez nem todos, acreditavam que a mudança viria pelas mãos de todos os cidadãos, estes precisavam tomar consciência de seu papel enquanto motor propulsor das transformações.

Ler Rocha Lima por nossa lente será aceitar caminhar por terreno movediço que ao mostrar e afirmar um caminho questiona a própria afirmação. Esperamos contribuir com nossa reflexão sobre a força de um ideal de vida na formação de nosso pensamento e na constituição de nossas ações sociais. Eis nossa principal afirmação: o ideal de Rocha Lima forjou sua forma de pensar e atuar na cidade de Fortaleza na década de 1870.

CAPÍTULO 1

Narrar o Abstrato. Sensibilidades e Representações sobre o Pensador Rocha Lima.

A vida de Raimundo Antonio da Rocha Lima não foi o que está escrito sobre ele, e nem o será nas escritas futuras. Entretanto, sua existência retorna pelas mãos do historiador. “A escrita da história traz de volta os mortos, reinscrevendo-os na vida a partir de sua transformação em matéria prima de uma narrativa”²¹.

O historiador desperta mortos, transformando-os em matéria-prima de sua narrativa histórica. Rocha Lima existiu. Seu retorno é possível pela escrita da história que aqui é tomada como uma presença física do ausente, um campo narrativo que produz sentidos, entretanto é incapaz de apreender o sujeito em todas as suas manifestações. O passado chega ao olhar do historiador deformado, sua leitura é distorcida pela distância entre o que observa e o que é observado. Cabe ao historiador criar um lugar e um sentido que justifique o “retorno do morto”, “recriar uma temporalidade, distinta do passado e do presente, temporalidade esta onde estejam contidas as formas de ver e sentir dos homens de outra época”²².

O lugar criado para o Rocha Lima surgiu da leitura e problematização de seus escritos²³, da compreensão dos sentidos, dos rastros deixados em seus discursos, críticas e textos. Bem como, das representações criadas por amigos, por coetâneos e pela historiografia. Nosso fazer histórico propôs-se a analisar o plano de vida de Rocha Lima de constituição de uma civilização ideal representada pela “Acrópole Ideal”, formada por uma sociedade solidária e guiada por uma moral baseada na razão e no uso da inteligência, conceitos que emergem de seus escritos. Pressupondo que a existência, a realidade, é social e culturalmente construída e profundamente influenciada pelo abstrato, pelo sensível que afeta e cria universos materiais e simbólicos dentro de cada indivíduo, acreditamos que o plano de vida de Rocha Lima de construção da Acrópole Ideal orientou suas práticas de inserir-se e intervir na realidade urbana de Fortaleza.

Rocha Lima seria o gladiador do pensamento, o filósofo, munido de sua palavra-ação. Nossa problemática central partiu da premissa de que a escrita de Rocha Lima, denominada aqui como Palavra-Ação - meio/instrumento/prática social de atuar, interferir e transformar a realidade vivida e imaginada- define o seu ideal de formação dos cidadãos

²¹CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 46.

²²PESAVENTO, Sandra Jatahy e LANGUE, Frédérique (Orgs). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Santa Catarina: UFRGS, 2007. p. 15.

²³Textos reunidos e publicados em obra póstuma intitulada **Crítica e Literatura**, de 1878.

enquanto seres comprometidos com a sociedade e que juntos poderiam constituir a “Acrópole ideal”. A nossa pergunta fundamental foi: como Rocha Lima, na década de 1870, tendo como referência a cidade de Fortaleza e as cidades apreendidas em suas leituras, pensou/desejou/representou e buscou sua “Acrópole Ideal”? Desta forma, portanto, nossa análise visou compreender ainda, o quanto de “tradução” de ideias e conceitos teóricos em voga no século XIX o pensador Rocha Lima apreendeu enquanto leitor e utilizou-os em seus escritos.

A trama foi alinhavada pelos conceitos de *sensibilidades* e de *representações*, com a perspectiva de superar duas síndromes, a saber, a primeira denominada de “*ilusão biográfica*” proposta por Pierre Bourdieu²⁴, e segunda sobre o “*uso de categorias de análise para compreensão do objeto*”. A primeira síndrome denominada “ilusão biográfica”, a qual alerta sobre a ilusão de se escrever uma história de vida, em narrativa linear, justificadora de cada ato pessoal como se predestinado fosse, se cada acontecimento concretizasse um sentido de existência.

Segundo Bourdieu, o relato de uma vida:

(...) se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, (...) assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário²⁵.

Bourdieu propôs, então, a reflexão e a escrita de uma vida associada ao espaço social, portanto construiu o conceito de “trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou grupo num espaço (...). Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social”²⁶. Sem negar a *trajetória* como uma possível chave de acesso e de escrita, refletimos sobre a colocação de Sabina Loriga em relação ao uso de categorias e “conceitos *totalizantes* de classes sociais, ou de mentalidades, que tendiam a reduzir o sentido das ações humanas apenas a um subproduto das forças produtivas e de meios culturais”²⁷.

²⁴BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 181-91.

²⁵Id. Ibid. p. 184.

²⁶Ibid. p. 189-190.

²⁷LORIGA, Sabina. A biografia como problema. IN. REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas – A experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 226.

Colocação que nos reporta a segunda síndrome a ser vencida, talvez a mais complexa, pois está diretamente ligada a utilização de categorias de análise do objeto em estudo. Partimos, assim, das reflexões sobre história da historiografia e história intelectual, ou história das ideias em que se mensura;

[...] a relação entre contextos/experiências e textos/discursos. A dificuldade da questão é, por um lado, teórica; nela temos que lidar com conceitos aparentemente simples, mas complexos, como os de “realidade histórica”, “experiência”, “linguagem” etc. Por outro lado, há ainda a dificuldade narrativa propriamente dita. [...] Ao pesquisador que se dedicar à inquirição teórica da história intelectual praticada no Brasil, alguns desafios se lançam quase de imediato. Superamos a tradição de pesquisa que enfatizava as ideias e os seus autores colocados em uma relação de quase transparência entre discursos e contextos tidos como previamente explicativos? Aqui, o risco – quase nunca evitado – era, e talvez ainda seja, o estabelecimento de uma dialética do reflexo, em que as produções do intelecto seriam mecanicamente derivadas da “realidade social” que lhes daria forma e sentido²⁸.

É necessário um equilíbrio entre o sujeito das ações e o espaço social, cultural e simbólico criado e ocupado por ele. Buscamos esse equilíbrio ao analisarmos os escritos de Rocha Lima enquanto indícios sensíveis de uma Cultura Letrada e de uma Prática Social e Cultural. Observamos que sua escrita tinha como objetivo questionar a condição vivida pela sociedade da cidade de Fortaleza na década de 1870 e de propor uma nova organização baseada numa sociedade solidária, ou seja, formada por cidadãos comprometidos com o bem-estar coletivo. E, quem era Rocha Lima? Qual a sua importância ou influência nesse cenário? Houve respostas a sua proposta? Como foi lembrado? Como foi significado pela historiografia? Por que tantos anos após sua morte continuou sendo um símbolo de uma prática letrada e social na cidade de Fortaleza? Desta forma, iniciamos nossa reflexão a partir da trajetória de vida de Rocha Lima como chave de leitura teórico-metodológica, uma vez que na historiografia o nosso objeto é representado como um intelectual dos fins do século XIX que participou de um movimento intelectual na cidade de Fortaleza na década de 1870, determinado por um lugar socioeconômico, por um repertório de leituras e uma sociabilidade cultural²⁹.

²⁸Refletimos a partir da obra **Contribuições à história intelectual do Brasil Republicano**. Alexandre de Sá Avelar, Daniel Barbosa Andrade Faria, Mateus Henrique de Faria Pereira (Orgs.). Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. p. 12-13.

²⁹Conceitos a serem trabalhados neste capítulo. Ver ARAUJO, Ariane Bastos G. de. **Itinerários Historiográficos**: análise da constituição de narrativas historiográficas sobre a Academia Francesa. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em História. Fortaleza, 2009.

Observamos nesta prática de história intelectual:

[...] o agrupamento dos textos – e de seus autores – em certas correntes de pensamento, geralmente designadas pelas clássicas categorias do liberalismo, socialismo, positivismo, marxismo etc. Cada uma destas correntes teria, portanto, seus próprios pensadores, temas, métodos e teorias. Em que pese à importância de toda classificação, muitas vezes ela passa a funcionar como um catálogo que, ao invés de auxiliar o estudioso a compreender determinada obra e autor, conduz a uma interpretação empobrecida e pouco problematizadora³⁰.

Desta forma, a historiografia criou um lugar histórico para o movimento da Academia Francesa a partir das posições político-econômicas dos membros desse grupo, compondo uma biografia coletiva constando dados de: nascimento, filiação, formação e atuação intelectual e morte. Contudo, um sujeito histórico não é sua biografia, ou sua interpretação. O processo de interpretação exige intérpretes que “são veículos de lógicas sociais e de estratégias individuais (...) exprimem-se através de modelos discursivos e fazem-se eco das crenças e valores, e respectivos combates próprios do seu tempo”³¹.

Analisar os escritos de Rocha Lima é em igual medida, analisar como sua figura foi construída social e historicamente, é percorrer os caminhos criados pelas análises historiográficas até o presente momento; sem em nenhum momento deixar de problematizar texto e contexto. Tomamos como nossa, a reflexão de Alexandre Avelar, Daniel Faria e Mateus Pereira sobre a relação texto/contexto de Koselleck³²:

Os conceitos funcionariam mais como respostas, produções de sentido destinadas a orientar os agentes da história diante de uma experiência. Mas, além disso, os conceitos criariam horizontes, interferindo na experiência. Não se trata aqui de uma relação dialética, mas de algo mais complexo: uma rede bastante sutil de interações entre diferentes níveis da realidade. Assim, a título de exemplo, a experiência social da aceleração do tempo foi assimilada, entre outras possibilidades, pelo conceito moderno de História. Este, por sua vez, instaurou um horizonte de expectativas relativo ao futuro, que orientou e orienta os agentes históricos em suas escolhas³³.

As *sensibilidades* enquanto resultado da tríade *afetação-sensação-representação*, ou seja, *sensibilidade* entendida como resultado do processo de conhecer e compreender, que

³⁰ AVELAR, Alexandre de Sá, FARIA, Daniel B.A. de, PEREIRA, Mateus. H. F. (Orgs.). **Contribuições à história intelectual do Brasil Republicano**. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. p.13-14.

³¹ MAURÍCIO, Carlos. **A Invenção de Oliveira Martins**: Política, Historiografia e Identidade Nacional no Portugal Contemporâneo (1867-1970). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005. p. 11-12.

³² KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

³³ AVELAR, Alexandre de Sá, FARIA, Daniel B.A. de, PEREIRA, Mateus. H. F. (Orgs.). op.cit. p.16.

depende da forma como somos afetados por estímulos externos, de como apreendemos e transformamos em representações. Segundo a filósofa Márcia Tiburi³⁴ podemos compreender a sensibilidade como o:

[...] conjunto de nossos sentimentos e sensações e ao modo como os experimentamos. A sensibilidade envolve também a questão das sensações. Sensação é a informação que os sentidos recebem do mundo exterior ao corpo. [...] Sensibilidade é também a capacidade de perceber e interpretar as nossas sensações. [...] a sensibilidade é uma categoria do conhecimento [...]. Ela é a base, a via de acesso ao mundo externo ao nosso corpo, o modo como se estabelece nossa relação com as coisas, justamente por ser um modo como experimentamos nosso corpo e os demais corpos. É o modo como olhamos para as coisas, como ouvimos, mas também como as pensamos. O que melhor resume a sensibilidade é que ela é uma capacidade de ter atenção às coisas, o modo como nos dispomos ao que não somos e não conhecemos. O uso da razão, a produção do pensamento, depende desse gesto inicial de disposição, que envolve silêncio, a boa passividade e a escuta³⁵.

O conceito de sensibilidades auxiliou-nos tornar compreensível nossa visão de que apreendemos da realidade ou das pessoas ou das leituras o que de alguma forma nos afeta, e por algum motivo somos sensíveis aos estímulos que nos afetaram e que na maioria das vezes não afetam nossos coetâneos. Pensamos ainda que as sensações criadas formam representações, conhecimento inteligível, ampliando nosso universo de sentir e perceber o mundo ao redor. Operacionalizar o conceito de *sensibilidades* ajudou-nos ainda a perceber e pensar outra tríade formada pelo sujeito-texto-contexto. Reflexão que nos remeteu a correlação entre escritor, seus escritos e seu tempo³⁶. Partimos do pressuposto que os escritos de Rocha Lima são um *território sensível*, fruto de suas experiências reais e imaginárias e de suas expectativas de futuro.

Estratégia de apresentação do objeto

Para acessar esse universo, neste primeiro capítulo trabalhamos a narrativa como um problema que ao possibilitar o “retorno” do morto ao historiador, paradoxalmente o esconde entre um jogo de estratégias discursivas, refletindo sobre o ato de narrar o outro, de

³⁴Doutora em filosofia pela UFRGS, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Mackenzie e professora convidada da Fundação Dom Cabral.

³⁵TIBURI, Márcia. O que é sensibilidade? Artigo publicado e disponível em: <<http://www.marciatiburi.com.br/textos/sensibilidade.htm>>. Acesso em: 15/08/2013.

³⁶Vamos além da concepção de época histórica, propomos a concepção de um tempo múltiplo e filosófico, resultado das experiências plásticas e simbólicas, das formas como somos atingidos pelas realidades, pela sensação que o *vazio* pode provocar num espírito jovem e crédulo de que a inteligência seria capaz de formar e transformar as relações sociais. Ao falarmos de *vazio*, pensamos na cidade de Fortaleza no século XIX, especificamente nas décadas de 60 e 70, cidade “sendo” e cidade “a vir a ser”.

compreender uma vida e transformá-la em conhecimento histórico, um texto. Portanto, compreendemos a narrativa enquanto organizadora de informações, criadora de efeitos argumentativos e explicativos, produtora de um discurso historiográfico. Analisá-la é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar/esconder o jogo que ela desempenha no fazer histórico.

Concordamos com a colocação de Jacques Revel, de que “a escolha por um modo de exposição participa da construção do objeto e de sua interpretação”³⁷. O passado chega ao olhar do historiador fragmentado, sua leitura é conduzida por uma lógica, fruto de uma formação social e acadêmica que organiza os “pedaços” segundo uma perspectiva teórica, tantas vezes reprodutora de uma linha historiográfica itinerária³⁸. Cabe ao historiador criar um lugar e um sentido que justifique o “retorno do morto”. A operação historiográfica concretiza o retorno do morto ao possibilitar certa prática historiográfica e um procedimento científico.

Nosso fazer histórico criou um lugar para o retorno do Rocha Lima, o de um “Gladiador do Pensamento”, um pensador filosófico com o ideal de através da palavra, pronunciada em tribuna e escrita nos jornais, transformar a sociedade de Fortaleza. Assim, optamos por representar Rocha Lima através da análise de seus escritos, textos publicados em jornais no período de 1874 a 1878, na cidade de Fortaleza, reunidos e publicados em *Crítica e Literatura*³⁹, poucos meses após a sua morte.

As chaves de leitura vieram das *sensibilidades*, *representações* e da *cultura letrada* possibilitando a compreensão das práticas sociais e letradas de Rocha Lima a partir da perspectiva de um plano de vida - o de constituição de uma *Acrópole Ideal*, com a formação de cidadãos participativos e integrantes de uma *sociedade solidária*. Portanto, criamos uma narrativa reflexiva sobre as representações a respeito de Rocha Lima. Tratamos do ato de compreender e narrar o outro a partir da análise da escrita de uma vida e da escrita historiográfica sobre essa vida. Propomos que se deve refletir sobre o que há de sensível na forma como pensamos, escrevemos e atuamos socialmente, até mesmo na própria produção historiográfica, ou seja, de como somos atingidos pelos acontecimentos ou pelas informações que nos chegam através de imagens e de textos, e de como escrevemos nossa análise. Partimos do nosso “encontro como Rocha Lima” enquanto objeto de estudo.

³⁷Revel. op.cit. p. 38.

³⁸Conceito de *Narrativa Itinerária* foi criado e trabalhado em nossa monografia de graduação sobre a Academia Francesa, e utilizado no tópico 1.1 deste capítulo.

³⁹ROCHA LIMA, R. A. da Rocha. **Crítica e Literatura**. São Luiz, Typografia do Paiz, 1878.

O encontro com Rocha Lima

Ler o prefácio da obra *Crítica e Literatura* feita por Capistrano em 1878 foi o começo dessa paixão filosófica e historiográfica⁴⁰. Se se somos afetados por imagens, sons, toques, cheiros, palavras e “reagimos” à afetação, as palavras de Capistrano de Abreu sobre Rocha Lima criaram em mim uma inquietação acadêmica e pessoal profunda de conhecê-lo, compreender seu pensamento e caracterizar o seu ideal. Os sentimentos e ressentimentos de Capistrano de alguma forma tornaram-se meus.

Pesavento traduz melhor, mostrando que as sensibilidades carregam uma ambivalência inseparável “instinto e conhecimento”, ou seja, a sensibilidade enquanto uma forma de apreensão e conhecimento do mundo situa-se em um espaço anterior à reflexão, na animalidade da experiência humana, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade.

A partir dos conceitos de *studium e punctum* de Roland Barthes⁴¹, Pesavento reflete sobre a ambivalência conceitual de *sensibilidades*:

O *studium* pertence ao campo do saber e da cultura, reenvia ao conjunto de informações e de referências que constitui nossa bagagem de conhecimento adquirido sobre o mundo e que nos permite buscar as razões e as intenções das práticas sociais e das representações construídas sobre a realidade. O *studium* é dedutivo e explicativo da realidade. Já o *punctum* incide sobre as emoções, sobre aquilo que nos toca na relação sensível do eu com o mundo, refere-se ao que emociona ao que passa pela experiência, pelas sensações. O *punctum* opera como ferida, [e] é algo que nos atinge profundamente e frente ao qual não ficamos indiferentes⁴².

Enquanto conhecimento, as *sensibilidades* correspondem às manifestações frutos da reflexão, pela qual “sensação e afetação” formam uma relação organizada, interpretada e traduzida em termos de conhecimento⁴³, mencionando a colocação de Aristóteles sobre “a capacidade humana de transformar as sensações em um objeto de experiência [...] e transformá-la em conceito”⁴⁴. Interessou-nos essa ambivalência de *sensibilidades* para

⁴⁰Resultando na pesquisa monográfica “**Itinerários Historiográficos: análise da constituição de narrativas historiográficas sobre a Academia Francesa**”, na qual analisamos a construção historiográfica sobre o movimento da Academia Francesa e concluímos que a Academia Francesa foi a materialização do ideal de Rocha Lima, o que aprofundaremos nesta pesquisa.

⁴¹BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Nota sobre a fotografia. Trad. Júlio Castañon Guimarães. 9ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.89.

⁴²Pesavento. Ibid. p. 13.

⁴³PESAVENTO, Sandra Jatahy e LANGUE, Frédérique (Orgs). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Santa Catarina: UFRGS, 2007. p. 10.

⁴⁴Aristóteles apud Pesavento. Ibid. p. 11.

aproximarmos do universo material e simbólico de Rocha Lima, de como fora afetado por ele, como sentiu, apreendeu e o representou em seus escritos. E de como seus discursos e escritos “feriram” o outro: seus amigos, conhecidos e aos jovens décadas após sua morte.

O Ato de Narrar o Outro

O ato de narrar o Outro compreende modos de ver, perceber, sentir e organizar uma narrativa sobre a trajetória de vida. Considerando o processo de construção da narrativa pelo historiador, compreendida aqui como organizadora das informações, criadora de efeitos argumentativos e explicativos, produtora de um discurso historiográfico; apresentamos dados bio-historiográficos de Rocha Lima observando como, até o presente momento, ele foi lido e transformado em texto; constituindo um enquadramento da memória lítero-historiográfica, o que Carlos Maurício denominou de trajetória de recepção, ou seja, um autor deixa um rastro de informações que ao serem investigados, reunidos, interpretados e escritos, formam uma narrativa historiográfica.

As diversas leituras e escritas desse rastro formam uma trajetória de recepção, ou seja, uma interpretação que se perpetua nas análises posteriores⁴⁵. A escrita é sempre escolha. Modos de elaboração, argumentação. Ao narrar organizamos um discurso, selecionando o que deve e o que não deve ser dito. Essa narrativa é fundamentada numa estrutura explicativa, a qual significa o acontecimento ou o sujeito histórico e cria um efeito de verdade, uma representação do passado, que denominamos de *Narrativa Itinerária*. Uma narrativa que serviu de modelo às análises historiográficas.

1.1 Narrativa Itinerária: A criação de uma Ordem Historiográfica.

A narrativa histórica não é como um inventário de objetos, uma relação crescente de acontecimentos, vazia de experiências e significados; sem trama, sem problematização tão essencial ao trabalho do historiador. Sua narrativa é uma escrita da história, produto do equilíbrio entre fontes, leituras, ação problematizadora e criação. Artes de encontrar/criar, compreender e fazer. Os equilíbrios são estados provisórios. As experiências vividas e imaginadas reunidas sob a insígnia de uma personagem ou de um acontecimento representativo de uma época terminam por ser “reduzida” a uma ordem, uma coerência – um

⁴⁵MAURÍCIO, Carlos. **A Invenção de Oliveira Martins: Política, Historiografia e Identidade Nacional no Portugal Contemporâneo (1867-1960)**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

discurso historiográfico. Toda ordem determina certa organização das evidências, opta por uma fundamentação teórica, por um discurso.

O Rocha Lima historiografado foi apresentado como um intelectual⁴⁶ membro da Academia Francesa, significado a partir de como a Academia Francesa foi compreendida e pelo caráter teórico do século XIX: positivista, determinista, cientificista, ateu e evolucionista. Compartilhamos a reflexão do historiador Frederico de Castro Neves⁴⁷ sobre o “papel da teoria de contribuir com uma organização dos acontecimentos, bem como na problematização dos dados e na construção de um saber histórico, e paradoxalmente criar uma ilusão da certeza”, uma vez que, criada uma estrutura explicativa e aceita por sua coerência, termina por limitar o campo de análise, instituindo um discurso historiográfico, muitas vezes cristalizado, contribuindo para um enquadramento da memória sobre o indivíduo em estudo.

Em nosso trabalho monográfico, ora mencionado, propusemo-nos observar a construção interpretativa da Academia Francesa, dialogamos a partir dos textos e buscamos colocar nossas possibilidades de compreensão do que fora a Academia Francesa. De antemão, afirmamos nossa posição de representá-la como um movimento de jovens letrados que desejaram ir contra a cultura dominante; dentre eles, alguns ambicionaram ocupar um espaço de dirigentes, já outros, desejaram transformar a realidade vivida na cidade de Fortaleza na década de 1870, enquanto outros entraram nesta empreitada pela força atrativa dos amigos, sem grandes ideais.

Pudemos constatar que nas escritas historiográficas há certo padrão de organização da narrativa, a saber, em quatro pontos de análise: “o que foi a Academia Francesa? Qual a sua formação? Quais as suas ações? E o porquê de seu fim?”. Estrutura que lembra muito um modelo “tradicional” de biografar um indivíduo: nascimento, formação intelectual, ações e morte. Concluímos que esta estrutura de organização da narrativa sobre a Academia Francesa legitimou-se a partir de Dolor Barreira⁴⁸, constituindo o que denominamos de *Narrativa Itinerária*, ou seja, uma narrativa a funcionar como um caminho,

⁴⁶Ao longo deste estudo, apresentamos e compreendemos Rocha Lima enquanto um pensador, em suas próprias palavras: um gladiador do pensamento.

⁴⁷Reflexão apresentada pelo historiador Frederico de Castro Neves na Conferência sobre Pesquisa em História realizada na Universidade Estadual do Ceará - UECE, 02.08.2007. Mencionando que “a teoria articula a organização das evidências, a teoria abre os olhos às evidências, e paradoxalmente a teoria oferece a ilusão da certeza”.

⁴⁸Apesar de Dolor Barreira beber de outros autores como em Antonio Sales, o tomamos como ponto de partida, devido ser seu nome e sua análise que compõem os trabalhos biográficos e historiográficos sobre a Academia Francesa e seus membros. In. BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense**. Ed. Fac-simile. Fortaleza: Instituto do Ceará. T. I. 1938.

um itinerário a organizar as fontes documentais e os conceitos operativos sobre o objeto em estudo. Itinerária porque sua estrutura explicativa, em maior ou menor medida, fora reproduzida em análises posteriores.

A Academia Francesa passara a ser então representada enquanto um movimento de jovens intelectuais a partir de Dolor Barreira. Constatamos que o termo *intelectual* funcionou como uma categoria operativa, a qual orientou a construção de estruturas explicativas, possibilitando certa organização e ordem nos discursos historiográficos. Identificamos nas narrativas, portanto, que o conceito *intelectual* criou uma ordem e uma coerência na produção de seus discursos historiográficos.

A estrutura narrativa de Dolor Barreira, apesar de auxiliar na seleção e organização dos dados de sua pesquisa, serviu também como uma limitação de abordagem, pois estava presa a uma estrutura cronológica linear sem problematização das informações, detendo-se simplesmente a encadeá-las em uma narrativa, seguindo a ordem: surgimento, formação, ações e fim. A Narrativa Itinerária orientou as demais narrativas analisadas, diferenciadas na forma de apreensão e uso do conceito *intelectual*. Apesar de tênue as fronteiras teórico-metodológicas, percebemos o uso de três possibilidades de abordagem: uma de intelectuais representantes de um universo letrado, reproduzidor de um repertório de leituras e condicionamento intelectual⁴⁹; outra de intelectuais representantes de uma elite dirigente, em defesa de seu *status quo*⁵⁰; e por fim, intelectuais engajados, representantes de uma corrente de pensamento político-social a intervir na cidade de Fortaleza na década de 1870⁵¹.

Identificamos que o termo *intelectual*, além de conceito operativo, funcionou como uma “personagem” geradora da necessidade de cartografar sua trajetória no cenário sócio-político-cultural de Fortaleza: explicando como emergiram na sociedade, o campo de atuação, o lugar da fala, as motivações das ações. Afinal, era necessário criar uma coerência para sua atuação de intelectual e um motivo para sua morte/fim.

⁴⁹Ver CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Capistrano de Abreu**: tentativa bibliográfica. 2ª ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1999; AZEVEDO, Sânzio. **A Academia Francesa do Ceará (1873-1875)**. Fortaleza: Casa José de Alencar/ Imprensa Universitária, 1971.; OLIVEIRA, Almir Leal de. Universo Letrado em Fortaleza na década de 1870. In SOUZA, Simone e NEVES, Frederico de Castro (Orgs). **Intelectuais**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

⁵⁰Ver TINHORÃO, J. R. **A província e o naturalismo**. Ed. Fac-similar. Fortaleza: NUDOC/UFC, 2006.; Gonçalves, 2006.

⁵¹Ver CORDEIRO, Celeste. **Antigos e modernos no Ceará Provincial**. São Paulo: Annablume, 1997.; ABREU, Berenice. **Intrépidos Romeiros do Progresso**: maçons cearenses no império. Fortaleza: Museu do Ceará/Secult, 2009.

A imagem histórica criada foi de um movimento de jovens intelectuais, filhos de famílias abastadas, reunidos e unidos por uma mesma sociabilidade, por um mesmo projeto político-social, buscando legitimar seus discursos sobre qual caminho a sociedade de Fortaleza deveria tomar, para em fim, vir a ser uma civilização moderna. Uma vez aceitos e legitimados, seus discursos conquistariam definitivamente espaço na disputa pelo poder e função de elites dirigentes das transformações da cidade de Fortaleza. Imagem que desejamos “soltar os nós” e problematizar o entrelaçamento dos fios.

“Elites dirigentes” - termo abundante na historiografia sobre intelectuais no Brasil – e suas classes sociais de origem, já que a própria “excelência” de seus atributos seria “autoexplicativa” de sua superioridade. Por certo, se está diante de uma construção ideológica justificadora da dominação de uma classe sobre as demais. Entretanto, muitos especialistas contemporâneos insistem em sublimar este aspecto do problema, apontando suas “fichas” na releitura do “elitismo” enquanto referencial teórico “naturalmente” justificador das desigualdades sociais, o que além de lamentável é pobre em termos de visão crítica. A final, o que é uma “elite”? Qual o poder explicativo deste conceito?⁵²

Fazemos nossas as palavras de Mendonça “afinal, o que é uma elite? Qual o poder explicativo deste conceito?” Assim como, o que é um intelectual? Qual o poder explicativo deste conceito? Lembremo-nos de que “a teoria oferece a ilusão da certeza”. Não pretendemos resolver estas questões, e sim provocar uma resistência ao uso de conceitos e palavras. Bourdieu diz melhor:

Resistir às palavras, só dizer o que se quer dizer: falar ao invés de ser falado pelas palavras emprestadas, carregadas de sentido social [...]. Resistir às palavras neutralizadas, banalizadas, eufemizadas, [...] também às palavras aplainadas, limadas, até ao silêncio, das moções, resoluções, plataformas ou programas. Toda linguagem que é o produto do compromisso com as censuras, internas e externas, exerce um efeito de imposição, imposição do impensado que desestimula o pensamento⁵³.

Cientes da prática do historiador de recortar/delimitar campos de compreensão e abordagem das fontes, de tantas vezes aprisionar-se em tramas itinerárias de caminho único; destacamos o problema de redução da visão sobre um acontecimento histórico quando pré-determinamos o papel dos sujeitos sociais, quando definimos um *locus* social/político/econômico determinante de todas as motivações e atuações desses sujeitos.

⁵²MENDONÇA, Sonia Regina de. Os Intelectuais na Historiografia Brasileira. **IV Simpósio Nacional Estado e Poder: Intelectuais**. São Luis: UEMA, 2007. p. 14.

⁵³BOURDIEU, P. 1983. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. p. 9-15.

Ressaltamos que categorias, como *intelectual, elite etc.*, acabam por “sufocar” o indivíduo nos acontecimentos. Corremos o risco de terminarmos como reféns das estruturas totalizantes e silenciadoras da importância do micro/singular/excepcional/particular no entendimento das dinâmicas sociais e culturais. Acreditamos que a perspectiva de tratar os membros da Academia Francesa enquanto intelectuais representantes de um universo letrado e determinado pelas teorias em voga no século XIX não deu conta das apreensões e usos dos conceitos geradores/problematizadores do conhecimento histórico. Negou, silenciou o papel sempre múltiplo e até contraditório dos sujeitos, pois, mesmo considerando-os enquanto grupos sociais compartilhadores de um mesmo espaço linguístico e interpretativo, terminou por instituir espaços “hermeticamente fechados e não circuláveis”.

A Academia Francesa foi uma reunião de jovens amigos, entretanto eles não podem ser significados como uma massa uniforme. A reflexão de Benito Schmidt em seu estudo sobre dois militantes socialistas, o Francisco Xavier da Costa e o Carlos Cavaco, em Porto Alegre na primeira metade do século XX⁵⁴; na qual, Schmidt observa como o “rótulo socialista” escondeu diferenças profundas, interesses e objetivos tão distantes ao traçar a trajetória desses dois líderes socialistas no movimento operário de Porto Alegre, nos auxilia a problematizar os “rótulos” de ateu, positivista, determinista, cientificista e evolucionista em Rocha Lima.

Afinal, o que seria ser um positivista no século XIX? Como compreendê-lo intermediado pelo coletivo, pelo social, sem criar uma única máscara para Rocha Lima enquanto indivíduo? Como mapear e entender as várias dinâmicas sociais, com suas práticas e sentidos que o influenciaram e também foram influenciadas por ele? Como compreendê-lo inserido numa cultura letrada sem determiná-lo como intelectual condicionado por um *repertório de leituras*, sem interferir e criar suas próprias explicações para o mundo que buscava compreender e transformar?

Uma Vida, Um Tempo: busca por uma Coerência.

Rocha Lima existiu. Filho póstumo de pai homônimo cresceu entre cinco mulheres: sua mãe Maria Amália da Rocha Lima, sua tia Francisca Xavier Bezerra de Albuquerque com suas três filhas Philomena, Firmina e Maria Pio e sua avó materna Antonia Felismina Bezerra Albuquerque, dona da casa onde todos moravam defronte a Praça dos Mártires, nº17, na qual também funcionava uma escola para meninas, onde Rocha Lima

⁵⁴SCHIMIDT, Benito Bisso. **Em busca da terra da promessa**: a história de dois líderes socialistas. Porto Alegre: Palmarina. 1ª ed. 2004.

realizou seus primeiros estudos com sua tia e professora Francisca Xavier B. de Albuquerque. Os homens do clã materno morreram durante sua infância: seu avô Manoel Bezerra de Albuquerque faleceu no mês de novembro de 1861 e o seu tio Luíz Xavier de Castro Silva em 21 de julho de 1863, esposo de sua tia Francisca Xavier B. de Albuquerque e também professor.

Aos oito anos, em 1863, foi estudar no colégio Atheneu Cearense, permanecendo até 1865. Entre os 11 aos 14 anos estudou no Liceu do Ceará. Em 1870 a associação Fênix Estudantal sob o patrocínio de São Luís de Gonzaga, e "em 1871 à custa de muitos esforços e auxiliada pela província, sua mãe pôde mandá-lo para Pernambuco"⁵⁵. Separado dos seus, Rocha Lima continuou ali o mesmo sistema de vida de dedicar todo o seu tempo livre para leituras na biblioteca do Convento do Carmo, onde foi morar. Retornando à Fortaleza no mesmo ano, foi recuperar-se de uma grave enfermidade no retiro de Jacarecanga.

Em 1872 inicia reuniões para leituras e debates de ideias e autores ora em sua casa, ora na de Thomaz Pompeu Filho, denominadas de Academia Francesa, sem documentos ou atas a registrar os encontros ou as ações do grupo, passando à historiografia como um movimento lítero-filosófico ocorrido na cidade de Fortaleza entre os anos de 1873 e 1875, tendo como membros Raimundo Antônio da Rocha Lima, João Capistrano de Abreu, Thomaz Pompeu Filho, João Lopes Ferreira Filho, Antônio José de Mello, Xilderico Araripe de Farias, Tristão de Alencar Araripe Júnior, Varela, Antônio Felino Barroso e Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite.

Em 1873 inicia sua participação no editorial do jornal *Fraternidade*, exigindo total liberdade de ideias, por não aceitar aderir ao projeto maçom. Em 31 de maio de 1874 funda a Escola Popular, juntamente com João Lopes Ferreira Filho, Joaquim Hermano de Castro e Silva e Joaquim Lino de Oliveira, direcionada ao ensino gratuito de operários e desvalidos⁵⁶.

Em dois de fevereiro de 1876, Rocha Lima chega ao Rio de Janeiro para assumir uma posição de lente no Colégio Aquino. Entretanto, retorna à Fortaleza dois meses depois, devido à grave condição de saúde de sua tia D. Francisca Xavier Bezerra de Albuquerque, encontrando-a já sepultada. Desde então, continuou seus afazeres de amanuense com horas extras a cumprir na Biblioteca Pública até 1878, quando faleceu vítima de beribéri em

⁵⁵Abreu. op.cit. p.72.

⁵⁶CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Capistrano de Abreu**: tentativa bibliográfica. 2ª ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1999.

Maranguape. Seus restos mortais jazem no cemitério São João Batista, em Fortaleza. Fim da escrita biográfica de Rocha Lima.

Uma Vida, Múltiplos Tempos: a escrita de uma vida.

Fim? A narrativa biográfica acima, construída em uma lógica linear cronológico-biológica, não buscou descrever cada passo de Rocha Lima, mas provocar uma reflexão sobre a sensação de “controle” sobre a vida de um indivíduo. Pensar como a estratégia/escolha de narrar o outro está diretamente ligada à construção de uma estrutura explicativa, criadora de efeitos de verdade, de uma coerência que satisfaria um leitor desatento. Afinal, mostrou o nascimento/ filiação, a formação, a atuação e a morte de Rocha Lima. Começo, meio e fim: o que há mais para dizer? Desta forma a Academia Francesa fora tratada pelos estudos historiográficos já mencionados, bem como os membros da Academia Francesa: Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Pompeu Filho, João Lopes Filho, Xilderico e Araripe Júnior foram tratados por Sânzio de Azevedo e os autores que tomaram Sânzio de Azevedo, Dolor Barreira e Saraiva Câmara como itinerário. Entretanto uma vida deve ser considerada como confluência de experiências e expectativas, tantas vezes contraditórias e difíceis de serem enquadradas em qualificações e sentidos. Nem *ilusão biográfica* e *trajetória* são capazes de dar compreensibilidade total a uma vida.

A história do gênero biográfico⁵⁷ encontra-se marcada por diversas práticas de compreensão e explicação da vida de um indivíduo. A biografia desde a antiguidade tinha por missão registrar os feitos dos heróis, ensinando através de suas virtudes/acertos e vícios/erros; na Idade Média, a hagiografia – estudo da vida dos santos serviria como exemplo a seguir. Na Idade Moderna, com a Revolução Francesa, o herói cede lugar à história de vida dos grandes homens, figuras excepcionais que encarnariam questões coletivas com o papel de transmitir valores civis e morais.

No caminhar do século XIX para o XX, a biografia em muitos momentos foi considerada um gênero menor, ocorrendo uma “despersonalização” dos acontecimentos históricos, subindo ao palco dos estudos as grandes questões universais: a nação, a raça, o povo, o modo de produção, o meio geográfico etc.

Pensar o gênero biográfico e o saber-fazer do historiador é pensar a construção da escrita da história. Afinal o que faz um historiador ao escrever sobre a vida de um indivíduo?

⁵⁷Ver trajetória historiográfica sobre biografia histórica em Dosse (1996), Panziani (2010), Schmidt (2012). Loriga (2011).

Biografia, trajetória de vida? Uma passagem de acesso a um conjunto maior: o contexto histórico? Um meio de comprovar/questionar as imagens cristalizadas sobre determinadas épocas através da história de vida de um indivíduo, como na história de Menoquio? O que faz o historiador-biógrafo? O que faz um historiador narrador?

O historiador Benito Bisso Schmidt ao refletir sobre os desafios teóricos e metodológicos na atualidade sobre o gênero biográfico coloca que não se pode falar de uma escola teórica, mas que “a biografia está subordinada as regras do campo do historiador, o biografar deve estar a serviço de uma questão/problema de caráter histórico”⁵⁸. A partir desta colocação, refletimos sobre a importância de traçarmos a trajetória de vida de Rocha Lima como uma chave de leitura possível das suas ações e ligações com os círculos que frequentava e influenciava bem como possibilidade micro-analítica de aproximação e representação histórica da sua época.

Importante para compreensão das escolhas e dos lugares sociais e simbólicos ocupados Rocha Lima, suas coerências e contradições tão inerentes ao ser humano. Nesta perspectiva, a biografia, ou como preferem os historiadores do micro, a redução de escala, funciona como recurso teórico-metodológico de aproximação e distanciamento⁵⁹; busca pelo caráter dramático do ser com suas experiências, incertezas, incoerências e horizontes de expectativas. A escrita da vida, ou a mudança de escala, como acesso ao universo individual e coletivo de Rocha Lima.

Ao se contar a história de uma vida, o mais sério desafio é trabalhar ao mesmo tempo com a cronologia linear, que parece ser “unidirecional”, e com o percurso da vida, que não é linear; pergunto-me sempre como trabalhar com o contínuo e o descontínuo, como pensar as diferentes temporalidades? Como conseguir “um relato impressionista [...] que se recusa a pôr ordem na desordem da vida”?⁶⁰

A existência pessoal ultrapassa o tempo histórico, no qual se nasceu e viveu. Lembrando Alain Corbin⁶¹, vivemos e compartilhamos múltiplos tempos formados por

⁵⁸SCHIMIDT, Benito B. **Workshop: O historiador como biógrafo**: possibilidades e desafios. Ministrado no V Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia e história. UFOP-Mariana-MG, em 23/08/2012. Ver **Grafia da Vida**: Reflexões e experiências com a escrita biográfica. Alexandre Avelar e Benito Bisso Schmidt (Organizadores). São Paulo: Letra e Voz, 2012.

⁵⁹O que também poderíamos denominar de “jogos de escala” como prefere Jacques Revel ao diminuirmos a lente de observação. REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social”. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 34-38.

⁶⁰Borges. op.cit. p.5.

⁶¹VIDAL, Laurent. Alain Corbin o prazer do historiador. Tradução: Christian Pierre Kasper. **Rev. Bras. Hist.** vol.25 nº 49 São Paulo Jan./Jun. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882005000100002>.

experiências, imaginários, alegrias, desejos, medos, frustrações, esperanças e desilusões; dependendo de como fomos afetados e de como reagimos aos acontecimentos e às vozes do mundo. Não representamos um Rocha Lima herói ou produto de uma época, mas um jovem que existiu, sonhou e buscou transformar a realidade vivida através de sua palavra-ação. Rocha Lima viveu apenas 23 anos. Não deixou uma escrita de si, somente através de seus textos e da escrita dos amigos e de alguns contemporâneos podemos “vê-lo”.

1.2 Rocha Lima: um mestre a ser seguido.

Na corrida da existência tomara a dianteira a todos os seus rivais; seu andar era tão apressado, que raros conseguiram não perdê-lo de vista. Mais alguns passos, e rebentaria à flor da posteridade, titânico e pujante. Porém cai... e a turba passa-lhe pelo cadáver, ingrata, descuidosa, ignorando que sem ele, para quem não há história e não existe amanhã, jamais chegaria tão longe, tão depressa(...) ⁶².

Fortes e significativas são as palavras de Capistrano de Abreu ao se despedir do amigo Raimundo Antonio da Rocha Lima em 1878, dois meses após a sua morte. Em tom poético, misturam-se sentimentos de dor, perda, saudade, reconhecimento, admiração e mágoa. Mágoa com a turba, a multidão ingrata, que sem reconhecer o valor do homem que foi Rocha Lima observa seu cadáver.

Mágoa com os amigos, que macularam o santuário da Academia Francesa quando em 1875 a existência em comum chegou ao fim. Principalmente pela forma, sem citar nomes, Capistrano informa que alguns do grupo entraram em carreiras contraditórias, e outros retiraram a máscara, ou seja, posturas contrárias ao ideal da Academia Francesa, o ideal de Rocha Lima. Capistrano relata o quanto Rocha Lima sofreu e se condenou ao isolamento com o fim dessa existência em comum. Informando que o amigo de alma sonhadora e meiga era chamado por uma “realidade torpe, que feria todos os seus instintos. Possuía-o, pois, um desengano gélido, uma ataraxia devorante que escondia estoicamente, mas que por mais de uma vez irrompe em suas cartas e confidências” ⁶³.

⁶²ABREU, Capistrano de. In. LIMA, R. A. da Rocha. **Crítica e Literatura**. Prefácio de Capistrano de Abreu. Introdução e notas de Djacir Menezes. 3ª ed. Fortaleza: UFC, 1968. p.69.

⁶³Id. Ibid. p.79.

A dor e a desilusão sentida por Rocha Lima foram confidenciais por cartas, pois seu amigo Capistrano encontrava-se no Rio de Janeiro desde 1875. Em uma delas, se exprime a Capistrano: “desde a tua partida só analiso uma ideia, só palpito por um sentimento, só me alimento de uma esperança, só sonho com um ideal”⁶⁴. Enfim, o sentimento de vazio chegou ao fim na madrugada de 28 de julho de 1878:

Dorme e para sempre, Grande batalhador! Fica à posteridade tua memória e coroa dos louros que colheste. Sua morte veio quebrar o laço talvez mais robusto que prendia a mocidade cearense ao movimento que agita o mundo civilizado⁶⁵.

No dia 28, à 1 hora da madrugada, faleceu em Maranguape, vítima de terrível beribéri, o jovem literato Raimundo Antonio da Rocha Lima, cuja perda é uma calamidade para as letras pátrias⁶⁶.

Capistrano considerava Rocha Lima como um irmão, um mestre. Observamos isso na dedicatória de Capistrano feita à sua memória na abertura do artigo “o Brasil durante o primeiro século da sua história”, em que declara Rocha Lima como seu “irmão pelos laços do coração e afinidade da inteligência, (um) ente querido e puro”⁶⁷, em seguida citou a emblemática epígrafe retirada da obra *Os Apóstolos*⁶⁸ de Ernest Renan: “La vraie existence n'est elle pas celle qui so continue pour nous au coeur de ceux qui nous aiment?” [“A verdadeira existência não é a que continua para nós no coração de quem nos preza?”]. Epígrafe retirada do trecho em que Renan afirma que Jesus viveria em seus seguidores:

[...] Devia acontecer com Jesus, o que acontece com todos os homens que têm movido à atenção dos seus semelhantes. O mundo, acostumado a atribuir-lhes virtudes sobre-humanas, não pode admitir que fossem submetidos à lei injusta, escandalosa, iníqua, do trespasso comum. [...] É tão absurda a morte quando leva o homem de engenho ou de grande alma, que não crê o povo na possibilidade de tal desacerto da natureza. Os heróis não morrem. A verdadeira existência não é a que continua para nós no coração de quem nos preza? Por espaço de anos aquele mestre adorado tinha abundado de alegrias e esperanças os que desvelados os seguiam. Havia estes de consentir que ele apodrecesse na sepultura? Não.⁶⁹

⁶⁴Ibid. p.79.

⁶⁵JORNAL *O Cearense*. Fortaleza, nº66, 1 de agosto de 1878.

⁶⁶JORNAL *Pedro II*. Fortaleza, nº54, 2 de agosto de 1878.

⁶⁷JORNAL *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, nº40, 22 de junho de 1879, p.2.

⁶⁸RENAN, Ernesto. *Os Apóstolos*. Tradução de Paulo Augusto Salgado. Porto – Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1866. p. 2.

⁶⁹Id. Ibid. p.2.

Os heróis não morrem. Rocha Lima não poderia apodrecer na sepultura. No prefácio que serviu de introdução a obra póstuma *Crítica e Literatura* em setembro de 1878, Capistrano afirma que a maior obra de Rocha Lima teria sido formar a moderna geração do Ceará. Rocha Lima seria o exemplo a ser seguido:

[...] obra genuína, aquela pela qual merece um lugar de honra nos fastos nacionais, é a moderna geração do Ceará, forte, corajosa, viril, que com sua morte sofre uma perda irreparável. A esta só pode comparar-se a daqueles que, acostumados a com ele amar e combater viam em sua amizade o mais vivido dos consolos, em sua aprovação o mais eficaz dos estímulos, em suas palavras o reflexo do mais puro dos corações. [...] só resta evocar os seus conselhos, repetir o seu nome sagrado, e nunca, nunca esquecê-lo⁷⁰.

A narrativa de Capistrano de Abreu sobre o homem e o pensador Rocha Lima, foi o ponto de partida e chegada desta pesquisa, devido sua indicação de que a vida de Rocha Lima se desenvolveu em torno de um plano, de um ideal de vida. Em quatorze páginas do prefácio, ora mencionado, Capistrano buscou apresentar e homenagear Rocha Lima em duas temporalidades: a primeira, um passado de honra guiado por um ideal de vida; a segunda, um vir a ser, ou melhor, o que deveria ter sido; o que teria feito na maturidade. Sua morte abalou uma província que parecia à prova do sofrimento:

Por ocasião deste acontecimento, que cobre de luto uma província que parecia à prova do sofrimento, pois que nem um mais lhe restava experimentar, será talvez permitido, a quem do finado guarda uma saudade infinda, um ensinamento profundo, um incitamento salutar, dizer algumas palavras sobre o modo por que se constitui[*sic*] individualidade que animava argila, hoje deposta no cemitério⁷¹.

A Fortaleza dos anos coloniais e mesmo até as reformas de Herbster, não parecia ter nenhuma vocação para as luzes. Seu próprio topônimo denuncia uma vocação para a ordem e as armas⁷². Nas primeiras décadas, Fortaleza foi centro de repressões às ideias liberais, fuzilamento dos revolucionários da República do Equador no Largo da Pólvora [Hoje Passeio Público]. Entre as décadas de 50 e 60 do século XIX, Fortaleza enfrentou epidemias de febres (amarela, catarral, gástrica, de mau caráter, entre outras denominações) e bexiga

⁷⁰ABREU, Capistrano de. Prefácio Raimundo Antonio da Rocha Lima. In. ROCHA LIMA, R. A. da. **Crítica e Literatura**. 3ªed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará – UFC, 1968.

⁷¹ABREU, Capistrano de. op.cit. p.82.

⁷²PIMENTEL FILHO, José Ernesto. **Urbanidade e Cultura Política**: a cidade de Fortaleza e o Liberalismo cearense no século XIX. Fortaleza: Casa de José de Alencar, UFC, 1998. p.26.

(varíola), além da cólera⁷³. Em todas as décadas ocorreram enfrentamentos de famílias por disputas de terras e cargos políticos. Nas canções de Juvenal Galeno, observamos uma província “acostumada” com a dor e algumas vozes como a de Galeno buscando resgatar o povo dessa paralisia social.

Então, com o pequeno lavrador saudei a abundância da colheita, com o criador o aumento e boa venda do gado, e com o artesão a prosperidade de sua arte ou indústria; e com todos eles lamentei as secas, as epidemias, as perseguições policiais, que lhes obstavam o trabalho, e profligui os onerosos tributos que pagavam – essa parte do suor do povo, que o Estado arranca para com ela encher a bolsa dos filhos do patronato!⁷⁴

Chorei a sorte do povo, que nas urnas, no cárcere, e por toda a parte sofria a escravidão. E vendo então que ele ignorava seus direitos, lhes expliquei; vendo-o no sono fatal da indiferença, despertei-o com maldições ao despotismo e hinos à liberdade, - e estimulei-o comemorando os feitos dos mártires da Independência e de seus grandes defensores, - preparando-o assim para a reivindicação de seus foros para a grande luta que um dia libertará o Brasil do jugo da prepotência, e arrancará o povo das trevas da ignorância, e dos grilhões do arbítrio!⁷⁵

Capistrano diante do papel vazio, com a mente imersa em lembranças e memórias reconstruídas, com a missão de escrever o prefácio de *Crítica e Literatura*, sem demarcar uma cronologia, traçou um tempo mental, marcado por sensações e sentimentos, por perdas e superações. A cada parágrafo criava um significado para a existência do amigo. Não mencionaremos a lente de Bourdieu de *ilusão biográfica*, pois a escrita de Capistrano não tinha a intenção biográfica, e sim, de apresentar os textos reunidos para a publicação da obra póstuma e de despedida do amigo admirado e respeitado, portanto trata-se de uma escrita sensível sobre um amigo morto.

Mesmo sem a pretensão de construir uma biografia do morto, as palavras são afetuosas, dispostas de modo a enaltecer a memória e de ferir aqueles que de algum modo traíram ou renegaram o morto quando ainda vivia. Significativos são os eixos que organizam o texto de Capistrano; ressaltamos o eixo *dor*. Suspeitamos de que seu objetivo fosse causar *dor* nos leitores, talvez a mesma dor sentida por Rocha Lima, talvez a dor sentida pelo próprio

⁷³ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. **Quando o Anjo do extermínio se aproxima de nós:** representações sobre o cólera no semanário cratense – O Araripe (1855-1864). João Pessoa, UFPB, 2010. p.48.

⁷⁴GALENO, Juvenal. **Lendas e Canções Populares**. 5ª edição. Raymundo Netto (Org.). Fortaleza: Secult, 2010. p. 63-64.

⁷⁵Id. Ibid. p. 72.

Capistrano de perder mais um amigo⁷⁶. Durante sua trajetória, Capistrano nutriu a prática de discutir e indicar leituras, assim como pedir fontes e opiniões dos amigos em círculos pessoais e troca de missivas⁷⁷. Entretanto, Capistrano não mais integrou sociedades de letrados⁷⁸. Sentimento de perda e dor que sempre o acompanhou, lemos em uma de suas cartas a Cecília Assis Brasil, em 19 de maio de 1919:

Bucólica Kiki.

Sua imagem aparece de preferências às horas da tarde, entregue às lidas de pastora, governando o gado manso, que tem de comum com os brasileiros não saber se governar pela própria cabeça. Sinto então um momento de saudades e interrompo o desencanto em que vivo. Amigos, conversas, passeios, livros, tudo passa e tudo é vão: quem afinal fica reduzido a si próprio é que vê a realidade e conhece como tudo é insuficiente. *Is life Worth living?* [Vale a pena viver?]⁷⁹.

Entre os sentidos criados por Capistrano alinhavados pelo *eixo dor*, Rocha Lima teria nascido para salvar a existência de sua mãe:

Filho póstumo. Antes de ver a luz sofrera com a sua mãe todas as angústias e unira-lhe pela comunhão da dor, dor tanto mais intensa quanto a morte do pai fora repentina, dor tão violenta que chegou-se[sic] a recluir pela vida da infeliz senhora. A mocidade desta, a sua constituição forte, o dever de existir para aquele que pressentia nas entranhas, salvaram-na felizmente; porém ele, que junto a seu coração dias e dias sentira-lhe o palpitar angustioso, ficou lesado para sempre. Trouxe ao nascer o corpo franzino e a predisposição doentia, que tantas vezes obrigaram-no a interromper os estudos, que tão cedo levaram-no[sic] deste mundo⁸⁰.

Rocha Lima seria também o elo forte e mediador dos estudos e dos debates sobre leituras feitas na Academia Francesa, com “seu caráter tão lhano como firme sabia afagar as

⁷⁶Lembramos que Rocha Lima era o segundo amigo que Capistrano perdia. Em carta ao irmão Sebastião, publicada em jornal, Capistrano relembra a morte de Lucas que era seu tio materno e talvez um ano apenas mais velho que Capistrano. [...] Quando me recordo, era alegre e atirado, em tudo o contrario de mim. [...] Muitas vezes tenho pensado no que seria minha vida se Lucas continuasse os estudos e os tivéssemos feitos juntos, amigos, um empurrando o outro.

⁷⁷Cf. ABREU, Capistrano de. Correspondências de Capistrano de Abreu, volumes 1, 2 e 3, edição org. e prefaciadas por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. GOTIJO, Rebeca. Entre quatre yeux: a correspondência de Capistrano de Abreu. *Escritos*. Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa. Ano 2, n. 2, 2008, 456 p.. BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Capistrano de Abreu e a correspondência feminina**. Coleção Outras Histórias. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. AMED, Fernando. **As cartas de Capistrano de Abreu - Sociabilidade e Vida Literária na Belle Époque Carioca**. São Paulo: Alameda, 2006.

⁷⁸Em carta a Barão de Studart, Capistrano disse que não quis “fazer parte da Academia Brasileira, e que era avesso a qualquer sociedade, por já achar demais a humana. Por exceção única pertence ao Instituto, do qual pretende demitir-se em tempo, se não morrer repentinamente”. ABREU, Capistrano de. **Correspondências de Capistrano de Abreu**, volume 1. Edição Org. e prefaciadas por José Honório Rodrigues. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 152.

⁷⁹Abreu. op.cit. vol 3, p. 71.

⁸⁰Rocha Lima. op.cit. p.70-71.

susceptibilidades, e evitar choques e divergências fatais em sociedade de tal ordem”⁸¹; neste ponto a escrita de Capistrano segue o eixo “*modelo a ser seguido*”. Rocha Lima na memória de Capistrano não configurava a ideia de um grande herói, mas de um homem simples a oferecer seu ombro amigo a firmar os passos e um ideal a ser seguido. Em suas palavras,

Quando da terra firme lançamos os olhos sobre o Oceano, apenas ocupam o nosso espírito as ondas alterosas que ameaçam inundar a extensão. Desdenhamos as pobrezinhas que feneceram na distância que vai do fundo à superfície, esquecidos que sem elas não existiriam as que nos enlevam em tão grandiosos sentimentos. Assim, na história: aí só destacamos os dominadores, aqueles que destruíram ou edificaram, deixando após si uma esteira de sangue, ou uma trilha de luz. Não nos lembramos dos ombros em que firmaram os passos, dos peitos que retemperaram seus peitos, dos cérebros que sublimaram seus cérebros, da mão desconhecida que apontou-lhes o ideal que mais felizes atingiram. E muitas vezes o desconhecido é quem mais cooperou para o grande acontecimento⁸².

Rocha Lima era o desconhecido. Foi principalmente através de Capistrano de Abreu e de Maria Amália, mãe de Rocha Lima, que este será conhecido e reconhecido como um símbolo das letras pátrias no Rio de Janeiro e nas décadas posteriores; Capistrano por prefacionar a obra póstuma *Crítica e Literatura*, citá-lo em artigos publicados em jornais no Rio de Janeiro, e pelas doações da obra feitas pela Maria Amália da Rocha Lima. “Este menino era talvez a promessa mais brilhante de escritor que aparecia nos horizontes das letras pátrias”⁸³.

Os eixos *dor e modelo a ser seguido* organizaram a escrita de Capistrano e ofereceram um sentido “a vida que existiu e a morte que a transformou em destino”⁸⁴. “O modo por que se constituiu individualidade que animava a argila”⁸⁵; Rocha Lima, foi ressignificado pelo seu plano de vida que começara em 1871, quando retornara de Recife sem prestar os exames da Faculdade de Direito, devido a problemas de saúde. Em Fortaleza fora convalescer no retiro de Jacarecanga, período curto, mas significativo, pois confessara a Capistrano que quando fora para “Jacarecanga tinha 16 anos, quando voltou tinha cinquenta”⁸⁶. Assim mencionou Capistrano, “Data daqui o seu plano de vida, este plano a que

⁸¹Id. Ibid. p. 78.

⁸²Ibid. p. 69.

⁸³Jornal *O Cearense*, publicado em 02/07/1879, transcreveu nota sobre Rocha Lima publicado no jornal da corte *O Cruzeiro*, o mesmo agradeceu a ação de Maria Amália em oferecer um exemplar de *Crítica e Literatura*.

⁸⁴Revel. op.cit. p.38.

⁸⁵Abreu. In: Rocha Lima. op.cit. p.70.

⁸⁶Rocha Lima. Ibid. p.73.

sempre foi fiel, mais fiel à medida que mais fortes se tornavam as tentações”⁸⁷. À quais tentações se referia? Capistrano não diz. Continua a narrativa expondo sobre os estudos feitos por Rocha Lima, com preferência pela história religiosa e pela filosofia.

Para Capistrano o plano de vida do amigo começara a ser executado quando Rocha Lima aceitou fazer parte da redação do jornal maçom *Fraternidade*, com a garantia dos amigos João Lopes e Pompeu Filho de ampla liberdade de ideias e movimentos, afinal não pertencia “à associação; votando-lhe medíocre simpatia; convicto de que entre as aspirações maçônicas e as afirmações católicas há a mesma diferença que há entre sugestões incoerentes e um sistema definido”⁸⁸. Participação que fortaleceu suas ideias, com proveito maior ainda sob o ponto de vista moral, segundo Capistrano:

Aí começou a executar o plano de vida com os olhos fixos na honra e no dever; evitar não só as fraquezas como as aparências de fraqueza; impor-se pelo caráter puro e pelos sentimentos elevados à estima dos adversários e dos amigos; obriga-los a reconhecerem que a sua alma não era da mesma têmpera que a deles, - eis o que planejava em sua solidão⁸⁹.

A materialização desse plano iniciou com a formação de um círculo de leituras e reuniões na casa de Rocha Lima formando uma sociedade de amigos denominada de Academia Francesa. Ler, debater e escrever editoriais para os jornais *O Cearense* e o *Fraternidade* não eram suficientes, como atestou Capistrano: “as discussões e estudos não bastavam, todavia à sua atividade: com João Lopes e outros companheiros fundou a Escola Popular, escola noturna destinada aos pobres e operários”⁹⁰. As reuniões, a convivência durou até princípios de 1875, data que marca o início da decepção de Rocha Lima. Em cartas⁹¹, Rocha Lima confia ao amigo Capistrano que seu estado de decepção e dor cessaria com sua mudança para o Rio de Janeiro, assim se expressou:

[...] creio que toda a minha fé religiosa despertou para o Rio [...]. Pretendia fazer para ti o jornal de minhas crenças psíquicas, porém, vejo ser uma

⁸⁷Ibid. p.73.

⁸⁸Ibid. p.75-76.

⁸⁹Ibid. p.76.

⁹⁰Abreu. In: Rocha Lima. op. cit. p.77

⁹¹As cartas que escreveu a Capistrano não existem mais ou não foram encontradas e editadas nos volumes de correspondências de Capistrano de Abreu, exceto por uma, sob o título de “Diversos”, uma carta de poucas linhas, datada de 4 de janeiro de 1877, entretanto confirmadora das palavras de Capistrano sobre a tristeza e a solidão sentidas pelo amigo Rocha Lima. IN: ABREU, Capistrano de. **Correspondências de Capistrano de Abreu**, volume 3, edição org. e prefaciada por José Honório Rodrigues. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 266-267.

inutilidade: desde tua partida só analiso uma ideia, só palpito por um sentimento, só me alimento de uma esperança, só sonho com um ideal⁹².

Em dois de fevereiro de 1877 chegou ao Rio de Janeiro. Capistrano de Abreu informa que o amigo Rocha Lima pretendia consagrar sua vida com os estudos sobre a história de Jesus e da Revolução Francesa,

[...] com eloquência e entusiasmo me falava do tribuno lírico de Nazaré e dos idealistas trágicos do século XVIII! Entretanto, nos dois meses que permaneceu no Rio de Janeiro estudou a sociedade fluminense e do que observou tirou uma conclusão: a emancipação das províncias; agora seu sonho seria fundar o *partido provincial*⁹³.

Capistrano de Abreu vai chegando ao final de sua narrativa, informando que talvez Rocha Lima nem tenha dado um passo para a formação do partido provincial, principalmente pelo seu retorno à Fortaleza, em 15 de março de 1877, devido à condição de saúde de sua tia e primeira professora Francisca Xavier Bezerra de Albuquerque, a qual encontrou já sepultada. Acontecimento que o alienou “cada vez mais da sociedade em que vivia, ou antes, a que assistia”⁹⁴, terminando por morrer de beribéri⁹⁵ a caminho de Maranguape.

As palavras de Capistrano sobre o amigo “irmão pelos laços do coração” tornaram-se vestígios e representações de um Rocha Lima a ser lembrado e seguido. A partir de sua narrativa, a narrativa sobre um morto, iniciamos a reflexão sobre a morte como criadora de uma vida, considerando que “o ofício do historiador consiste, em sua determinação última, que é também a mais simples, em expor como uma ideia tende a ganhar existência na realidade”⁹⁶. Nem tão simples como colocou Humboldt no século XIX, mas imprescindível para a compreensão e escrita histórica sobre um sujeito.

⁹²Rocha Lima. op.cit. p.79. No segundo capítulo analisamos a criação da Escola Popular, suas ações e problematizamos o fato de João Lopes ser o único membro da Academia Francesa a fundar com Rocha Lima a Escola Popular.

⁹³Id. Ibid. p. 80-81.

⁹⁴Ibid. p.81. Observamos que a representação de um Rocha Lima “alienado” da sociedade em que vivia repetiu-se em vários textos sobre sua vida. Fato que nos intrigou e ainda intriga, pois, dos círculos letrados criados e frequentados por Rocha Lima, a saber: Fênix Estudantal, Academia Francesa, Editorial do Jornal *Fraternidade*, Escola Popular e Gabinete Cearense de Leitura, somente Rocha Lima e João Lopes materializaram o discurso, as leituras em ações sociais. Os demais membros apesar de participarem dos embates ideológicos da década de 1870, eram considerados por Rocha Lima como homens de gabinete ou de laboratório, assunto refletido no capítulo 2.

⁹⁵A doença de beribéri é provocada pela falta de vitamina B1 (tiamina), provocando fraqueza, dor nas articulações, insuficiência respiratória até insuficiência cardíaca.

⁹⁶HUMBOLDT, Wilhelm Von apud LORIGA, Sabina. **O pequeno x – da biografia à história**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p.96.

A morte como criadora de uma vida: a urdidura e a trama.

Tecer se descreve como cruzar dois fios de diferente gênero: o fio da urdidura, cujo nome, *stémon*, é masculino, e é grosso e sólido; e a *króke*, palavra feminina, a trama, mais fina e mais flexível. Estes dois fios saem das mãos da fiandeira, qual faz girar entre seus dedos umedecidos com saliva, ou sobre sua coxa, o copo de lã que deverá afinar, estirar e solidificar.⁹⁷ Gesto não isento de contornos eróticos e cuja finalidade também é geradora⁹⁷.

O ato de escrever sobre uma vida remonta o ato de entrelaçar fios fugidios criadores de representações. A morte cria trincheiras, campos de disputas entre memórias e identidades sociais. Legitima pessoas e suas narrativas sobre o morto.

Nossa escrita tecelã utilizou-se dos discursos sobre o morto Rocha Lima, fios da urdidura e entrelaçou-os aos fios de nossa trama, flexível e astuta. Foi nossa intenção deixar as pontas soltas e a amostra. Nosso tecido cru deixou a olhos vistos os espaços vazios da trama. Sendo possível transpassá-los. Desta forma, a partir das escritas memorialísticas sobre Rocha Lima, criamos a nossa imagem que orientou nossa escrita: de um jovem transpassado pelo ideal de integrar-se na luta e poder viver na *acrópole ideal*.

1.3 Narrativas do Outro: a imagem de Rocha Lima que surge das sensibilidades.

Se a leitura é gozo, encontro, descoberta;
A escrita é dor. É perda, sofrimento e ilusão⁹⁸.

A escrita é resistência⁹⁹. Medo do anacronismo psicológico, de projetar na “mente de Rocha Lima” nossa maneira de sentir e ver o mundo, de ler seus textos com uma lente jamais usada por ele. Escrever é arriscar-se. É ousar. É acreditar. As *sensibilidades* ajudam a transpor a barreira “causa-fato-consequências”, assim como os condicionamentos sociais, políticos e econômicos. Possibilita pensar em um tempo múltiplo; a complexidade do ser. Um ser real, contraditório e abstrato que em contato com o outro, desperta uma imagem.

⁹⁷Frontise-Ducroux. *El Hombre-Ciervo y la Mujer-Arana: Figuras griegas de la metamorfosis*. Madrid: Abada Editores apud LESSA, Fábio de Souza. *Expressões do Feminino e a arte de ceter tramas na Atenas Clássica*. Humanitas, Nº 63, 2011, p.152.

⁹⁸Minha autoria.

⁹⁹Como diz Michel Foucault.

Sensibilidade enquanto categoria de análise permite compreender palavras, ações e imagens a partir dos efeitos de realidade, das afetações, das sensações e das representações. A verdade é uma interpretação de quem foi atingido por ela. Se não somos atingidos, não há uma verdade.

Narrar o abstrato

Compreendemos Rocha Lima enquanto *travessia*,

[...] sujeito partido, segmentado, não é uma unidade, uma totalidade. Assim como a sua vida é errante e aberta, ele, enquanto sujeito, é também um sujeito aberto, atravessado por diferentes fluxos sociais. Ele não consegue totalizar as experiências que passam por ele mesmo, que o atravessaram. Ele é um entroncamento em que diferentes estradas, diferentes séries históricas, vêm encontrar-se e, ao mesmo tempo, vêm separar-se. Ele não é só ponto de partida, nem só ponto de chegada, **ele é travessia**, transversalidade. Esse sujeito segmentado e nômade é, dificilmente, aprisionado por grades conceituais com perspectivas totalizadoras. Ele foge, ele escapa, ele cruza fronteiras, ele muda de lugar, ele se desloca, ele se movimenta deixando para trás de si rastros, sinais que, às vezes, convergem para o mesmo lugar, mas que, às vezes, divergem, tornando-se excêntricos, diferenciam-se e singularizam-se, afastando-se do mesmo lugar, do todo, da unidade¹⁰⁰. [Grifos nossos].

Rocha Lima *travessia* propõe abandonar as categorias que pretendem dar sentido a existência, bem como, buscar significar os caminhos tomados e as escolhas feitas. Rocha Lima morreu antes mesmo de chegar onde pretendia. Talvez se vivesse mais teria abandonado o projeto de lutar por uma cidade ideal, ou teria feito diferente. Mas, na história ciência não há espaço para a conjugação “se”. De modo objetivo, partir desta perspectiva ajudou-nos a compor um mosaico das representações de Rocha Lima que convergiram para um mesmo lugar, para uma identidade social reconhecida por seus pares e propagada nas décadas seguintes à sua morte. Representações que divergiram da imagem criada pela historiografia de um filho da elite em busca de manter ou conquistar seu *status quo*. Esta foi a forma encontrada para, de alguma maneira, nos aproximássemos das afetações provocadas por Rocha Lima nos círculos letrados que frequentou e nas gerações seguintes.

As representações de Rocha Lima publicadas nos jornais¹⁰¹ convergem ao retratarem-no como símbolo da intelectualidade cearense, aquele que influenciou toda uma geração e possibilitou a reunião de homens de posições e interesses diferentes e até

¹⁰⁰ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História:** a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 248.

¹⁰¹ Os jornais: *O Cearense*, *A Constituição*, *Gazeta do Norte*, *Gazeta da Tarde* (órgão da Corte), *Jornal do Ceará*, *Pedro II*, estão disponíveis em: < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> >.

concorrentes. Representações de Rocha Lima marcadas pelo jovem que foi e pelo homem que poderia ter sido, por todo bem que fez e poderia ter feito. Rocha Lima, seria a última esperança.

Há três anos que no dia de hoje deixou de existir talvez um dos moços de mais esperanças para a crítica e para a filosofia. Rocha Lima desapareceu entre os vivos aos 22 anos de idade, tendo, entretanto deixado os seus amigos e todos os que o conheceram angustiados, **não tanto pelo que fez, que alias foi muito, mas pelo que poderia fazer**. Da nova geração seria talvez o mais preparado nos métodos positivos. A sua aptidão científica acrescia um caráter na extensão da palavra e um coração enorme. Estava fadado para congregar pela sua influência da sua afeição muitos elementos que sem ele se antipatizariam. Na província do Ceará, onde vivia, exerceu no período de 1872 a 76 uma espécie de fascinação que todos hoje são concordes em asseverar. Esse facto concorreu poderosamente para aviventar muitas disposições latentes no espírito daquela terra. As suas obras correm impressas sob o título de Literatura e Crítica. Guardemos, pois essa memoria com saudade¹⁰²[Grifos Nossos].

Narrar o abstrato é aceitar o desafio de escrever sobre uma existência sensível, percebida e representada pelo o outro. Marcada por uma história dos sentimentos e dos interesses pessoais e sociais.

A morte de Rocha Lima representava bem mais do que a falta ou a saudade. A força da sua memória, “*não tanto pelo que fez que, aliás, foi muito, mas pelo que poderia ter feito*”, a morte de Rocha Lima levava consigo a esperança da mudança. Nos discursos ou notas de referência ao morto, Rocha Lima ganhou um sentido (velado) de herói, um exemplo a ser seguido. E quem foi Rocha Lima? Por que se tornou nome de honra e símbolo da intelectualidade cearense?

Desfazendo equívocos: sobre a filiação e a condição econômica de Rocha Lima

Rocha Lima (Desfazendo Equívocos), título do artigo publicado por Geraldo Nobre na Revista do Instituto do Ceará, em 1992, corrigia a filiação de Rocha Lima feita pelo Barão de Studart ao apresentar Miguel Antonio da Rocha Lima (Junior) e Maria Bezerra de Albuquerque como os pais de Rocha Lima. Em outras notícias biográficas, o pai de Rocha Lima era Miguel Antonio da Rocha Lima, tabelião na Província do Piauí, local de seu

¹⁰²*Gazeta da Tarde*, publicado em 28 de julho de 1882, órgão carioca de luta abolicionista pertencente a José do Patrocínio. Transcrito no jornal cearense *Gazeta do Norte* em 12 de agosto de 1882. O jornal “*Gazeta do Norte* apareceu em consequência de se haver cindido o Partido Liberal da Província, quando se tornou impossível às facções Pompeu e Paula conciliarem os seus interesses, faltando-lhes coesão dantes assegurada pelo prestígio do Senador Pompeu, falecido em 1877. O filho do grande político, com parentes e amigos fiéis, abandonou o “*Cearense*” aos correligionários que se haviam aliado aos conservadores chefiados pelo Barão de Aquiraz, criando então o novo jornal em junho de 1880”, In. NOBRE, G. S. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC/SECULT-APEC, 2006. p.111.

falecimento. Notícia equivocada, pois o tabelião Miguel Antonio morrera em 1869¹⁰³. Como ora mencionado no início deste capítulo, Rocha Lima era filho de Raimundo Antonio da Rocha Lima e Maria Amália da Rocha Lima, casados há pouco mais de dois anos quando nascera Rocha Lima, segundo filho do casal. Rocha Lima (pai de nosso Rocha Lima) filho de Miguel Antonio da Rocha Lima¹⁰⁴ e de Ana Isabel de Vasconcelos, na década de 1850 ocupara os cargos de inspetor do quartelão, amanuense e inspetor oficial da Secretaria da Fazenda¹⁰⁵. Essa informação ganha importância quando confrontada com a imagem historiográfica de um Rocha Lima filho da elite fortalezense. Entre um pai advogado e que ocupou por um tempo a Presidência da Província do Ceará e um pai que não completou os estudos e trabalhou como inspetor de quartelão ou amanuense, a *Narrativa Itinerária* que utilizava os conceitos de *elite* e *intelectual* preferiu filiar Rocha Lima a “uma pretensa elite”. Mesmo que seu avô Miguel Antonio fazia parte da política da cidade não garantiu ao filho uma posição de destaque na cidade e nem seu nome também foi capaz de garantir ao neto Rocha Lima um lugar de destaque na cidade, afinal fora como seu pai um amanuense.

Sabemos que Rocha Lima [pai] estava vivo até a data de 29 de setembro de 1854, pois assinou como oficial um edital da Secretaria da Fazenda publicado no jornal *O Cearense* em 03 de outubro de 1854. *Encontramos ainda uma publicação no Jornal Pedro II* de 29 de abril de 1853 em que o Rocha Lima [pai] fora identificado como baixa plebe na publicação do Theatro Thaliense. Transcrevemos:

Publicação a pedido. Ilm. ° Sr. Regra. Para o recital que amanhã tem de haver no Theatro Thaliense de que VS^a é digno sócio, tenho-o nomeado fiscal da entrada. EXEMPLO DE CIVILIDADE [sic]. Recomendo lhe a boa ordem, e a maior polidez possível com todos os sócios. Deus guarde a V. S.^a Theatro particular Thaliense 29 de abril de 1853. O diretor, ALTA HYERARCHIA [sic]. Victoriano Augusto Borges. BAIXA PLEBE [sic]. Ilm. °. Sr. Raymundo Antonio da Rocha Lima¹⁰⁶.

Acreditamos que Rocha Lima [pai] morrera nos últimos meses de 1854, uma vez que não mais encontramos nenhuma nota publicada nos jornais de suas tarefas como escriturário, nem mesmo uma nota de seu falecimento, o que para a época seria considerado uma ofensa aos familiares de boa estirpe. Maria Amália [mãe de Rocha Lima], ao perder o marido, fora morar com os dois filhos na casa de seus pais Manoel e Felismina.

¹⁰³Jornal *O Piauí*. Piauí, 11 de dezembro de 1869, p.4.

¹⁰⁴O Miguel Antonio ocupou momentaneamente o cargo de Presidente da Província do Ceará em 1831.

¹⁰⁵Jornal *O Cearense*, 03 de outubro de 1854.

¹⁰⁶Jornal *Pedro II*, 29 de abril de 1853, p.4.

A família materna de Rocha Lima apesar de gozarem de um sobrenome de certa importância na sociedade fortalezense, os Bezerra de Albuquerque, também não possuíam grandes posses, o que confirmamos com o inventário de seus avós Manoel Bezerra de Albuquerque e Antonia Felismina Bezerra de Albuquerque, falecidos: o avô em novembro de 1861 e a avó em 13 de maio de 1876. O pedido do inventário e da partilha do único bem da família, uma “morada de casa térrea de tijolo e telha com quatro portas de frente sita à Praça dos Mártires nº17 com fundos murados com parte de [sic] uma cacimba avaliada em 5 contos de réis [5:000\$000]”¹⁰⁷ fora feito em 19 de março de 1891, ou seja, cerca de trinta anos após o falecimento do patriarca e de quinze anos após o falecimento da matriarca da família.

Fato que contradiz as análises anteriores sobre Rocha Lima, o representando como filho de elite fortalezense. Em artigo de 29 de julho de 1902, um dia após o 31º aniversário de morte de Rocha Lima, João Brígido publicou:

Na sua ascendência, encontra-se seu avô, advogado Miguel Antônio da Rocha Lima, da família Moreira-Silveira [Preá], homem de poucos estudos, mas de admirável senso íntimo, que fez na Independência e movimentos consecutivos, papel o mais conspícuo, revelando grandes dotes de espírito e caráter de têmpera melhor. Exerceu o cargo de ouvidor pela lei (interino) e governou o Ceará em 1831 como vice-presidente. Seu pai, do mesmo nome, foi empregado público de segunda categoria, homem hábil, que não desmerecia a mulher que tomou; muito inteligente, vivaz e solícita pela educação desse único filho que tivera¹⁰⁸.

João Brígido vem confirmar nossa colocação de que Rocha Lima não dispunha de posses, e ao longo deste trabalho mostraremos que a participação de Rocha Lima nas “refregas” políticas e religiosas da cidade tinham como norte seu ideal.

Rocha Lima, símbolo de uma geração.

Rocha Lima morto fora sempre representado pela imagem de um jovem doce, amigo, leal, inteligente e entregue a causa da humanidade. Não diferindo de sua imagem quando vivo acrescentada de adjetivos como, ilustre pensador, ilustre literato.

Rocha Lima não teve mocidade; de criança tornara-se homem. [...] aos 16 anos tinha o coração aberto a todos os sentimentos nobres, o espírito disposto para todas as ideias novas. [...] E se não teve robustez e fortuna para

¹⁰⁷INVENTÁRIO de Manoel Bizerra de Albuquerque e Antonia Felismina Bizerra de Albuquerque. Cartório dos Órfãos. APEOC, pacote 166. A título de comparação: em 1891, 15 contos de réis compravam um quilo de ouro, portanto os 5 contos não comparavam nem meio quilo de ouro.

¹⁰⁸BRÍGIDO, João. Raimundo Antonio da Rocha Lima. **Revista da Academia Cearense de Letras**, 1953, p.182.

possuir a ciência diplomada das academias, pôde ilustrar seu talento na produção dos sábios. E por isso mais de um juízo autorizado manifestou-se a notícia de seu passamento, por esta síntese gloriosa – era uma criança ilustre¹⁰⁹.

As notas publicadas nos jornais convergem em apresentar Rocha Lima pela imagem de um jovem ou de uma criança munido de um ideal “cor de rosa”, que o fez se alienar da sociedade que fazia parte, ou melhor, no dizer de Capistrano que assistia. Confirmamos essa visão no necrológio publicado no jornal *O Cearense*, 1 de agosto de 1878.

Um mal profundo trabalhava naquela grande alma, - a descrença na sociedade da qual se divorciara quase, não por sistema, mas por uma íntima aversão, resultante do viver concentrado a que acostumara o seu espírito. [...] É esse um defeito dos espíritos superiores que, reclinados nos leitos cor de rosa do ideal, veem muito pequeno o mundo real que lhes fica em plano inferior. Pode ser um defeito sublime, mas é um defeito que dá ao homem ares de criança¹¹⁰.

Por muito tempo, nossas leituras foram influenciadas pela visão de que Rocha Lima vivia envolto pelo ideal de transformar a realidade vivida em Fortaleza na década de 1870, sem envolver-se nos conflitos e problemas sociais, pois, em seus escritos conhecidos nenhuma palavra foi dita sobre os acontecimentos na cidade de Fortaleza, como a “invasão dos retirantes” empurrados para a capital pela grave seca de 1877; até retermos uma carta sua à Capistrano, datada de 01 de janeiro de 1877:

Capistrano,

A não ser a chuva torrencial e animadora, que hoje pela manhã banhou esta terra, não te escreveria, tal era meu desânimo e de toda a população daqui, sem distinção de classe, de temperamento e de caráter. Ainda com esse raio de alegria, não recobrei completo repouso: pressinto a miséria, a peste e o desabrigo a que ficam expostos esses pobres emigrantes (só na capital em número de quase 70.000) sem domicílio, pois, como deves saber, com a chegada do novo presidente, ficou suspensa a construção das palhoças¹¹¹.

Leitura motivadora de uma nova busca nos jornais locais da época por notícias ou textos de Rocha Lima que o ligassem aos acontecimentos sociais na cidade de Fortaleza. Encontramos um Rocha Lima engajado em grupos de socorro as vítimas da seca, em várias

¹⁰⁹*O Cearense*. Fortaleza, Nº66, de 1 de agosto de 1878 apud Rocha Lima. op.cit. p. 365.

¹¹⁰Id. Ibid. p.362-363.

¹¹¹Rocha Lima. Carta enviada à Capistrano. IN: ABREU, Capistrano de. Correspondência de Capistrano de Abreu. Vol. 3, ed. Organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977. p. 266. Obs. O presidente informado na carta era José Júlio de Albuquerque Barros.

notas de agradecimento por sua participação na arrecadação de donativos, como informa o jornal *O Cearense*, no dia 15 de agosto de 1877:

Para as vítimas da seca

A distinta comissão militar promove um concerto vocal-instrumental, em benefício das vítimas da seca. Tomarão parte n'ele distintas senhoras e cavalheiros que a isso se querem prestar da melhor vontade. Antes do concerto fará uma conferência o Sr. Rocha Lima, tomando por tema – A justiça e o direito de punir. Essa festa esplêndida deve ter lugar dia 15 do corrente, no palacete da Assembleia provincial¹¹².

A comissão militar, encarregada de promover donativos em favor das vítimas da seca nesta província, profundamente penhorada de gratidão, para com [...] e aos ilustríssimos Srs. [...] Raimundo Antonio da Rocha Lima [...] pela bondade suma com que satisfizeram os pedidos que lhes fez do seu indispensável concurso, na festa da caridade que promoveu e foi realizada, na noite de 15 do corrente, no paço da Assembleia Provincial, manifesta-lhe por este meio, os seus sinceros e cordiais agradecimentos¹¹³.

Rocha Lima não era um homem de gabinete como ele próprio identificava nos amigos Pompeu Filho¹¹⁴ e Capistrano de Abreu¹¹⁵, que apesar de comporem o mesmo círculo letrado de amigos, a Academia Francesa, Rocha Lima diferenciou-se deles ao transformar suas leituras e reflexões em ações sociais, como na criação da Escola Popular e na participação de grupos de socorro às vítimas da seca. Fato que também confronta a visão historiográfica de que o movimento da Academia Francesa e as aulas da Escola Popular “foi muito mais um mito da cultura”, do que uma ação que pretendia mudar a condição social da população pobre de Fortaleza, como afirmara Tinhorão Ramos e Adelaide Gonçalves.

Sem podermos mensurar com precisão a influência que Rocha Lima exerceu na sociedade e nas classes as quais se dedicou, constatamos que mesmo passados tantos anos e décadas após sua morte, Rocha Lima era apontado como um símbolo da inteligência cearense, das letras pátrias; seus escritos eram indicados à leitura, considerados importantes para a formação da mocidade cearense e das futuras gerações.

No primeiro ano de sua morte, seus amigos planejaram erigir um monumento em honra de sua memória, formando-se comissões para arrecadar donativos para o

¹¹²*O Cearense*. Fortaleza, 09 de agosto de 1877. p. 3.

¹¹³*O Cearense*. Fortaleza, 19 de agosto de 1877. p. 5.

¹¹⁴Ao analisar a conferência de Pompeu Filho pronunciada na Escola Popular, em 12 de agosto de 1874, apresenta o amigo como “o ilustrado Dr. Pompeu Filho como um orador que saiu do silêncio do gabinete para a tribuna ruidosa do ensino popular”. In. Rocha Lima. op.cit. p.228.

¹¹⁵Na referida carta à Capistrano, dizia: “Por que não te inscreveste? [no concurso do colégio D. Pedro II] És sempre o homem do gabinetismo, do humor e dos escrúpulos injustificáveis e desarrazoados”. Capistrano de Abreu, 1977, p. 266-267.

empreendimento nas Províncias do Ceará, Rio de Janeiro, Pernambuco, Pará, São Paulo e Bahia¹¹⁶. Dentre seus antigos amigos, observamos apenas os nomes de João Lopes, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Paula Ney, Frederico Augusto Borges, Xilderico de Farias era morto desde 1876. Não lemos os nomes de Tomaz Pompeu Filho, nem Felino Barroso, nem França Leite, nem Dr. Mello.

Os jornais: *Colossal* e *Echo do Povo* não concordavam com o monumento. Assim, se manifestou *Echo do Povo* sobre a publicação do jornal local *Colossal* que ridicularizava a ideia de erigir um monumento à memória de Rocha Lima:

Colossal

Em seu artigo de fundo, ridiculariza o empreendimento de alguns cidadãos em levantar um monumento a Rocha Lima. Não acompanhamos o colega nesse sistema; preferimos guardar respeito pelos mortos. Diremos, entretanto, obedecendo a nossa consciência, que Rocha Lima, apesar do seu brilhante talento, não tem jus a um monumento. Todos os trabalhos literários do jovem finado, valiosos na verdade, acham-se compendiados em um volume póstumo de 182 páginas de impressão. Podia o seu talento vir a ser uma glória do Brasil, digna de celebrar-se, mas por infelicidade sua, e talvez da pátria, a morte veio colhê-lo [sic] tão cedo, que não lhe deu tempo de conquistar o reconhecimento nacional¹¹⁷.

Não encontramos nenhuma notícia de que o monumento foi erigido, mas em 09 de fevereiro de 1887 saiu uma nota no jornal local *Libertador* sobre uma homenagem a Rocha Lima:

É nossa convicção que o passeio público vai entrar em uma era de prosperidade. Parece que a câmara tem boa vontade e o novo administrador é capacíssimo de dar grande impulso aos melhoramentos de que carece. [...] até hoje se conhece pelas denominações de 1º, 2º e 3º os diversos planos do passeio e erradamente, diga-se de passagem, chama 1º ao 3º e vice-versa. Parece mais bonito, mais justo, mais digno chamar-lhes assim: ao do lago, (1º) plano Tito Rocha; ao 2º, plano Rocha Lima e ao do rink[sic], (3º) plano Padre Mororó. E destarte perpetuam-se na memória popular três nomes queridos que tem direito a esta homenagem. Tome a câmara à iniciativa que o povo fará o resto¹¹⁸.

A Câmara Municipal de Fortaleza não apenas leu a nota, como tomou a providência pedida, menos com o 3º plano que ao invés de Padre Mororó, foi renomeado como Martyres. Em 02 de abril de 1887, no mesmo jornal foi publicada a aprovação da

¹¹⁶*O Cearense*. Fortaleza, 30 de julho de 1879.

¹¹⁷*Echo do Povo*, 14 de agosto de 1879, p.3. Jornal de circulação em Fortaleza, Órgão da Opinião Pública.

¹¹⁸*Libertador*. Fortaleza, 09 de fevereiro de 1887, p.2.

proposta do vereador Olegario Antonio dos Santos, passando os planos do Passeio Público a denominarem-se: o 1º plano Tito Rocha, o 2º plano Rocha Lima e o 3º plano Martyres¹¹⁹.

Sociedade Rocha Lima: outra homenagem ao morto

A Sociedade Rocha Lima, agremiação literária de moços, formou-se em 12 de setembro de 1884 na cidade de Fortaleza. Sociedade formal com atas e realização de eleições de membros sócios e diretores. Nas sessões debatiam leituras, recitavam poesias de própria autoria que eram publicadas nos jornais locais e participavam de encontros e comemorações de outras agremiações literárias em Fortaleza.

Em comemoração ao seu primeiro aniversário de existência, em 12 de setembro de 1885, no Paço da Assembleia Provincial, a sessão comemorativa foi aberta com um grupo de meninas que entoaram o hino da sociedade Rocha Lima composto por A. Martins, “cuja música e boa execução foram devidas ao maestro Moreira, que não poupou sacrifícios, sendo n’esta ocasião acompanhados pela banda de música da polícia”¹²⁰. Comemoração que contou, dentre os antigos amigos de Rocha Lima, somente com a participação de João Lopes Ferreira Filho, que “num eloquente discurso incitou a mocidade cearense para o estudo, e disse em sentidas palavras quem foi Raimundo Antonio da Rocha Lima, desta capital. Tiveram em seguida a palavra os representantes de diversas sociedades”¹²¹.

O jornal carioca O Paiz também noticiou, em 01 de outubro de 1885, que “a sociedade Rocha Lima, na cidade de Fortaleza no Ceará, comemorou o 1º aniversário da sua fundação, publicando um número especial com o mesmo título e no qual vêm bonitos artigos e algumas poesias dignas de serem lidas”¹²². Infelizmente não encontramos essa publicação.

O referido número especial intitulado Rocha Lima trata-se do jornal homônimo, de número único, listado entre os jornais publicados e circulados no Ceará por Barão de Studart. Consta menção também na Revista do Instituto do Ceará¹²³. Era comum nas sessões comemorativas e fúnebres a participação de membros de outras sociedades literárias de Fortaleza, além de representantes dos jornais locais.

As sessões fúnebres eram realizadas para a comemoração dos aniversários de passamento de Rocha Lima. Pudemos conhecer alguns dos nomes dos representantes

¹¹⁹Libertador, 02 de abril de 1887, p.3.

¹²⁰O Cearense, 15 de setembro de 1885, p.2.

¹²¹Id. Ibid. p.2.

¹²²O Paiz. Rio de Janeiro, 01 de outubro de 1885, p.2.

¹²³Revista Trimensal do Instituto Do Ceará, ano XII, 2º e 3º Trimestres de 1898. Tomo XII. Fortaleza: Typographia Studart. p.202.

convidados para essas sessões pela publicação do jornal *O Cearense* que agradecia em nota o recebimento do convite da comemoração do 7º aniversário de passamento de Rocha Lima realizado pela Sociedade Rocha Lima:

Anteontem a noite efetuou-se, nos salões da escola Luiz de Camões, a sessão fúnebre em comemoração ao 7º aniversário de passamento do talentoso literato cearense Raimundo Antonio da Rocha Lima e promovida pela associação do mesmo nome. Aberta a sessão, fizeram-se ouvir diversos oradores, entre os quais os Srs. Castro Menezes, U. Menezes e R. Belfort representantes da sociedade Rocha Lima, E. Dias, da 19 de Outubro, Joaquim Nogueira Filho da Recreio Literário, I. Barros e F. Ximenes, da José de Alencar, D. dos Santos da Romeiros do Porvir, A. Fernandez da Tuti Quanti, advogado Luiz de Miranda da redação do Pedro II, J. Fortuna e J. Braga do Nosso Diário, e alguns outros. Em seguida foi nomeada uma comissão, composta por cinco membros, para manifestar a família do finado os sentimentos de admiração e de respeito que a associação vota ao talento e a memória de Rocha Lima. Depois, a convite do presidente do ato, foi a ata assinada por todos os sócios presentes e diversas outras pessoas¹²⁴.

Acreditamos que a visita da comissão para manifestar os sentimentos de admiração e respeito à família de Rocha Lima ocorreu logo em seguida, pois já no dia 02 de agosto de 1885, o jornal *Gazeta Do Norte* publicou:

Oferta preciosa

A Exma. Sra. Maria Amalia da Rocha Lima, mãe do falecido escritor cearense, Raimundo Antonio da Rocha Lima, ofertou a associação de moços denominada “Rocha Lima”, 3[sic] exemplares da [obra] *Crítica e Literatura*. É uma oferta, que muito distingue a ilustre senhora e honra a distinta agremiação dos moços da “Rocha Lima”¹²⁵.

Ao longo das décadas de 80 e 90 do século XIX vários jornais locais¹²⁶ publicaram convites comemorativos, fúnebres e de eleições da sociedade Rocha Lima. As últimas publicações que encontramos são de 1904 e 1905. Estas nos permitiram uma visão de como funcionavam as sessões ordinárias o que lembrou muito as reuniões da Academia Francesa, nas quais os membros reuniam-se para debater leituras e posições teóricas de autores, com a mesma técnica de uns exporem positivamente e outros contestarem as ideias e teorias apresentadas, assim como, os membros da Sociedade Rocha Lima. Vejamos na seção Sociedade de Letras do Jornal do Ceará:

¹²⁴*O Cearense*. Fortaleza, 30 de julho de 1885, p.1.

¹²⁵*Gazeta do Norte*. Fortaleza, 02 de agosto de 1885, p. 2.

¹²⁶*O Cearense, Gazeta do Norte, Jornal do Ceará, A Constituição*.

O Grêmio Rocha Lima realizou domingo último sua nona sessão ordinária. Fazendo-se representar 17 sócios. Estabeleceu-se o tema “A Natureza” para concurso, extensivo a todos os sócios até o 2º domingo de julho. Ficou designado o dia 24 do mesmo para a realização do júri histórico que ficou assim organizado: Presidente do tribunal – Manoel Pontes. Escrivão – Osorio Gomes. Acusador – Eurico Mattos. Defensor- Japhel Motta. Réu – Luiz XVI. A parte oratória foi ocupada pelos Sres. Boanerges Facó e Liberato Nogueira¹²⁷.

Grêmio Literário Rocha Lima

Em primeiro de maio efetuou sua quarta sessão ordinária o “Grêmio Literário Rocha Lima”, a parte literária constou do tema “Instrução e Trabalho” a concurso, concorrendo até agora em prosa os Sres. Sócios: Junqueira Guarany, Benjamim Granjeiro, Liberato Nogueira, Meira Filho, J. Manoel Dias, Osorio Ferreira Gomes, Julio Severiano e Clodoveu d’Arruda Gondim. Usaram da palavra os Sres. Boanerges Facó, Américo Facó e Liberato Nogueira¹²⁸.

Sem mensurar ou fazer juízo de valor, constatamos que Rocha Lima tornou-se nome de legitimar outros nomes quando estes eram comparados ao talento de Rocha Lima. Rocha Lima tornou-se símbolo da intelectualidade cearense, da integridade e da dedicação à causa da humanidade, símbolo da pureza e genialidade. Estas são as palavras dos amigos, coetâneos e pessoas que o conheceram através dos escritos de Capistrano de Abreu, dos discursos de João Lopes, das inúmeras publicações nos jornais de Fortaleza e Rio de Janeiro.

¹²⁷ *Jornal do Ceará*. Fortaleza, 06 de Junho de 1904, p.2.

¹²⁸ *Jornal do Ceará*. Fortaleza, 04 de maio de 1904, p.3.

CAPÍTULO 2

Territórios Sensíveis: os espaços sociais e simbólicos criados e vividos por Rocha Lima.

Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através de sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro¹²⁹.

Somos sempre territórios. Construímos e vivemos em espaços que são materiais e simbólicos atravessados por fronteiras invisíveis, umas tensas e conflituosas; outras fluidas e penetráveis. Essas fronteiras delimitam o que somos, ou como representamo-nos diante do Outro, também um território. Existências condicionadas às fronteiras, sem essas, seríamos uma única massa amorfa. Palavras como indivíduo, coletivo, memória, o eu, eles, dentre outras perderiam seus sentidos. Hoje, nesse exato momento, condicionamos a existência do indivíduo à existência do Outro, separados pela fronteira que diferencia, individualiza e ao mesmo tempo contemporiza-os formando uma geração.

Os territórios sensíveis são espaços materiais e simbólicos, visíveis e invisíveis, percebidos, criados, negados, silenciados, vividos e desejados pelos indivíduos. São corpos e almas marcados pelas sensibilidades de uma época. Ora, o mundo se dá a ver e a sentir através de imagens captadas pelos sentidos que de modo individual e coletivo é reelaborado e transformado em experiências, conceitos e memórias. Pesavento, diz:

Se os olhos veem coisas visíveis, do mundo dos sentidos, é a inteligência que produz conceitos, tornando o mundo sensível inteligível. [...] Toda sensação é capacidade de conhecer por meio do corpo. Graças a esta forma de conhecimento, a alma é capaz de conhecer¹³⁰.

Tratamos igualmente a escrita de Rocha Lima e de seus amigos dos círculos letrados como um *território sensível*, buscando compreender os sentidos, os rastros deixados por eles em seus discursos, críticas e textos¹³¹. As sensibilidades permitem ao historiador da cultura “tomar como ponto de partida a maneira como as pessoas que se estuda

¹²⁹Sandra Jatahy Pesavento e Frédérique Langue (Orgs). **Sensibilidades na história:** memórias singulares e identidades sociais. Santa Catarina: UFRGS, 2007. p.14.

¹³⁰Id. Ibid. p.11.

¹³¹Assunto tratado no terceiro capítulo.

representavam-se, e de entender a coerência de suas representações”¹³². Alain Corbin, assim como Sandra Pesavento, entende que: as sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais os indivíduos e os grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a ser capturado no passado, ou seja, a própria energia da vida¹³³. As sensibilidades permitem ao historiador misturar “o concreto, o efeito de realidade, com a análise das lógicas de comportamento”¹³⁴, o que para Alain Corbin é extremamente rico¹³⁵.

A perspectiva do estudo da Cultura Escrita permitiu, portanto, uma aproximação e compreensão não somente do que Rocha Lima enquanto escritor quis dizer ou disse como, também, compreender quais as condições sociais e culturais possibilitou e influenciou a sua escrita; as relações entre seus escritos e o meio social em que atuava. Permitiu-nos ainda representar práticas de leitura e escrita, modos de perceber e expressar o mundo num dado espaço e momento. Portanto, a escrita foi compreendida enquanto uma prática social, um produto cultural, portadora de sensibilidades e de uma poética cultural, ou seja, de marcas socioculturais e simbólicas: ideias, imagens, imaginários, costumes que circulam em uma determinada época histórica.

Afinal, um texto (de)marca um espaço material e simbólico; fruto de diálogos, intertextualidades, momento histórico, intencionalidade autoral, uma linguagem sócio-cultural, tensões e disputas, etc. Como diz Sirinelli “as ideias não passeiam nuas pela rua [...] elas são levadas por homens que pertencem eles próprios a conjuntos sociais”¹³⁶.

Analisar a cultura letrada de Rocha Lima, mais do que listar livros lidos, autores discutidos e demarcar locais tradicionalmente caracterizados como espaços letrados; é compreender os grupos formados e integrados por ele como lugares sociais e simbólicos, como se fossem extensões de Rocha Lima. Espaços de conflitos, confrontos, encontros,

¹³²CORBIN, Alain. Alain Corbin o prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, Vol.25, nº49, p.11-35 - 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882005000100002>.

¹³³PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Colóquios** Iere Journée d’Histoire des Sensibilités, EHESS 4 mars 2004 – Coord. Frédérique Langue. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. p.65.

¹³⁴Corbin. op.cit. p.14.

¹³⁵Id. Ibid. p.14.

¹³⁶SIRINELLI, François. *Os intelectuais* In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996. p. 257-258.

descobertas e alianças. Lugares onde a linguagem, as ideias e as propostas de intervenções sobre a realidade ganharam forma e direção. Rocha Lima não foi somente um homem de letras, mas um gladiador do pensamento, disposto a lutar pela transformação da realidade através do conhecimento, iluminista ou não, ele acreditava nesse projeto de vida. Sonhou com uma cidade ideal formada por cidadãos comprometidos com o bem comum.

O espaço desta dissertação e de seus objetivos metodológicos não nos permitiu seguir por completo os passos indicados por Alain Corbin, de utilizar um:

[...] método histórico extremamente frutífero quando se faz uma história do acontecimento [...] Em vez de procurar pelas causas, buscar colocar-se na pele dos atores, e reconstituir a lógica de cada um deles, ou de cada um dos grupos envolvidos, para melhor análise dos sistemas de representação do mundo, de representação do além, do outro [...], para entender como o texto que se tem debaixo dos olhos pôde se formar¹³⁷.

Reconhecemos nosso papel de provocadores, de buscar problematizar as certezas historiográficas sobre o cenário social e histórico da cidade de Fortaleza nas décadas de 1860 e 1870. De que esse cenário, esse *futuro passado* não poderia ser tomado como o desenrolar de um caminho a partir do evento final: a representação do que foi o século XIX, marcado pelo cientificismo, pelo ideal de vitória do progresso e do capitalismo. Os atores sociais e históricos dos quais tratamos, principalmente Rocha Lima e Xilderico de Farias, não sabiam e nem puderam ver qual seria o desfecho do período vivido. Não conheceram o avanço da industrialização e da exploração do capitalismo, nem mesmo do “aformoseamento” da cidade, o que Sebastião Rogério chamou de *Belle Époque*.

Vivia-se um tempo presente marcado pelo *espaço da experiência e pelo horizonte de expectativa*, ou seja, “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuaram ou sofreram”¹³⁸. “[...] O par de conceitos *experiência e expectativa*, não se pode ter um sem o outro: não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”¹³⁹. Sintetizamos experiência e expectativa como o vivido e o esperado, um campo demarcado por tensões e conflitos, inseguranças e esperanças, discussão que aprofundaremos ao longo deste capítulo. Por hora, retomemos a ideia de que o indivíduo não existe só.

¹³⁷Corbin. op.cit. p.16.

¹³⁸KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 306.

¹³⁹Id. Ibid. p. 307.

Mary Del Priore enfatiza que:

O indivíduo não existe só. Ele só existe “numa rede de relações sociais diversificadas”. Na vida de um indivíduo, convergem fatos e forças sociais, assim como o indivíduo, suas ideias, representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence¹⁴⁰.

Sendo assim, consideramos que: a Fênix Estudantal, a Academia Francesa, o Editorial do Jornal *Fraternidade*, a Escola Popular e o Gabinete Cearense de Leitura funcionaram como esses espaços de formação e luta. Cartografar, ler e compreender esses espaços possibilitou-nos uma aproximação do ideal, das práticas, experiências e expectativas de Rocha Lima, assim como, uma revisão historiográfica sobre a sua atuação no cenário histórico de Fortaleza. Bem mais que configurar lugares de uma cultura letrada, demarcamos espaços reais e simbólicos de crenças e lutas compartilhados por Rocha Lima e seus companheiros de ideais e lutas.

2.1 Perfis Juvenis: o Futuro Passado da Moderna Geração do Ceará.

Escrever sobre o espaço social e simbólico vivido por Rocha Lima é em primeiro lugar tratar dos círculos letrados Fênix Estudantal, Academia Francesa e Gabinete Cearense de Leituras e por fim dos espaços de combates - o Editorial do Jornal *Fraternidade* e a Escola Popular. Entretanto, são lugares formados e frequentados por sujeitos sociais e históricos, faz-se singelo iniciar nossa narrativa pelos homens, ou melhor, jovens. Para falar a linguagem de Capistrano de Abreu aos 20 anos quando publicou no jornal Maranguapense, em 1874, sua análise dos poetas brasileiros Casimiro de Abreu e Junqueira Freire, transcrevo a ideia sobre perfis juvenis:

Há na literatura duas qualidades de tipos: os tipos viris, isto é, os artistas que chegaram ao desenvolvimento completo de suas tendências, ao amadurecimento de seus talentos, a evolução de suas faculdades; e os tipos juvenis, romeiros finados antes do termo da viagem [...]. Aprecio muito os primeiros, porém, não considero os segundos insignificantes. Mas, esta palavra insignificante encobre uma falsidade. Isolado, qualquer fato parece insignificante por mais importante que seja na realidade; mas, ligado a seus congêneres, oposto a seus contrários, preso a seus antecedentes, toma grave importância filosófica, filia-se a um todo [...]¹⁴¹.

¹⁴⁰ DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, v.10, n.19, jul-dez. 2009, p.7.

¹⁴¹ ABREU, Capistrano de. **Ensaio e Estudos** (Crítica e História). 1ª série. Edição da Sociedade Capistrano de Abreu. Livraria Briguiet. 1931. p.11.

Tentaremos explicitar nossa escolha por *perfis juvenis* enquanto uma categoria de análise e compreensão dos jovens que compunham esses círculos letrados, pelo menos dos membros que estavam ligados à Rocha Lima por laços afetivos e de ideais, aqueles que mais combateram ao seu lado. Utilizamos o termo *perfis juvenis* para posicionar nossa análise de compreender o tempo histórico vivido por eles como um espaço em que *o presente passado e o presente futuro*, no dizer de Koselleck, ou seja, um espaço composto por memórias e experiências pessoais e coletivas, e pelo território do possível, do desejo de vir a acontecer, a ser. *Perfis juvenis* simplesmente porque falamos de jovens de 15 a 26 anos, com no máximo 11 anos de experiência de vida urdida no dia a dia e nas leituras de livros e jornais, nos quais acabavam compartilhando “realidades” tão distantes da realidade cidadina deles. É importante saber que as teorias e as propostas de desenvolvimento social e econômico, as reformas morais, a formação de uma civilização no século XIX eram lidas e filtradas pelas experiências e expectativas desses jovens. Cada um tomou para si o que de alguma forma correspondia aos seus anseios e projetos pessoais. Esse espaço do vivido e do esperado compõe nossa reflexão sobre uma geração, a moderna geração cearense.

A Moderna Geração Cearense

Um desses espíritos eminentes para quem não há história, cuja ação, pelo menos, só de modo incompleto ela poderá indicar, o mais distinto da moderna geração cearense, acaba de desaparecer. Aos 23 anos de idade Raimundo Antonio da Rocha Lima era para todos nós o penhor de futuro auspicioso, o emblema de esperanças palpitantes, o sol que imaginávamos irradiar em breve de sua província por todo este continente. Nada disto é mais possível: vedam-no as leis da Natureza, a mãe inexorável para quem tanto vai o mais vil dos vibriões quanto à alma de Newton ou Aristóteles¹⁴².

Rocha Lima tornou-se o símbolo da nova geração que surgia na cidade de Fortaleza, geração distinta dos pais, tios e avós, homens que em décadas anteriores disputaram projetos e espaços políticos e sociais. O *typo* cearense guardava uma memória coletiva de bravos combatentes, revolucionários. A própria Vila de Fortaleza firmou-se enquanto Vila no século XVIII, como a capital do distrito militar do Ceará¹⁴³. Em 1783, o capitão-mor João Batista de Azevedo Coutinho de Montauri relatou ao chegar à Capitania que a Vila de Fortaleza “não merecia nem o nome de Aldeia”¹⁴⁴, faltava condições para se

¹⁴²ABREU, Capistrano de. IN: ROCHA LIMA, R. A. da. **Crítica e Literatura**. Prefácio de Capistrano de Abreu. Introdução e notas de Djacir Menezes. 3ª ed. Fortaleza: UFC, 1968. p.70.

¹⁴³NOBRE, Geraldo da Silva. **A Capital do Ceará**. Evolução Política e Administrativa. Fortaleza: UFC – Casa de José de Alencar. Programa editorial, 1997. p. 98.

¹⁴⁴Id. Ibid. p.108.

desenvolver, quadro lentamente mudado no decorrer do século, caracterizado pelas disputas de terras e de poder entre o poder central e os representantes do poder local, como o Ouvidor, os vigários, os comandantes de ordenanças e de milícias, etc.¹⁴⁵. Geraldo Nobre informa que:

Tornava-se evidente a centralização do poder, em consequência das medidas postas em prática no Reinado anterior, em contraste com a tendência liberal da época, do que decorria um estado crítico, facilitando o entusiasmo pela Revolução Francesa, em Portugal e no Brasil. Esses fatos, no entanto, passavam despercebidos de muitos, até mesmo de autoridades que, inconscientemente, praticavam atos de efeito decisivo no processo de transformações políticas e administrativas, enquanto outras, mais atentas, se esforçavam por manter a situação sob controle, nem sempre com êxito¹⁴⁶.

Tratar do tempo histórico vivido por Rocha Lima e pelos demais membros dos círculos letrados já citados, não é realizar um relato sintético do que foi o século XIX demarcado por grandes teorias em voga, nem como uma natural querela entre *antigos e modernos*¹⁴⁷, pois,

[...] o tempo, aqui, não é tomado como algo natural e evidente, mas como construção cultural que, em cada época, determina um modo específico de relacionamento entre o já conhecido e experimentado como passado e as possibilidades que se lançam ao futuro como horizonte de expectativas¹⁴⁸.

Retomamos a concepção de Capistrano, que também foi de Rocha Lima, de que um fato/acontecimento/indivíduo não pode ser tomado de forma isolada, tornando-se talvez insignificante ou pitoresco. Mas, devemos refletir sobre suas condições de existência ao ligá-los *a seus congêneres, a opor a seus contrários, de prendê-los aos seus antecedentes*. Desta forma, aproximarem-nos do processo temporal, da relação entre linguagem e mundo, e dos projetos que configuraram esse *futuro passado* em comum. Como reflete Koselleck:

O tempo histórico, caso o conceito tenha mesmo um sentido próprio, está associado à ação social e política, a homens concretos que agem e sofrem as consequências de ações, a suas instituições e organizações. Todos eles, homens e instituições, têm formas próprias de ação e consecução que lhes são imanentes e que possuem um ritmo temporal próprio¹⁴⁹.

¹⁴⁵Ibid. p.108-109.

¹⁴⁶Ibid. p. 109.

¹⁴⁷CORDEIRO, Celeste. **Antigos e modernos no Ceará Provincial**. São Paulo: Annablume, 1997.

¹⁴⁸Jasmin, Marcelo. In. Koselleck. op.cit. p. 9.

¹⁴⁹Koselleck. Ibid. p.14.

Pensamento que o aproxima de Alain Corbin, de que não podemos falar de “um único tempo histórico, mas sim de muitos, sobrepostos uns aos outros”¹⁵⁰.

Para Koselleck, a partir das palavras de Herder dirigidas contra Kant:

Na verdade, cada coisa [Ding] capaz de se modificar traz em si a própria medida de seu tempo; essa medida continua existindo, mesmo se não houver mais nenhuma outra ali; não há duas coisas no mundo que tenham a mesma medida de tempo (...). Pode-se afirmar, portanto, com certeza e também com alguma audácia, que há, no universo, a um mesmo e único tempo, um número incontável de outros tempos¹⁵¹.

Para Alain Corbin, a multiplicidade dos tempos sociais, a partir da reflexão do sociólogo Georges Gurvitch seria que:

Cada sociedade vive no interior de um arcabouço temporal, e mesmo, cada indivíduo. [...] Gurvitch já havia mostrado que o tempo da nobreza não era o tempo da burguesia – ainda no século XIX -, apesar das misturas. É, para a burguesia, um tempo da poupança e da construção do patrimônio, que não é aquele da dissipação aristocrática. As profissões, também tinham sua própria temporalidade: assim, os pescadores não tinham a mesma relação com o tempo que os empregados de escritório. Aí está um objeto histórico interessante, que nos remete à história das sensibilidades¹⁵².

A história das sensibilidades questiona os lugares-comuns, ou seja, lugares de antigas verdades e da segurança proporcionada por modos de pensar confortáveis em seu acordo prévio com certezas há muito sedimentadas¹⁵³. Reconhecer que homens de um mesmo período podem e devem ter vivido em “tempos diferentes” negando uma homogeneização do passado comum, permitiu-nos refletir sobre as relações entre as práticas sociais e as construções intelectuais, entre as bases materiais e o campo ideológico¹⁵⁴. Reconhecemos também, concordando com Koselleck da essencial importância de *tematizar o tempo histórico sem deixar de empregar medidas e unidades de tempo derivadas da compreensão físico-matemática da natureza*:

[...] as datas, bem como a duração da vida de indivíduos e instituições, os momentos críticos de uma sequência de acontecimentos políticos ou militares, a velocidade dos meios de transporte e sua evolução, a aceleração

¹⁵⁰Ibid. p.14.

¹⁵¹Ibid. p.14

¹⁵²Ibid.p.19.

¹⁵³BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (organizadoras). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2ªed. –Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. p.9.

¹⁵⁴KUGELMAS, Eduardo. Revisitando a geração de 1870. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 18 Nº52. 2003. p. 208.

ou desaceleração da produção industrial [...] tudo isso, para citar alguns exemplos, só pode ter seu peso histórico avaliado se for medido e datado com o recurso à divisão do tempo natural. [...] No entanto, a interpretação das circunstâncias produzidas a partir dos fatores acima citados conduz para além das determinações temporais compreendidas de maneira física ou astronômica¹⁵⁵.

O tempo histórico de Koselleck propõe refletirmos sobre o quanto há do presente e do futuro na reconstrução do passado; do quanto há de expectativas nas experiências do presente passado, do desejado no vivido. “Retornar” aos acontecimentos da Fortaleza do século XVIII, não foi em hipótese alguma buscar as causas e as explicações em outras épocas do momento vivido nas décadas de 1860 e 70 na cidade de Fortaleza. Foi sim, tentar compreender como as ideias e sentimentos circulavam no tempo desses jovens. Se, eram adeptos do liberalismo, do republicanismo, do positivismo, etc., de que tipos de liberalismo estão tratando? É reducionista demais, aceitar que as ideias vinham pelas mãos dos poucos filhos da elite que retornavam de Recife ou da Europa imbuídos dessas teorias, convictos de um novo ideal de uma burguesia nascente, ou simplesmente, em busca de manter ou conquistar o poder da cidade. Não podemos aceitar que eram “ideias fora do lugar”, reverberação de um “repertório de leituras” e reflexões europeias. Como também, não é suficiente dizer que as adaptavam às suas realidades. É preciso mergulhar nesse jogo social, no qual o futuro e o passado disputam/compartilham um mesmo espaço social e simbólico. Poderíamos, sem errar, dizer que esse espaço também o é político e econômico.

Para a divulgação das ideias modernistas no Brasil, concorreu, mais do que o regresso de alguns brasileiros formados em universidades europeias, a entrada de um número bastante elevado de portugueses, à procura de oportunidades de riqueza, tendo muitos deles escolhido o Ceará, para fixarem, à vista dos bons negócios que o desenvolvimento da lavoura algodoeira estava proporcionando. Tendo os seus próprios interesses, e constatando que a subordinação da Capitania à de Pernambuco lhes era prejudicial, os recém-chegados logo formularam várias reivindicações, com vistas ao estabelecimento de relações comerciais do Ceará diretamente com a Europa, à autonomia administrativa, à criação do Bispado, etc.¹⁵⁶.

Geraldo Nobre informa ainda que as ideias liberais:

[...] pertenciam ao contexto da mentalidade antropocêntrica da época, surgida do racionalismo e, em última análise, da nova posição doutrinária, em que se haviam colocado Matinho Lutero e seus seguidores; e da qual surgiu a crença no progresso, atingível pela inteligência através de processos com o proposto, para o plano político, administrativo e econômico, por um

¹⁵⁵Id. Ibid. p. 14-15.

¹⁵⁶Ibid. p.109.

liberalismo ainda hesitante e, no entanto, sôfrego em lançar-se às desventuras de uma revolução, na França ou em qualquer outro país¹⁵⁷.

A narrativa de Geraldo Nobre teve o objetivo de apresentar a história de Fortaleza enquanto Capital do Ceará. Nela acompanhamos o “brotar” do desejo do Ceará de emancipar-se de Pernambuco, das ideias liberais; dos movimentos de 1817¹⁵⁸ e 1824¹⁵⁹ como marcos na busca da Vila tornar-se cidade. A nós, sua narrativa contribuiu com uma “insignificante” informação sobre a “antiga geração cearense”, os avós, pais e tios, dos membros dos círculos letrados em análise, por exemplo, o avô de Araripe Júnior e Xilderico de Farias, o revolucionário Tristão Gonçalves de Alencar Araripe dos movimentos de 1817 e 1824, que se tornara objeto de estudo e missão historiográfica do filho e historiador Tristão de Alencar Araripe, em transformar os membros da família Alencar em heróis da história cearense¹⁶⁰. A historiadora Ítala Byanca informa que a família Alencar sempre foi caracterizada como heroica e defensora da pátria, da liberdade, e estas só poderiam ser conquistadas por meio do regime republicano¹⁶¹. Mas a própria posição do filho e historiador Tristão de Alencar Araripe era contraditória, pois assumiu o compromisso de escrever a história da família heroica, mas ele próprio se manteve conservador, ele nunca se aliou ou defendeu os princípios políticos de sua família¹⁶², que mesmo defensor desse passado familiar republicano e membro do Partido Liberal, era defensor do fim do absolutismo e da instauração de uma monarquia parlamentar onde o parlamento fosse realmente atuante¹⁶³. As posições ideológicas e políticas harmonizavam-se e contradiziam-se.

O avô de Rocha Lima, o Miguel Antonio da Rocha Lima também participou do cenário político das décadas de 20 e 30 do século XIX, chegou até assumir o cargo de vice-presidente da província, mas como informou João Brígido, Miguel Antonio era homem de poucos estudos, e em nossas buscas nos jornais do período observamos que sua morte não mereceu nem um necrológio, nem uma nota de falecimento. O tio Pe. Luiz Antonio e o pai

¹⁵⁷Ibid. p.113.

¹⁵⁸Revolução Pernambucana de 1817: movimento, de influências iluministas, que tinha como objetivo principal a conquista da independência do Brasil em relação a Portugal. Queriam implantar um regime republicano no Brasil e elaborar uma Constituição, contou com a participação das Províncias do Ceará e da Paraíba.

¹⁵⁹Confederação do Equador de 1824: movimento político e revolucionário ocorrido na região Nordeste do Brasil em 1824. O movimento teve caráter emancipacionista e republicano. Forte descontentamento com centralização política imposta por D. Pedro I, presente na Constituição de 1824; e da influência portuguesa na vida política do Brasil, mesmo após a independência. Contou com a participação das Províncias do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Paraíba.

¹⁶⁰SILVA, Ítala Byanca Moraes da. **Tristão de Alencar Araripe e a História do Ceará**. Fortaleza: Museu do Ceará, SECULT, 2006. p. 26.

¹⁶¹Id. Ibid. p.27.

¹⁶²Ibid. p.27-28.

¹⁶³Ibid. p.37.

Raimundo Antonio também participaram do cenário político como eleitores, e o Pe. Luiz foi por anos deputado provincial. Entretanto, Rocha Lima não cresceu nesse meio familiar, cresceu entre senhoras viúvas e católicas, mulheres reconhecidas pela capacidade intelectual.

Nosso objetivo não é retratar todos os cenários familiares, mas com esses dois exemplos propor que esses cenários misturavam-se com as diversas concepções políticas e teóricas. Eles viveram num tempo histórico de perspectiva linear e apocalíptica e ao mesmo tempo de ruptura e busca pelo porvir. Um campo de disputas entre a previsão feita por profecias místicas de um Juízo Final e a previsão racional, prognóstica. Koselleck coloca que o prognóstico é um momento consciente de ação política¹⁶⁴. A modernidade trazia permanências – experiências – e rupturas ao acreditar e defender novas expectativas de futuro.

Para Koselleck,

Foi só com o advento da filosofia da história que uma incipiente modernidade desligou-se de seu próprio passado, inaugurando, por meio de um futuro inédito, também a nossa modernidade. À sombra da política absolutista constituiu-se, em princípio veladamente, depois abertamente, uma consciência de tempo e de futuro que se nutre de uma ousada combinação entre política e profecia. Imiscuiu-se na filosofia do progresso uma mistura entre prognósticos racionais e previsões de caráter salvacionista, própria do século XVIII. O progresso se desenvolve na medida em que o Estado e seus prognósticos não eram capazes de satisfazer a exigência soteriológica, e sua motivação é forte o suficiente para chegar a um Estado que, em sua existência, dependia da eliminação das profecias apocalípticas. [...] O prognóstico implica um diagnóstico capaz de inscrever o passado no futuro¹⁶⁵.

A reflexão de Koselleck é muito cara, pois, identifica o cidadão emancipado da submissão absolutista e da tutela da Igreja como o vetor da moderna filosofia da história¹⁶⁶. Esse cidadão vetor denominado de filósofo profeta, ou seja, aquele que livre da religião cristã elabora:

[...] perspectivas bastante acertadas sobre o futuro, mas que se iguala ao entusiasta, pois ele não consegue apenas esperar pelo futuro. Ele quer acelerar esse futuro, deseja ser ele próprio capaz de acelerá-lo, (...), pois que proveito teria se aquilo que ele considera ser o melhor não tornar o melhor ainda em seu tempo de vida?¹⁶⁷

A Moderna Geração do Ceará acreditava ser esse vetor de transformações. Eles seriam e veriam as mudanças. A Escola Popular tinha como papel libertar o homem do medo e

¹⁶⁴Koselleck. op.cit. p.32.

¹⁶⁵Id. Ibid. p. 35-36.

¹⁶⁶Ibid. p. 36.

¹⁶⁷Ibid. p.36-37.

da obediência acrítica da filosofia cristã, incapaz de guiar a sociedade do tempo presente, do século XIX. Tanto que, em suas críticas a religião cristã Rocha Lima não se posicionava ateuísta, mas apontava historicamente o porquê do cristianismo não mais servir como guia, principalmente por que, na concepção de Rocha Lima, desligava o homem de seus iguais na busca de viver no paraíso pós-morte. Esse é o ponto exato que une Rocha Lima a Auguste Comte, o conceito de *sociedade solidária* que realizaria o febril sonho do éden, a felicidade. Mas essa é uma discussão para nosso terceiro capítulo. Retomemos a nossa reflexão sobre a Moderna Geração do Ceará.

Revisitando a Geração de 1870

Eduardo Kugelmas em seu artigo *Revisitando a geração de 1870* analisou a tese da Angela Alonso sobre o movimento intelectual de 1870, identificando na bibliografia existente duas linhas de representação que podem ser consideradas arquetípicas:

Uma enfatiza as linhagens intelectuais, debatendo as influências filosóficas e culturais do mundo metropolitano, especialmente a Europa. Os autores e os grupos tendem a ser classificados pelo impacto em suas obras das principais correntes da época, como positivismo, evolucionismo e cientificismo. A sempre lembrada expressão de Sílvia Romero – o “esvoaçar das ideias novas” – baliza as discussões em torno da filiação intelectual dos autores e do maior ou menor grau de originalidade nas formas de adoção dos paradigmas mais correntes. Outro tema recorrente é o de formação das “escolas”, que debatem e polemizam entre si. Já a segunda linha enfatiza a origem social dos participantes do debate intelectual, apresentando seus protagonistas como porta-vozes de setores médios da sociedade, ou de uma burguesia urbana-nascente, crítica das instituições imperiais e dos sistemas socioeconômico baseado na escravidão¹⁶⁸.

Os trabalhos historiográficos sobre a Academia Francesa e seus membros seguiram os dois arquétipos apresentados por Kugelmas: geração intelectual reprodutora das teorias *esvoaçadas* da Europa e de representantes de uma burguesia, uma classe média que tomava consciência de seu papel na sociedade que se transformava. Em nossa pesquisa monográfica, ora mencionada no primeiro capítulo, identificamos que todos os membros da Academia Francesa foram representados segundo os arquétipos apresentados acima. Entretanto, nem todos foram analisados segundo seus textos, atuações sociais e projetos individuais. Todos foram vistos como uma única massa homogênea, identificados na historiografia como fazendo parte do movimento da geração intelectual de 1870.

¹⁶⁸KUGELMAS, Eduardo. Revisitando a geração de 1870. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 18 Nº52. 2003. p. 208.

Em sua tese *Ideias em Movimento*¹⁶⁹, Ângela Alonso discute o movimento intelectual da geração de 1870, no qual identifica como essa geração foi tratada pela historiografia, mostrando que seus intérpretes categorizaram a geração de 1870 em duas linhas de representação: uma de intelectuais imitativos das correntes teóricas europeias, e a outra linha, de representantes de uma elite. Ângela Alonso inovou com sua proposta de analisar o movimento intelectual da geração de 1870 tomando como ponto de vista a experiência social compartilhada por seus membros, propondo a interpretação do modo pelo qual certa experiência social concreta plasma certas formas de pensar¹⁷⁰.

Alonso ao invés de organizar textos e práticas conforme referências teóricas estrangeiras; optou por inscrevê-los na conjuntura política local, revelando que “aquele movimento intelectual nem era alheio à realidade nacional, nem visava formular teorias universais. As teorias estrangeiras não eram adotadas aleatoriamente, sofriam um processo de triagem: havia um critério *político* de seleção”¹⁷¹. Para Alonso o sentido principal do movimento intelectual da geração de 1870 foi a intervenção política. Portanto, seria um movimento *político* de contestação ao *status quo* imperial. As obras dessa geração exprimiam “interpretações do Brasil críticas ao *status quo* monárquico e programas de reformas. Por isso proponho nomeá-lo *reformismo*”¹⁷². Resumidamente, Alonso defende que “o movimento intelectual da geração 1870 buscou no repertório políticos-intelectual de fins dos oitocentos os recursos que lhe permitisse exprimir sua crítica ao regime imperial numa forma distinta da tradição liberal-romântica inventada pela elite imperial”¹⁷³.

Utilizamos de Alonso sua perspectiva que procurou “explodir as categorias que fazem distinção entre textos e práticas, teoria e obra de circunstância, e privilegiar a tensão entre a obra e a experiência social de seus atores”¹⁷⁴.

Ao invés de partir das “teorias” e da “realidade brasileira” como dois blocos a serem relacionados, procuro empreender uma análise conjugada da experiência social da geração de 1870 e de seus textos. A inscrição da produção doutrinária do movimento intelectual no processo sociopolítico em que surge lhe confere nova inteligibilidade: a própria produção de textos

¹⁶⁹ ALONSO, Angela. **Ideias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo, Paz e Terra, 2002. 392 páginas.

¹⁷⁰ Id. Crítica e Contestação: o movimento reformista da geração de 1870. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 15. Nº44, out/2000.

¹⁷¹ Ibid. p.36.

¹⁷² Ibid. p.36.

¹⁷³ Ibid. p.46.

¹⁷⁴ Ibid. p.41.

aparece como uma forma de ação. [...] Ações e escritos unificam-se politicamente¹⁷⁵.

A Moderna Geração do Ceará combateu e conviveu num tempo múltiplo em que o “objetivo de uma perfeição possível, que antes só podia ser alcançado no além, foi posto a serviço de um melhoramento da existência terrena, que permitiu que a doutrina dos últimos fins fosse ultrapassada, assumindo-se o risco de um futuro aberto”¹⁷⁶. Um futuro construído no tempo presente, com a convicção de que o “*progressus est in infinitum perfectionis*” [o progresso é para a perfeição infinita]¹⁷⁷. O homem caminha para o seu melhoramento, portanto, o progresso é visto como um processo contínuo e crescente de aperfeiçoamento; apesar das recaídas e rodeios, ele teria que ser planejado e posto em prática pelos homens. O ideal do progresso no XIX reunia, pois experiências e expectativas voltadas “para uma transformação ativa deste mundo, e não do além, por mais numerosas que possam ser, do ponto de vista intelectual, as conexões entre o progresso e uma expectativa cristã de futuro”¹⁷⁸. Assumir o risco de um futuro aberto é admitir que o passado, as experiências passadas, a moral cristã já não mais serviam para o momento vivido no XIX. Um mundo do possível se abria aos jovens da Academia Francesa.

Nas palavras de Koselleck:

Se a história inteira é única, também o futuro deve ser único, portanto diferente do passado. Este axioma de filosofia da história, que resulta do Iluminismo e faz eco à Revolução Francesa, serve de base tanto para a “história geral” quanto para o “progresso”. Ambos são conceitos que ambos apontam para a mesma situação: não é mais possível projetar nenhuma expectativa a partir da experiência passada¹⁷⁹.

Nas palavras de Rocha Lima:

Triste condição, a de uma sociedade que apela para o passado em busca do futuro!¹⁸⁰.

Esse ideal de progresso, de futuro, foi defendido pelas penas e vozes dos rapazes da Academia Francesa. A cidade vivida por eles era o lugar do possível, representava o confronto entre o passado e o futuro, um futuro que não mais precisava esperar pelo divino.

¹⁷⁵Ibid. p.41.

¹⁷⁶Koselleck. op.cit. p.316.

¹⁷⁷Id. Ibid. p.316.

¹⁷⁸Ibid. p.318.

¹⁷⁹Ibid. p.319.

¹⁸⁰Rocha Lima. op.cit. p.289.

A cidade de Fortaleza: um Território do Vazio.

Caminhar por areal, imaginando ruas calçadas, sem areia nos sapatos, nos cabelos e nos olhos. Olhar poucas e simples construções, e imaginar muitas ruas cheias de casas e sobrados. Sentar a calçada em noites de lua cheia, e em noites escuras ficar a desejar ruas iluminadas que permitissem outras sociabilidades. Ler cidades grandes e desenvolvidas, e desejar viver em uma. Ver chegar e partir embarcações que trazem pessoas e novidades da corte e da Europa. Um *Território do vazio* é um lugar de possibilidades, de construções.

A Fortaleza *Belle Époque* de Sebastião Rogério, território das transformações, dos condicionamentos, das normatizações e do progresso nas décadas de 80 e 90 do XIX criou uma espécie de ilusão cidadina, pois as descrições da cidade de Fortaleza passaram a ser ou a cidade *Belle Époque* ou a cidade a vir a ser *Belle Époque*. As narrativas historiográficas seguem a perspectiva de apontar as construções que caracterizaram o desenvolvimento urbano, tais como: distribuição de água, iluminação pública, linha férrea, construção de hospital, escolas, tipografias, seminário, biblioteca, etc.. Ao se falar de Fortaleza do XIX, é a cidade do Sebastião Rogério que vem a mente, demarcada por um traçado em xadrez, quatro grandes bulevares, passeio público; falamos de um processo de aformoseamento da capital. Se, buscamos enxergar a cidade sem o enquadramento da *Belle Époque*, há uma grande dificuldade de ver a cidade de Fortaleza, de saber como as pessoas que viviam nas décadas anteriores percebiam a cidade.

Encontramos em Antonio Otaviano Vieira Júnior¹⁸¹ uma descrição da Vila de Fortaleza, a partir de missivas dos vereadores, relatórios dos presidentes de província e das narrativas de Viajantes, como Henry Koster (1810), Daniel Kidder (1830), e o casal Luís e Elizabeth Agassiz (1866), retratando o período de 1799 até 1866. As missivas dos vereadores à rainha descreviam os pontos positivos da Vila de Fortaleza em 1799 e que garantiam seu futuro promissor como capital da Província. Otaviano Júnior utiliza as epístolas e os relatos dos viajantes para mostrar as dificuldades enfrentadas pela Vila, depois capital da Província sem condições ou se desenvolvendo lentamente.

As previsões de 1799 não eram negadas somente no que concerne à suntuosidade das ruas e das residências de Fortaleza, mas também ao próprio desenvolvimento de sua economia e, em especial, de seu comércio, que supostamente teria um impulso com a emancipação do Ceará de Pernambuco e com a consolidação de Fortaleza enquanto capital. O comércio continuava

¹⁸¹VIEIRA JÚNIOR., Antonio Otaviano. **Entre o futuro e o passado:** aspectos urbanos de Fortaleza (1799-1850). Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

frágil, e até fins da década de 1840 a maior parte da renda da província vinha das negociações internas que envolviam a pecuária¹⁸².

Bem diferente do enquadramento de uma cidade que crescia rapidamente devido ao surto de algodão apresentada por narrativas historiográficas que “explicam” a cidade e sua elite pelo viés econômico. Vieira Júnior. Fez um inventário dos homens de posses, denominados por ele de *homens de possibilidades*, no início do século XIX num total de 47, desses 19 eram cearenses e a maioria não chegava a possuir nem um conto de réis. Em 1847, a situação econômica não diferia muito, pois apesar da tentativa do presidente da Província, Ignácio Correa de Vasconcellos, de reunir os homens mais grados da capital não conseguiram juntar esforços para abrir um banco:

Atendendo as determinações imperiais, o presidente da província em 1847 fez uma reunião no palácio do governo, convidando “para ela todos os capitalistas, proprietários, negociantes, agricultores, e mais pessoas gradas, e ilustradas desta capital”. [...] o então presidente Ignácio Vasconcelos, atestava em seu relatório, redigido após a esperançosa reunião, que os principais da capital reconheciam a importância da criação do banco. Todavia, de maneira realista, Ignácio era favorável a “que não havendo de presente na província fundos suficientes para montar tal estabelecimento, entendendo que melhor seria que o nosso Banco fosse, no entanto, filial do Rio de Janeiro ou de outra praça mais forte do país”¹⁸³.

Otaviano Jr. mostra que apesar de um quadro significativo de exportações de produtos como algodão, couro e outros artigos, devido principalmente à instalação de uma série de empresas europeias, e estas intensificaram o comércio com a América do Norte e a Europa, o acúmulo e o fluxo de capital não foram suficientes para “a montagem de uma própria e consistente instituição bancária cearense”¹⁸⁴. Aos poucos foram sendo construídos prédios públicos que nas décadas de 60 e 70 tornar-se-iam símbolos do desenvolvimento da capital. Assim noticiava um jornal local:

Quem tiver vindo a esta cidade há uns cinquenta anos, e vier agora, não a conhece, suporá que está em outra terra. [...] Hoje, como está tudo mudado: que progresso espantoso ali se nota! É já uma grande e bela cidade, rica de magníficos edifícios, como uma alfândega, um quartel militar, uma casa de caridade, uma grande cadeia, uma catedral magnífica, um belo seminário ainda em continuação, um bom palácio do governo, um excelente palácio episcopal, uma boa casa de educandos, um bom paço municipal, e uma boa casa para a biblioteca pública: ruas muito direitas e largas com grande copia de sobrados, toda empedrada do melhor modo e praças arborizadas¹⁸⁵.

¹⁸²Id. Ibid. p.37-38.

¹⁸³Ibid. p.64-65.

¹⁸⁴Ibid. p.65.

¹⁸⁵Jornal *A Constituição*. Fortaleza, 28 de março de 1867.

A década de 1860 afina o discurso sobre progresso. As disputas entre grupos entrincheirados sob as denominações de “conservadores” ou “liberais”, mas de práticas e ideias muito parecidas utilizam o espaço do jornal para legitimar ou denegrir grupos no poder. As ideias sobre progresso e desenvolvimento estavam diretamente ligadas aos prédios públicos, prédios que levaram mais de três décadas para estarem prontos e há quantos custos. A própria Santa Casa de Misericórdia foi terminada com dinheiro de donativos. A iluminação da cidade iniciada em 1839, pelo menos a compra dos candeeiros, mas até 1841 ainda não funcionavam adequadamente por falta de licitantes que pudessem atender a empreitada com a verba disponível pelo governo provincial, tornando-se assunto a ser discutido na Assembleia ao longo da década de 40:

Assim, mesmo após os anos finais da década de 1840, a cidade de Fortaleza não conhecia um sistema simples, continuado e competente de iluminação pública baseado em lampiões de azeite. As noites eram mais longas e assustadoras para seus habitantes, o que imprimia uma rotina de recolhimento cedo, na qual os moradores teriam que se retirar para suas casas e improvisar a iluminação de suas moradas¹⁸⁶.

No início desta pesquisa era nosso desejo “materializar” a cidade de Fortaleza vista e percebida por Rocha Lima, que criou nele o desejo de construir uma cidade ideal. Porém, esta problematização aos poucos fora perdendo seu sentido, pois Rocha Lima nunca criticou a cidade vivida por ele, nem descreveu nenhuma outra cidade que mostrassem o seu ideal de uma cidade de pedra. A sua cidade estava diretamente ligada aos cidadãos. Os cidadãos eram sua preocupação e ideal de transformação. Portanto, nosso papel neste momento foi de propor visualizar a cidade de Fortaleza enquanto um espaço do porvir, uma cidade em desenvolvimento, com disputas políticas e de projetos. A moderna geração do Ceará tinha como missão romper com as antigas práticas, propondo um projeto de desenvolvimento para a cidade a partir da formação do cidadão, do desenvolvimento de uma nova prática política e social.

Espaço de Experiências. Horizonte de Expectativas.

Ao acreditar que indivíduo e meio social são forças de influência mútua, não falamos de condicionamentos sociais, políticos e culturais, mas sim, de aspectos comuns vividos por Rocha Lima na cidade de Fortaleza nas décadas de 1860 e 1870. Utilizamos algumas representações das condições sociais nos Relatórios de Província entre as décadas de

¹⁸⁶Vieira Júnior. op.cit. p.58.

1840 e 1870, e percebemos nestes uma grande preocupação com a violência. A escrita dos relatórios, em tese, deveria relatar as condições encontradas na Província e como se estava entregando o governo. Se considerarmos o “filtro” de relatar de modo positivo, as notícias deveriam apontar as transformações realizadas e o que deveria ser melhorado. Os pontos negativos deveriam ser omitidos ou atenuados, entretanto não conseguiam esconder uma Província marcada pela pobreza, violência, epidemias e analfabetismo.

Os discursos nos relatórios convergem para a visão de que somente a moral religiosa e a instrução pública poderiam mudar o quadro de violência na Província. No relatório de 1865, encontramos frases que corroboram com a tese de que o desenvolvimento da civilização passava pela educação, uma educação guiada pela moral cristã:

[Seria] o primeiro alimento do estado social – o desenvolvimento da educação religiosa e intelectual. [...] A polícia devia interferir à bem da frequência dos meninos nas escolas, distraídos em outros misteres, sem jamais cuidarem de aprender. [...] é a educação o melhor alimento de fazer multiplicar e desenvolver os meios de civilização material e moral. [...] E Victor Hugo já o disse: "abrir escolas é fechar cadeias"¹⁸⁷.

[...] Sobre o Culto público: seria escusado encarecer-vos a influência da religião sobre o bem estar da sociedade. Bem compreendida e acuradamente ensinada, ela consolida as instituições, eleva o espírito público, aperfeiçoa e apura os sentimentos morais. [...] com os auxílios do governo geral, que seguramente não hão de faltar, esta útil instituição poderá realizar em pouco tempo os mais preciosos melhoramentos, dotando a diocese com um clero instruído e moralizado¹⁸⁸.

Rocha Lima cresceu ouvindo que:

É evidentemente na religião que se baseia a educação: suponho que ninguém pode duvidar, por mais certo que seja o alcance de sua inteligência, que fora da doutrina santa do Crucificado, nenhuma outra base se lhe pode dar, a não ser a satisfação dos interesses pessoais, isto é, a completa negação do dever, a total destruição do laço social¹⁸⁹.

Seria o cristianismo o elo a fortalecer os laços sociais. Entretanto, em sua adolescência e juventude Rocha Lima via uma sociedade sem laços, marcada por disputas por poder político; uma cidade do possível, em vias de desenvolver-se. O cristianismo não fora capaz de unir a sociedade, então quem ou o que seria capaz? Eis o principal tema de estudo e

¹⁸⁷Relatório do Bibliotecário da Província - João Severiano Ribeiro, de 09/06/1870.

¹⁸⁸Relatório de entrega de governo em 04 de julho de 1865 por Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.

¹⁸⁹Id. Ibid.

análise de Rocha Lima: descobrir o verdadeiro elo que une a sociedade e possibilita sua transformação¹⁹⁰.

Os lugares de estudo

Encontram-se nos Relatórios da Província do Ceará informações sobre o ensino na capital Fortaleza e no Ceará do período de 1865 a 1875, nos quais constam que a maior parte das escolas funcionava em casas e prédios alugados, sem condições de receber os alunos; os professores eram responsáveis por enviar mapas informando as condições de ensino, as frequências dos alunos e o orçamento dos materiais essenciais ao funcionamento das cadeiras, responsável ainda pelo material de uso: como compêndios de história religiosa e história do Brasil, tabuadas, enciclopédias e cartilhas de catecismo, assim como, papel e tinta, e as cadeiras¹⁹¹.

Entre 1863 e 1865, Rocha Lima frequentou as aulas do educandário particular Ateneu Cearense, situado na Rua Amélia n. 70-72, foi o primeiro estabelecimento de ensino primário e secundário do Ceará, fundado em 1863, com aulas de catecismo, primeiras letras, gramática, latim, francês, inglês, geografia, história, geometria, filosofia e retórica. Mantinha externato e internato. A cadeira de latim estava entregue ao professor Pe. Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra, a de filosofia ao professor Dr. Teófilo Rufino Bezerra de Meneses, a de francês ao Dr. Antônio Domingues da Silva¹⁹², a de história e geografia ao Dr. Félix José de Sousa Júnior, professores que influenciaram o pensamento, atraindo ou provocando repulsa nos jovens da Moderna Geração do Ceará. Ofereciam ainda, aulas de ginástica, música e dança, o sistema de punições físicas estavam abolidas, com exceção para os casos de tentativa contra a moralidade. O Ateneu Cearense foi o primeiro espaço afetivo e de instrução compartilhado por Rocha Lima, Capistrano de Abreu, João Lopes Ferreira Filho, Xilderico Alencar de Farias, Tomaz Pompeu Filho.

Os estudos secundários foram feitos entre 1866 e 1869 no Liceu do Ceará, constituído pelas cadeiras de geometria, trigonometria, aritmética, geografia, história, latim, francês, inglês, filosofia racional e moral, retórica e poética. Os educandários Ateneu e Liceu

¹⁹⁰Neste capítulo desenvolvemos a análise dos círculos letrados criados e frequentados por Rocha Lima, buscando perceber como funcionavam e quais seus sentidos de existências e a participação de seus membros. Preparando nossa análise central sobre a Cidade Ideal nos escritos de Rocha Lima desenvolvida no terceiro capítulo.

¹⁹¹**Relatório da Província**, 19 de junho de 1875 pelo secretário Ignacio Ferreira Gomes.

¹⁹²Fundador e primeiro presidente do Gabinete Cearense de Leitura.

tinham como objetivo fornecer uma educação religiosa e uma forte base de instrução literária, preparando os alunos para prestar exames em academias e seminários do Império.

As cadeiras dos colégios Ateneu Cearense e Liceu, assim como os jornais, eram lugares de debates ideológicos e políticos. O Pe. Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra, professor de latim, publicou o *Compêndio de Gramática Filosófica do Liceu Provincial* em 1861 e *Os Dogmas políticos do Cristão* em 1864, obra em que reflete e discute o homem, a sociedade, a constituição, o poder divino e a soberania do povo, a liberdade e o liberalismo moderno, a eleição, o governo, a oposição. Temas que circulavam ao longo das décadas de 40, 50 e 60 do XIX exaltando os ânimos e as disputas políticas. O Dr. Manoel Soares, que terá um papel de destaque nos enfrentamentos ideológicos em praça pública contra alguns dos membros da Academia Francesa, ocupara vários cargos políticos, desde deputado provincial a presidente da Província, presidente da Câmara de Fortaleza. A questão religiosa não iniciou em 1873, com a querela entre católicos e maçons.

A disputa política que tomou a questão religiosa como pano de fundo na década de 1870 vinha desde as lutas para tornar Fortaleza a Capital da província. As disputas nas trincheiras dos jornais faziam parte do cotidiano cearense. As denúncias dos opositores, as respostas às denúncias, assim como as notícias dos eventos políticos que ocorriam na Europa e nos Estados Unidos, as leituras de diferentes projetos políticos e sociais formaram o cenário sócio-político de Fortaleza no século XIX¹⁹³.

Nas lembranças de Rodolfo Teófilo sobre a época de estudos no Ateneu Cearense:

[...] Capistrano de Abreu, uma exceção entre nós, sempre pelos cantos, isolado, mal amanhado, desasseado e lendo, sempre lendo; Rocha Lima, franzino, tímido, um pouco gago, estudioso, cujo talento, no entanto, passou despercebido no colégio [...] Xilderico de Farias (aluno externo), um bólido que iluminou por um instante o espaço e caiu afogando-se no oceano; João Lopes Ferreira Filho (aluno externo), comprido, franzino, de espessas sobancelhas, feições grossas, facilmente caracterizáveis [...]¹⁹⁴.

As memórias individuais fabricam memórias coletivas. Criam personalidades e imagens que servirão a escrita futura como pedras da montagem das trajetórias e biografias de personalidades, justificadoras da existência e dos caminhos seguidos. Do mesmo modo,

¹⁹³ Cf. os embates entre os grupos políticos no Ceará, especificamente em Fortaleza na obra *Antigos e Modernos no Ceará Provincial*, de Celeste Cordeiro.

¹⁹⁴ GIRÃO, Raimundo. Educandários de Fortaleza. *Revista do Instituto do Ceará*. 1855, p. 54.

ocorre com as análises historiográficas aceitas e legitimadas por seus pares, criam um itinerário historiográfico que será seguido, tomado como modelo de análises futuras.

O círculo de amigos formado por Rocha Lima, Capistrano de Abreu, João Lopes Filho, Pompeu Filho, Xilderico de Farias, Felino Barroso, Antonio José de Melo, França Leite, Varela e Araripe Júnior serão personagens constituídos e constituidores de um cenário marcado pelo pensamento moderno da segunda metade do século XIX, pelas querelas políticas e ideológicas entre os modernos e os antigos. O círculo da Academia Francesa formada pelos nomes ora citados, foi considerado responsável pelo “movimento de fermentação intelectual no Ceará, movimento de cunho filosófico e literário¹⁹⁵”, numa época que se assistia:

[...] um florescimento invulgar dos estudos e da preocupação com a educação. De modo que tudo favoreceu aquela vasta revisão de valores e postulados que iria colocar na primeira plana o pensamento ‘moderno’: as doutrinas positivistas, ortodoxa e heterodoxa de Littré, o biologismo de Darwin, o evolucionismo de Spencer, o determinismo de Taine, a concepção histórica de Buckle, o monismo de Kant, Schopenhauer e Haeckel¹⁹⁶.

Narrativa que “*fez verão*” nas análises posteriores. Pensamos que a visão de Afrânio Coutinho, José Veríssimo, Sílvio Romero, Dolor Barreira, dentre outros críticos literários, buscavam escrever a história da literatura do Brasil, criar categorias explicativas que organizassem em fases e escolas as tendências literárias, buscando dentro da perspectiva de uma literatura que expressava a sociedade, o meio e a época, significar e justificar o surgimento, a atuação e o enfraquecimento de gêneros literários. A ordem de filiação do tempo histórico fez com que essas análises pensassem o Brasil dentro de uma lógica mundial, a velha lógica de significar o local a partir do nacional, e o nacional a partir do internacional.

A batalha do Realismo contra o Romantismo travava-se em Portugal desde 1865 [...] num Brasil dominado pelo sentimentalismo [...] em 1875, publicava Eça de Queirós *O crime do Padre Amaro*, e pouco depois *O Primo Basílio* (1878). Era a realização da estética realista-naturalista na ficção, e através deles e da ligação constante que manteve o Brasil pela imprensa e pelas relações com o mundo literário, a figura fascinante de Eça situou-se como um dos nomes tutelares da vida intelectual brasileira [...] Dentro dessa atmosfera, a literatura evoluiu no Brasil do Romantismo para o Realismo-Naturalismo. Por volta de 1880, a transformação estava efetuada e começaram então a aparecer os primeiros frutos¹⁹⁷.

¹⁹⁵COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura Brasileira**. 3ªed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966. p. 193. A 1ª edição é de 1959.

¹⁹⁶Id. Ibid. p.193.

¹⁹⁷Ibid. p.194.

A perspectiva da teoria literária e das correntes teóricas da segunda metade do século XX que compreendiam as mudanças na sociedade como reflexos das condições materiais, isto é econômicas. Assim, pensava e defendia o jornalista e crítico José Ramos Tinhorão:

A história dos movimentos literários e intelectuais – como a das artes, em geral – ainda está por se fazer. Até hoje, a falta de um raciocínio dialético, capaz de compreender a evolução das produções intelectuais como um processo paralelo ao da produção material e da evolução das classes sociais, subordinou a crítica e a história ao estrito ponto de vista dos que se propõem a tais estudos. O resultado é que – tal como se dá em outros campos do “pensamento”, como o filosófico e da cultura, em geral – esses críticos e historiadores tomam como ponto de vista da sua classe, no seu tempo, como a expressão final e definitiva dos fenômenos estudados, que explicam através de uma série de exemplos destinados a ratificar o seu ponto de vista. Assim quando pretendem ter chegado à verdade total, os pósteros vêm a descobrir que eles conseguiram apenas definir a sua participação no processo geral. E eis porque – e isto é facilmente verificável do século XVIII aos dias de hoje – basta uma geração para desmoralizar uma obra de interpretação do fenômeno artístico e literário, isto é, basta que as condições econômicas alterem o quadro da sociedade em que se cultiva a arte e a literatura historiada, para que surjam novos críticos com novos pontos de vista. [...] A única maneira de fugir a esse dilema será, pois, efetuar a abordagem do fenômeno cultural ou da criação artística tendo em conta o paralelismo, muitas vezes despercebido, entre a produção intelectual e a vida material¹⁹⁸.

A perspectiva de Tinhorão de compreender e significar um artista/autor/escritor “dentro do grupo a que pertence, a divisão se explica pelo fato de cada obra de arte sintetizar um diferente complexo cultural, [...] a uma determinada colocação na estrutura social, tem-se que toda obra exprime o pensamento de uma classe”¹⁹⁹.

Essa circunstância, que faz de todo artista, escritor ou poeta, um comprometido (embora à sua revelia e, na maioria das vezes, sem chegar a ter consciência disso), não implica em dizer que esses artistas, escritores ou poetas concordem com o tipo de vida e o gosto geral de sua classe ou da classe a cujo complexo cultural se integrou²⁰⁰.

Tinhorão compreende que uma obra de arte resulta da relação entre a classe social a que pertence o artista ou escritor e a base material, ou seja, suas relações de produção. Defende que é isso, exatamente, o que se esconde por detrás da palavra “pensamento”:

¹⁹⁸ TINHORÃO, José Ramos. **A Província e o Naturalismo**. Ed. Fac-similar. Fortaleza: NUDOC – UFC. Museu do Ceará, Arquivo Público do Ceará, SECULT, 2006. p.7-8.

¹⁹⁹ Id. Ibid. p.10-11.

²⁰⁰ Ibid. p.11.

[...] o que se esconde por detrás da palavra “pensamento”, nas suas formas estereotipadas de pensamento grego, pensamento da Idade Média, pensamento do século XVIII, pensamento moderno, pensamento europeu, pensamento ocidental, etc., etc. Nesses casos, claro está “pensamento” é o que diferentes classes dominantes estabeleceram, em vários períodos da história e em vários pontos do mundo, o que devia constituir a verdadeira beleza, o verdadeiro direito, a verdadeira religião, a verdadeira filosofia, e assim por diante²⁰¹.

Tinhorão analisou o movimento intelectual cearense nas décadas de 1870 e 80 propondo o tipo de raciocínio que:

[...] partindo do estudo da estrutura material sobre a qual se assenta a vida dos homens em sociedade e lhes condiciona o tipo de relações, permita determinar quais reflexos dessas influências no impulso aparentemente divinatório que leva esses homens, a agitar exatamente aquelas ideias mais tarde definidas como “do seu tempo”²⁰².

A Academia Francesa de Rocha Lima foi compreendida como uma *tomada de consciência de classe*. Tinhorão afirma que “a preocupação intelectual do grupo de jovens vinha indicar, exatamente, uma espécie de tomada de consciência da nova classe social”²⁰³. Jovens oriundos da recente classe média urbana formada na capital da província, influenciados pelas ideias bebidas do movimento da “Escola de Recife, responsável pela divulgação das teorias materialistas de Darwin, Spencer, Taine e Schopenhauer, que tanto iam servir aos ideólogos da República para fundamentar suas investidas contra a Monarquia”²⁰⁴. Tinhorão acredita que o pensamento simplista de que “todos os problemas do tempo se resolveriam com o aperfeiçoamento intelectual, a que ia nortear as ações da Academia Francesa” era no fundo a criação de um *mito da cultura*.

Afinal, intelectual era:

[...] o filho da classe média e, até, eventualmente, o da elite da província que, por não estar diretamente interessado na produção, não tinha por que identificar-se com a estrutura vigente e, assim, passava a erigir “as coisas do espírito” como valor novo para a medida de importância do trabalho social²⁰⁵.

²⁰¹Ibid. p.14.

²⁰²Ibid. p.20.

²⁰³Ibid. p.25.

²⁰⁴Ibid.p.32.

²⁰⁵Ibid. p.34.

Em síntese, para Tinhorão, o aparecimento da Academia Francesa na década de 1870 “representou, portanto, no plano geral, o instante de participação da elite intelectual da província na série de movimentos burgueses de reação contra o acanhado quadro de relações criado pelo Império”²⁰⁶. Nossas incursões nas páginas dos jornais *O Cearense*, *A Constituição* e *Pedro II* nos mostraram que as principais ideias que circulavam na década de 70 do XIX faziam parte do cotidiano das discussões nos jornais nas décadas anteriores, desde 1840. Portanto, os membros da Academia Francesa não trouxeram de Recife em suas bagagens o pensamento moderno. Apresentaremos essas ideias ao tratarmos dos escritos de Rocha Lima no terceiro capítulo.

2.2. Os Círculos Letrados: Espaços Sociais e Simbólicos de constituição da Moderna Geração do Ceará.

Os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e seus confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem²⁰⁷. Retomando a colocação de Sirinelli de que “as ideias não andam nuas pelas ruas”, consideramos a linguagem um lugar de conflitos e confrontos, com efeito, somente na interação social. É na presença do outro que a linguagem ganha sentido e significado. Os sujeitos falam de um lugar social, coletivo, negociando o que pode e deve ser dito. Somente nesse lugar constituinte, seu discurso vai ter um dado efeito de sentido. Compreendemos aqui, a Cultura Letrada enquanto uma cultura de práticas, de ações do sujeito sobre o mundo, demarcando sua posição diante dele. Uma cultura compartilhadora de ideias, conhecimentos, dúvidas e desilusões. É dispensável saber ler e escrever palavras. Impensável não saber posicionar-se, ouvir, sentir, ler e representar o mundo.

Os círculos letrados são um ponto chave para compreender a atuação de Rocha Lima. Sirinelli “expõe que os grupos de intelectuais organizam-se em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes que fundam uma vontade e um gosto de conviver”²⁰⁸. O autor afirma ainda, que o espaço de sociabilidade é 'geográfico' e também 'afetivo', encontrando-se vínculos de

²⁰⁶Ibid. p.88.

²⁰⁷CHARTIER, Roger. A história hoje; dúvidas, desafios, propostas apud VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: microhistória**. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p.116.

²⁰⁸Sirinelli. op.cit. p. 248.

amizade, cumplicidade e de hostilidade/rivalidade, conflito/competição, além da marca de cada sensibilidade produzida e cimentada por evento, personalidade ou grupos sociais. Afinal, as ideias são levadas por homens e eles próprios pertencem a conjuntos sociais²⁰⁹.

Os círculos letrados formaram um *mundo circundante* à Rocha Lima. Eram grupos de formações diferentes e os únicos dois elos a se repetirem era João Lopes Filho e Rocha Lima.

A Fênix Estudantal

O primeiro grupo que Rocha Lima formou, aos 15 anos, foi a associação Fênix Estudantal em 1870 sob o patrocínio de São Luís de Gonzaga, da qual integraram João Lopes Ferreira Filho, Fausto Domingues da Silva e Manoel do Nascimento Castro e Silva. Na historiografia consta que provavelmente fora a primeira associação literária que se tem notícia no Ceará, como afirmou Leonardo Mota²¹⁰. Desde Leonardo Mota, foi comum nas análises historiográficas estranhar o fato de a Fênix Estudantal ter como patrono um santo, afinal a Academia Francesa foi considerada símbolo da luta contra a fé católica. Segundo Alcântara Nogueira:

Leonardo Mota assinala o fato e admira-se que o jovem de verdosos anos tivesse colocado como patrono da sociedade São Luiz Gonzaga para, poucos anos depois, na Academia Francesa (fundada em 1872 ou 1873), haver dado provas de “ferrenho agnosticismo”. O reparo, pela transformação de sentimento, não procede. Com efeito, não deve surpreender que as ideias de um moço, ainda na sua primeira juventude, tomem posição adversa às que pouco antes possuía. Quase sempre essa mudança revela uma evolução mental traduzida em progresso²¹¹.

São Luís de Gonzaga, assim como Rocha Lima, morreu aos 23 anos. Viveu no século XVI e foi canonizado no século XVIII como o padroeiro dos estudantes, da juventude católica. A historiografia afirma que Rocha Lima era ateu ou agnóstico, devido à posição combativa da Academia Francesa e dos editoriais do Jornal *Fraternidade*. Entretanto, em nossas análises, Rocha Lima combateu a prática da moral cristã e não a fé em Deus. Sua formação familiar e estudantil era religiosa, o volume maior de suas leituras era de caráter

²⁰⁹Id. Ibid. p. 248.

²¹⁰MOTA, Leonardo. A Padaria Espiritual. Antelóquio, Eclésio Editor, Fortaleza, 1939, p.II apud NOGUEIRA, Alcântara. **O Pensamento Cearense na segunda metade do século XIX**: Em torno do Centenário da morte de Rocha Lima. Fortaleza: Instituto Brasileiro de Filosofia/Sociedade Cearense de Geografia e História/Casa Juvenal Galeno, 1978. p.28.

²¹¹Nogueira. op.cit. p.156.

religioso católico, de práticas religiosas orientais e moral filosófica. Em 1877 era sua meta estudar a vida de Jesus²¹².

Apesar da curta existência, a Fênix Estudantal tornou-se marco inicial da vida intelectual cearense nas escritas historiográficas e literárias. Além disso, fora marco da “transformação” religiosa de Rocha Lima, de católica a agnóstico ferrenho. Entendemos que essa análise se deve ao fato das ideias de Rocha Lima serem enquadradas no hermético universo das concepções teóricas balizadoras do século XIX, a lembrar: o positivismo, o cientificismo e o evolucionismo que por “natureza” representavam uma posição cética e elitista. Afinal, foram categorias que hierarquizaram as classes sociais.

Em pouco tempo, Rocha Lima formará outro círculo. Talvez, o fato de viajar para Recife para prestar exames na Faculdade de Direito tenha, naturalmente, posto um fim na associação denominada Fênix Estudantal, entretanto, veremos que Rocha Lima voltará a se reunir com os amigos João Lopes Ferreira Filho, Fausto Domingues da Silva e Manoel do Nascimento Castro e Silva na Escola Popular, fato curioso, porque nenhum dos amigos da Academia Francesa, exceto o João Lopes, participara ativamente da escola, a não ser pelas conferências que Capistrano de Abreu, Pompeu Filho, Xilderico de Farias e Araripe Júnior pronunciaram nas aulas de quinta-feira. Antes disso, formaram a Academia Francesa.

Academia Francesa

A Academia Francesa não foi uma instituição formal com registros documentais de sua formação e funções a cumprir. Foi muito mais um símbolo a unir jovens letrados num ideal de transformar e construir um projeto de sociedade num período de fortes confrontos de ideais, o que para história legitimou-se como a moderna geração de 1870.

O círculo formado por estes jovens do século XIX, denominada por Capistrano de Abreu como a moderna geração do Ceará, não pode ser reduzida apenas a um movimento de jovens inebriados pelas teorias em voga no período, reproduzindo-as de forma homogênea. A sociedade Academia Francesa constituiu-se por um ideal em comum - a entendemos enquanto insígnia do ideal de Rocha Lima. Sua denominação não se deve a carga de leituras francesas ou por mero gracejo como apontada pela historiografia, e sim pelo ideal revolucionário francês Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Existência que também era tensa e conflituosa, como apontou Capistrano de Abreu ao determinar Rocha Lima como o elo a unir e a evitar choques e divergências na Academia Francesa:

²¹²Abreu. IN: Rocha Lima. op.cit. p.80.

A sua palavra espirituosa destacava aspectos novos nas questões mais abstrusas. As objeções que apresentava, as sugestões que oferecia, limitando o campo de debate encaminhavam muitas vezes a conclusões por todos admitidas. Além disso, seu caráter tão lhano como firme sabia afagar as susceptibilidades, e evitar choques e divergências fatais em sociedade de tal ordem.²¹³

O período marcado como início e fim do movimento da Academia Francesa foi baseado, a partir de Dolor Barreira e enfatizado por Saraiva Câmara; no surgimento e circulação do jornal *Fraternidade*, devido à inexistência de atas de reuniões, ou documentos que comprovem o início de formação da Academia Francesa, e por membros da Academia ser redatores do jornal *Fraternidade*, costumou-se a utilizar o recorte de 1873 a 1875 como período de atuação da Academia Francesa.

Segundo Capistrano de Abreu:

Essa existência em comum durou até princípios de 1875. Então uns retiraram-se da província; outros entraram em carreiras e ocupações contraditórias com a essência da Academia, outros acharam que a comédia se prolongara por demais, e lançaram para longe a máscara a que deviam a introdução no santuário. O isolamento a que Rocha Lima desde esta época se condenou foi um sofrimento bem doloroso para a sua alma sonhadora e meiga²¹⁴.

Alguns autores trabalham o ano de 1872 como marco inicial das atividades da Academia Francesa, baseados no Barão de Studart que se baseou no discurso de Pompeu Filho:

Reportando-me ainda a fase intermediária da imprensa ao professorado, peço perdão para avivar a lembrança da quadra, hoje quase esquecida, do movimento literário que então se operou nesta Capital pela imprensa, na tribuna de conferenciais, em livros, no ensino popular, etc.; impulsionado por um grupo de moços, que de 1871 a 1877 se reuniam em minha casa ou na de Rocha Lima²¹⁵.

Na visão de Aline Nogueira, adepta mesmo sem saber da *Narrativa Itinerária*²¹⁶ a Academia Francesa inaugura na década de 70 do século XIX um novo modo de pensar no

²¹³ Abreu. op.cit. p.78.

²¹⁴ Id. Ibid. p. 78.

²¹⁵ Brazil, op. cit. p.08.

²¹⁶ Sua visão não resultou de uma análise mais aprofundada do movimento empreendido pela Academia Francesa, o que nos parece, Aline Nogueira, como outros estudiosos, não analisou os textos dos membros da Academia, não buscou compreender as colocações e posturas teóricas deles, simplesmente reproduziu a corrente historiográfica de compreender os atores sociais do XIX como meros reprodutores da “revoada de ideias” oriundas da Europa.

Ceará²¹⁷. Entretanto, compreende o movimento como uma repercussão da Escola de Recife pela influência que Rocha Lima teria sofrido na sua estada em Recife no ano de 1871:

Foi este um dos anos em que estive em atividade a Escola do Recife, que teve como principal expoente a figura de Tobias Barreto. É por esta contemporaneidade e pelos princípios filosóficos e literários igualmente inovadores que a "Academia Francesa (...) pode ser considerada uma repercussão, através de Rocha Lima, do movimento intelectual do Recife"²¹⁸.

Tomamos o trabalho de Aline Nogueira como representativo do resultado de uma trajetória de recepção, pois a representação feita pela Aline Nogueira reproduz literalmente um enquadramento da memória historiográfica, no qual a Academia fora compreendida como um movimento intelectual da elite dirigente da cidade de Fortaleza. Suas escolhas pelos argumentos e explicações atendem a uma ordem historiográfica de cunho político-econômica. Tanto que sua proposta de analisar o pensamento pedagógico da Escola Popular não se concretiza, mas seu discurso bem construído ressalta o enquadramento mencionado, que também costumou significar os movimentos da Escola Popular e do Editorial do Jornal *maçon Fraternidade* como atividades da Academia Francesa; apontado por Saraiva Câmara "as conferências, o prêmio jornalístico e as aulas de cunho popular foram três realizações de caráter público da Academia, a que se deverão juntar as reuniões íntimas que os mentores do movimento realizavam para discussão dos temas filosóficos, dominantes na época"²¹⁹.

Entretanto, não se observou que estes círculos não foram formados sempre pelos mesmos integrantes e nem estes foram estudados como indivíduos portadores de uma única identidade social, cultural e intelectual. Afinal, o personagem principal era a Academia Francesa do Ceará. Segundo Capistrano de Abreu, foram seus membros Rocha Lima, Thomaz Pompeu Filho, Xilderico Araripe de Farias, Tristão de Alencar Araripe Júnior, Antonio Felino Barroso, Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite, Antônio José de Melo, Varela e João Lopes Ferreira Filho²²⁰. Registramos aqui um fato curioso: Capistrano de Abreu incluiu-se no

²¹⁷NOGUEIRA, Aline Paiva. **O "nascer do sol do progresso": o pensamento pedagógico da Academia Francesa durante a questão religiosa- Fortaleza- 1872-1875.** Fortaleza: UECE, 2006. p.27.

²¹⁸Id. Ibid. p. 28.

²¹⁹CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Capistrano de Abreu: uma tentativa biobibliográfica.** 2ª ed. Fortaleza: Casa José de Alencar, UFC, 1999. p. 56.

²²⁰Optamos pela listagem dos membros da Academia Francesa citada por Capistrano de Abreu no necrológico de Rocha Lima, em 1878, pelo fato dele ter sido integrante do grupo. Entretanto alguns autores citam Domingos Olímpio, João Brígido, Amaro Cavalcante, Clóvis Beviláqua, Paula Ney, dentre outros, como integrantes da Academia Francesa.

grupo em apenas um tempo verbal, "*Era em casa de Rocha Lima que reuniam-se os membros do que chamávamos Academia Francesa*"²²¹ [grifo nosso].

A historiografia e a história literária consideram a Academia Francesa um movimento lítero-filosófico o corrido na cidade de Fortaleza entre 1873 e 1875, coincidindo e justificando seu término com o fim da Questão Religiosa e do jornal *Fraternidade*. Entretanto trabalhamos com um recorte maior; a Academia Francesa chega ao fim em 1878, com a morte de Rocha Lima, pois a significamos enquanto símbolo do ideal de luta de Rocha Lima.

Capistrano de Abreu fala sobre o fim de uma existência em comum do grupo, mas não sobre o fim da Academia Francesa. Como a Academia Francesa não foi uma instituição com documentos e atas demarcando datas e motivos para sua existência e ações; buscamos esses vestígios nas falas dos membros e nos contemporâneos do grupo. É também a partir de Capistrano de Abreu que encontramos um início da Academia Francesa, 1871. Pois, informa que neste ano “ocorreu um fato, o mais importante” da vida de Rocha Lima, no retiro do Jacarecanga, onde ao chegar de Recife fora convalescer, Capistrano informa sobre um plano de vida de Rocha Lima:

Sob os cajueirais hoje mirrados como uma caravana de múmias, naqueles areais brancos (...) antolhou-se o problema da vida em toda a sua eloquência. A visão aterrorizou-o, mas ele não procurou fechar os olhos à esfinge nem afugentá-la com esconjuros e exorcismos: ao contrário olhou-a em face e jurou vencê-la. Data daqui o seu plano de vida, este plano a que sempre foi fiel, mais fiel à medida que mais fortes se tornavam as tentações. Uma vez disse-me: quando fui para Jacarecanga tinha 16 anos, quando voltei tinha cinquenta²²².

Diferentemente da historiografia, construímos a trajetória do Rocha Lima a partir da proposta das *sensibilidades* de compreensão das ações individuais como práticas culturais do sensível, através de marcas;

[...] indícios ou pegadas, deixados pelo homem e que se oferecem à leitura, desde que iluminados por uma pergunta ou questão. [...] as sensibilidades de outro tempo e de outro no tempo – toca no âmago da grande tarefa do historiador, que é fazer o passado existir no presente, realizando uma tradução. [...] As sensibilidades são sutis, difíceis de capturar, pois se inscrevem sob o signo da alteridade, traduzindo emoções, sentimentos e valores que não são mais os nossos. [...] o historiador, ao trazer para o presente precisa dar a ver esta diferença no tempo, ao recriar uma

²²¹ Abreu. op.cit. p.77.

²²² Id. Ibid. p. 72-73.

temporalidade, distinta do passado e do presente, temporalidade esta onde estejam contidas as formas de ver e sentir dos homens de outra época²²³.

A interpretação é um processo de revelar e esconder sentidos, de (re)criar sujeitos históricos. As notícias biográficas construídas nas narrativas historiográficas contribuíram na confirmação de um discurso sobre o que seria o movimento da Academia Francesa, a partir da formação e posição social de seus membros. Chamando-nos a atenção, principalmente, para a escolha dos autores de informar sobre a vida daqueles que consideraram emblemáticos: Capistrano de Abreu, Thomaz Pompeu Filho, Rocha Lima, Araripe Júnior e Xilderico de Farias. E ainda, por essas notícias biográficas enfatizarem a trajetória de vida dos membros após o fim do movimento da Academia Francesa, destacando no que se transformaram, isto é, os cargos e funções que ocuparam.

Vejamos o que nos informa Sânzio de Azevedo²²⁴ sobre Pompeu Filho:

Um dos vultos de maior importância na Academia Francesa, dele disse Farias Brito haver sido "verdadeiramente o pai espiritual de toda essa geração de pensadores". Conforme vimos, fundou o jornal *Fraternidade*, com Xilderico de Farias, e fez parte da Escola Popular. Lente de Geografia do Liceu, deputado reeleito à Assembleia Geral Legislativa, de 78 a 86, e um dos organizadores, em 1880, do Regulamento da Instrução Pública, foi ainda Diretor da Instrução Pública, tendo fundado, com João Lopes, João Câmara e Júlio César, a Gazeta do Norte, jornal político. Fundou e dirigiu a Academia de Direito do Ceará, ocupou a presidência do Instituto do Ceará, tendo sido ainda lente da Escola Normal e da Escola Militar do Ceará; é patrono de uma das cadeiras da Academia Cearense de Letras, da qual, em fase anterior, foi presidente. [...] Não tendo jamais abdicado a suas ideias monarquistas, foi por isso vítima de perseguições e, mesmo sendo antirrepublicano, fez-se constitucionalista, merecendo elogios do próprio Clóvis Beviláqua, que lhe reconheceu os méritos excepcionais. Apesar de também não haver renunciado nunca aos princípios materialistas hauridos na mocidade, mereceu sempre a admiração e o respeito de seus adversários de ideal [...]²²⁵.

Além das informações pessoais de filiação, data e local de nascimento, de formação escolar, Sânzio enfatizará os dados que mostram a importância de Pompeu Filho em sua trajetória intelectual, e principalmente política, posterior a Academia Francesa.

²²³ Pesavento. op.cit. p. 15.

²²⁴ Optamos por utilizar as notícias biográficas feitas por Sânzio Azevedo, pois dentre os autores analisados aqui, Azevedo traz mais informações. Entretanto, todos seguem a perspectiva biográfica de filiação, data e local de nascimento, formação escolar, cargos e funções desempenhadas.

²²⁵ Azevedo. op.cit. p. 11-13.

Notamos uma mesma predisposição em Tinhorão Ramos, Saraiva Câmara, Celeste Cordeiro, Adelaide Gonçalves, Berenice Abreu, Almir Leal e Aline Nogueira²²⁶ de configurá-los, os membros da Academia Francesa, no campo intelectual. Os personagens constituem-se como intelectuais, uma elite letrada, filhos e representantes da classe média, em disputa por espaço no cenário político do período, propondo transformações que possibilitariam a manutenção de seus status quo. Intelectuais marcados por uma mesma formação escolar e social.

Desta perspectiva, é ressaltado o fato de a maioria do grupo ter ido para Recife objetivando a formação em Direito. Entretanto, somente Pompeu Filho, Xilderico de Farias e Araripe Júnior retornam formados. Aliás, Xilderico de Farias depois de formado em Recife foi exercer cargo de juiz municipal no Estado do Pará, retornando ao Ceará em 1873; Araripe Júnior vindo de Santa Catarina para exercer o cargo de juiz Municipal de Maranguape, passa a compor o grupo só a partir de 1873, data que marcou como o início de suas leituras²²⁷. Já Capistrano de Abreu e Rocha Lima, com ajuda da Província de Fortaleza conseguem ir, mas retornam de Recife sem o curso de Direito da Faculdade de Recife. Capistrano volta para Columinjuba e Rocha Lima vai recuperar-se de uma grave enfermidade no retiro de Jacarecanga. João Lopes Filho também esteve em Recife, "mas como Capistrano não se submeteu a um exame sequer, razão por que o pai o fez voltar, conseguindo lhe um lugar nos Correios"²²⁸.

E as trajetórias de Varela, Dr. Melo, França Leite e Felino Barroso? Varela até hoje não foi identificado; Dr. Melo era médico, França Leite era engenheiro, construtor de estradas de ferro; e Felino era tabelião, católico, sonhador romântico nas palavras de seu filho Gustavo Barroso. Supomos que suas trajetórias não se adequavam ao discurso historiográfico, ou foram consideradas "dispensáveis".

Retornamos ao nosso ponto de partida, a Academia Francesa não foi um movimento literário²²⁹, não formou e nem foi sua intenção formar uma escola literária, mesmo que tenha tido membros como Thomaz Pompeu Filho, que combatia o romantismo muito mais no sentido filosófico-político que literário. Por outro lado, havia membros como Araripe

²²⁶Obras de referência já citadas.

²²⁷Transcrição: (...) A reconstituição de minhas ideias data de 1873. Foi neste ano que li pela primeira vez as obras de Spencer, a História da Civilização na Inglaterra, de Buckle e os trabalhos críticos de Taine. Residia eu então na Província do Ceará, quando aí se formou um círculo de moços estudiosos, do qual se constituiu o centro o falecido Raimundo Rocha Lima. In ROCHA LIMA, R. A. da. **Crítica e Literatura**. 3ªed. Org. por Djacir Menezes. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará. 1968. p. 47.

²²⁸Azevedo, op. cit. p. 23.

²²⁹Ver Barreira, Azevedo, Veríssimo.

Júnior estreando fortemente no romance, Xilderico de Farias e Rocha Lima na composição de poesias no estilo de Alfred Musset²³⁰. Ainda, Capistrano de Abreu com suas críticas literárias sobre Casimiro de Abreu e Junqueira Freire, nas quais valorizava o estilo romântico e puro dos sentimentos dos referidos poetas. Não se sustenta a ideia de movimento literário na perspectiva beletrista, de formação de uma escola literária no intuito de transformar a literatura na época, nem tão pouco, como um movimento de elite dirigente. A Academia Francesa foi o ideal de palavra-ação do Rocha Lima. O santuário apontado por Capistrano de Abreu.

Gabinete Cearense de Leitura

O Gabinete Cearense de Leitura instalou-se em Fortaleza, na Rua Formosa, n. 92, em dois de dezembro de 1875. Tratava-se de instituição com estatutos aprovados pelo presidente da Província, por ato de 18 de março de 1876. Visava o “maior alargamento e progresso, na Província, da instrução pública”²³¹.

Dolor Barreira informa que o Gabinete Cearense de Leitura fora constituído na maioria por estudantes dos preparatórios: Rocha Lima, Thomaz Pompeu Filho, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, João Lopes, Xilderico de Farias, Clóvis Beviláqua, Antonio Martins, Guilherme Studart e Paula Nei. Entretanto, não há referência da participação do Rocha Lima no necrológio feito por Capistrano que utilizamos como um dos pontos-chaves para o desenvolvimento de nossa compreensão. Contudo, a partir de Alain Corbin e Sandra Pesavento significamos o Gabinete Cearense de Leitura enquanto um espaço social e intelectual importante para nossa análise teórica e de recorte metodológico proposto pelas *sensibilidades e representação*. Pois, Rocha Lima pronunciara duas conferências de abertura dos dois primeiros aniversários da instituição, em dois de dezembro de 1876²³² e de 1877²³³. Conferências que nos auxiliam a visualizar num espaço de um ano as mudanças de sentimento do Rocha Lima, a mapear suas ideias sobre o papel do conhecimento, da educação, da ciência, do livro, da inteligência. Nelas constatamos a ataraxia e solidão sentida por Rocha Lima, aprofundaremos essa abordagem no terceiro capítulo.

²³⁰ Alfred Louis Charles de Musset 1810 – 1857 foi um poeta, romancista e dramaturgo francês, um dos expoentes mais conhecidos do período literário conhecido como Romantismo. Diz-se que ele foi “o mais clássico dos românticos e o mais romântico dos clássicos”.

²³¹ Barreira. op. cit. p. 106-114.

²³² Rocha Lima. op. cit. p. 85-98.

²³³ Id. Ibid. p. 333-342.

2.3. Do Silêncio do Gabinete para a Tribuna Ruidosa.

Consideramos que o ato de ler - leitura, motivação e interpretação - é marcado pelas práticas sociais e culturais do leitor. Ler é mediar vozes, ideias, conflitos, divergências, convergências, etc. É necessário observar as práticas do espaço, as formas como são afetados e como significam os acontecimentos, as leituras e visões de mundo. Alain Corbin alerta que os indivíduos e os grupos sociais não “vivem o mesmo tempo”, nem sempre podem ser vistos como contemporâneos, como já mencionamos. A Academia Francesa,

[...] era em casa de Rocha Lima que reuniam-se[sic] os membros do que chamávamos *Academia Francesa*. Quanta ilusão! Quanta força, quanta mocidade! França Leite advogava os direitos do comtismo puro e sustentava que o *Systhème de Politique* era o complemento do *Cours de Philosophie*. Melo descrevia a anatomia do cérebro, com a exatidão do sábio e o estro do poeta. Pompeu Filho dissertava sobre a filosofia alemã e sobre a Índia, citava Laurent e combatia Taine. Varela – o garboso abnegado paladino, - enristava lanças a favor do racionalismo. Araripe Júnior encobria com a máscara de Falstaff a alma dolorida de René. Felino falava da revolução francesa com o arrebatamento de Camilo Desmoulins. Lopes, ora candente como um raio de sol, ora lóbrego como uma noite de Walpurgis, dava assas a seu humor colossal. Por vezes das margens do Amazonas chegava o eco de uma voz, doce como a poesia de suas águas sem fim, - a de Xilderico de Faria, hoje para sempre mudo no regaço do Oceano²³⁴.

O círculo de leituras e debates entre jovens com visões e preferências teóricas diferentes, aliada ao método de: um leitor apresentar os pontos positivos e, outro faria a crítica apresentando as faltas e fragilidades do autor e ou obra em estudo contribuiu para a formação de uma cultura letrada rica em perspectiva teórica e filosófica. Uma cultura letrada demarca uma prática de leitura, uma relação entre sujeito-leitor e leitor coautor. “Como sujeito-leitor, usa e transforma um objeto cultural que também o transforma ao ser lido”²³⁵, tornando-se um leitor coautor. João Adolfo Hansen ao mapear algumas questões sobre leitura literária dialoga sobre a dupla historicidade da relação texto/leitura,

[...] reconstituindo os preceitos que no tempo do texto definem sua estrutura fictícia, sua função ou relação com outros regimes discursivos, sua comunicação ou modos de circulação e apropriação, e seu valor; e,

²³⁴ Abreu. op.cit. p. 77-78.

²³⁵ HANSEN, João Adolfo. Reorientações no campo da Leitura Literária. IN. ABREU, Márcia, SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). **Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: Fapesp; 2005. p.24-25.

simultaneamente, evidenciando a particularidade também histórica dos procedimentos aplicados à leitura. A leitura é feita, nesse sentido, como uma correlação em que se encenam dois tempos: o passado do texto, reconstituído por vários procedimentos de crítica documental e textual, e o presente do leitor por definição contraditório, pois a divisão do trabalho está aí²³⁶.

Apesar de existir essa relação tempo de escrita e tempo de leitura, João Adolf Hansen comenta sobre a “simultaneidade de todos os tempos históricos no presente do leitor, propondo que mais importante é a perspectiva do presente e dos usos e valores do texto aqui-agora, independentemente da historicidade da sua forma e dos processos de recepção”²³⁷. Afinal, “a significação de cada palavra [...] decorre de uma hipótese feita pelo leitor por meio de procedimentos de seleção, redução, equivalência, tradução e contextualização dos significados dos termos”²³⁸.

As leituras e os debates realizados pelos membros da Academia Francesa tinham um propósito maior, munir-se para interferir na realidade social e política de Fortaleza. Os espaços dos jornais, das conferências públicas e das aulas da Escola Popular foram espaços de formação e atuação social e política da moderna geração do Ceará. Espaços de expectativas e de sonhos; em igual ou maior grau, espaços de conflitos e decepções. Rocha Lima chegou a acreditar que a solução para a condição do Ceará e do Brasil seria:

[...] a emancipação das províncias; seu sonho era fundar o partido provincial, tendo por programa cimentar a união entre os patrícios, imprimir antes de tudo a boa-fé e o respeito mútuo, conseguir que as batalhas fossem leais, e nem os vencedores abusassem da vitória, nem os vencidos procurassem nos corredores, atrás de reposteiros, o que só a soberania da nação pode outorgar²³⁹.

A passagem da carta, além de revelar a tristeza de Rocha Lima e o seu desejo por um ideal, aponta para indícios que reconstituem um cenário das pelejas filosóficas e políticas que o grupo enfrentou. Pelejas travadas pelos círculos letrados compartilhados: o Editorial do Jornal *Fraternidade*, e a Escola Popular – lugares, de acordo com Capistrano de Abreu, nos quais, Rocha Lima fortaleceu suas “asas”. Neste, acompanharemos os combates teóricos e políticos de seus amigos, nos aproximando ainda mais do ideal da existência dos círculos letrados vividos e compartilhados por Rocha Lima.

²³⁶Id. Ibid. p.25.

²³⁷Ibid. p.25.

²³⁸Ibid.p.30.

²³⁹Abreu. op.cit. p. 80-81.

Editorial do Jornal *Fraternidade*

Fundado na época em que rebentou a questão religiosa, do jornal *Fraternidade*, fizeram parte Pompeu Filho, Xilderico de Farias, João Lopes Filho, Araripe Júnior e Rocha Lima, que participou com a promessa de total liberdade de ideias, uma vez que o jornal era maçom. Nas palavras de Capistrano:

Os maçons do Ceará, seguindo o exemplo de seus irmãos de outras províncias, prepararam-se para a luta e fundaram um jornal, a *Fraternidade*. Não pertencendo à associação; votando-lhe medíocre simpatia; convicto de que entre as aspirações maçônicas e as afirmações católicas há a mesma diferença que entre sugestões incoerentes e um sistema definido, Rocha Lima a princípio recusou-se a fazer parte da redação. Sendo-lhe, porém, garantida a mais ampla liberdade de ideias e movimentos, veio ao lado de João Lopes e Pompeu Filho alistar-se nessa cruzada em que os três cobriram-se de glórias. Foi uma escola proveitosa e fecunda para Rocha Lima a redação da *Fraternidade*²⁴⁰.

O jornal *Fraternidade* funcionou como arena dos embates entre alguns membros da Academia Francesa e os ultramontanos da Tribuna Católica, na exposição e defesa de um ideal de liberdade de pensar e agir na sociedade. Utilizamos o conceito da autora Olívia Neta²⁴¹ para significar o espaço do jornal como um campo de confrontos e tensões. A escrita jornalística, neste caso, se constituiu enquanto uma prática que (de)marcou um espaço de combates entre os livres pensadores e os ultramontanos. Servindo como um espaço para análise dos objetivos e ideais dos grupos em disputa.

Em 1873 a Loja "Fraternidade Cearense" funda o jornal *Fraternidade*, através do qual estabelece vigoroso debate com o clero fortalezense escudado no jornal *Tribuna Católica*, representante do ultramontanismo no Ceará. Defendendo os postulados maçônicos e combatendo os preconceitos clericais, o "*Fraternidade*" divulgava as ações da Maçonaria local²⁴².

Eis o depoimento de Pompeu Filho sobre as motivações dos embates:

A controvérsia religiosa, que se tratava entre o clero e a maçonaria, incitava a imprensa brasileira, apaixonando os ânimos e atraindo à mocidade pela sedução das ideias livres. Aqui no Ceará, apoiados por espíritos

²⁴⁰ Abreu. In: Rocha Lima. op.cit. p.75-76.

²⁴¹ NETA, Olívia Moraes de Medeiros. **Escrita (de)marca espaços**: a historiografia e a produção do Seridó Potiguar. Rio Grande do Norte: UFRN [s/d].

²⁴² SILVA, Marcos José Diniz. **No Compasso do Progresso**: A Maçonaria e os Trabalhadores Cearenses. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora. Coleção Mundo do Trabalho, 2007. p. 40.

amadurecidos, pleiteamos também em prol dos princípios liberais, nas colunas da *Fraternidade*, com ardência própria dos verdes anos, e uma dedicação que nos obrigava a estudos sérios e continuados²⁴³.

Dolor Barreira alerta que embora o Jornal *Fraternidade* estivesse organicamente ligado à Academia Francesa, no sentido que serviu como espaço de luta ideológica e política com as publicações e reverberações das ideias defendidas por seus membros, entretanto não se pode configurá-lo como parte integrante da Academia Francesa.

[...] o fato de o *Fraternidade* não ser "em rigor, órgão da Academia Francesa, mas estava a ela como que organicamente vinculada, por ser a arena das lutas intelectuais dos acadêmicos e, se uma data for necessária para assinalar o epílogo da Academia, nenhuma melhor indicada que a do desaparecimento do jornal, em 1875. Com ele, é lícito afirmar, findou o movimento. O *Fraternidade* foi um jornal de combate que se não limitava a lutar contra o pensamento católico no plano doutrinário, mais que materializava e orientava seu ataque para atingir, sem trégua, o periódico religioso onde se encastelavam então o clero e o laicato católico do Ceará²⁴⁴.

A Questão religiosa funcionou como estopim para o que há muito tempo já se constituía no cenário intelectual da cidade de Fortaleza. As agitações intelectuais e os embates iniciaram antes da década de 1870. O acirramento dos embates, segundo Celeste Cordeiro, se deu num dia emblemático, em dois de agosto, com “o encontro emblemático entre o 'velho' e o 'novo'(...) numa tarde distante de 1874, temos os representantes de dois pólos da refrega de ideias: o inconformismo libertário estimulado pela maçonaria, e o tradicionalismo do clero e do laicato católico”²⁴⁵.

Em nossa narrativa, o Editorial do Jornal *Fraternidade*, independente de seu caráter maçônico, ganha importância ao entendê-lo enquanto um espaço de formação e atuação de Rocha Lima. Segundo Capistrano:

Foi uma escola proveitosa e fecunda para Rocha Lima a redação da *Fraternidade*. Seu estilo tão colorido e abundante aí começou a formar-se. As suas ideias a princípio vagas e pouco consistentes desenharam-se nítidas e harmônicas. [...] O proveito foi ainda maior sob o ponto de vista moral. Aí começou a executar o plano de vida que, como disse ideara. [...] as discussões e estudos não bastavam, todavia à sua atividade: com João Lopes e outros companheiros fundou a Escola Popular, escola noturna destinada aos pobres e operários²⁴⁶.

²⁴³Brazil. op.cit. p. 8.

²⁴⁴Saraiva. op.cit. passim 68.

²⁴⁵CORDEIRO, Celeste. **Antigos e modernos no Ceará Provincial**. São Paulo: Annablume, 1997. p.15. Obra de referência para a compreensão das ideias políticas e das disputas entre as décadas de 1850 a 1880.

²⁴⁶Abreu. op.cit. p.76-77.

Escola Popular

O homem não nasce livre. Torna-se livre²⁴⁷.

A Escola Popular foi fundada por Rocha Lima, João Lopes Ferreira Filho, Joaquim Hermano de Castro e Silva e Joaquim Lino de Oliveira²⁴⁸.

[...] no dia 31 de maio de 1874. [...] "Hoje deve ter lugar a instalação de uma escola noturna, por iniciativa de alguns moços que se empenham pela difusão da instrução elementar. A escola é particular, e nela podem aprender a ler gratuitamente os operários e a gente da classe mais desvalida, a quem falecem meios de frequentar as escolas públicas"²⁴⁹.

O bacharel Heráclito Graça no relatório de transmissão de cargo do governo do Ceará informa-nos como “professores sócios instaladores” da Escola Popular João Lopes Ferreira Filho, Raimundo Antônio da Rocha Lima, Joaquim Hermano de Castro e Silva, Joaquim Lino de Oliveira²⁵⁰. Funcionando primeiramente na casa de Rocha Lima, na Rua Conde D'Eu. Depois com o aumento da matrícula de 41 para 70 alunos, instalaram-se na Rua General Sampaio, 79²⁵¹.

O método de ensino simultâneo-livre orientava pedagogicamente a escola. Ocorriam preleções às quintas-feiras, conferências e leituras aos domingos das 10 às 12 horas, e aulas durante a semana, das 18h30min às 21 horas, organizadas nas cadeiras de primeiras letras por Benjamin, João Lopes, Israel de Moura, Joaquim Lino e Joaquim Hermano, de história e geografia por João Lopes, de aritmética por Benjamin²⁵², de francês por João Lopes e de língua nacional por Rocha Lima²⁵³.

²⁴⁷ Capistrano de Abreu inicia seu texto com essa ideia de o homem se torna livre em “**A literatura brasileira contemporânea**” In: ABREU, João Capistrano de. Ensaios e estudos: crítica e história, 1ª série. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975. p. 36.

²⁴⁸ CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Capistrano de Abreu: uma tentativa biobibliográfica**. 2ª ed. Fortaleza: Casa José de Alencar, UFC, 1999.

²⁴⁹ *Jornal Pedro II*. Fortaleza, de 31 de maio de 1874.

²⁵⁰ *Jornal A Constituição*. Fortaleza, de 29 de julho de 1875.

²⁵¹ NOGUEIRA, Aline Paiva. **O "nascido do sol do progresso": o pensamento pedagógico da Academia Francesa durante a questão religiosa - Fortaleza- 1872-1875**. Monografia de Graduação. Fortaleza: UECE, 2006. p.51.

²⁵² Benjamin Constancio de Moura estudava no Seminário Episcopal da Prainha em 1865, matriculado na cadeira de retórica. No mesmo período, Capistrano de Abreu estava matriculado na cadeira de latim - 2ª divisão. In: **Relatório do Seminário Episcopal do Ceará**. 1865. p. III e IV.

²⁵³ No relatório sobre as atividades da Escola Popular publicada no jornal *Fraternidade*, nº 51, de 11 de dezembro de 1874, consta as cadeiras e seus respectivos professores que também são sócios instaladores da Escola Popular – Israel B. Moura, Joaquim Hermano de Castro e Silva, Joaquim Lino de Oliveira.

Saraiva Câmara acredita que "seria através da Escola Popular, das conferências que ali foram proferidas, e do caráter democrático de que se revestiu sua atividade didática que o movimento assumiria sua forma pragmática e, sem dúvida, a mais expressiva"²⁵⁴. Assim também, entendeu Tinhorão Ramos que a Academia Francesa partiu da "discussão gratuita à ação pragmática":

Em suas primeiras reuniões os fundadores da Academia Francesa – Rocha Lima, Tomás Pompeu de Souza Brasil Filho, João Capistrano de Abreu, João Lopes Ferreira Filho, Xilderico Araripe de Faria e o Dr. Antônio José de Melo – ainda não sabiam bem o que queriam. (...) Na espécie de euforia da ideia de Rocha Lima suscitou entre os primeiros membros da Academia, todos os temas do momento estavam destinados a desfilar, numa variedade que demonstrava, por si só, o amadurecimento silencioso da moderna classe média cearense da segunda metade do século XIX. (...) Realmente, em pouco tempo as discussões lítero-científicas da Academia iriam perder a sua gratuidade e enveredar pelo terreno já mais objetivo do combate ao clero. A partir desse momento a Academia Francesa, com seu caráter social positivamente manifesto, ia tornar possível a primeira iniciativa prática de responsabilidade da classe média de Fortaleza: a criação em 31 de maio de 1874 da chamada Escola Popular²⁵⁵.

A concepção de C. Nogueira²⁵⁶ de que a linguagem não surge num vazio social e que representa um conjunto de práticas de produção de significados, nos ajudou a significar a Escola Popular enquanto uma atitude de através das palavras, dos discursos em tribuna, dos editoriais e das aulas gratuitas, proporem uma nova organização social.

A caracterização do Ensino Simultâneo-Livre para a Escola Popular pode ser compreendida de acordo com a visão alemã de ensino:

[...] para o espírito alemão, diz Hart, a ideia coletiva de uma Universidade implica em um objeto e duas condições. Qual o objeto? O conhecimento, no mais elevado sentido da expressão e, de modo especial, a ardente e metódica pesquisa da verdade. Quais as duas condições? A primeira é a liberdade de ensinar. O professor ensina aquilo que quer, e como quer. A segunda é a liberdade de estudar: o aluno estuda com quem é do seu agrado e não fica sujeito às obrigações escolares²⁵⁷.

Uma vez que a proposta da Escola Popular constitui-se atender uma classe pobre e fora de faixa etária de instrução pública oficial de 14 a 50 anos. Além das cadeiras já citadas,

²⁵⁴ Câmara. op.cit. p. 70.

²⁵⁵ Tinhorão. op.cit. passim 36.

²⁵⁶ NOGUEIRA, C. A análise do discurso. In: L. ALMEIDA e E. FERNANDES (Edts). **Métodos e técnicas de avaliação**: novos contributos para a prática e investigação. Braga: CEEP, 2001.

²⁵⁷ Id. Ibid. p. 22.

faziam parte dos cursos oferecidos pela Escola Popular: as conferências públicas, “a explicação e constituição do Império, revistas de jornais e ensino moral”²⁵⁸ em preleções às quintas-feiras. Djacir Menezes assinala o ano de 1877 como o último de funcionamento da Escola Popular, ano que Rocha Lima vai para o Rio de Janeiro a dois de fevereiro, permanecendo menos de dois meses. Em agosto assume o cargo de bibliotecário²⁵⁹.

As conferências da Tribuna Ruidosa

Em resposta, aos ultramontanos que chamaram a Escola Popular de escola da impiedade, publicou-se no Jornal *Fraternidade*, em 19 de junho de 1874, sob o título “Escola da impiedade”:

Toda vez que uma ideia luminosa, brotando do cérebro de um pensador, agita a consciência das multidões, três partidos surgem em derredor desta ideia, que se torna o alvo de todos os olhares: os crentes, os indiferentes e os maldizentes. Os iniciadores derramam sangue, que fecunda a ideia nova, os cépticos escarnecem de tudo que revela as energias do espírito, os maldizentes enlameiam tudo que revela pureza, abnegação, heroísmo e desinteresse. [...] Ser ímpio é estorvar o conhecimento verdadeiro, a prática do bem, a realização do - belo triângulo radiante e eterno que constitui a essência da divindade. Ser ímpio é quebrar os laços fraternos dos corações, das inteligências e das almas [...] Ser ímpio é negar ao espírito o pão do ensino e as inteligências o direito de conhecer a Deus. Ser ímpio é acender a fogueira em nome de Deus, erguer a guilhotina em nome da justiça, assacar a calúnia em nome do Evangelho. Ser ímpio é abrigar Maquiavel na túnica de Jesus, e sujeitar a Divindade aos caprichos de um egoísmo torpe. [...] O poeta da Lenda dos séculos já disse através das alucinações proféticas do seu gênio: “Nós não havemos de ter Deus sem padre”. Agora é tempo de dizer: Deus importa a extinção do padre, que em seu nome mutila sua obra augusta: o homem e a natureza, isto é, o movimento e a forma. Por uma lei misteriosa da natureza humana o homem flutua sempre entre dois desconhecidos, que provocam sua inteligência: o passado e o futuro. Este instinto divino, que a sociologia chama dinâmico, e que arroja a inteligência além do circuito estreito das verdades que podem ser apreendidas pelos sentidos a bem de sua pátria, de seu continente, de seu planeta, além do tempo e do espaço, exige uma satisfação ainda que incompleta. A verdade é o alimento da inteligência, como a caridade é o consolo dos corações²⁶⁰.

Os temas das conferências compunham um arsenal contra a ignorância, considerada por eles como o maior mal. “O homem sem conhecimentos tateia no escuro sem conhecer o lugar que ocupa”, no dizer de Rocha Lima. A ignorância seria ainda o motivo das

²⁵⁸FERREIRA FILHO, João Lopes. Relatório sobre a Escola Popular. IN. Jornal *Fraternidade*, 11 de dezembro de 1874.

²⁵⁹MENEZES, Djacir. "Introdução e Notas". IN: Rocha Lima. op.cit. 1968. p.367.

²⁶⁰Jornal *Fraternidade*. Fortaleza, 19 de junho de 1874.

intolerâncias, das perseguições religiosas, do despotismo das raças, dos preconceitos, da pilhagem e da guerra enfim²⁶¹.

Xilderico de Alencar Araripe de Faria

Cometeu o suicídio aos 25 anos, “embarcando no vapor ‘Jaguaribe’, com destino a Pernambuco, a 15 de dezembro de 1876, nesse mesmo dia, pelas 23 horas, lançou-se ao mar na altura do Iguape”²⁶². O que fez Xilderico cometer o suicídio? Era bem casado, com a prima Clotilde de Alencar Mattos Faria, ainda sem filhos, bem sucedido profissionalmente, formado em Direito pela Faculdade de Recife, e em apenas quatro anos de formado ocupara vários cargos de secretário de governo no Piauí, Juiz no Pará e no Ceará. Já era reconhecido como orador, folhetinista e poeta.

Juntamente com João Lopes Filho e Capistrano de Abreu, Xilderico era um dos mais próximos de Rocha Lima, estudaram juntos no Ateneu. Suas ideias convergiam em relação à formação do homem, ao papel da religião e a crítica ao cristianismo enquanto uma moral a guiar a sociedade. Acompanhemos passagens de sua conferência pronunciada na Escola Popular e depois publicada nos jornais *Fraternidade*, *O Cearense* e no Diário do Maranhão:

[...] quem teria, já não digo o direito, mas o poder, a força, um meio qualquer de dizer à consciência que não seja livre? Quando se pede liberdade de pensamento, meus senhores, não se a pede para o pensamento em sua pureza espiritual, quando escondida nos recessos do espírito: - quer-se a liberdade da ideia escrita, falada, burilada, - a liberdade de imprensa, a liberdade da palavra, a liberdade da arte. Quando se fala em liberdade de ação, de movimento, entende-se a ação, o movimento manifestados, - a liberdade de trabalho, a liberdade de indústria. Quando se fala em liberdade religiosa entende-se o sentimento religioso quando toma forma, quando se encarna para viver e agitar-se na sociedade; entende-se a liberdade de cultos. É dessa liberdade que vos falo. Não há meus senhores, sentimento mais profundamente gravado no coração humano do que o sentimento religioso. A homenagem que a criatura rende ao criador, homenagem que nasce da ideia da nossa imperfeição e da concepção racional de um ente perfeito, é uma espécie de solidariedade que liga o finito ao infinito, que liga a terra ao céu. A religião – o complexo dos deveres do homem para com Deus, é o amor, - o amor na sua, mais elevada e sublime manifestação, porque é o amor eterno

²⁶¹ROCHA LIMA. Conferência pronunciada no primeiro aniversário de existência do Gabinete Cearense de Leitura, em 02 de dezembro de 1876. In. Rocha Lima. op.cit. p.96.

²⁶²AZEVEDO, Sânzio de. A Academia Francesa do Ceará (1873-1875). Fortaleza: Casa de José de Alencar – UFC, 1971. p.25. O suicídio de Xilderico foi noticiado nos jornais locais, Jornal carioca O Globo, Jornal Diário do Maranhão. Em nota de 01 de janeiro de 1877, o jornal o Globo menciona que Xilderico já havia tentado o suicídio duas vezes.

e profundo que nasce na humildade, mas que voa para a imensidade, elevando o coração a Deus²⁶³.

O pensador Xilderico de Faria, aos 23 anos, longe do perfil de um ateu ou agnóstico discursava em prol da liberdade, uma liberdade manifestada em ações. Seu discurso destacava a liberdade de culto:

As fórmulas, as cerimônias e as pompas do culto são por assim dizer as [sic] de que o sentimento se veste para aproximar-se do altar do Onipotente. E se vós convides em que a consciência livre, em que cada um no seu foro íntimo concebe e adora o Criador, como lhe inspiram a consciência e o coração, como podereis negar a mesma liberdade à manifestação da crença e da adoração, como podereis tolher a liberdade de culto?²⁶⁴

Ao propor a liberdade de culto, Xilderico de Faria inicia uma reflexão sobre o papel do Estado:

O que é o Estado? O Estado, a sociedade política não é mais do que a união, a disposição, a coexistência dos indivíduos em seus direitos e deveres. O estado tem por fim a garantia dos direitos e das liberdades de cada um, salvas as restrições que a liberdade de cada um faz a liberdade de todos; donde se vê que em vez de imprimir, o dever do Estado é proteger, alargar e desenvolver a [sic] humana, e entre as quais está [sic] adorar a Deus. Os direitos do Estado são a soma dos direitos individuais; a sua missão é garantir a vida social do indivíduo. [...] Uma assembleia legislativa não é um concílio, nem a religião pode ser uma instituição política, uma questão administrativa. Perante a sociedade todos os cultos são iguais, porque todos traduzem um direito: e o dever do Estado é proteger o direito. [...] Há quem argumente meus senhores, com a religião da maioria. Adotar uma religião de Estado, porque é a religião da maioria, é resolver pela estatística uma questão de consciência. O que valem as majorias diante de Deus? [...] Obrigar o protestante, o judeu, o muçulmano, a contribuírem para as despesas do culto católico em nome da maioria, é além de uma extorsão revoltante, tomar para a mais sublime das verdades o mais variável dos critérios – a opinião da multidão²⁶⁵.

Xilderico, assim como Rocha Lima, narra o surgimento do cristianismo como uma moral importante para a sua época, argumentando que em seu início também teve de vencer a intolerância religiosa, e de perseguida tornou-se perseguidora:

E a religião cristã floresceu. E a religião cristã achava o *echo* no coração do povo, porque o povo simpatizava com a coragem da fé, com a pureza da doutrina, com a abnegação do martírio. Até que um dia Constantino

²⁶³ Jornal *Fraternidade*. Fortaleza, 19 de junho de 1874. Conferência pronunciada na Escola Popular em 14 de junho de 1874. p.2.

²⁶⁴ Ibid. p.3.

²⁶⁵ Ibid. p.3.

declarou-se cristão; um dia a religião que nascera no estabulo sentou-se no trono do imperador; um dia a religião que ensinava a humildade vestiu as roupagens do luxo; a religião do amor e da caridade praticou a intolerância; de perseguida tornou-se perseguidora. O cristianismo era religião de estado!²⁶⁶.

A construção do discurso leva Xilderico a denunciar a união do Estado à Igreja Católica, que misturando os papéis do poder civil e do poder religioso, prejudicava os direitos do cidadão, prejudicava a própria igreja e para resolver esse caos moral somente com a proclamação da liberdade da Igreja:

A Igreja precisa ser livre para implantar na terra o domínio do Evangelho. [...] A Igreja que é a encarnação da palavra divina, deve ser livre como a divindade. Mas a igreja livre vive no estado, que é também soberano, livre e independente. Acima dele não há, nem pode haver poder algum, porque hoje só há uma soberania – a soberania do povo²⁶⁷.

Ao pedir a liberdade da Igreja, Xilderico conclama aos católicos do Brasil para deixar o Estado, para aliar-se a liberdade. Pede liberdade a todas as igrejas. Nesse momento o discurso toma novo caminho, o caminho do trabalho livre e da imigração:

Demos liberdade a Igreja, meus senhores; façamos mais: demos liberdade a todas as igrejas. Nós habitamos um país imenso; país onde a mão do eterno semeador lançou as sementes da mais luxuosa e opulenta prosperidade. [...] A indústria é o trabalho, mas o trabalho livre, espontâneo, vivificador, único que nobilita, enriquecendo. Mas faltam-nos braços. [...] Nós precisamos de imigração. Nós dizemos ao estrangeiro: vem. Aqui há vastos e feracíssimos campos [...] há florestas imensas que para transformarem-se em magníficas cidades precisam apenas do golpe do machado e da picareta. [...] vem: aqui não há proletários, porque a terra –eterna caridosa – nunca chegou ao homem que trabalha a esmola do pão. Nós dizemos isto. O estrangeiro [...] responde-nos: “Sim. Vosso país é um país de fadas. [...] Lá se encontra tudo: mas lá o que não for católico não encontra Deus. O Deus que eu adoro o Deus que meus pais me ensinaram a venerar [...] não tem direito de cidade no vosso país!” Isto é doloroso, meus senhores. [...] que importa que nos lhe digamos que ele aqui pode adorar a Deus como quiser – em casas para isto destinadas sem forma alguma exterior de templo?²⁶⁸.

Xilderico encerra a conferência pedindo as senhoras e aos senhores, principalmente aos que se dedicam a instruir o povo e as gerações futuras, ensinar a tolerância e nunca separar as duas “ideias que hão de salvar do abismo a nossa pátria: - Religião e Liberdade”.

²⁶⁶ Jornal *Fraternidade*. Fortaleza, 30 de junho de 1874. p. 2.

²⁶⁷ Ibid. p.2.

²⁶⁸ Ibid. p.2

Tristão de Alencar Araripe Júnior

Um mês após a conferência *Liberdade Religiosa* de Xilderico de Faria, ocorreu à conferência de Araripe Júnior intitulada O Papado, em 12 de julho de 1874. Araripe Júnior inicia o discurso pontuando sobre seu método de apresentação, ressaltando sua independência diante das ideias e dos autores, que sua preocupação não era de provar um ou outro dogma.

Não espereis de mim, por tanto, a história de alguns papas, nem o catálogo das suas boas ou más ações, das atrocidades que permitiram, das missões que empreenderam. [...] o meu intuito é bem diverso. O que pretendo é, em simples e rápida síntese, mostrar qual tenha sido a causa humana, o fato social que determinou a aparição do papado, qual tenha sido o seu espírito, qual a natureza de suas pretensões, qual a base de suas ambições, e de que maneira a ideia cristã entrou nesta combinação histórica²⁶⁹.

Araripe Júnior de acordo com o pensamento e o método dos amigos Rocha Lima e Xilderico de Faria constrói seu discurso baseado na perspectiva histórica, pontuando as transformações sociais e culturais que influenciaram no desenvolvimento da moral religiosa. Destaca e aprova a moral religiosa proposta por Jesus Cristo:

Jesus Cristo reformou a lei antiga, e reformou-a pela base. [...] O Deus-terror povoava todas as imaginações e oprimia as consciências com um mal-estar indefinível. Os primeiros passos do Redentor mostraram logo quão diversa era sua lei. A Religião deixou de se dirigir as imaginações enfermas, e revelou ao infeliz habitante dos desertos morais da terra o segredo de que dentro dele mesmo existia a semente de sua felicidade – uma fonte de amor, - uma tendência para misteriosas e inextinguíveis simpatias, - semente esta que jazia sepultada no fundo da alma, encarcerada pela perversão do tempo, a espera de quem a fizesse ressurgir [...] Congraçados em um Deus de ternura e de perdão os homens volveram logo costas ao passado, [...] A ideia cristã, toda de consolação, toda brandura e Fraternidade, coou-lhes pela alma como um filtro salutar, e a sociedade experimentou os primeiros abalos de um estranho rejuvenescimento. Era que a verdadeira pedra em que Jesus erguera o seu edifício não podia ser outra senão o coração humano. [...] Jesus, em lugar da vingança mosaica, que é a lei da matéria bruta, desenvolvia a do amor, que é a lei da alma imortal. O gênero humano dava um passo para o Eterno. Em todos os sentidos a mesma doçura e a mesma moral.²⁷⁰

A fala de Araripe Júnior assemelha-se a uma pregação. Narrando o início do cristianismo, ressaltando o papel de instrução dos apóstolos.

²⁶⁹ ARARIPE JÚNIOR. Tristão Alencar. **O Papado**. Fortaleza: Typographia Brasileira, 1874. p.5. Conferência pronunciada na Escola Popular.

²⁷⁰ Id. Ibid. passim 6-9.

Por toda parte os discípulos de Cristo são chamados, não ao combate, mas a instrução. Suas armas – a persuasão, sua conquista – o coração. Em suas últimas entrevistas com os apóstolos, quando, dando expansão à sua alma, Jesus explicava-se sobre os meios de difundir a verdade, os exortava a se dedicarem como tantas vítimas a salvação dos homens, porque eram enviados como ovelhas pra o meio dos lobos. Perdoarão, bendirão, instruirão: o Mestre não vinha para condenar o mundo, mas para salva-lo. Tal era a doutrina do Evangelho; [...] Esta doutrina, senhores, varreu a terra como a aragem aos áridos desertos. A voz do Mestre não podia ser estéril. Os pescadores de almas tomaram os seus bordões e as suas sandálias e foram-se a pregação da boa nova²⁷¹.

Para logo em seguida, narrar à destruição da civilização romana, e que em meio ao caos romano, os pescadores de almas dirigiram-se com suas barcas. Após muitas lutas, o cristianismo será o germe vivificador da nova civilização. Até que surgiu uma entidade, o Luiz XIV exclamou: “A Igreja sou eu!”²⁷².

E quando por ventura, cheios de fé e amor pela palavra ungida de Jesus e dos apóstolos primitivos, se nos antolha a figura de um príncipe despótico na igreja e repugnamos o caráter que se imprimiu aquela descomunal dignidade. [...] Senhores, há um período na história entre Constantino e o estabelecimento dos reis bárbaros, em que a elaboração do Cristianismo, de envolta com as continuadas revoluções e guerras que reinavam na Itália, muito dificilmente se denuncia ao espírito de análise. [...] o que ressalta, porém aos olhos menos perspicazes é que até Constantino o Cristianismo vivera e florescera completamente descentralizado, sem que nada perdesse de seu esplendor; e a Igreja, então chamada simplesmente de *república cristã*, começara a sua vida triunfante unida tão somente pela fé, pelo entusiasmo da ideia, tendo como único princípio de coesão reconhecido esse amor exaltado em Jesus Cristo²⁷³.

Segundo Araripe Júnior, a partir do imperador Diocleciano, o verdadeiro ensinamento do Mestre Jesus fora deturpado. O cristianismo serviu de laço entre o mundo romano e o mundo bárbaro, e “concessões temporais foram-se realizando em benefício de um grupo de cristãos, que já então não vivia como antes tão identificado com o resto do corpo, grupo este a que se ia concedendo uma vida à parte com a denominação de *clero*. O clero ganhava uma função política, “por uma evolução de anos os bárbaros enfraqueceram e cederam: e Carlos Magno, cristianizado, depôs uma coroa aos pés do bispo de Roma. Estava enfim verdadeiramente inaugurada a moderna teocracia. O papado deixou de ser ilusório”²⁷⁴.

²⁷¹Ibid. p.9-10.

²⁷²Ibid. p.18.

²⁷³Ibid. p.19-20.

²⁷⁴Araripe Júnior. Ibid. p.27-28.

[...] A religião assim ausentava-se do coração para povoar de pavor os cérebros enfermos e débeis do homem obscurantizado. A todo transe se devia evitar que a humanidade saísse do estado miserável em que se achava, e sufocaram-se os nobres impulsos dos cristãos, que se viam impelidos para a luz regeneradora. O que fazia de tua obra, o Cristo, esta monstruosa superfetação social?!²⁷⁵

Sobre a ação do clero católico, o papado, Araripe Júnior reproduz uma passagem inteira de Taine para mostrar que o cristão voltara ao domínio de um Deus vingador, opressor do Antigo Testamento, pregava-se o cristianismo pelo medo e não mais pela fé no amor de Deus.

Não! Mil vezes não o direi! Não é possível que a religião do Crucificado tenha reduzido o homem a semelhante alienação. Por glória nossa e dignidade do Cristianismo rasguemos esta página da história! Cristo não estava aí... O que tinham feito das ternas doutrinas reveladas no prodigioso sermão da Montanha, quando o padre confundindo o templo com o estado, no dizer de Condorcet decidia a que leis humanas seu Deus ou o Papa permitia obedecer?²⁷⁶

Após mostrar que o papado prendeu o homem em medos irracionais e o distanciou do verdadeiro cristianismo, ou seja, dos ensinamentos de Jesus Cristo, Araripe Júnior finaliza a conferência dizendo:

Ainda uma vez o digo: Não creio que Jesus fundasse sua Igreja sobre outra pedra que não fosse o nosso coração. E, se por uma dessas anomalias que não tem nome, voltarem às fogueiras, como vieram o Syllabus e a infalibilidade, as guerrearei de morte. Quero a âncora da Religião como repouso, mas nunca como hedionda estagnação. E, se me privarem deste consolo ou o reduzirem de novo ao instrumento de infernal astúcia, declaro que mil vezes preferirei perder-me como Colombo nos mares tormentosos e desconhecidos que os teólogos anatematizaram. Ao menos descobrirei novos mundos!²⁷⁷

Analisar cada uma das conferências daria uma tese²⁷⁸. Aqui, satisfez acompanhar algumas passagens dos discursos de Xilderico e de Araripe sobre o papel da religião e do cristianismo na sociedade, considerados responsáveis pela formação de uma civilização apavorada por um imaginário de demônios, intolerância e perseguições religiosas.

²⁷⁵Ibid. p.39.

²⁷⁶Ibid. p. 45.

²⁷⁷Ibid. p.47.

²⁷⁸Quem sabe em trabalho futuro.

CAPÍTULO 3

Rocha Lima: O Gladiador do Pensamento e sua Palavra-Ação em Busca de constituir a Acrópole Ideal.

Convoco toda legião de anjos revoltados contra a imperfeição de sua natureza, juntos invadiremos essa cidade de homens egoístas e covardes, juntos refundiremos nesses crisóis o ouro de nossas ideias e sentimentos, para com ele firmar o trono de nossa majestade divina, em um Estado que seja o templo da justiça, erguido em uma sociedade solidária que seja a Jerusalém da ordem e da liberdade: - eis a cidade do futuro, eis a nossa acrópole ideal que sob a hegemonia da verdade e da justiça realizaremos, nós, o sonho do éden perdido e que as religiões prometem além do túmulo, à custa de martírios sofridos neste mundo²⁷⁹.

A Acrópole Ideal de Rocha Lima não era de pedra. Era feita de sentimentos e ações solidárias que religavam todos os seus cidadãos, libertos da busca de um paraíso post-mortem, ou de um passado de grandes homens e seus feitos; cidadãos conscientes de que o futuro constrói-se no presente. São as ações do presente, de homens e de mulheres, guiados por uma moral solidária, construída pela inteligência humana, que formariam a cidade ideal.

Rocha Lima seria um filósofo, entre tantos outros, a debater ideias, provocar espíritos e lutar por uma nova civilização. E dentre os anjos revoltados evocados em seu discurso, acreditamos que Rocha Lima considerava-se o filósofo com o método, responsável pela palavra-ação: o pensar reflexivo e o método para efetivar as transformações necessárias.

Neste capítulo apresentamos a partir dos textos de Rocha Lima sua prática letrada norteada pelo ideal de formar os cidadãos políticos, uma sociedade solidária guiada por uma moral que deveria ser construída pela inteligência. Desta forma, tratamos dos escritos e dos conceitos operacionalizados pelo Rocha Lima que correspondiam a nossa problemática central: de como e por que Rocha Lima desejou e defendeu a constituição da *acrópole ideal*. Inicialmente, discutimos a partir da concepção de Rocha Lima, o que seria o gladiador do pensamento e sua palavra-ação, demarcando o seu papel social e político nas dinâmicas vividas na cidade de Fortaleza na década de 1870, que configuraram na historiografia o movimento intelectual da Moderna Geração do Ceará, assunto discutido no capítulo anterior, retomado neste para fechar nossa análise que partiu da premissa de que a Academia Francesa e a Escola Popular foram a materialização do plano de vida empreendido por Rocha Lima.

²⁷⁹ Adaptação nossa do discurso de Rocha Lima pronunciado perante o Gabinete Cearense de Leitura na comemoração de seu segundo ano de existência, sintetizamos e colocamos em primeira pessoa, pois representa a evocação feita por Rocha Lima em todos os seus escritos. IN. Rocha Lima. op.cit. p.337-339.

Antes de tudo, faz-se necessário explicar o que significa a expressão “Gladiador do Pensamento” na obra de Rocha Lima intitulada *Crítica e Literatura*. Ela ganha destaque no artigo “Evolução”²⁸⁰, definida como a ação combativa de alguns pensadores em nome da liberdade de pensamento e em prol da transformação da realidade tangível²⁸¹. Esse “Gladiador do Pensamento” diferencia-se dos pensadores que utilizam o pensar e a escrita com o único intuito de conquistar a adesão dos leitores pela palavra ornada e não pelas ideias defendidas.

No que concerne à ideia de “palavra-ação”, o termo é aplicado à posição tomada por Rocha Lima enquanto filósofo, munido do seguinte método: analisar, compreender e propor os caminhos para a transformação; e utilizar a escrita publicada e o discurso em tribuna como espaço e instrumento de luta social e política. A palavra-ação enquanto conceito operacional sintetizou a postura e as atitudes de Rocha Lima de através da palavra que expressa o conhecimento, expressa o desejo de mudança, provocar e ajudar no desenvolvimento da inteligência, a única capaz de realizar o febril sonho do éden, não o perdido pelo Adão, mas um paraíso terreno, a sonhada Acrópole Ideal.

Um lugar para Rocha Lima

Faz-se essencial neste momento apresentar o “nosso Rocha Lima”, pontuar o lugar que criamos para analisar e compreender seus textos e posição nos embates políticos sociais na cidade de Fortaleza. Partimos mais uma vez, da colocação de Michel de Certeau, de que “o historiador em sua narrativa traz de volta os mortos”. Narrativa que funciona como um lugar, que não é o do historiador e nem o do Rocha Lima, mas um campo mediado pelas vozes e silêncios das fontes problematizadas. Criamos um lugar para o retorno do morto, reapresentamos Rocha Lima enquanto um pensador, um intérprete, um filósofo, o gladiador do pensamento que buscou compreender as teorias em voga de sua época e utilizá-las, transformá-las, adaptá-las de acordo com sua visão de mundo e que atendessem ao seu plano de vida, o de ajudar a constituir a *acrópole ideal*. Em alerta estivemos, como aquele que diante do abismo sente-se mortalmente ferido por seu chamado – “as reduções do ser e de sua vivência em personagens esquematizados e cristalizados por teorias ulteriores”.

Não rompemos com nosso tempo, afinal somos filhos e estamos limitados por uma ciência histórica que necessita circunscrever o objeto, contudo não deixamos de provocar a reflexão, a partir de Rocha Lima, sobre nosso *métier*. Paradigmas antigos e tão atuais: O que

²⁸⁰ROCHA LIMA, R. A. **Crítica e Literatura**. Prefácio de Capistrano de Abreu. Introdução e notas de Djacir Menezes. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1968. p.317.

²⁸¹Id. Ibid. p. 318.

fazemos ao escrever sobre o passado? Um *novo* passado? O que fazemos ao analisar a escrita de *outros* sobre o passado? Desconstrução? Mais uma escrita? Enfim, ao analisar e escrever sobre as ideias e ideais de Raimundo Antonio da Rocha Lima buscamos, dialogar com suas representações memorialísticas e historiográficas, sem deixar de mensurar as tramas sociais e culturais que envolveram a vida do nosso pensador, e por fim, refletimos sobre sua prática de leitura e de escrita.

Afinal, enquanto ser múltiplo, tudo o que passou por sua lente - de observar o mundo, as ações humanas e os acontecimentos - se transformou, porque o leitor/escritor/orador Rocha Lima combinou e (re)criou o lido e o observado ao devolver à realidade em suas palavras. Relembramos a visão de Capistrano de Abreu de que Rocha Lima foi o ponto de convergência a reunir as expectativas pessoais dos demais membros da Academia Francesa, a mediação dos conflitos e o sentido da existência da Academia Francesa²⁸². Esta ganhou plena significação enquanto concretização do plano de vida de Rocha Lima, tão enfatizado por Capistrano.

Representar Rocha Lima como um homem de letras, ou de ciência, ou um homem de gênio para falar a linguagem de sua época, ou de intelectual orgânico, engajado a um projeto político ou simplesmente de defesa de um *status quo* na língua do século XX, seria reduzi-lo a um personagem “pronto e acabado”, sufoca-lo sob a hegemonia das estruturas totalizantes e silenciadoras da importância do micro/singular/excepcional/particular no entendimento das dinâmicas sociais e culturais, como apontamos ainda no primeiro capítulo.

Não poderíamos separá-lo enquanto homem e obra. Rocha Lima não foi um escritor por profissão, nem produziu uma obra, não teve tempo para isso. Seus escritos são vozes de seu ideal, analisa-los separados seria criar uma obra que Rocha Lima não escreveu. Seria repetir a síndrome da *Narrativa Itinerária* em que representamos um indivíduo, ou um acontecimento a partir da reflexão e da análise de pesquisadores respeitados, em busca de sermos aceitos pelos nossos pares, acabamos por repetir quadros teóricos engendrados de modo submisso. Acabamos por negar o drama humano repleto de desilusões e esperanças, principalmente para um jovem vivendo num espaço do possível, em um *território do vazio*²⁸³, para falar a linguagem de Alain Corbin, ou seja, uma cidade em vias de existir, ainda provinciana interpelada pelas imagens de grandes cidades retratadas nos periódicos e

²⁸² Abreu. In: Rocha Lima, op.cit. p.78-79.

²⁸³ CORBIN, Alain. **O Território do Vazio**: a praia e o imaginário ocidental. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

literaturas do período, mediada por novos significados e usos. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias:

Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos. Cidades sonhadas, desejadas, temidas, odiadas; cidades inalcançáveis ou terrivelmente reais, mas que possuem essa força do imaginário de qualificar o mundo²⁸⁴.

Rocha Lima em seus escritos e discursos jamais negou a cidade vivida, a Fortaleza de seus dias, e nem descreveu a cidade real, mas em vários momentos deixou clara a sua decepção com aqueles que formavam a sociedade fortalezense, e a esperança de conviver em uma cidade de homens honrados e dedicados à causa da humanidade - construir “a cidade do futuro, a acrópole da ordem e da liberdade, da luz e do amor”.

Sem *ilusões biográficas*, mas também, sem a crítica árida e estéril de enquadrar Rocha Lima numa camisa de forças teórica e reduzida por explicações cristalizadas em justificativas socioeconômicas ou condicionadas por repertórios de leituras, enfatizamos a necessidade de lembrar de que uma vida é feita de experiências reais e imaginárias, de interesses, de ilusões, decepções e expectativas, principalmente de um rapaz falecido aos 23 anos, que muito sonhou, digladiou, entretanto não pôde acompanhar a virada do século XIX e a consolidação de uma sociedade tão diversa da que ideara.

O tempo não passou para Rocha Lima, ele viveu e morreu em uma época marcada pelos grandes ideais, pelas ideias estruturadoras de uma nova historicidade no século XIX. Concordando com Capistrano de Abreu, muitos perderam de vista o caminhar de Rocha Lima, outros nem o enxergaram. Assim, ocorreu com aqueles que analisaram o movimento de ideias e os embates políticos e filosóficos na Fortaleza dos anos 70 do XIX, e significaram seus participantes a partir de uma concepção historiográfica que demarcou o século XIX como o lugar do Positivismo e do Cientificismo.

Mudaram as abordagens, mas permaneceu o quadro teórico, determinando a visão sobre os homens do período, sobre Rocha Lima. Fizemos diferente.

²⁸⁴PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53. Jun, 2007. p. 11-12.

3.1 O Gladiador do Pensamento e sua Palavra-Ação.

Um velho provérbio diz que é na arena que o gladiador deve aconselhar-se.
Sêneca.

Um gladiador do pensamento seria um batalhador das ideias, convicto de que todo pensamento, reflexão e projeto deveriam realizar um benefício coletivo. Assim, estaria ligado ao processo de transformação da sociedade. Seu papel seria estudá-la, analisando seus fins e meios de realizar suas necessidades, cumprir seus encargos e deveres, para então propor um caminho para as modificações necessárias. O gladiador do pensamento, segundo nossa interpretação das colocações de Rocha Lima, assumia a missão de colaborar na formação e desenvolvimento dos cidadãos políticos, estes formariam uma sociedade solidária e conviveriam na cidade do futuro, na acrópole ideal.

O termo gladiador no século XIX, segundo os dicionários da época, equivalia ao termo esgrimidor, aquele com a destreza de manusear uma espada²⁸⁵. Os combates faziam parte do cotidiano do Rocha Lima e de seus amigos, desde os encontros da Academia Francesa - momentos de debates e críticas dos livros e autores lidos, até os embates na arena dos jornais, na praça pública e na tribuna das conferências da Escola Popular.

A Academia Francesa nas palavras do Capistrano de Abreu era o templo do sagrado, arena de formação e aconselhamento, em que cada membro expunha sua apreciação teórica do último livro lido, e “digladiava” com os demais membros da Academia²⁸⁶. Defendemos que este era o método adotado para o desenvolvimento do pensamento crítico e de busca por pensamentos que pudessem fundamentar e orientar as ações de interferir e modificar a sociedade da Fortaleza da década de 1870. Afinal, um pensador deveria ser hábil com as palavras, seus significados e seus usos, principalmente porque deveriam estar a serviço de um bem maior. Portanto, as palavras propunham ações.

Sua palavra-ação fere, queima, provoca, transforma.

A palavra de hoje é de cristal ou de cera.
Em vez de um fim, tornou-se ela um instrumento²⁸⁷.

²⁸⁵ PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da Língua Brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832.

²⁸⁶ Rever a citação sobre o método de leituras e debates nas reuniões da Academia Francesa, capítulo 2 desta. Ver Capistrano de Abreu IN. Rocha Lima. op.cit. p. 77-78.

²⁸⁷ Rocha Lima. op.cit. p.230.

Poderíamos pensar em uma palavra que fere, queima, provoca, transforma. Desta forma, a *palavra-ação* tornou-se um conceito operativo que contemplou a posição tomada por Rocha Lima de gladiador do pensamento a analisar, compreender e propor os caminhos para a transformação, portanto, as palavras-ações publicadas, discursadas em tribuna e em praça pública funcionavam como espaço e instrumento de luta social e política. Concluimos que os termos: inteligência, verdade, bem, felicidade, vontade, ciência, moral, cidadão, sociedade solidária, funcionavam como *palavras-ações* nos escritos de Rocha Lima, ou seja, instrumentos de luta social e eixos de reflexão e proposição de novas práticas político-sociais.

As arenas e os vários tipos de gladiadores

Os círculos letrados em que Rocha Lima atuou, a lembrar: Fênix Estudantal, Academia Francesa, Editorial do Jornal *Fraternidade*, Escola Popular e Gabinete Cearense de Leitura, assim, como também nas páginas de alguns Jornais locais, funcionaram como arenas, espaços de formação e confronto entre ideais e projetos políticos e sociais. Nos quais digladiavam tipos diferentes de combatentes, a saber: os gladiadores do pensamento, os batalhadores das ideias, os ilustrados pensadores e os gladiadores da palavra, termos criados e utilizados por Rocha Lima. Chamou-nos a atenção essas denominações - o que pretendia Rocha Lima ao identificar os autores e seus textos segundo essa classificação? Não nos coube responder a esta questão, mas a partir dela caracterizar o grau de participação dos membros da Academia Francesa ao projeto de transformação social, uma vez que Rocha Lima denominou Capistrano de Abreu como *ilustrado pensador*, ao mencionar seu trabalho intitulado *Literatura Brasileira Contemporânea*²⁸⁸, em que Capistrano fez uma apreciação do jornalismo²⁸⁹.

No mesmo ano, 1874, Rocha Lima denominou Pompeu Filho como um *batalhador das ideias* livres, na análise que fez da conferência apresentada pelo amigo, tratava-se da lição de abertura do Curso de História Universal, proferida na Escola Popular em 12 de agosto de 1874, intitulada Soberania Popular²⁹⁰.

A publicação teve como objetivo comentar e explicar passagens da conferência. Rocha Lima em nome dos colegas e discípulos da Escola Popular agradece o “impulso nobre

²⁸⁸ Conferência intitulada *Literatura Brasileira Contemporânea* pronunciada por Capistrano de Abreu na Escola Popular em dezembro de 1874. Cf. ABREU, Capistrano de. **Ensaio e Estudos** (Crítica e História). 1ª série. Rio de Janeiro: Publicações da Sociedade Capistrano de Abreu, 1931.

²⁸⁹ Rocha Lima. op.cit. p.245.

²⁹⁰ Ibid. p. 227-243.

e vigoroso que o batalhador das ideias livres imprimiu à nossa humilde empresa, tão guerreada pelos ateadores de insultos e calúnias”²⁹¹.

Pompeu Filho é apresentado como um “batalhador das ideias livres”, “conhecido já nas lutas porfiadas da imprensa, um orador que saiu do silêncio do gabinete para a tribuna ruidosa do ensino popular”²⁹². Os termos são caro para Rocha Lima, identificava e diferenciava os tipos de pensadores e seus papéis assumidos na sociedade, no tempo Presente. Eis o momento crucial para Rocha Lima – o Tempo Presente, tempo de luta e construção, ao apresentar o amigo como o pensador que saiu do silêncio do gabinete e assumiu seu lugar na tribuna ruidosa do ensino popular, Pompeu Filho respondia a convocação de Rocha Lima: “esqueçamos por hora um passado de trevas pelo presente que prepara ao futuro as bases sólidas do ensino e da educação”²⁹³. Entretanto, Pompeu Filho não escapou da análise crítica.

O Dr. Pompeu Filho revela-se um filho do seu século; quando o cidadão, como nas repúblicas da Grécia, vivia em praça pública a pugnar pelos seus direitos da pátria e pelo sossego da família; quando o espírito ainda não havia entristecido no meio de ruínas colossais, de desmoronamentos imprevistos; quando Aristófanês fazia do teatro o Sinai de uma nova lei, maldizendo o presente e querendo ressuscitar o passado; quando Moisés prendia o povo eleito no vale do cativo, lançando nas chispas do raio, ao ribombo do trovão, a palavra estandarte da verdade, a eloquência dominava todos os espíritos e era a aspiração de todos os talentos”²⁹⁴.

Ao comparar Pompeu Filho ao cidadão grego, a Aristófanês e a Moisés, Rocha Lima enfatiza que um pensador pertence a um conjunto histórico e social. O compara a exemplos de homens de atuação pública. Aristófanês fora um dramaturgo grego, suas comédias criticavam e ironizavam principalmente: políticos, poetas, filósofos, a educação ateniense e o cotidiano grego, mas pecava ao criticar o presente e buscar no passado a solução do que acreditava estar errado na sociedade ateniense, do período conhecido como Século de Péricles, período de ouro e também de desmoronamento de Atenas, devido às inúmeras guerras civis. Moisés, um líder a guiar o povo hebreu sob a moral dos Dez Mandamentos, ao invés de libertar, condenava o povo eleito a uma vida de aceitação das misérias em prol de viver no paraíso post-mortem durante o Êxodo.

Evocando as ações dos cidadãos gregos acostumados em praça pública a exigir seus direitos, compara à época de Pompeu Filho marcada por uma tristeza, por ruínas e pelo

²⁹¹Ibid. p.229.

²⁹²Ibid. p.228.

²⁹³Ibid. p.229.

²⁹⁴Ibid. p.229.

isolamento dos laboratórios e gabinetes, eis um pouco da visão de Rocha Lima sobre a cidade de Fortaleza percebida por ele, como uma cidade de cidadãos marcados por uma tristeza, sem reivindicar em praça pública seus direitos, e tantos outros isolados em seus interesses e egoísmos. Retomamos a ideia da epígrafe de abertura deste subtítulo, em que Rocha Lima lamenta “aquele que busca no passado uma chance de futuro”. A sociedade, os gladiadores do pensamento deviam buscar no presente a realização do futuro.

Os gladiadores da palavra diferenciavam-se por serem pensadores, oradores e jornalistas que utilizavam o pensar e a escrita com o único intuito de conquistar a adesão dos leitores pela palavra ornada e não pelas ideias defendidas, seriam, portanto os artistas da palavra. No artigo “O Nosso jornalismo” publicado no jornal *Cearense* em cinco partes²⁹⁵ Rocha Lima compara a imprensa política do Ceará a francesa²⁹⁶:

Este sistema de impressionar e arrastar os espíritos pelo magnetismo da frase converteu o jornalismo e o parlamento franceses em um circo olímpico, onde vão lutar os gladiadores da palavra. O chiste, a graça, a metáfora, o *esprit* são armas quase sempre empregadas nestes certames, onde se procura conquistar a adesão, mais por amor da eloquência triunfante, do que pelos benefícios resultantes da convicção gerada²⁹⁷.

Ao comparar a imprensa política francesa à cearense Rocha Lima elege os espaços do jornal e do parlamento como lugares de debates, enfrentamentos e busca por adesões. Distingue os que buscam adesões pela beleza da palavra inflamada, pelas sensações estéticas provocadas; daqueles que buscam adesões por convicção de realizar um projeto de bem comum.

Os gladiadores da palavra não objetivavam estudar e transformar a sociedade vivida. Enquanto que um gladiador do pensamento viveria em função de garantir a realização e manutenção do bem comum, portanto, dedicaria seu tempo para estudar as sociedades ao longo do tempo, pontuando suas características e ações, para em fim, proporem as modificações necessárias. Entretanto, Rocha Lima pontuou que quando esse estudo era incompleto - sobre a sociedade e suas dinâmicas políticas, sociais e econômicas - gerava uma cegueira funesta e inutilizava até os mais vigorosos combatentes, e as sociedades modernas

²⁹⁵ Jornal *O Cearense*. Fortaleza, 16 de janeiro de 1876. p.2.

²⁹⁶ No mesmo artigo “O Nosso jornalismo”, Rocha Lima em seguida de apontar a ação dos gladiadores das palavras, ressalta em defesa de outros pensadores franceses: “E não pense que a pátria de Mirabeau só haja artistas da palavra no cenário [...]”. In. Rocha Lima. op.cit. p. 246.

²⁹⁷ Id. Ibid. p.246.

acabavam por se dividirem em dois campos inconciliáveis, que a seu turno se subdividiam em tantas ramificações quantas são as tendências cegas de cada um. Em suas palavras:

Se nas esferas superiores do pensamento, quer os combatentes chamem-se Darwin ou Hegel, Comte ou Spencer, Saint-Simon ou Fourier, Babeuf ou Karl Marx, nenhuma dúvida anuviaria a gigantesca fé em uma evolução contínua e solidária, entre todas as partes do organismo social na arena mais acanhada da política, onde as ideias com os instintos, a reflexão com os ímpetos do temperamento, uma deplorável obscuridade, diremos mesmo, uma cegueira funesta inutiliza para a luta profícua os mais vigorosos gladiadores. Provém tão sinistro resultado do estudo incompleto que cada um faz da sociedade, de seus fins e meios de realiza-los, de suas necessidades, de seus encargos e deveres, e, por consequência, da atitude que todos tomam segundo a ideia que fazem das coisas²⁹⁸.

Os pensadores citados acima realizaram estudos sobre os problemas enfrentados por suas sociedades, buscaram identificar os motivos e propuseram soluções. Ineficazes na visão de Rocha Lima, pois cada pensador “isolou-se” do conjunto social, suas posições segmentárias abriram mão do bem coletivo. Incompatível com a atuação de um vigoroso gladiador do pensamento que como um filósofo deveria tomar a ciência como método e instrumento na busca de compreender o estado das ações para melhor construir seus resultados – pesando, medindo e avaliando todas as ações que poderiam ter concorrido para o resultado analisado.

Propor um projeto para toda uma sociedade não poderia ser em nome de um único segmento desta, nem passar por cima das liberdades individuais simultaneamente renunciando aos interesses coletivos.

Toda palavra deve representar um pensamento, uma ação que busca mudanças em prol do bem estar coletivo.

Segundo Rocha Lima, cabia ao “operário do progresso trabalhar em favor das ideias que servem de farol aos Argonautas do futuro”²⁹⁹. Frase de especulação filosófica e histórica, na qual sintetizamos a concepção de Rocha Lima sobre o papel do tempo nas dinâmicas e transformações sociais, importante para aqueles que pretendiam estudar e propor caminhos para a sociedade. Desta forma, os estudos buscavam na análise sociológica e histórica as condições de existência de certas práticas e culturas. A noção de filiação histórica em Rocha Lima é bem definida e compreendida como “cada um em seu tempo e seu lugar”, ou seja, o tempo Presente filia-se ao tempo Passado, sem buscar nesse um modelo, ou um

²⁹⁸Id. Ibid. p.318.

²⁹⁹Ibid. p.161.

guia seguro de eventos repetíveis. Assim, como o tempo Futuro, longe de uma noção de incertezas, representava o lugar das realizações semeadas no tempo Presente. Todas as críticas e análises de Rocha Lima propunham ações a serem praticadas no tempo Presente. O Passado servia as reflexões, possibilitava instrumental de análise e fundamentação teórica.

O passado era composto por experiências de vida, entretanto não deveria ser tomado como receita para as ações no Presente, nem como justificativa dos problemas enfrentados. Como já o dissemos, para Rocha Lima *triste era a condição de uma sociedade que apelava para o passado em busca do futuro*. Não afirmamos que sua posição refletia uma concepção *presentista* da história, de um eterno tempo Presente, nem da concepção agostiniana de um *eterno retorno*, o Passado não guiaria o Presente. Portanto, o Passado não serviria de modelo ao tempo Presente; a história para Rocha Lima não seria a *magister vitae* dos Oitocentos. Por isso, o *operário do progresso* deveria estar interligado aos demais operários, debatendo, propondo caminhos. Eis o sentido que encontramos e inferimos a Academia Francesa, um lugar de formação dos operários do progresso; e a Escola Popular o de propagação, multiplicação dos operários - seria então, um lugar de preparação, de desenvolvimento da inteligência, esta geradora de outras virtudes.

A Ciência gera virtudes que ninguém pode desconhecer

A ciência cria virtudes que ninguém pode desconhecer. Enumerá-las seria escrever a história de nossa emancipação de todas as fatalidades do destino. Fatalidade, sorte ou destino, meus senhores, foram deploráveis sinônimos com que disfarçamos nossa fraqueza ou ignorância. Basta dizer-vos que a inteligência, tendo por menagem o mundo inteiro da verdade; à vontade, tendo por única disciplina a prática do bem: - eis os únicos instrumentos para fazer desta terra o paraíso colocado no princípio dos tempos pelo legislador dos hebreus³⁰⁰.

Ciência. Inteligência. Vontade. Palavras-ações pronunciadas por um jovem de 21 anos em seu discurso diante dos membros e convidados do primeiro aniversário do Gabinete Cearense de Leitura, em dois de dezembro de 1876. Ciência, inteligência e vontade, nos lábios de Rocha Lima foram pronunciadas como profecias do seu ideal de formação de uma nova civilização. Uma civilização guiada por uma moral construída pela inteligência, mediadora das motivações, escolhas e ações; conectada por um sentimento solidário e fortalecida por uma vontade batalhadora pelo bem estar em comum. Eis a chave de leitura e compreensão do pensamento de Rocha Lima: a inteligência tendo o conhecimento como “o

³⁰⁰Ibid. p. 97.

principal ponto de poder e o último reduto de defesa” da humanidade, sendo a ciência seu principal instrumento de produção do conhecimento e a vontade altruísta realizando o necessário para se viver neste mundo o “paraíso post-mortem prometido pelo cristianismo”.

Se considerarmos as palavras como geradoras de significados, destacamos o uso da palavra *Menagem*, palavra de origem francesa, termo usado desde o período medieval para significar *prisão fora do cárcere*, uma concessão que se faz a um prisioneiro, de ter como cárcere a própria habitação, ou uma fortaleza determinada, ou até mesmo o recinto de uma vila ou cidade, dentro da qual pode livremente transitar³⁰¹. A acrópole ideal de Rocha Lima seria esse lugar de trânsito livre e seus cidadãos teriam na inteligência seu principal ponto de poder e último reduto de defesa. Sua missão seria provocar reflexões e conquistar adesões ao plano de constituição da cidade ideal, eis a característica principal de seus escritos.

3.2 - Narrativa Filosófica: os escritos do pensador Rocha Lima.

A moderna crítica teve entre nós um grande intérprete. Chamou-se Rocha Lima, e foi uma heroicidade modesta, uma consciência imaculada. Viveu ignorado das sumidades literárias do país e só as encontrou no seu caminho com o ar catedrático dos primeiros ocupados. Em julho do ano passado deixou de viver, e com ele perdeu a moderna geração um dos seus mais valentes companheiros e a mais completa das suas vocações críticas. O livro póstumo de Rocha Lima – *Crítica e Literatura*, só incompletamente deixa ver o autor³⁰².

O processo de interpretação exige intérpretes que “são veículos de lógicas sociais e de estratégias individuais, exprimem-se através de modelos discursivos e fazem-se eco das crenças e valores [e respectivos combates] próprios do seu tempo”³⁰³. O intérprete é parte integrante da interpretação. É sujeito ativo e participativo. Tomamos a reflexão de Vilas Boas sobre o homem e sua obra, na qual destaca que “refletir sobre uma vida vivida pode ajudar a compreender os estados e as motivações do sujeito que é obra e da obra que é sujeito”. Vilas Boas parte das reflexões de Merleau-Ponty sobre o pintor Paul Cézanne:

³⁰¹ **Diccionario da Lingua Brasileira.** Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832.

³⁰² *O Cearense*. Fortaleza, 27 de agosto de 1879, p.2. Nota transcrita da Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 28 de junho de 1879.

³⁰³ MAURÍCIO, Carlos. **A Invenção de Oliveira Martins:** Política, Historiografia e Identidade Nacional no Portugal Contemporâneo (1867-1970). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005. p. 11-12.

Merleau-Ponty escreveu que acreditamos que Cézanne trazia em germe a sua obra porque conhecemos a sua obra antes e vemos através dela as circunstâncias da vida, carregando-a de um sentido que, na verdade, é dado à obra, não à vida. Merleau-Ponty não defende que a vida “explica” a obra, embora estejam ligadas, mas sugere que a obra a ser feita exigiu de Cézanne certa vida, ou vice-versa. [...] Só a *posteriori* encontramos o significado de termos nos tornado o que éramos, como insinua Merleau-Ponty³⁰⁴.

Pensar e escrever sobre Rocha Lima e sua obra, seus escritos, é estar disposto a ser um intérprete, já sabendo que a interpretação jamais será o Rocha Lima e nem poderá dizer com rigor o que significavam seus escritos. Assim como, Rocha Lima enquanto intérprete dos autores que leu e apreendeu, não poderá ser integralmente separado de suas análises e reflexões. Encontra-se amalgamado: ele tornou-se parte delas, e elas parte dele. Suas leituras constituíram sua personalidade, e sua personalidade forjara compreensões que jamais poderemos circunscrever sem perdas. Aceitamos o desafio *de devorarmos ou sermos devorados*. Caberá ao nosso leitor, também intérprete, decidir.

Crítica e Literatura: uma coletânea dos escritos de Rocha Lima.

Escritos, artigos diversos, de épocas diferentes. Neles identificamos uma linha de raciocínio, na qual se sobressai o ideal de formar uma nova sociedade composta por homens de virtude e de caráter que trabalham pelo bem maior, o bem social. Textos reunidos e prefaciados por Capistrano de Abreu, publicados dois meses após sua morte em 1878. Em pouco tempo, seu livro passou a ser indicação de leitura para a mocidade brasileira:

Não obstante, o livro é um corpo de doutrina atlético e sadio, que abrange a literatura nas suas três grandes manifestações, o romance, o drama e o poema, e a ciência pela história, a moral e a política. O aço de sua pena era temperado nas forjas inextinguíveis em que temperaram as suas: Auguste Comte, Littré, Spencer, Bornouf, Stuart Mill, os obreiros da renovação moral e intelectual da humanidade contemporânea. [...] Rocha Lima foi um homem de trabalho sério, amava a ciência apaixonadamente e que só a ela se sacrificava. Muito moço para ter interesses partidários, só o que era nobre e puro merecia-lhe respeito. O seu livro é testemunho eloquente do seu caráter, e, se a sabedoria pode ser julgada em relação à idade, a *Crítica e Literatura* é um livro escrito por um sábio de vinte e três anos. A mocidade brasileira ganhará muito em lê-lo e meditá-lo³⁰⁵.

³⁰⁴BOAS, Sergio Vilas. **Metabiografia e seis topicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. São Paulo: USP, 2006. p. 24-25.

³⁰⁵*O Cearense*. Fortaleza, 27 de agosto de 1879, p.2. Nota transcrita do Jornal *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1879.

A memória sobre Rocha Lima criada e compartilhada por seus amigos e pelas épocas posteriores misturou o homem e a obra de modo que seus escritos passaram a representar um ideal de pensador, modelo a ser seguido.

A obra pertence ao pequeno numero daquelas que deve possuir em sua estante todo aquele que quiser dizer, sem envergonhar-se, que ama o Brasil e as suas letras. Sua morte foi para a pátria uma grande perda. O livro foi-nos oferecido pela mãe do autor, a quem por certo nada poderá consolar de ver subitamente aniquiladas tão brilhantes esperanças³⁰⁶.

A morte de Rocha Lima tornou-se insígnia para a nova geração cearense, que não mais podia dormir, ou morrer. Assim, publicou o Jornal *O Cearense* quatro dias após seu falecimento:

Raimundo da Rocha Lima
To die, to sleep, no more.
Shakespeare, Hamelet.

Vai muito longe a série de desgraças, que oprime a terra de nossa pátria. Por cada alvorecer dessas manhãs esplêndidas conta-se um golpe a mais. E só nos resta, em face do vácuo que se faz dia por dia no lar da família, no seio da sociedade, a resignação do ceticismo que arrancou dos lábios do poeta inglês esta frase terrível de desconforto: *to die, to sleep, no more...* A humanidade vive eternamente e eternamente morre. É um condenado que se atirou aos pés do destino, algoz inexorável e a quem se infligiu um suplício sem fim – lutar e sofrer. Em vez de coroas de louros, o preço de suas vitórias é a palma do martírio. [...] É então que a consciência individual harmoniza-se, funde-se no sentimento universal para não desfalecer e absorver-se no *nirvana*. Resta-nos essa modalidade de consciência para não desfalecermos diante do túmulo que guarda para sempre os restos do que foi em vida Raimundo Antonio da Rocha Lima. É cedo ainda para vir a crítica de escarpelo em punho cumprir seu dever; é tempo porém de desabafar os soluços que nos esmagam o coração, vendo desaparecer dentre os vivos esse sábio de 22 anos, que era ao mesmo tempo o objeto de todos os afetos de sua mãe, o orgulho de seus amigos e uma das mais belas esperanças de sua pátria inditosa³⁰⁷.

Pátria inditosa - desventurosa, desgraçada, infeliz. Rocha Lima fora mais um golpe a marcar uma terra, o Ceará, que morria e dormia. Rocha Lima, um sábio de 22 anos³⁰⁸, se tornaria uma bandeira de luta, um símbolo de verdadeira atuação no cenário social nas várias notas de despedida publicadas em jornais locais e da corte. Notas que o tornaram uma espécie de mártir, um gênio:

³⁰⁶ *O Cearense*. Fortaleza, 02 de julho de 1879, p.2. Nota transcrita do Jornal carioca *O Cruzeiro*.

³⁰⁷ *O Cearense*. Fortaleza, nº66, 01 de agosto de 1878. apud Rocha Lima. op.cit. p.361-362.

³⁰⁸ A idade de 22 ou 23 anos, não confere um erro, apenas ninguém escreveu a data, dia e mês, de nascimento de Rocha Lima, apenas o marco de 1855-1878.

O coração e o cérebro tiveram naquela organização debilíssima um desenvolvimento espantosamente precoce. Aos 16 anos tinha o coração aberto a todos os sentimentos nobres, o espírito disposto para todas as ideias novas. Antes de se manifestarem naquela natureza privilegiada as expansões do moço, revelara-se a profundidade do gênio. Seu primeiro voo foi para a ciência e para a liberdade³⁰⁹.

Um corpo frágil, débil. Uma mente, uma pena de aço. As metáforas utilizadas para significar e apresentar o morto Rocha Lima são fortes, carregadas de sentimentos, esperanças e decepções. Faz-nos pensar o porquê de Rocha Lima causar tamanha sensibilidade. Aos lermos seus escritos que são plásticos, imagéticos, em tons de pregação religiosa, pregação convicta em sua importância e dos objetivos a serem alcançados. Só pudemos compreender seus escritos como indícios de um ideal.

Os escritos de Rocha Lima são fragmentos de um texto maior, o seu ideal.

Os escritos de Rocha Lima são fragmentos de um texto maior, o seu ideal, que em conjunto formavam um plano de ação, no qual o fim era a felicidade humana neste mundo, compartilhada na Acrópole Ideal. Sua escrita era argumentativa, provocativa e poética, a qual, compreendemos enquanto uma *Narrativa Filosófica*, ou seja, uma narrativa organizadora das informações, criadora de efeitos de argumentação, explicação e reflexão, ou seja, criadora de um discurso, de um texto filosófico.

Narrativa Filosófica, enquanto escrita publicada e discursada em tribuna, funcionava como espaço e instrumento de luta social e política, tendo por objetivo provocar o pensamento crítico, propor caminhos para a transformação das ações dos cidadãos na cidade de Fortaleza e conquistar adesões ao projeto de constituir uma nova civilização, formada por uma sociedade solidária. Esse ideal orientou e formou a cultura letrada de Rocha Lima, na qual as leituras e os debates teóricos serviam como reflexão e fundamentação do seu plano de constituição da acrópole ideal. Assim, ao mapear seus escritos, observamos que os temas centrais de suas reflexões, o uso das teorias e o modo como construía sua escrita refletiam/sintetizavam sua preocupação maior: a vida em sociedade. Mesmo em suas análises que inicialmente indicariam somente uma crítica literária, encontramos indícios do seu ideal.

Observamos em seus escritos uma linha de raciocínio que orientava suas análises e tomava o desenvolvimento da inteligência - que conhece e pesa as ações e seus resultados, assim como as inércias e seus resultados, como a única força capaz de formar uma nova civilização, mediada por uma sociedade solidária. Desta forma, os escritos de Rocha Lima

³⁰⁹Rocha Lima. op.cit. p. 362-363.

foram lidos e compreendidos por nossa lente enquanto indícios desse ideal e de uma cultura letrada de um jovem pensador que proferiu discursos e publicou em alguns jornais locais, suas críticas e pensamentos marcados por uma experiência e uma compreensão leitora de pouco mais de oito anos³¹⁰.

Leitor intenso e pretencioso necessitava de conhecer o mundo, dialogar com os mortos e seus ensinamentos, dentre eles citamos alguns: Vacherot, Comte, Spencer, Quinet, Buckle, Littré, Locke, Hume, Taine, Ernest Renan, Michellet, Jacolliott, Bournouf, Musset, Stuart Mill, Shakespeare, Dantes, Dickens, Victor Hugo, George Sand, José de Alencar, Samuel Smiles, Camões, Rousseau, Lutero, Bossuet, Vico, Schopenhauer, Hegel, Karl Marx, Adam Smith, assim como, Euclides, Galileu, Kleper, Newton, Lavoisier, Sócrates, Platão, Homero, Aristóteles, Aristófanos; dentre tantos outros pensadores. Se precisarmos de categorias usadas pela historiografia, “rótulos”, Rocha Lima lia clássicos gregos, panteístas, metafísicos, positivistas, românticos, materialistas, espiritualistas, evolucionistas, deterministas, orientalistas, religiosos, socialistas etc.

A prática de leitura de Rocha Lima caracterizava-se pelo diálogo com os autores que lia e com seus coetâneos que debatiam sobre moral, sociedade, política e civilização. Rocha Lima entendia que toda sociedade era marcada e guiada por uma moral, portanto para constituir uma sociedade verdadeiramente solidária, a moral deveria ser constituída por reflexões racionais, ou seja, pela *Inteligência*, a única capaz de se colocar acima dos interesses de cada um, e basear-se no bem comum.

Djacir Menezes afirmou que a “intuição filosófica predomina de tal maneira nas críticas de Rocha Lima que os autores criticados são muitas vezes pretextos para a explanação de suas ideias”³¹¹. Djacir Menezes informa que Rocha Lima:

[...] falou a linguagem de sua época, o positivismo, o evolucionismo, o darwinismo, a crítica religiosa de Renan e Strauss, a crítica artística de Taine, a crítica orientalista de Burnouf e Jacolliot. Nunca cingiu os antolhos dos catecismos. Hoje, falaria a linguagem da filosofia e sociologia modernas, assimilando as contribuições que vêm de todos os quadrantes do horizonte, - Hegel, Marx, Weber, Mannheim, Dewey, todos os que colocam, acima dos privilégios e dos preconceitos, os ideias de justiça e *Fraternidade* humana. Autocracias políticas, sistemas ortodoxos, valores congelados, quaisquer nomes com que te cubras, ó recrudesciente estupidez humana, haverás de passar, como velhos tabus da proto-história do Espírito. Já o começaste a

³¹⁰ Os estudos de Rocha Lima e os momentos de confrontos de ideais demarcam o período de oito anos, dos 15 anos aos 23 anos, entre 1870 a 1878.

³¹¹ MENEZES, Djacir. Geração Afirmativa. IN: Rocha Lima. op.cit. p. 51.

passar: assim o esperam todos os Rochas Limas que, no domínio do pensamento, lutam pelo futuro³¹².

Rocha Lima lia ideias. Interpretava-as e usava-as segundo seu raciocínio e vontade de conquistar adesões ao plano de constituição da *Acrópole Ideal*, uma cidade de livres pensadores - Pátria do gênero humano.

A escrita como marca sensível de um tempo e de um ideal

Compreendemos a escrita enquanto uma prática social, um produto cultural, portadora de uma poética sociocultural, ou seja, marcas socioculturais como: ideias, imagens, imaginários, sensibilidades, costumes que circulam em determinada época histórica. Sem esquecer que a escrita também representa as inúmeras épocas apreendidas nas leituras que amalgamadas formam nosso mundo interior.

A dizer a verdade, toda coisa movente leva em si a medida de seu tempo; e este permaneceria mesmo se não houvesse nada de outro; não há duas coisas no mundo que tenha a mesma medida de tempo [...]. Existe, portanto (pode-se afirma-lo ousadamente) no universo, num só tempo, uma multidão de tempos³¹³.

A historiadora Sabina Loriga ao refletir sobre o indivíduo e o seu tempo histórico, encontrou no século XIX, especificamente em Johann Gustav Droysen, a ideia de que o gênio individual é composto por duas dimensões, a saber: as circunstâncias externas e a livre vontade. Vejamos,

[O século XIX] foi uma época que deu lugar a uma reflexão extremamente interessante e complexa sobre o “pequeno x”. Do que se trata? A expressão é de Johann Gustav Droysen, que, em 1863, escreve que, se chamamos *A* o gênio individual, a saber, tudo o que um homem é, possui e faz; então este *A* é formado por $a + x$, em que *a* contém tudo o que lhe vem das circunstâncias externas, de seu país, de seu povo, de sua época etc., e em que *x* representa sua contribuição pessoal, a obra de livre vontade³¹⁴.

O “o pequeno x” traduz e responde a nossa inquietude de não aceitar o enquadramento de Rocha Lima enquanto um adepto do Positivismo, um representante da elite fortalezense, e somente através desta lente historiográfica compreender e significar os seus escritos. O “pequeno x” representa o mundo interior e individual, em que dá sentido às ações

³¹²Id. Ibid. p. 66-67.

³¹³HERDER, Johann Gottfried apud LORIGA, Sabina. **O pequeno x – da biografia à história**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p.121.

³¹⁴Loriga. op.cit. p.14.

e aos pensamentos de um sujeito histórico. Esse mundo já não é mais acessível, somente fragmentos nos deram vestígios do seu ideal.

Retomamos nossa problemática de que Rocha Lima e seus confrades de Academia Francesa foram compreendidos e significados a partir de uma interpretação do período vivido no século XIX, das grandes ideias em voga inscritas no positivismo, evolucionismo etc., produzindo a historiografia uma Narrativa Itinerária, a qual engessou/explicou as atuações dos membros da Academia Francesa, por conseguinte, Rocha Lima, como produtos de um repertório de leituras e teorias e interesses de uma recente classe média que tomava consciência de sua condição de dirigente. Observamos que essa interpretação não partiu do estudo analítico dos escritos de Rocha Lima, reunidos na sua obra póstuma *Crítica e Literatura*, mas do compartilhamento da visão de que o século XIX, especificamente a década de 1870, como reprodutora das teorias que revoaram da Europa para o Ceará, para o Brasil. Lembramos que é imprudente tomar o homem—seu tempo—sua obra como uma relação funcional de causa e efeito.

Devemos trabalhar a partir da ideia de que é uma relação reflexiva homem-tempo-obra, considerando a tríade afetação-sensação-representação. Explicamos: há uma sensibilidade no indivíduo que corresponde a uma afetação e a uma forma de representa-la. Longe de configurar uma “expressão matemática” ou uma *lei*, propomos que as leituras feitas pelo círculo da Academia Francesa e o uso de suas concepções teóricas não determinaram um papel fixo para seus membros. Cada um buscou e tirou das leituras o que correspondia a sua visão de mundo e aos seus anseios. Rocha Lima buscava nos autores que lia e comentava concepções sobre sociedade e seus membros, orientado por seu plano de vida. Portanto, suas análises eram de um filósofo engajado na causa da humanidade, e não de um crítico literário que desejava combater o romantismo como escola literária. Como disse Djacir Menezes: “suas críticas eram muitas vezes pretextos para a explanação de suas ideias”.

As palavras-ações que funcionaram como eixos de sua Narrativa Filosófica

Encontramos nos escritos de Rocha Lima, os mesmos temas de reflexão sobre: a formação do indivíduo e sua participação na sociedade, assim como, o papel da mulher em educar, os papéis da religião e da ciência em constituir uma moral que orientasse a sociedade do século XIX. Nesses escritos: artigos diversos, de épocas diferentes, identificamos uma linha de raciocínio, na qual se sobressai o ideal de formar uma nova sociedade composta por homens e mulheres de virtude e de caráter que trabalham pelo bem supremo, o bem social. Essa linha de raciocínio configurou-se pela fé na *inteligência* como propulsora das mudanças.

Acompanhemos o seu discurso pronunciado no Gabinete Cearense de Leitura, em dois de dezembro de 1876, em comemoração ao primeiro aniversário do Gabinete Cearense de Leitura:

Minhas senhoras, meus senhores.

Desde o berço viu-se o homem acabrunhado ao peso da fatalidade: de um lado as energias da natureza oprimindo-o com o rigor inexorável de uma divindade, surda a nossos lamentos, inconsciente de nosso sofrer; de outro um tumultuar infernal de instintos grosseiros, de necessidades opressoras, de desejos irracionais. E na face vertiginosa deste abismo boiou o primeiro raio de inteligência humana como o íris da bonança nas sombras pavorosas de uma tempestade. É um conflito de forças, senhores, cada qual a mais invencível. Os povos, em sua ingenuidade primitiva, simbolizaram essa luta da luz e das trevas, da liberdade e da fatalidade, da regeneração e da perdição, criando entidades superiores ao mundo; cada povo, na penumbra da história, assistiu a esse combate sem tréguas, que travou-se [sic] por toda a extensão do tempo e do espaço³¹⁵.

Nesse discurso Rocha Lima defende sua tese principal: a transformação da realidade através do desenvolvimento da inteligência. A confiança na crença de que a inteligência aliada à vontade pode transformar o homem e a moral que o guia é muito forte. Seu discurso é argumentativo e comemorativo, afinal o Gabinete Cearense de leitura completa um ano de ação, de difundir o conhecimento. Sua narrativa argumentativa aponta os condicionamentos da moral cristã, da submissão da mulher a este condicionamento e o papel dos membros do Gabinete de contribuir com a inclusão da mulher na nova educação no seio da família direcionada a formação do cidadão.

À mulher, meus senhores, compete esta iniciação, a mulher emancipada da superstição, absorvida do crime que lhe imputam os Moisés, de haver perdido o gênero humano; à mulher esposa e mãe de seus semelhantes; superior à serpente tentadora; à mulher que traz em suas entranhas o futuro, em seus lábios a consolação, - em sua alma o orvalho do amor.³¹⁶

As palavras de Rocha Lima misturam sentimentos e concepções sobre o papel da mulher na formação da sociedade. Ao defender a participação da mulher, Rocha Lima analisa a condenação religiosa da mulher, responsável esta pela expulsão do homem do paraíso, do conhecimento do bem e do mal. Sua visão sobre a mulher é poetizada, representa-a como um ser de amor e de força, responsável pela regeneração do futuro. Além da cristandade, o

³¹⁵O *Cearense*. Fortaleza, 10 de dezembro de 1876. p. 2. Ver também Rocha Lima. op.cit. p.85.

³¹⁶Rocha Lima. op.cit.p.91-93.

homem também tinha uma dívida a pagar, e Rocha Lima parabeniza o fato da mulher poder participar dos círculos letrados;

A prova, meus senhores, de que esta anomalia já lhes pesa profundamente, é a sua presença nesta casa [Gabinete Cearense de Leitura] e em todas as festas da inteligência e do progresso. Essa pobre Ifigênia não reclama por seus direitos, e por um escrúpulo maravilhoso e sem exemplo de nunca exigir prerrogativas quando ainda lhe restam deveres a cumprir³¹⁷.

Na cultura grega, Ifigênia era a filha mais velha do herói Agamenon, representa o símbolo do auto sacrifício feminino, seu nome traduz uma imagem sobre a mulher: um ser forte desde o nascimento. Além de representar a visão de Rocha Lima sobre as mulheres, lembrando que nasceu e cresceu entre mulheres (mãe, avó, tia e primas), Rocha Lima retoma em seu discurso um tema constante na década de 1860 nos jornais, sintetizando-se em sua ideia de que “o lar – asilo de sentimento – deve também o ser o depósito das grandes ideias regeneradoras. A família não pode separar-se da sociedade como a célula não pode separar-se do organismo”³¹⁸.

A sociedade seria a porta de acesso para a *acrópole ideal*. Eis porque Augusto Comte tornou-se um dos pilares nos discursos de Rocha Lima, pois o teórico propôs uma ciência dedicada ao estudo e a compreensão da sociedade.

Augusto Comte e o Positivismo

Capistrano de Abreu foi talvez o primeiro a identificar Rocha Lima como um adepto do positivismo, mas sempre com o cuidado de ponderar as demais influências teóricas. Outros também assim caracterizaram a postura e a atuação de Rocha Lima enquanto pensador e crítico literário. Como positivista, também foi compreendido e representado pela historiografia. Mas, em nenhum de seus artigos Rocha Lima autodenomina-se positivista.

Refletimos sobre a importância de se pensar o enquadramento teórico de Rocha Lima relacionando ao contexto histórico e à posição de quem o enquadrava. Todo o século XIX foi demarcado por fortes embates políticos, religiosos e sociais. O Ceará desde 1817 participava ao lado de Pernambuco das revoltas promovidas no Nordeste contra o poder centralizador de D. Pedro I. As influências dos textos iluministas, dos artigos de jornais internacionais que informavam sobre as revoluções ocorridas no velho mundo [Europa] ameaçando ou transformando o estado absolutista em estado republicano, das mudanças

³¹⁷Id. Ibid. p.94.

³¹⁸Rocha Lima. op.cit. p.94.

provocadas pelas novas tecnologias industriais, a aceleração do tempo cotidiano pelas novas práticas faziam parte dos círculos de discussões que pensavam o papel da mulher, da igreja e dos cidadãos na nova dinâmica citadina. As teorias e seus teóricos serviam como reflexão e fundamentação para os novos discursos, embates caracterizados como o encontro entre os *antigos* e os *modernos* na análise de Celeste Cordeiro.

Desta forma, Rocha Lima apontado na época como um exemplo de homem dedicado à causa da civilização, da pátria, identificado como positivista poderia ser mais um exemplo a legitimar a força da política do positivismo no Brasil. Não nos esqueçamos de que a década de 1880 foi a “virada” de poder político no Brasil: a libertação dos escravos, a Proclamação da República, a separação do Estado e da Igreja, o poder civil como organizador da velha sociedade brasileira. As décadas anteriores serviram de gestação desse momento.

Entretanto, se pensarmos a posição historiográfica de (re)significar atuações e acontecimentos históricos, de produzir e analisar escritas da história notaremos que o enquadramento do positivismo é negativo. Representar um sujeito histórico como positivista é reduzi-lo a um pensamento de elite ultrapassado e limitado.

Michael Löwy, segundo sua análise sobre o positivismo³¹⁹, diz que se se tentasse formular o que seria o tipo ideal do positivismo, poderiam ser selecionadas três ideias principais, a saber:

A sociedade humana é regulada por leis sociais idênticas as leis naturais; [...] os métodos e procedimentos para conhecer a sociedade são exatamente os mesmos para se conhecer a natureza; [e por fim, a terceira ideia] da mesma maneira que as ciências da natureza são ciências objetivas, neutras, livres de juízo de valor, de ideologias políticas, sociais e outras, as ciências sociais devem funcionar exatamente segundo esse modelo de objetividade científica. Isto é, o cientista social deve estudar a sociedade com o mesmo espírito objetivo, neutro, livre de juízo de valor, livre de quaisquer ideologias ou visões de mundo, exatamente da mesma maneira que o físico, o químico, o astrônomo etc.³²⁰. [grifos nossos].

Para Michael Löwy o método positivista tem como fundamental ideia de que “a ciência só pode ser objetiva e verdadeira na medida em que eliminar totalmente qualquer interferência desses preconceitos ou prenoções”³²¹. Ou seja, análises sem interferências de ideologias e juízos de valor. Löwy informa que o positivismo “moderno”, do XIX, era filho legítimo da filosofia das luzes do século XVIII, teria mesmo em um primeiro período um

³¹⁹LÖWY, Michael. **Ideologia e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 19ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

³²⁰Id. Ibid. p.38-39.

³²¹Id. Ibid. p.39.

caráter utópico, quer dizer, teria uma visão social do mundo de dimensão utópica, crítica e até certo ponto, revolucionária, pois, surge “no momento em que se desenvolve a filosofia das luzes – o enciclopedismo – e a sua luta contra a ideologia dominante, na época a ideologia clerical, feudal, absolutista”³²². Principalmente, porque credita ao filósofo Condorcet, ligado à Enciclopédia, as primeiras formulações de maneira mais precisa de uma ciência da sociedade de caráter semelhante à de uma matemática social, ou seja, uma ciência dos fatos sociais, verdadeiramente objetiva, pois Condorcet na sua época era contra:

[...] o controle do conhecimento social pelas classes dominantes da época, isto é, pela Igreja, pelo poder feudal, pelo Estado monárquico que se arrogava o controle de todas as formas de conhecimento científico. Trata-se, então, de romper com esse controle do conhecimento e observar nas ciências sociais um desenvolvimento tão científico, objetivo e seguro, quanto o das ciências naturais³²³.

Seguindo os passos de Condorcet, seu discípulo, Saint-Simon será o primeiro filósofo a utilizar o termo *positivo* aplicado à ciência: ciência positiva. Löwy apresenta que Saint-Simon:

[...] pretendeu formular uma ciência da sociedade segundo o modelo biológico. Para ele, a ciência social tem por modelo a fisiologia. Ele chama a nova ciência da sociedade de fisiologia social. Mas, também no caso dele, ainda mais que em Condorcet, essa reflexão tem uma dimensão crítico-utópica. Saint-Simon era um socialista utópico, sua análise, em sua fisiologia social, tem como finalidade demonstrar que, por exemplo, certas classes sociais são parasitas do organismo social, referindo-se aí à aristocracia e ao clero. Neste caso, a fisiologia social tem uma força crítica de oposição à ordem estabelecida³²⁴.

Segundo Michael Löwy a ideia de positivismo nasce com Condorcet e Saint-Simon enquanto visão social de mundo, como uma concepção da ciência social de aspecto utópico-crítico, ou seja, aspecto de crítica de oposição à ordem estabelecida. Mas o que seria esse aspecto utópico-crítico? Como se caracterizaria uma visão social de mundo? Michael Löwy ao discutir conceitualmente o termo *ideologia* sobre explica que a visão social de mundo poderia ser de dois tipos:

[...] ideológicas, quando servissem para legitimar, justificar, defender ou manter a ordem social do mundo; visões sociais utópicas quando tivessem

³²²Ibid. p.39.

³²³Ibid. p. 40.

³²⁴Ibid. p.41.

uma função crítica, negativa, subversiva, quando apontassem para uma realidade ainda não existente³²⁵.

Pensando o termo *utópico* enquanto crítica à visão social de mundo, crítica à ordem estabelecida, considerando que a ordem estabelecida era feita pelos grupos privilegiados, temos a palavra *utopia*³²⁶ significadora de uma posição crítica diante a sociedade existente e que propunha outra sociedade que ainda não existia em lugar nenhum. Portanto, o termo *utópico-crítico* teria a função de analisar criticamente a sociedade vigente e propor as mudanças. Visão social que muito se assemelha a postura de Rocha Lima, diferente da posição tomada por Augusto Comte, que apesar de “se considerar continuador de Condorcet, de Saint-Simon, mas com uma diferença fundamental, ele os considerava demasiadamente críticos, negativos”³²⁷.

Para Comte, o pensamento tinha de ser completamente positivo, “dever-se-ia acabar com toda a crítica e negatividade, isto é, com a dimensão revolucionária desse pensamento”³²⁸. Em Comte, o positivismo ganhou ares conservadores. Comte “se queixa da disposição revolucionária de Saint-Simon, com as quais ele está inteiramente em desacordo [...]. Ele explica que seu método positivo deve se consagrar teórica e praticamente à defesa da ordem real”³²⁹.

Comte, inicialmente, denominou o positivismo de física social, ciência que tinha por objetivo estudar os fenômenos sociais, considerados de acordo com a sua proposta de hierarquia das ciências naturais: matemática, física, química, biologia etc., uma física social capaz de analisar e descobrir as leis sociais, estas deveriam ser invariável, natural, sem interferência da ação humana. Depois, Comte passou a chamar a física social de sociologia, mas continuou a aplicar os termos da física: estática e dinâmica para compreender o funcionamento da sociedade. Comte considerava uma tarefa importante da sociologia:

[...] explicar aos proletários essas leis invariáveis, porque são precisamente os proletários que precisavam ser convencidos desse caráter natural da concentração indispensável das riquezas nas mãos dos chefes industriais. Ele esperava que graças ao positivismo os proletários reconhecessem, com a ajuda feminina, as vantagens da submissão e de uma digna

³²⁵Id. Ibid. p.14.

³²⁶Palavra de origem grega, u-topos, que quer dizer *em nenhum lugar*. É o que não está em lugar nenhum, o que ainda não existe. Löwy esclarece que o termo *utopia* era usado como uma aspiração a uma ordem social, a um sistema social que ainda não existe em lugar nenhum e que, portanto, está em contradição com a ordem existente, com a ordem estabelecida. Löwy. Ibid. p.14.

³²⁷Löwy. Ibid. p. 41.

³²⁸Ibid. p.42.

³²⁹Ibid. p.42.

irresponsabilidade. [...] Para ele [Comte] a mulher é submissa e não tem nenhuma responsabilidade, e que isso é uma lei natural³³⁰.

O *Positivismo*, a partir de Comte, toma para si a tarefa de estudar e analisar a sociedade, tirando desse estudo as leis sociais que deveriam apontar para cada grupo social seu papel nesta sociedade, e de que deveriam aceitar resignados de sua “missão”. Portanto, segundo a análise de Michael Löwy, “o positivismo tendia poderosamente, pela sua natureza, a consolidar a ordem pública, pelo desenvolvimento de uma sábia resignação [...] a suportar com constância e sem nenhuma esperança de mudança, os males inevitáveis”³³¹. Caberia à ciência social analisar e identificar essas leis sociais e inevitáveis, portanto:

Aplicando esse princípio aos males políticos, ao desemprego, à miséria, à fome, à monarquia absoluta, que também são resultantes de leis naturais, tão inevitáveis e independentes de qualquer vontade social quanto às outras, a atitude correta, positiva, científica é, também nesse caso, de “sábia resignação”³³².

Em todas as passagens acima sobre a concepção de positivismo, enquanto teoria e método da ciência social em Augusto Comte, não pode representar Rocha Lima; pelo contrário, veremos que os escritos de Rocha Lima, aliás, os seus discursos sobre o papel da sociedade nas transformações, o papel da inteligência enquanto força propulsora das mudanças em nada lembra o ideal de Comte. Então, o que representou o positivismo nas análises de Rocha Lima? Qual conceito, tirado de Comte, Rocha Lima utilizou? Em suas palavras, ao responder uma carta de Filgueiras Sobrinho no Jornal *O Cearense*, Rocha Lima vê a filosofia positivista inauguradora de uma nossa fase mental³³³:

Embora não tenha eu a pretensão ousada de julgar-me discípulo do positivismo, sendo mister para isto uma ilustração enciclopédica, contudo cumpre-me, na medida de minhas forças, expor o método, as conclusões e o fim desta filosofia que se julga inauguradora de uma nova fase mental, social, política e religiosa³³⁴.

Ao responder a referida carta de Filgueiras Sobrinho³³⁵, Rocha Lima pontuou que a filosofia do positivismo merecia a maior atenção dos homens que pensam, em especial num

³³⁰Ibid. p.42-43.

³³¹Ibid. p.43.

³³²Ibid. p.43.

³³³Rocha Lima. op.cit. p.131.

³³⁴Ibid. p.131.

³³⁵A crítica de Rocha Lima ao drama em 4 atos de Filgueiras Sobrinho, intitulado “*Legenda de um Pária*”, publicada no nº11 do Jornal Cearense, em 7 de fevereiro de 1875, rendeu uma resposta de Filgueiras Sobrinho,

país em que reinava a mais completa ignorância científica e a maior indiferença religiosa. Primeiro alerta que o positivismo não poderia ser confundido com o materialismo, nos seus maiores representantes, Augusto Comte com L. Büchner. Pois, o positivismo, diferentemente do materialismo que “se julga capaz de inquirir as causas primeiras e finais, a origem e a substância das coisas, chegando ao fatalismo e ao ateísmo dogmáticos”³³⁶; acredita ter o papel de complementar as ciências e criar uma concepção de mundo, concluindo que “quanto mais abstrata é uma ciência, mais simples e mais primário o seu desenvolvimento”; portanto, a sociologia seria a mais complexa ciência, pois trataria das transformações e das permanências (dinâmica e estática) da sociedade. O positivismo:

[...] nega ao espírito humano a faculdade de investigar as causas primárias e finais como inacessíveis à cognição. Confrontados estes dois modos de entender a relatividade do conhecimento vê-se a diferença profunda entre o materialismo e o positivismo que V.Sa. [Filgueiras Sobrinho] desconhece, atribuindo à filosofia positiva o ateísmo em religião, e o despotismo em política [...]. Outra diferença radical pronuncia-se entre as duas escolas, no método empregado por elas para o estudo das sociedades³³⁷.

Rocha Lima ao identificar o positivismo enquanto uma ciência que busca conhecer e compreender a sociedade destacou a concepção sociológica de Comte sobre o conhecimento:

[...] a humanidade tem atravessado três fases de evolução mental, denominadas de estados: teológico, metafísico e positivo. A cada um destes estados, necessários na evolução mental, correspondem uma moral, uma arte e uma política, deduzidas de cada uma destas concepções. No estado teológico, o universo é considerado como um produto de vontades sobrenaturais e arbitrarias; a noção da lei ainda é embrionária e confusa; a vida é reputada um favor da divindade. Desta concepção teogônica [sic] resulta um sistema moral cuja feição mais característica é a subordinação inteira da criatura ao Criador, o sacrifício constante de sua existência à vontade de Deus, a abdicação completa de sua personalidade aos caprichos da Divindade. No período metafísico, a concepção do universo é puramente subjetiva; a consciência substitui a divindade e converte-se em uma potência infalível, onde se revelam as leis fundamentais do universo; o homem separa-se de Deus e do meio cósmico e social. É por isso que Kant denomina o dever um imperativo categórico, e Vacherot funda a obrigação moral na possibilidade que a razão tem de conceber a lei e que a vontade tem de cumpri-la. No período positivo estabelece-se a solidariedade histórica e

também publicada no mesmo jornal, em 5 de março do mesmo ano. Rendendo ainda uma contra resposta de Rocha Lima, publicada no Cearense, dois dias depois. Observamos que a crítica à *Legenda de uma Pária* ganhou grandes proporções, tornou-se um combate teórico e metodológico. Não se discutia o conteúdo em si, mas o papel dos personagens diante a sociedade do enredo. Os personagens acabaram por personificar um debate entre o materialismo, espiritualismo e o positivismo.

³³⁶Ibid. p.133.

³³⁷Ibid. p.135-136.

científica; o mundo toma seu lugar na legião dos astros e o homem o seu na galeria dos seres; o presente surge do passado e prepara o futuro por uma lei de filiação, inquebrantável e eterna; formula-se a verdadeira noção de lei, em substituição aos deuses do teologismo e às substâncias da metafísica; a moral de revelada passa a ser demonstrada; de intuitiva torna-se deduzida das leis científicas; a ação é julgada segundo os motivos que a determinam, como critério para avaliar da capacidade moral do indivíduo, e segundo as suas consequências, como *criterium* da justiça ou injustiça do ato³³⁸.

Nesta colocação, Rocha Lima já se diferencia da concepção de Comte. O positivismo, enquanto ciência social permitiria ao homem ocupar o seu lugar de ação nas transformações. Não mais esperaria ou se guiaria por uma moral revelada, mas seria capaz de julgar os motivos que determinam as *leis sociais*, não para obedecê-las resignadamente, mas para poder agir de forma justa. O homem em Rocha Lima é senhor de suas ações, mas para isso deveria desenvolver sua inteligência, a única capaz de guiá-lo para o bem social coletivo.

Inicialmente, precisamos entender o conceito de *lei* em Rocha Lima. “A natureza de todo fato científico é ser determinada ou determinável; determinar um fato é ligá-lo a uma causa próxima e explicá-lo por ela, isto é, ligá-lo às suas condições de existência”³³⁹. A ideia de lei ultrapassa uma submissão à ciência, até porque a ciência é um instrumento/um método da inteligência humana. A ciência na busca de compreender o estado das ações para melhor construir seus resultados, pesa, mede e avalia todas as ações que podem ter concorrido para o resultado. A lei em Rocha Lima não pode ser traduzida como algo eterno ou engessador, deve estar diretamente ligada às suas condições de existência, por isso, ligada a uma época e a um meio social. Assim, em todas as análises críticas de Rocha Lima considerava as condições sociais e históricas. Afinal, “a filosofia positiva não podia furtar-se à lei da relatividade, presidindo ao processo e aos produtos da inteligência”³⁴⁰. O discurso de Rocha Lima girava em torno de que toda sociedade estava diretamente ligada a uma moral e uma forma de conceber o universo:

A filosofia positiva, negando à inteligência o poder de investigar as causas primeiras e finais, reconhecendo na consciência moral um fato complexo, filho da educação e das ideias dominantes em cada época, desprende o homem dos deveres para com Deus para vinculá-lo à sociedade, como o organismo de que ele é uma molécula.³⁴¹

³³⁸Ibid. p.139-140.

³³⁹Ibid. p.146.

³⁴⁰Ibid. p.140.

³⁴¹Ibid.p.144.

A crítica de Rocha Lima não refletia sobre a crença religiosa, ou discutia a fé em Deus, discutia sobre a teologia enquanto um conhecimento sistematizado, até porque a entende enquanto uma moral a guiar a sociedade, e é exatamente neste ponto que se funda sua maior divergência com a prática e a moral cristã que pretendia ser absoluta³⁴² independentemente do tempo e do lugar, pois Rocha Lima compreendia que a moral devia estar diretamente ligada ao momento histórico vivido, ligada ao modo de pensar e construir as razões e os princípios a serem seguidos.

A filosofia positivista fundamentou o ideal de Rocha Lima de que os homens e as mulheres³⁴³ estariam conectados por uma sociedade solidária, guiados por uma moral que deveria ser constituída a partir da ciência que pesaria e avaliaria todas as ações com suas condições de existência e seus possíveis resultados. A sociedade solidária de Rocha Lima seria a formação de uma vida coletiva em que a prioridade seria a felicidade de todos. Essa sociedade surgiria com o desenvolvimento da inteligência, do combate à ignorância e do egoísmo que aleija a sociedade e separa seus membros. Eis o motivo que fez Rocha Lima combater a dominação da religião cristã em seu tempo, uma vez que o cristianismo era concebido por ele como uma moral, que fora importante para o desenvolvimento mental da humanidade, mas estava ultrapassada para a sociedade do século XIX.

Reconhecer a boa-fé dos primeiros legisladores na direção dos povos é a sentença justa e racional do nosso século. Não obstante esta reabilitação, a ciência reconhece hoje a insuficiência da moral teológica no governo da consciência e da sociedade. [...] a moral de revelada passará a ser demonstrada; o vício, já hoje está reconhecido, é para o organismo social o que o veneno é para o organismo humano. A substância tóxica introduzindo-se no corpo humano altera um órgão e, por consequência, a sua função; esta desorganização estende-se à molécula vizinha e assim por diante até ganhar todo o organismo que, interceptado no jogo de suas funções, constitui a morte. A insuficiência da moral evangélica já se faz sentir, mesmo em nossa sociedade, tão amiga da rotina e da indolência³⁴⁴.

A crítica de Rocha Lima ao cristianismo fundamentava-se principalmente por desprender o homem de seu semelhante; obriga-lo somente a prática de virtudes negativas, ou seja, a prática de ações impostas como meio de salvação e não como meio de melhorar a

³⁴²Ibid. p.140.

³⁴³Mais um ponto que distancia Rocha Lima de Augusto Comte, o papel da mulher na sociedade. Em Comte, a mulher deve resignar-se em sua em papel irresponsável e submisso, servindo de exemplo a todos os grupos sociais que não cambiam a si as rédeas da sociedade. A mulher para Rocha Lima, mesmo que em visão romântica, cabia a nobre missão de amamentar seus filhos com o leite do saber, dos conhecimentos úteis a formação de um cidadão vinculado a sua sociedade. Ver Rocha Lima. op.cit. p. 85-98.

³⁴⁴Rocha Lima. op.cit. p.195.

sociedade. Bem diferente do cidadão solidário consciente de sua participação e responsabilidade social, e do homem em Comte, submisso às leis e condicionamentos sociais:

O mundo é de expiação – vale de lágrimas – Josafá de torturas, aonde a pobre criatura vem despir-se de todos os desejos, sepultar todas as aspirações terrenas, resistir a todas as tentações, com os pés no lodo da culpa eterna e os olhos no reino ideal e deslumbrante da bem-aventurança. Ser caridoso, entregar todos os bens, não para melhorar o homem, mas para torturar-se e remir-se do pecado – eis como se deve compreender a doutrina do Gólgota. Em nossa atualidade, decrépita e inconsciente, não são palpáveis essas duas consequências? O cidadão não se julga eximido de toda responsabilidade pela marcha da sociedade a que pertence?³⁴⁵.

Era característico nas análises de Rocha Lima avaliar o processo histórico, social e cultural que dariam as condições de produção dos autores e das obras que avaliava. Por exemplo, ao avaliar a obra *O Caráter* do inglês Samuel Smiles, Rocha Lima discorre primeiramente sobre o pensamento inglês:

O fato é o único cabedal desse povo, a experiência o único instrumento, o bem-estar a única aspiração, a moral o único lado precioso da natureza. Deste último traço origina-se a hipocrisia como o grande vício nacional. Estas considerações levaram-nos à leitura do livro de Samuel Smiles, traduzido por Valdez e editado pelo Sr. Garnier. O livro não desmentiu nossa expectativa; quem percorrer suas páginas verá que ele traz todos os sinais do tempo, da raça e do país onde foi escrito. Abundam os fatos, falecem as teorias³⁴⁶.

A obra trata de um assunto muito caro a Rocha Lima, o caráter de um povo, a moral que guia esse povo:

O Caráter é talvez o mais interessante problema de psicologia moral, e, como o autor não pretendeu fundar uma doutrina, nem pregar um novo evangelho, porém sim corrigir e admoestar os homens, em vez de princípios, deu-nos preceitos e exemplos. O preceito é um princípio com sua aplicação prática determinada; o exemplo é a ideia personificada, o princípio em ação. O autor, sem aspirar à glória de filósofo, eleva-se à altura de consciencioso moralista prático, advogado eloquente e infatigável dos triunfos proveitosos da moral, manejando com habilidade os dois instrumentos moralizadores de sua simpatia: - o preceito e o exemplo³⁴⁷.

Pela primeira vez, dentre suas análises Rocha Lima em seu artigo sobre a obra intitulada *O Caráter* de Samuel Smiles inicia pela estrutura do autor de escrever e construir

³⁴⁵Ibid. p.196-197.

³⁴⁶Ibid. p.185-186.

³⁴⁷Ibid. p.186.

seu texto, mesmo que aponta muito mais as faltas sentidas que deveriam constar em *O Caráter*. Rocha Lima a partir da preocupação de Smiles em mostrar a parte utilitária das ações humanas, traz sua teoria de que é a inteligência que reflete e decide quais ações são benéficas ou funestas para a sociedade: “como avaliar as consequências benéficas ou funestas de um ato, se a inteligência não está no caso de prevê-las e por consequência de preveni-las?”. Rocha Lima diz que Smiles está próximo dessa constatação, tanto que solicita a leitura de bons livros, especialmente das biografias, como de um Washington ou de um Cromwell. Entretanto, Rocha Lima considera que:

A narração de um grande feito, a imagem de um grande vulto, a vida legendária dos heróis elevam nossa alma às regiões do sonho e do ideal, para cedo arremessá-la em desespero à realidade de sua condição, tão diversa da do herói. A epopeia, o drama, o romance são para o autor biografias fictícias, e só por isso, poderosas sobre o caráter do leitor, pelo motivo plausível de que o mais interessante para o homem é o próprio homem. Essas vistas são muito estreitas. O livro, tabernáculo do pensamento, não deve se reduzir à fiteiro de exemplos, onde o leitor, à guisa de visitante ocioso, vá apenas admirar³⁴⁸.

O livro e a ciência, para Rocha Lima, teriam “outra e mais elevada missão”:

[...] demonstrar, com dados científicos, a necessidade das boas ações, deduzir as suas consequências, encadear os seus motivos e efeitos, oferecer um guia seguro à inteligência inculta e vacilante, melhorar o homem pelo conhecimento de suas faculdades, necessidades, tendências etc. - eis o fim do livro e da ciência em sua aplicação às ações humanas. (...) o menor relance de vista sobre as eras que já foram evidenciará a conexão íntima da cultura intelectual com o desenvolvimento moral das sociedades³⁴⁹.

Nosso gladiador do pensamento defende que há uma conexão íntima entre a cultura intelectual com o desenvolvimento moral das sociedades; e se os interesses individuais, na marcha da civilização, identificassem-se a cada momento com os interesses sociais, ter-se-ia:

[...] a verdadeira noção de solidariedade humana, o conhecimento da inutilidade das torturas para as questões de consciência dirigissem a conduta daqueles homens, ter-se-iam poupado muitas vidas, evitado muitos desastres. Se a Convenção francesa reconhecesse que o Estado existe para o bem do indivíduo e não este para o bem daquele, a egrégia assembleia – píncaro da história da humanidade – na expressão elétrica de V. Hugo abandonar-se-ia à sua generosa tendência democrática, sem abismar-se ao Maelstron da centralização, que tragou os mais ousados e venerandos viajores dos mares

³⁴⁸Ibid. p.190.

³⁴⁹Ibid. p. 191.

da liberdade. A guilhotina, erguida como instrumento de ordem e de salvação pública, cairia em pedaços, se naquele horizonte de sangue, naquele oceano de tormentas se erguesse o sol da ciência social iluminando com seus raios a consciência vertiginosa do povo francês³⁵⁰.

A defesa de uma moral fundamentada na experiência da vida humana e na reflexão do que seria agir em função do bem comum, levou Rocha Lima estudar e criticar a moral religiosa católica, ou qualquer outra posição filosófica que tornasse o homem passivo. Essa posição contradiz o uso teórico de Comte, uma vez que este filósofo defendia a submissão da mulher e do povo, dos operários. O que nos leva a pensar que Rocha Lima tirou de Augusto Comte exatamente o que lhe era caro: a ideia de a sociedade poder ser analisada cientificamente, desta análise, se tirar leis sociais, que em Rocha Lima ganha outra conotação, as leis ajudariam ao homem entender a sociedade em que vivia e assim, poder muda-la.

A mudança não poderia ser em nome de um grupo ou de uma ideologia, mas em nome do bem comum. Esse homem, em posse de sua inteligência, seria capaz de deduzir as ações que prejudicavam a sociedade e constituir uma moral apta a guiar a civilização que se formava no século XIX. O que justifica sua crítica e visão sobre a moral cristã, compreendida por ele como “uma doutrina do calvário” que funcionou como um princípio de reorganização do corpo social até o século XIV, mas no século XIX funcionava como semente que faz germinar toda discórdia política, moral e científica.

Concepção que aproxima Rocha Lima da visão social utópico-crítica, de buscar conhecer e transformar a sociedade vigente e caminhar em direção ao mundo que ainda não existia, mas que tinha certeza de estar no futuro. O problema não estava em acreditar em Deus, mas crer que uma doutrina criada há mais de 19 séculos era o ideal para organizar e guiar uma civilização do século XIX, com outras experiências, necessidades etc. Uma nova doutrina deveria ser baseada na solidariedade humana, na vontade humana de agir em prol de um bem em comum: a felicidade nesta terra e não mais num paraíso post-mortem, sem segregar os povos de culturas e crenças diferentes, mas que no futuro pudesse ser universal. Diferentemente de Samuel Smiles, Rocha Lima define o caráter como passível de mudar, pois:

Se a vontade é determinada por motivos, e sempre governada pelo mais forte; se a inteligência, por sua vez, determina os motivos que provocam a autoridade – caráter é, psicologicamente, a propensão consistente do espírito em obedecer a certos e determinados motivos de ação. Partindo deste dado fundamental, torna-se evidente a autonomia da inteligência sobre o lado

³⁵⁰Rocha Lima. op.cit. p.192-193.

moral da natureza. Quem poderá conhecer as consequências da adoção de um motivo por outro a não ser a inteligência?³⁵¹

A cultura intelectual, segundo Rocha Lima, “faria o espírito reconhecer o valor dos motivos e o peso das consequências de seus atos. Seu desenvolvimento ocasionaria a melhora do senso moral, o revigoração da energia da vontade e a transformação da fatalidade da natureza”³⁵². A inteligência seria a força propulsora das transformações sociais e políticas. Tão diferente da concepção positivista de Comte que acreditava e defendia que era:

[...] tarefa do positivista era explicar aos estudantes que os fenômenos psíquicos e sociais são fatos como os outros, como os fatos naturais, são submetidos a leis que a vontade humana não pode perturbar. Como os fatos sociais não dependem da vontade humana, por consequência, as revoluções, no sentido próprio da palavra, são tão impossíveis quanto os milagres³⁵³.

Rocha Lima viu na sociologia de Comte, no determinismo de Claude Bernard, já filtrados por sua interpretação, uma chance para o homem tornar-se independente do peso apocalíptico da moral cristã e do fatalismo da natureza.

A existência de Deus sendo um problema insolúvel para a ciência, a moral positiva, que é sua filha, não podia estabelecer relações entre dois termos, um dos quais é desconhecido. Demais, sendo Deus a perfeição e a onipotência, segundo a teologia, para que precisa ele de nossos esforços? Não seria melhor empregar nossas forças para bem de nossos semelhantes do que para a glória de quem está acima da vaidade? Se a bondade é um dos atributos de Deus, diz St. Mill, o homem cumpre perfeitamente os desejos do Criador, cooperando para melhoramento das criaturas. Portanto, a moral utilitária não é ateuista e tende a tornar-se universal, à medida que caminha a ciência e que se estabelece a solidariedade entre o indivíduo e a sociedade³⁵⁴.

[...] A filosofia positiva [...] criou o *determinismo*, pelo qual o homem deixa de ser uma passividade diante de Deus e da natureza como no fatalismo teológico ou metafísico, para tornar-se um reagente contínuo, um Prometeu sem Cáucaso, que vai cada dia, pelo progresso de sua inteligência, roubando à natureza o segredo de sua onipotência. Se a natureza determina a vontade, a inteligência também pode determinar os motivos de suas ações³⁵⁵.

O determinismo em Rocha Lima não se vincula ao peso de condicionamentos naturais, sociais e culturais, nem de uma ciência neutra e implacável, mas a condição do

³⁵¹Id. Ibid. p.198-199.

³⁵²Ibid.p.198-199.

³⁵³Löwy. op.cit. p.45.

³⁵⁴Rocha Lima. op.cit.p.143-144.

³⁵⁵Löwy. Ibid. p.146-147.

homem de poder determinar um fato científico, ligando-o a suas condições de existência³⁵⁶, como ora mencionado. Por isso, Rocha Lima utiliza o método histórico que tem como objetivo analisar os acontecimentos ligados à suas condições de existência. Neste ponto, o método de Hippolyte Taine de compreender a obra de arte e o espírito do artista, auxilia Rocha Lima a fundamentar sua defesa de que a moral cristã não servia mais para guiar o homem do XIX, então o método de analisar o acontecimento, a sociedade ou o homem dever-se-ia levar em consideração três fatores determinantes³⁵⁷: o meio ambiente, a raça³⁵⁸ e o momento histórico.

Rocha Lima dizia que o homem era filho do seu próprio tempo, reconhecia também que o espaço social e geográfico influenciava na formação cognitiva e sensível do homem, entretanto, a inteligência era a força soberana sob a vontade, os possíveis condicionamentos e as ações humanas. Visão nossa, bem diferente da visão do historiador João Alfredo que no centenário de Rocha Lima publicou na Revista Brasileira de Filosofia³⁵⁹, um artigo intitulado “Rocha Lima – A obra e a época”, em que analisou o pensamento de Rocha Lima.

Nesta mesma edição, fora também publicado outra análise intitulada “O pensamento cearense na segunda metade do século XIX (em torno do centenário da morte de Rocha Lima)” de Alcântara Nogueira. Acompanhemos.

Rocha Lima por Alcântara Nogueira e João Alfredo de Sousa Montenegro

A Revista Brasileira de Filosofia, na seção Noticiário Cultural, noticia o centenário de morte (1878-1978) de Rocha Lima e que a Revista incumbiu dois conterrâneos do pensador, os professores Francisco de Alcântara Nogueira e João Alfredo S. Montenegro, de debruçar-se sobre o momento vivido na década de 1870, que marca importante capítulo da história das ideias do Brasil³⁶⁰. Apesar do artigo de João Alfredo abrir a Revista e em seguida o artigo de Alcântara Nogueira, no que pudemos observar que as perspectivas dos autores tomaram perspectivas bem distintas de analisar e compreender Rocha Lima. Optamos pelo caminho inverso, iniciamos pelo escrito de Alcântara.

³⁵⁶Rever Rocha Lima. op.cit. p.146.

³⁵⁷Lembrar que o termo *determinismo* é utilizado por Rocha Lima, a partir de sua interpretação da concepção de Claude Bernard, como um conhecimento que pode ser determinado pelo homem, principalmente ao ligá-lo ao seu tempo histórico, ou seja, às suas condições de existência. Essa noção corrobora com a prática letrada e social de Rocha Lima “cada um no seu tempo e no seu lugar”. Não se poderia cobrar do homem medieval ou mesmo do moderno uma posição para além de sua experiência e conhecimento.

³⁵⁸O termo raça é usado como indicador de *um mesmo tipo*, ou de mesma *ancestralidade*, ou *nação*.

³⁵⁹**Revista Brasileira de Filosofia**. Vol. XXVIII, fascículo 110, abr.-mai.-jun., 1978.

³⁶⁰Ibid. p.213.

A história do pensamento brasileiro, tomando-se este no seu sentido mais amplo, somente a partir da segunda metade do século passado começou, objetivamente, a adquirir certa expressão de densidade e profundidade. [...] As inteligências mais rebeldes e capazes estavam sufocadas por uma organização social apoiada em privilégios ou dominadas por atrasos de toda natureza. Nessa conjuntura elas representavam, apesar das limitações a que estavam sujeitas, a força mental mais viril que aspirava a construir um sentimento oposto ao conservadorismo vigorante, no mesmo tempo que procuravam trazer para a vida do pensamento um estágio de progresso semelhante àquele atingido pelo espírito europeu³⁶¹.

A narrativa de Alcântara Nogueira é construída, a nosso ver, a partir de uma correlação poderosa entre o mundo das ideias nas práticas do cotidiano social, e estas em igual proporção, no mundo das ideias. Em discurso suave, apresenta o momento histórico do pensamento filosófico do XIX, relacionando Brasil e Europa, ressaltando que neste momento em que o Brasil começava a penetrar, havias ideias em debate que ferviam no espírito de uma Europa convulsionada, com a burguesia violenta e angustiada ao mesmo tempo procurando, procurando implantar técnicas e táticas condizentes com suas necessidades³⁶²; pontuando que:

Se nos planos, social e científico, o mundo assistia a uma revolução de ideias, filosoficamente renasciam ou se estruturavam outros sentimentos, com as mais diversas colorações, inclusive as doutrinas de orientação espiritualista ou idealista que procuravam, mesmo atingidas pela contestação, tomar outros rumos, a fim de não soçobram. É verdade que as grandes linhas do conhecimento, nessa época, se localizavam com mais veemência no imenso círculo do materialismo – mecanicista ou histórico-dialético, do positivismo, do criticismo, do evolucionismo, do hegelianismo, do panteísmo spinoziano, para indicar as corretas principais³⁶³.

Alcântara Nogueira, como Djacir de Menezes e Capistrano de Abreu, vê em Rocha Lima um espírito superior e que poucos em sua época tiveram condições de senti-lo e entende-lo³⁶⁴. Alcântara apresenta o cenário político-social de Fortaleza como de fortes embates, em que “havia, por um lado, cegas e desorganizadas, as lutas intestinas de uma burguesia – pequena e média – ávida de interesses lucrativos, sem ideologia e espelhada em partidos políticos fragmentados”³⁶⁵. Observa Alcântara, que o “domínio político aspirava, sob as mais variadas formas, às vantagens que o modestíssimo erário público poderia oferecer às portas abertas para realizar negócios rendosos, e tudo enfeitado com a vaidade de comandar a

³⁶¹ NOGUEIRA, Alcântara. O pensamento cearense na segunda metade do século XIX (Em torno do Centenário da morte de R.A. da Rocha Lima). IN: **Revista Brasileira de Filosofia**. op.cit. p.147.

³⁶² Id. Ibid. p.147-150.

³⁶³ Ibid. p.150.

³⁶⁴ Ibid. p.154.

³⁶⁵ Ibid. p.154.

vida administrativa da Província”³⁶⁶. Apresenta ainda o cenário intelectual como precário que lentamente foi modificando-se a partir de 1849, com o surgimento da primeira livraria (algo parecido) do comerciante português Manuel Antônio da Rocha Júnior que reservou uma seção de seu comércio, destinada à venda e aluguel de livros.

O empréstimo de livros em biblioteca pública só a partir de 1867 e dos gabinetes de leitura apenas em meados de 1870. Ao perscrutarmos os jornais locais no período de 1853 a 1878, principalmente nas décadas de 50 e 60, numa tentativa de entender o cenário de leituras e o acesso a elas, constatamos que os jornais eram os principais veículos propagadores das ideias. Mas, não conseguimos sair do lugar comum de que as leituras chegavam via Europa e de outras Províncias do Brasil. O que não diminui a importância das ideias circuladas, em sua maioria, carregadas da filosofia clássica grega³⁶⁷.

Alcântara Nogueira ao tratar do jornalismo no Ceará do período, o caracteriza como agressivo, ou seja, de fortes confrontos e defesas entre, o que se costumava denominar dos ideais dos partidos existentes, isto é, do conservador e do liberal. Mas no final, segundo o dito popular, eram “vinho da mesma pipa e fubá do mesmo saco”³⁶⁸. Destaque mesmo se deu na polêmica provocada pelas conferências que D. Manuel Soares da Silva Bezerra na Praça da Feira Nova e as objeções feitas por Xilderico de Farias, Pompeu Filho, Araripe Júnior e João Brígido em 1874.

Momento inicial dos combates entre ultramontanos e rapazes da Academia Francesa. Para Alcântara, Rocha Lima seria o autêntico pioneiro da cultura cearense, iniciando com a formação da primeira associação, a Fênix Estudantal, de um círculo de leituras. Diferentemente da visão de João Alfredo, considera que o movimento iniciado e desenvolvido por Rocha Lima interferiu e gerou resultados no cenário social de Fortaleza, principalmente pelas as ações empreendidas pela Escola Popular³⁶⁹. Sobre o leitor, crítico e filósofo que foi Rocha Lima, Alcântara traça um itinerário dos escritos de Rocha Lima reunidos e publicados por Capistrano de Abreu após sua morte. Em síntese, considerou que Rocha Lima era um espírito aberto, seu fazer crítico-interpretativo possuía laivos de originalidade, com uma técnica de análise em que se associam elementos sociais e

³⁶⁶Ibid. p.154.

³⁶⁷Leituras que tratamos ao analisar o ideal de Rocha Lima no próximo subtítulo 3.3.

³⁶⁸Nogueira. op.cit. p.155.

³⁶⁹Id. Ibid. p.159.

psicológicos, artísticos e históricos, filosóficos e científicos, em linguagem comunicativa e criativa³⁷⁰. Alcântara finaliza:

Rocha Lima foi para o pensamento cearense e para a inteligência brasileira, o por do sol do século XIX, pólo de referência a indicar o valor do espírito insatisfeito, à procura de outros firmamentos mais claros e extensos. Sua memória é uma mensagem de amor e fraternidade para os corações que amam a liberdade de pensamento e nunca se submetem a ideias de qualquer natureza que permitam a instalação de preconceitos limitadores do progresso do saber humano³⁷¹.

Se para Alcântara, Rocha Lima representou um espírito livre, dedicado ao desenvolvimento do saber filosófico; para João Alfredo, Rocha Lima foi um representante da ideologia dominante no cenário cearense, dedicado ao desenvolvimento de uma cultura desvinculada da realidade social, o que Tinhorão e Adelaide Gonçalves chamaram de mito da cultura, pois, para estes autores, Rocha Lima e a Academia Francesa não combateram em nome de mudar a condição econômica e social da população fortalezense.

Assim inicia João Alfredo:

Ao ensejo do centenário de morte do filósofo cearense Raimundo Antonio da Rocha Lima, merecem realce os condicionamentos histórico-ideológicos de sua rápida e fulgurante atividade filosófica. No decurso dos poucos anos que durou tão genial manifestação de pensamento, entre 1873 e 1877, sobretudo pelo verdor de idade do seu agente, incidia sobre o País pesada e dinâmica conjuntura socioeconômica, portadora dos ingredientes de profunda mudança a se operar no mundo ocidental³⁷².

O autor João Alfredo de início apresenta o que seria sua análise, de concepção marxista, em que o meio material influencia e condiciona os sujeitos, aliás, em suas palavras: o agente. O homem deixa de ser o sujeito das ações e passa a condição de agente³⁷³. Portanto, Rocha Lima foi analisado sob a ótica de agente condicionado pelo meio histórico e ideológico dos anos 60 e 70 do XIX. Período marcado pela segunda fase da Revolução Industrial, desenvolvimento da ciência e da organização de uma burguesia-industrial em busca de seu *status quo*. João Alfredo assinala que essas transformações incidiram diretamente nos:

³⁷⁰ Ibid. p.183-184.

³⁷¹ Ibid. p. 185.

³⁷² MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. Rocha Lima – a obra e a época. Ibid. p.131.

³⁷³ Consideramos que as análises de orientação materialista acabam por reduzir o papel do sujeito, uma vez que, este, “aparentemente”, sempre é condicionado/determinado pelo meio material/econômico, como se não tivesse outra opção/escolha. Neste caso, o determinismo e o condicionamento é de fato um fator determinante, ou seja, o agente age de acordo com a estrutura político-econômica, torna-se refém deste.

[...] procedimentos, critérios e métodos típicos, na ordem dos valores humanos, no exercício filosofante. O evolucionismo, o positivismo e outras tendências do pensamento europeu, que surgem e se adensam no período, refletem aquela mudança, servindo-lhe de respaldo ideológico, fixando normas e valores, verdadeiros guias de um comportamento social harmonizado com as emergentes exigências do capitalismo. [...] observa-se que a expansão do industrialismo, coroado pela democracia liberal, andava de parceria com o cientificismo, nas águas daqueles pensadores, a revelar a imperiosa alternativa de se utilizar o recurso ideológico, não só para acionar a adesão das populações ao novo expansionismo capitalista, como também para amenizar ou neutralizar a resistência que lhe oferecia a Igreja, com sua ética haurida nas fontes da Contrarreforma, e a se espalhar em práticas socioeconômicas com fortes traços feudais³⁷⁴.

É notório em João Alfredo o uso do termo ideologia de orientação marxista como: “ideias das classes dominantes [que] são as ideologias dominantes na sociedade”³⁷⁵, ou seja, a ideologia seria “o conjunto das concepções, ideias, representações, teorias, que se orientam para a estabilização, ou legitimação, ou reprodução, da ordem estabelecida”³⁷⁶. Waldir Barbosa sintetiza a ideologia a partir de Karl Marx enquanto:

[...] parte ou conjunto das superestruturas: as formas ideológicas enquanto a qualidade da consciência social possível dentro de uma determinada estrutura socioeconômica; uma determinada visão de conjunto de uma sociedade, época ou classe determinada por suas condições materiais de existência; [ainda como] a ideologia enquanto ocultamento da realidade: ora como imposição das classes dominantes para criar, legitimar e justificar as relações sociais dominantes [...], a ideologia enquanto um sistema de valores sociais impostos: seriam os valores sociais impostos, indiretamente, por meio das relações sociais de produção, e, diretamente, por meio dos instrumentos ideológicos públicos e privados³⁷⁷.

Desta forma, o pensamento de Rocha Lima é reprodutor, defensor da ideologia dominante, a ideologia da burguesia capitalista. Mas, quem seria essa burguesia capitalista na cidade de Fortaleza em 1860 e 70? João Alfredo não mostra. Assim como outros, limitou-se a reproduzir o “ideal de modernidade e desenvolvimento” citando a existência de: “abastecimento d’água da Companhia d’água do Benfica, instalada a 26 de março de 1867; a Companhia de Iluminação à Gás, a 7 de setembro de 1867; 6 colégios funcionando desde 1845; 2 tipografias e 6 jornais e 1 biblioteca pública”³⁷⁸.

³⁷⁴ Montenegro. op.cit. p.132.

³⁷⁵ Löwy. op.cit. p.12.

³⁷⁶ Id.Ibid. p.12.

³⁷⁷ BARBOSA, Waldir. **Marxismo**: história, política e método. Goiânia: UFG, monografia de graduação em história, 1986. p.41-42.

³⁷⁸ Montenegro. op.cit. p.135. Referências tiradas de Saraiva Câmara, este por sua vez tirou da obra “Fortaleza e a crônica histórica” de Raimundo Girão. Mesmas informações utilizadas por Tinhorão (2006), Gonçalves (2006).

João Alfredo após montar o cenário teórico positivista-evolucionista-cientificista, inserirá Rocha Lima como agente “passivo” deste:

Eis que Rocha Lima, ao recolher a perspectiva evolucionista, sintonizava com a ideia de progresso inscrita numa filosofia da história que fazia a justificação ideológica da transição da civilização ocidental para as formas técnicos-econômicas mais avançadas, acobertando o modelo político liberal-burguês. O fundo positivista do jovem filósofo provavelmente atendia às aspirações de conciliação entre os interesses agrários e industriais da sociedade brasileira³⁷⁹.

Rocha Lima e a Academia Francesa, na visão de João Alfredo, executavam “o ciclo completo da formulação ideológica, a encerrar uma dominância elitista [...] o esforço de afirmação do *status quo*, malgrado a orientação em favor das transformações econômicas, de renovação moral”³⁸⁰. Assim, a Academia Francesa executava uma mudança de concepção da história com o objetivo de fabricar valores-guias para as tarefas reclamadas pelo momento histórico, a década de 1870³⁸¹. Apesar de afirmar que o momento histórico de 1870 era de intensa luta pela industrialização, contextualizando o momento brasileiro pelos embates entre segmentos de uma mesma camada social, o agrário-pastoril e a burguesia, no Rio de Janeiro e São Paulo³⁸², João Alfredo reconhece que tal confronto praticamente não existia no Ceará, “dado ao atraso da província, longe de expectativas industriais, afeiçoado salientemente á exportação de produtos primários e ao mister pastoril”³⁸³.

A exposição de João Alfredo, a nosso ver, vai urdindo as posições de Rocha Lima e da Academia Francesa enquanto trama da análise fundamentada pela posição de que a estrutura político-econômica determina as ações dos agentes sociais. Portanto, em sua visão, o movimento empreendido por Rocha Lima era desvinculado da realidade social, em suas palavras:

No máximo, se faz a enunciação do que há, do que ocorre, e muita vez tocando de leve no contexto, apenas servindo de pretexto para a obra generalizadora do discurso que, por isso mesmo, se torna descompromissado com a realidade social e tende a fazer racionalizações sobre ideias estrangeiras, como recurso estratégico de enfrentamento de problemas críticos do tempo. Daí se desenrola a contenda entre a *Academia Francesa* e

³⁷⁹Montenegro. Ibid. p. 141.

³⁸⁰Id. Ibid. p.142.

³⁸¹Ibid. p.142.

³⁸²Ibid. p.144.

³⁸³Ibid. p.144.

o grupo tradicionalista católico praticamente à margem dos avassaladores problemas nacionais³⁸⁴.

[...] Vê-se que o processo narrativo no autor é correlativo de um processo temporal em que a semântica afluí naturalmente, recobrando sua postura ideológica, depois dos momentos exemplificativos terem cumprido o ciclo dialético que os une e os põe sob redução do presente. [...] numa regular coerência ideológica [...] para, em seguida, introduzir um humanismo que tanto mais ganha em abstração quanto mais se enrosca nos determinismos naturais. Entretanto, isso vem fortalecer a expressão ideológica, como racionalização de um pensamento, senão congelado, pelo menos padecendo de sensível afastamento da problemática do presente³⁸⁵.

Resumidamente, João Alfredo categoriza Rocha Lima como um “literato” que escreve com intenso poder descritivo, em *tônus* dramático, num estilo quase jornalístico, impositivo, enunciativo de verdades definidas após a prova histórica a que se submeteram. Rocha Lima reproduziria fielmente os filósofos que adotou. Ressalta que nele não se pode perceber o *tônus* autoritário de que se fazia carregar o discurso panfletário ainda vigente na época. Até porque Rocha Lima não se ocupou da análise dos dados concretos da vida em sociedade, acabando por fabricar sua síntese rigorosa³⁸⁶:

Parece emergir da leitura de Rocha Lima a preocupação de divulgar a obra demolitória dos valores tradicionais encetada por Darwin, Spencer e outros pensadores europeus da segunda metade do século transato, mas em sintonia com o clamor dos intelectuais que ansiavam por transcender os quadros mentais do Catolicismo ou da Civilização forjada com o auxílio dos valores, premidos pelos condicionamentos socioeconômicos emergentes. [...] Percebiam, por certo, o antagonismo entre o progresso econômico no mundo capitalista e a estrutura mental elaborada pela herança Católico-feudal [...]. Preconizava Rocha Lima o seu desmoronamento total através da pregação doutrinária, da educação, sem nenhuma contrapartida prática, sem qualquer objetivação sociocultural em íntimo relacionamento dialético com a teoria, ajudando até a compor esta. Com isso aumentava a operacionalidade da retórica, do discurso nivelado pela superposição ideológica, amarrando os tópicos transpostos ao arrazoado sobre o novo Iluminismo, e a deduzir os pecados da Civilização Católico-feudal, mobilizando o moralismo que se adensa no espaço das avaliações operadas pela força instrumental da inteligência³⁸⁷.

Discordamos das colocações de João Alfredo, em primeiro lugar porque o período vivido por Rocha Lima não era esse cenário pronto de desenvolvimento tecnológico e industrial em que de forma clara havia dois lados em disputa: um tradicionalista e outro,

³⁸⁴Ibid. p.145.

³⁸⁵Ibid. p.145.

³⁸⁶Ibid. p.145-146.

³⁸⁷Ibid. p.145-146.

progressista. As ideias, as teorias e as concepções de mundo estavam em plena ebulição. Eram muitos horizontes de expectativas em disputa num espaço de experiências compartilhadas via cotidiano e de leituras de outras experiências vindas do velho mundo, de uma Europa convulsionada por revoluções e disputas imperialistas como podemos acompanhar pelos artigos dos jornais locais nas décadas de 50, 60 e 70 do XIX. O mundo no momento em que se vive não é tão simples e fácil de ser generalizado em quadros teóricos e metodológicos.

O que seria esse mundo católico-feudal em plena Fortaleza do século XIX? Ou o que seria um projeto político liberal-burguês para o período? Ao sair desta perspectiva estruturalizante, qual seria a posição político-filosófica de Rocha Lima? Quais significados possíveis para analisarmos e compreendermos seus discursos e escritos? Se a ideologia, historicamente, assumiu o papel de legitimadora da classe dominante sempre em busca de manter seu *status quo*, e se não concordamos que Rocha Lima deva ser enquadrado nesta perspectiva, o que propomos? Propomos interpretar os escritos de Rocha Lima considerando três aspectos: primeiro, a inteligência seria a única força capaz de melhorar e modificar o pensamento e as práticas sociais e políticas do homem; segundo, depois de desenvolvida, a inteligência seria capaz de vencer os condicionamentos naturais, psíquicos (caráter e vontade) e sociais (educação, política) e, por fim, a inteligência seria capaz de melhorar os homens e formar as futuras gerações através de uma moral demonstrada que constituiria a *Acrópole Ideal*, uma cidade do futuro, pátria do gênero humano, na qual todos os povos pertenceriam às nações irmãs sem disputas e guerras.

3.3 A Acrópole Ideal nos escritos de Rocha Lima: o ideal de verdade e de bem.

A cidade ideal de Rocha Lima, a Acrópole Ideal, não era material. Nunca mencionou ruas, construções públicas ou particulares, nem trilhos ou estradas, nenhum símbolo do progresso tão difundido no século XIX. Sua Acrópole Ideal era uma cidade formada por ações, pensamentos e sentimentos solidários. Acreditava que a sociedade do tempo presente, formada por uma “legião de anjos revoltados” transformaria a realidade vivida, sendo que a primeira ação:

[...] começou no dia da primeira interrogação desassombrada do pensamento ao problema do universo, e só terminará com o último lampejo do cérebro, com o último alento dos músculos, com o derradeiro clarão do sentimento. Na turma dos seus operários encontra-se o pensador com a síntese e o

artífice com a ferramenta, o sábio com a experiência e o artista com a inspiração, o filósofo com o método e o escritor com o estilo, ao lado da mulher com o amor, e da criança com a inocência. E toda essa legião de anjos revoltados contra a imperfeição de sua natureza, a invadir as escolas, as oficinas, os museus, as bibliotecas, os laboratórios, a refundir nesses crisóis o ouro de suas ideias e sentimentos, para com ele firmar o trono de sua divina majestade, em um Estado que seja o templo da justiça, erguido em uma sociedade que seja a Jerusalém da ordem e da liberdade: - eis a cidade do futuro, onde cada habitante terá no cérebro um foco de luz, no coração um lago de amor! Nessa acrópole ideal, a dominar todos os espíritos, sob a hegemonia da verdade e da justiça realizaremos, nós o febril sonho do éden perdido pela culpa de Adão, segundo a lenda bíblica, e que as religiões prometem além do túmulo, à custa de martírios sofridos neste mundo³⁸⁸.

O gladiador do pensamento teria a destreza de empunhar as palavras-ações, provocar o despertar dos demais *anjos revoltados* – estudantes, mulheres, trabalhadores, estudiosos, cientistas - e juntos invadir as escolas, as oficinas, os museus, as bibliotecas, os laboratórios, para enfim, formar a Acrópole Ideal. Dentre os anjos revoltados evocados em seu discurso, acreditamos que Rocha Lima considerava-se o filósofo com o método, responsável pela palavra-ação: o pensar reflexivo e ativo.

Rocha Lima era convicto de que somente a inteligência humana livre da inércia, do medo e do peso do *apocalipse* que nutria o sentimento de individualismo, ou seja, de preocupar-se em salvar unicamente sua própria alma; seria capaz de criar uma nova moral, baseada no julgamento dos motivos e dos resultados das ações, moral esta que conectaria os cidadãos em uma sociedade solidária³⁸⁹ a conviverem na *acrópole ideal*. Para tanto, era necessário formar esses cidadãos.

O ideal de Rocha Lima ultrapassava a adoção da ideia iluminista de difundir o conhecimento ou pregar a liberdade de pensamento. Seu ideal era formar o cidadão político, capaz de analisar, propor e executar ações que gerariam o bem comum.

Um ideal filosófico e político

Bem diferente dos políticos de seu tempo, que em sua visão eram diretores do momento presente, mas “quase sempre desprovidos de senso filosófico para os problemas do passado e sem previdência pra frustrar as tempestades que se condensam no horizonte do porvir”³⁹⁰, não compreendiam que sua função política na sociedade deveria ser de feitores da evolução social. Com isso, Rocha Lima não propunha olhar para o passado para prever o

³⁸⁸Ibid. p.337-339.

³⁸⁹O uso do conceito de *sociedade solidária* foi apreendido de Auguste Comte.

³⁹⁰Id. Ibid. p.246.

futuro. O senso filosófico permitiria a compreensão do tempo histórico e de suas práticas, poderia auxiliar no reconhecimento das condições culturais e sociais que contribuíram para a realidade vivida. Ao crer no progresso enquanto mudança, de que o homem do presente e do futuro sempre será diferente do homem do passado, Rocha Lima afirmava que a política não poderia ser confundida com a sociedade, mas reconhecer que era uma função coexistente como muitas outras³⁹¹. Aliás, seria uma das funções mais importantes do organismo social, porque seu desenvolvimento estava diretamente ligado ao desenvolvimento de uma moral construída pela inteligência humana, a única força capaz de dominar todas as outras forças, especialmente a atividade voluntária³⁹².

Portanto, a política teria um papel fundamental. Em suas palavras:

Se a política é, como diz Macaulay, uma arte que tem por fim a felicidade dos povos sirvamo-nos dela como meio e não fim de nossas aspirações; seja ela um instrumento, nas mãos da sociedade, e não uma vítima sacrificada a vistas exclusivas e interessadas³⁹³.

A política deveria ser um instrumento nas mãos da sociedade e, por isso, os políticos não poderiam se deixar levar por um ideal vaporosamente utópico ou uma prática grosseiramente empírica, em que, no primeiro caso o político lançar-se-ia a uma miragem, que se perde nos areais dos tempos primitivos ou nos oásis de um futuro impossível, por estar fora de todas as condições de existência; ou como no segundo caso, em que sacrificaria tudo em favor do sucesso do momento:

[...] quer individual quer social, Bismarck ou o direito do mais forte e Rousseau ou o apelo para o estado da natureza; Saint-Simon ou o culto da indústria; Jean Reynaud ou o sonho de um progresso infindo em todos os planetas; eis as atrações mais irresistíveis para os espíritos inquietos e sonhadores da época³⁹⁴.

A política deveria estar fundamentada em uma teoria e uma prática, em que a ordem e o progresso não estariam separados por um abismo. Perspectiva que parte da concepção de ciência social de Augusto Comte³⁹⁵, na qual:

³⁹¹ Id. Ibid. p.248.

³⁹² Ibid. p.90.

³⁹³ Ibid. p. 250.

³⁹⁴ Ibid. p. 250.

³⁹⁵ Curso de Filosofia Positiva. In: Rocha Lima. Ibid. p.253.

Na estrutura das sociedades, é possível extinguir a família, a classe social e a nação como seus principais órgãos; em sua coexistência simultânea, constituem estes elementos a ordem; em seu desenvolvimento livre, gradual e proporcional, constituem o progresso. Do complexo de funções realizadas por estes órgãos, a ciência, a moral, a indústria e as belas artes avultam, já por sua importância intrínseca, já por sua existência constante e necessária em qualquer ponto do globo, em qualquer momento da história³⁹⁶.

A ordem estaria diretamente ligada à harmonia e ao bom funcionamento dos órgãos da sociedade, que até poderia viver sem os núcleos: família, classe social e nação, mas não progrediria na presença de desproporção entre estes órgãos e suas funções. Simplesmente, cada um deveria cumprir com o seu papel. A linguagem biológica permitiria ao Rocha Lima construir seu escrito³⁹⁷ de forma plástica e de fácil compreensão de suas concepções para o povo. Deixando claro que o governo político não é o único motor do progresso humano³⁹⁸, este deve dividir a missão com os cidadãos, e juntos seguir uma moral que beneficiasse toda a sociedade, independente de classes e posições partidárias e ou religiosas. Afirma que não era preciso romper com o passado, mas compreender a filiação histórica e os momentos de transição: “Para nós, porém, que cremos na continuidade do progresso humano, a perspectiva é muito diversa. O que outrora se afigurava inconciliável torna-se harmonioso e necessário. Nem o passado foi uma estagnação nem o futuro será uma anarquia”³⁹⁹.

Rocha Lima compreendia o *progresso* como espontâneo como toda ordem necessária e natural, mas necessitava de condições específicas para ocorrer:

[...] justapostos os elementos constitutivos da vida social, tendem sempre a evoluir; de seu estado inicial até sua fase final, há gradações, desvios, perturbações; muitas vezes são atrofiados órgãos de uma importância capital em proveito de outros; estas irregularidades são capazes de suspender, porém nunca de aniquilar o exercício desses órgãos⁴⁰⁰.

A construção do texto vai acompanhando a sua análise da imprensa política no Ceará, partindo do retrospecto do ano de 1875 publicado pelo jornal *A Constituição*, em que assinala a contradição de uma política fundamentada no ideal de *ordem e progresso*. Por isso, traça um itinerário de avaliação histórico-social em que aponta os momentos de “movimento

³⁹⁶ Id. Ibid. p.254.

³⁹⁷ Artigo intitulado “O Nosso Jornalismo” publicado no *O Cearense* em quatro números, do período de 16 de janeiro a 30 de janeiro do ano de 1876, que teve como objetivo analisar a imprensa política cearense, “denunciando o ponto de vista exclusivo e anticientífico da imprensa política”. In: Rocha Lima. op.cit. p.248.

³⁹⁸ Id. Ibid. p.251.

³⁹⁹ Ibid. p.253.

⁴⁰⁰ Ibid. p.254.

anormal e violento a que estão sujeitos todos os povos”, que se devem ao desenvolvimento excessivo, quase exclusivo, de um órgão sobre outro:

Na Índia e no Egito, o predomínio das castas, a prepotência dos brâmanes sobre os xátrias e os párias; em Roma, o poder despótico do Estado sobre o cidadão; sacrifício da cultura científica a um diletantismo literário, cortesão e fútil sob Luís XIV; o desenvolvimento excessivo, quase exclusivo, do espírito protetor na França; a Espanha abrigando a superstição e a ignorância; a Escócia e Noruega, o fanatismo religioso; enfim todos os motivos de luta e de estacionamento, de que nos fala a história, não vem do antagonismo entre os elementos de: *ordem e progresso*, mas sim do desenvolvimento exclusivo de um ou de alguns em detrimento dos outros⁴⁰¹.

Se os órgãos forem pensados enquanto grupos sociais em disputa têm-se os motores da evolução social, pois se não houvesse nenhum tipo de choque ou invasão de interesses, não ocorreriam as mudanças sociais:

[...] entre as diversas classes sociais que lutas e que invasões, na esfera de seu direito e prerrogativas! Que poder extraordinário não tiveram, em tempos idos, as classes: clerical e guerreira? Quantas vezes o trono teve de lutar com o altar e com a nobreza, esta com a burguesia, a burguesia com o povo? Destes embates constantes pode-se inferir que são inconciliáveis, heterogêneas, repulsivas estas grandes divisões e produções de coletividade humana? Se o ilustre autor do retrospecto se apoiasse em tais ideias, não proclamaria com tanta tenacidade o triunfo completo das ideias de ordem em todo o mundo civilizado. Além de idênticas com os progressos, os governos, que as encarnam, são sempre instrumentos e nunca motores da evolução social⁴⁰².

Rocha Lima chega enfim ao cerne de sua problematização: discutir o papel do governo na sociedade, proporcionalmente, o do político. Inicia pelo papel dos cidadãos e dos teóricos:

Acostumamo-nos, desde o berço, a atribuir uma missão paterna a nossos soberanos; é assim que muitos teóricos, identificando o respeito devido aos pais com o que os povos devem tributar aos monarcas, preconizam o governo absoluto como o mais justo e legítimo. O povo, que é criança, deve ser educado pelo governo, que é o pai. A esses que contemplam pelo prisma do sentimento a vida das nações, repetimos a profunda palavra de Vacherot: a família tem por primeira lei o amor; a sociedade – a utilidade⁴⁰³.

⁴⁰¹ Ibid. p.255.

⁴⁰² Ibid.p.255-256. Gostaria de comentar o “gostinho” de lutas de classes de Karl Marx no comentário de Rocha Lima, mas como acabaríamos por promover uma incursão teórico-metodológica desnecessária, retiramos o comentário.

⁴⁰³ Ibid. p.256.

A concepção política de Rocha Lima o distanciava da perspectiva de Auguste Comte de uma espécie de ditadura, ou de Platão, de que o Estado deveria ser governado por sábios:

Pode-se dizer que a tese de entregar-se a liderança política e ideológica da sociedade a uma minoria de sábios, decorre, em sua inspiração mais próxima, do “Conselho de Newton” defendido uns anos antes por Saint-Simon (in *Lettres d’un habitant de Genève a ses contemporains*, 1802/3), para quem, a partir de subscrições feitas na tumba de Newton, o grande gênio da física, formar-se-iam os 21 “eleitos da humanidade” (12 sábios e 9 literatos e artistas) com a função, ao multiplicarem-se em subconselhos regionais hierarquizados, de alardear a superioridade do conhecimento científico sobre todo o resto⁴⁰⁴.

Convicto de que somente a sociedade como um todo, e não somente um governante, ou indivíduo, ou partido político, seria capaz de promover as verdadeiras mudanças, Rocha Lima afirma que:

[...] de ora em diante, é sobre bases mais largas que se deve fundar a política moderna; o fim de um governo verdadeiramente liberal, democrático, esclarecido, será animar o desenvolvimento de todas as forças ativas da sociedade, evitando a invasão ou absorção de uma em outras⁴⁰⁵.

Ao pensar a nação, o governo esclarecido dessa nação, Rocha Lima parte da concepção de economia política de Adam Smith, de 1776, que proclamava um erro das nações querer enfraquecer e esgotar as outras nações. Estas agiam desta forma por não compreenderem que o comércio poderia ser um laço a prender os povos; e sim, por acreditarem que “o comércio era uma força isolada, independente, das outras que se desenvolvem na sociedade e separada do progresso das outras nações”⁴⁰⁶. O início desse grave equívoco estava na ignorância e na intolerância dos povos e das nações. A intolerância, dizia Rocha Lima, “era filha do fanatismo religioso que nos tempos modernos cedia lugar ao espírito de fraternidade, que reúne os homens na cidade ideal do pensamento”⁴⁰⁷. Pois:

[...] quando do céu deixa de cair o *maná* da revelação para alimentar a inteligência, e esta tem a necessidade de lançar mão dos processos científicos, tão humanos e tão frágeis, a tolerância estabelece-se como condição indispensável à vida e ao progresso do pensamento. Cessam as

⁴⁰⁴ O pensamento de Comte. **Caderno de História nº23**, Memorial do RS – Voltaire Schilling. Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Cultura, 2007. Em razão da comemoração de 150 anos da morte de Auguste Comte. Disponível em: <<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/comte.pdf>>.

⁴⁰⁵ Ibid. p. 261.

⁴⁰⁶ Ibid. p. 264.

⁴⁰⁷ Ibid. p. 264-265.

perseguições, as inquisições, os martírios; a heresia deixa de ser um crime; a consciência torna-se inviolável; os espíritos, separados pela cor de suas ideias, unem-se para a grande conquista da verdade; a maior diversidade no pensar se coaduna com a mais fraternal união⁴⁰⁸.

Rocha Lima finaliza sua análise crítica, que na verdade, serviu como pretexto para o debate de suas ideias sobre governo político; dizendo ser a inércia um dos maiores males da humanidade e, que: “assistir ao movimento das ideias de braços cruzados é reduzir-se a autômato e abdicar seus invioláveis direitos de ser humano. Pensando assim, pronunciamos nossa palavra nestes assuntos tão conexos com os destinos humanos”⁴⁰⁹.

Em outro artigo, intitulado Evolução, um dos últimos a serem escritos antes de sua morte; Rocha Lima também reflete sobre o papel dos partidos políticos, pontuando que os partidos no Brasil estavam longe de divergirem de fato em suas propostas, mas que em compensação invadiam o espaço um do outro, sem o menor respeito às tradições de cada um, da mesma forma como na França em que se “pleiteava tenazmente por todas as liberdades, exigindo a morte daquela donde nascem todas as mais como de uma fonte: a liberdade de consciência”⁴¹⁰. Denuncia a:

[...] turbamulta partidária, produzem-se as apostasias sem remorso, as adesões sem amor, o desequilíbrio das massas mais compactas que, na impossibilidade de harmonizar interesses individuais, aspirações sem freio, pretensões sem freio, pretensões sem cautela, esfacelam-se em mil grupos, cada qual o mais rebelde a uma disciplina, que só pode impor um poderoso vínculo moral. Tudo isso prova de sobejo a impossibilidade de um sistema de equilíbrio que assegure ao país dias de calma e de prosperidade, com as atuais ideias reinantes, e com o comportamento desnordeado de seus adeptos⁴¹¹.

A visão de Rocha Lima sobre os grupos políticos existentes no Ceará, como também, no Brasil, ou como na França; não passavam de uma confusão de propostas e de concepções políticas, ou seja, uma confusão de gente disputando espaços em nome de interesses individuais ou partidários sem nenhuma responsabilidade com o bem coletivo. Sua reflexão parte da própria imprensa política que:

[...] aí se verberam os atos do governo, não para corrigi-lo, mas para dissolvê-lo. O governo não se defende com provas, mas pela distribuição de cargos, pelos agravamentos, condecorações e presentes, que matam a sede

⁴⁰⁸ Ibid. p. 264-265.

⁴⁰⁹ Ibid. p. 267.

⁴¹⁰ Ibid. p.320.

⁴¹¹ Ibid. p.320-321.

das desvairadas ambições individuais e lisonjeiam a vaidade. Neste caos por mais sombrio e revolto que seja, flutuam, sem dúvida, alguns raros elementos de reorganização. Por adejarem ainda dispersos e incoerentes não devemos desprezá-los: cumpre condensá-los, fazendo deles uma consubstanciação que sirva de paládio à consciência ainda pura de grande número de nossos concidadãos. É a este fim que se dirige o nosso jornal. Por estas linhas depreende-se que estamos desvinculados dos partidos litigantes: que compreendemos a ordem como condição do progresso, e este como desenvolvimento daquela⁴¹².

Se compararmos as ideias gerais desse artigo de 1878, que acabamos de apresentar, como um artigo intitulado “Burocracia”⁴¹³ escrito por Rocha Lima em 1876, observaremos as mesmas concepções sobre a prática política dos governos no Brasil. Em “Burocracia”, inicia dizendo que:

Seria um dia de regeneração para a nossa pátria aquele em que pudesse ela libertar-se da tutela burocrática do governo. O que seja um governo de posse da administração, imiscuindo-se na escolha e exclusão dos funcionários, hierarquizando-os em um círculo de ferro; todos nós sabemos, por experiência própria, sem apelar para o exemplo de outros países. Onde os ministérios não nascem do seio das camadas e estas do seio da nação; onde a irresponsabilidade é quase uma medida de ordem; onde o mérito e as habilitações são letra morta em face da – confiança –, que invocam os administradores na escolha de empregados, o serviço administrativo é sempre desempenhado sem anulação e sem escrúpulo; o funcionalismo é supérfluo e sem independência; a resistência aos desmandos do chefe é fato virgem nos anais desses países⁴¹⁴.

Tomando como exemplo a própria experiência de família, pois seu pai fora Inspetor de quarteirão na década de 1850 e quando mudou o governo, ele perdeu seu posto, o que era muito comum no cenário político de Fortaleza, Rocha Lima critica a prática política dos governos no Brasil, e expõe que em um governo republicano por meio de eleições se preenchem todos os cargos, e sem este direito de votar, impedia-se os cidadãos de gerir seus negócios particulares⁴¹⁵. Interessante ressaltar que Rocha Lima ao falar da forma de governo de uma República, diferentemente da república da antiguidade clássica em que o “município não existia em face o Estado, é fortalecida pelos interesses locais, onde o patriotismo é mais veemente, a vontade mais firme, o esforço mais tenaz”⁴¹⁶. Mas:

⁴¹² Rocha Lima. op.cit.p.321.

⁴¹³ Jornal *O Cearense*. Fortaleza, 06 de fevereiro de 1876, p.1.

⁴¹⁴ Rocha Lima. Ibid. p.323.

⁴¹⁵ Id. Ibid. p.324.

⁴¹⁶ Ibid. p.324.

Se o Brasil, por condições ainda muito poderosas, pela ignorância de seus cidadãos, pela organização de seu governo, ainda não está no caso de eleger todos os seus magistrados, administradores e funcionários, outra medida, mais compatível com seu estado, pode ter o efeito mais salutar e mais cômoda e fiel execução. [...] Firmar sua autonomia diante da prepotência burocrática seria reintegrar sagrados direitos, extorquidos pela violência, e fundar uma responsabilidade proveitosa, que havia de corrigir os administradores. Será isto uma utopia, que estamos longe de realizar?⁴¹⁷

Utilizando a Inglaterra e a França como parâmetro, Rocha Lima propõe um governo democrático sem o vício da burocracia, a instituição de um poder mais estável que o executivo, completamente alheio aos certames da política, conhecedor do mecanismo administrativo; a cuja guarda estivesse confiada à administração. Seria um conselho de Estado, que no Brasil, em vez de consultivo e quase nulo como era na França, poderia ser:

[...] salutarmente efetivo; mais conhecedor das necessidades administrativas, mais independente da coroa, sem nutrir o menor interesse político, o conselho de Estado, investido dessa missão, tomaria a si o encargo que tanto pesa sobre os ministérios, e resultaria a muitos o direito inviolável e incorruptível do eleitorado. Quanto à nomeação desse – ministério administrativo – pouco importava que viesse da coroa ou do parlamento, contanto que fosse ele revestido dos dois atributos essenciais a todo governo: Responsabilidade e independência!⁴¹⁸.

O tempo e o espaço de formação do pensamento político-filosófico de Rocha Lima

Período marcado pelas disputas políticas, sociais e filosóficas. Esses embates podem ser acompanhados nas publicações dos jornais locais, como na década de 1860, para falar sobre o contexto histórico vivido na infância e na adolescência de Rocha Lima. Encontramos nas páginas dos jornais *A Liberdade*, *A Constituição* e *O Cearense*, discursos que tratam do cristianismo enquanto filosofia - comparando a vida e a morte de Cristo à vida e morte de Sócrates; do valor da família, do papel da mulher e da educação na formação da civilização. Temas recorrentes na pena de Rocha Lima na década de 1870. A década de 1860 os debates nas páginas dos jornais locais discutiam a formação da civilização a partir do papel da Igreja Católica, da educação e da mulher.

O Cristianismo tornou-se filosofia que guia e forma a civilização. As palavras apostólicas seriam mais materiais e possíveis que os Estados propostos por Platão, Aristóteles, Kant etc. No mês anterior, *A Liberdade* publicou artigo intitulado “A Mulher – A família e a Civilização”:

⁴¹⁷ Ibid. p.324-325.

⁴¹⁸ Ibid. p.325.

Outrora quando o mundo era regido pelas endurecidas da força material e quando as leis morais eram inteiramente desconhecidas, a unidade da família era impregnada da influência do materialismo da época baseada na superioridade física do sobre a mulher; dessa ordem de ideias provinha toda a abjeção da mulher e toda a tirania do marido [...]. Ora sujeita à lei de tal unidade a família não podia adiantar-se um passo no caminho de seus progressos, [...] o marido trabalhava para alargar o círculo de suas tiranias, e então, ressentindo-se de suas terríveis consequências, a família corria a passos agigantados para a sua completa degeneração. Com o Cristianismo, porém, mudaram as coisas; a família conservou sua unidade, não pelo temor como outrora, mas pelo amor; Cristo acabou com o reinado da obediência passiva e fê-lo substituir pelo da *obediência ativa*; levando em conta a liberdade humana. [...] O Cristianismo trouxe a verdadeira noção de poder doméstico, amenizou-lhe os rigores e deu-lhe a vitalidade assegurando-lhe a duração. Grande e bela reforma, que só a religião cristã podia promover⁴¹⁹.

A exposição do artigo, não requer maior liberdade para a mulher ou para os membros da família; mas pontua que o Cristianismo veio para mostrar que o poder do chefe de família não mais se baseava na força física, no temor, mas sim, no reconhecimento de que o homem – chefe de família – guiado pela moral cristã exerceria seu poder. Portanto, o papel da mulher é de resignação e por seus traços de doçura seria a mediadora entre os componentes da família, vista como uma sociedade de pessoas desiguais, isto é, pais e filhos.

[...] em virtude da força mais vigorosa da sua inteligência e das combinações mais maduras e refletidas da sua razão, [...] a força não é o princípio da autoridade, mas a sua condição. E é esta a salvação da família. O Catolicismo reconheceu que convinha para a família uma autoridade forte pela racionalidade de suas forças e que fosse capaz de manter ilesos os seus direitos no exterior⁴²⁰.

O Em 1864, o jornal *A Liberdade* publicou uma série de artigos sobre a formação da civilização em que o Cristianismo funcionaria como um guia moral e filosófico:

A filosofia cristã não se imiscui nas triviais questões de uma vã puerilidade, toma à peito os mais graves pontos e resolve-os de uma maneira admirável, acessível à todas as inteligências. Há um pequeno livro em que este problema encontra uma bela e maravilhosa solução, é o manual de filosofia do cristianismo, é o catecismo. Interrogai um menino a este respeito e ele vos responderá na mais sublime simplicidade, porém com uma inteira certeza: nem Platão, nem Sócrates, nem Aristóteles o venceria. Em presença do pequeno livro dos quatro Evangelhos, dos atos dos apóstolos e de suas cartas, em presença do catecismo católico, que é seu resumo, o que são, dissei-nos, as produções dos mais belos gênios filosóficos desde Pitágoras até Kant, Fichte e Schellinh? São um labirinto de contradições e obscuridades, frequentado por alguns espíritos, que saem dele com o desprezo e a incerteza

⁴¹⁹ Jornal *A Liberdade*. Fortaleza, nº79, 07 de maio de 1864. p.3.

⁴²⁰ Id. Ibid. p.3.

de todas as coisas. Entre tantos Estados, que foram desmoralizados, pervertidos por seu ceticismo, mostrai-nos [sic] uma só aldeia, que os filósofos fundaram ou regeram com algum sucesso. Mas eis uma metade do mundo, que, marcha desde séculos à luz da palavra apostólica. Todas as luzes se eclipsaram diante da verdadeira luz; a ciência alcançou a coroa do seu mais brilhante triunfo. Apoderando-se do homem em sua natureza⁴²¹.

Tomamos estas passagens como indícios da formação da cultura letrada de Rocha Lima. Lembramos ainda, que a década de 1860 fora de marcos fundadores de um discurso sobre a formação da sociedade e do bom cristão. O Padre, político e professor de latim Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra publicou o *Compêndio de Gramática Filosófica do Liceu Provincial* em 1861 e *Os Dogmas políticos do Cristão* em 1864, obra em que refletia e discutia o homem, a sociedade, a constituição, o poder divino e a soberania do povo, a liberdade e o liberalismo moderno, a eleição, o governo, a oposição. Podemos notar que seriam os mesmos temas capitaneados pela Academia Francesa e Escola Popular. De certo, que esses temas os afetaram, e estes, por não concordarem com a visão de mundo e de prática política e religiosa proposta por Manoel Soares da Silva Bezerra terminou por incentivar ao grupo leituras que contra argumentassem, e fundamentassem outra visão e prática social e política⁴²². Pois, todos os principais pontos de suas análises e discussões retomam as publicações nos jornais nas décadas de 50 e 60 do XIX, em que se avalia o papel da educação na formação e desenvolvimento da civilização.

Constatamos que a década de 1870, da chamada a *Moderna Geração Cearense*, capitaneada por Rocha Lima, discutiu antigas questões sociais e políticas. Sua base teórica era a filosofia clássica que na década de 1860 ganhou “reforços”: os filósofos iluministas e seus intérpretes.

O ideal de verdade e do bem em Rocha Lima

Ao criticar, o cenário político no Brasil e no Ceará, e ao propor novas práticas políticas, Rocha Lima sempre partiu da ideia de que a grande transformação não viria da Monarquia em vigor, ou dos partidos políticos, ou até mesmo da República, tão desejada e defendida por ele, até porque a própria República viria pelas mãos dos *anjos revoltados com a imperfeição da sua própria natureza*, sem esperar mais pelo paraíso do post-mortem, ou pelo

⁴²¹ Jornal *Liberdade*. Fortaleza, 01 de junho de 1864, p.4.

⁴²² Esse encontro entre os rapazes da Academia Francesa e o Dr. Manoel Soares ficou famoso na historiografia, marcando os embates entre *antigos e modernos* em 1874. Mas, podemos notar que esses embates vinham de longa data. Manoel Soares fora professor de latim deles, e as ideias e propostas sobre o projeto a formar e educar a sociedade já constavam nas páginas dos jornais dez anos antes.

poder terreno, juntos os anjos fariam as transformações necessárias para conquistar o maior bem humano: a felicidade. E para isso, era necessária uma nova moral, uma *moral demonstrada*, diferente da moral cristã que já não condizia com a civilização do século XIX. Nesse ponto, complementam-se suas reflexões sobre moral, vontade, verdade, ciência e religião:

Meu ideal de humanidade, em ascendência para os páramos da luz, não é este doutor, sombrio e anacoreta, da epopeia alemã, que só anela mergulhar-se na substância das coisas, evitando as sinuosidades da ação, insaciável de verdades, caminheiro infatigável no mundo das ideias, porém asceticamente estranho aos certames da vida. Não senhores, a inteligência é uma força que, desenvolvida, tende a dominar todas as outras e especialmente a atividade voluntária. A moral lhe pertence por ser uma lei que só ela pode formular, e só ela pode impô-la pela demonstração de sua legitimidade. A inteligência é o legislador, o intérprete, o juiz desse código; sem sua sanção qualquer mandamento é letra morta perante a consciência. Debaixo desse ponto de vista, a ciência merece culto de todos; em seu templo não se exigem os holocaustos de sangue nem os altares da credulidade venal e timorata. Ela dá-nos a verdade, e, por adoração, basta realizá-la em nossos atos. A verdade sob esta forma chama-se bem⁴²³.

Rocha Lima bebeu em Sócrates o seu ideal de verdade, bem e felicidade. A própria noção de ciência em Rocha Lima assemelha-se à de Sócrates, em que a ciência é compreendida como uma prática racional e moral. A geração de Rocha Lima, assim como a anterior, na cidade de Fortaleza, fora fortemente influenciada pelas ideias filosóficas da antiguidade clássica, principalmente pela tríade Sócrates-Platão-Aristóteles, facilmente percebidas nas leituras dos jornais do período.

Eduardo Navarro⁴²⁴ aponta como aspecto fundamental na filosofia de Sócrates:

[...] a identificação da felicidade e da virtude com a ciência. As virtudes se identificam com a razão. O reto pensar e o reto agir são coisas inseparáveis. Assim sendo, a virtude é ciência e a ciência é virtude. Afirmar Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco* que Sócrates acreditava que as virtudes, identificavam-se com a razão, considerando que todas eram ciências, e até chegava a afirmar, recorrendo à razão, que, onde há ciência, não pode faltar o domínio de si mesmo, pois ninguém que tenha inteligência age contra o melhor ou, se por acaso o faz, é por ignorância. [...] Assim, quem tem a ciência tem a virtude. O filósofo é o homem virtuoso, que contempla o bem e o molda sua ação prática a ele. [...] o bem liberta o homem e move sua ação espiritual e concreta. Assim, a ciência deve manifestar-se na concretude dos atos humanos, no dia-a-dia. Deve guiar o homem para seus fins supremos. Razão e caráter são coisas inseparáveis. A ciência e a virtude formam uma unidade indissociável. [...] a ciência torna o homem senhor de

⁴²³ Rocha Lima. op.cit. p.89-90.

⁴²⁴ Doutor em Letras Clássicas pela USP.

si mesmo e a falta dela torna-o escravo das paixões e dos impulsos irracionais⁴²⁵.

Todas as vezes que Rocha Lima defendeu a ciência, como instrumento e meio de chegar à verdade, pensava a ciência como produto da inteligência humana que, ao longo de nossa escrita, a apresentamos como uma força independente e capaz de promover as mudanças que Rocha Lima acreditava serem necessárias para a evolução social. Vimos nessa preocupação de defender a inteligência, a ciência e a moral, Rocha Lima muito próximo das ideias de Sócrates.

Segundo Xenofonte, “Sócrates só discutia as inquietações humanas: o que tornava os homens bons como indivíduos ou cidadãos. O conhecimento neste campo era a condição para um caráter livre e nobre; a ignorância fazia do homem apenas um escravo”⁴²⁶. Francis Macdonald Cornford coloca que, Sócrates entendia o mundo como obra da inteligência e de que a felicidade seria um fim comum para todos os povos. Mas o que seria a felicidade?

[...] da época de Sócrates em diante, esta foi a principal questão debatida pelas escolas. Os filósofos viam que a humanidade podia ser, *grosso modo*, classificada em três tipos, na medida em que estes identificavam a felicidade com o prazer, com o sucesso social, a honra e a fama, ou com o conhecimento e a sabedoria. [...] Sócrates afirmava que a felicidade devia ser encontrada no que ele chamava de perfeição da alma – tornar a alma tão boa quanto possível⁴²⁷.

Para Sócrates o conhecimento era uma virtude e compreendia sua missão como de persuasão de jovens ou velhos, sito é, demonstrar que eles deveriam se:

[...] dedicar menos aos vossos corpos e à vossa riqueza, e mais à perfeição de vossas almas, fazendo disto vossa primeira preocupação e vos dizendo que a bondade não provém da riqueza, mas é a bondade que, transforma a riqueza ou qualquer outra coisa, em público ou na vida privada, em algo valioso para o homem⁴²⁸.

Esse homem preocupado com a perfeição de sua alma devia tornar-se moralmente autônomo e controlar sua própria vida, ou seja, cada um devia ser o juiz que existia em si mesmo e não poderia delegar suas funções a outrem. Portanto, a educação ganha tanta

⁴²⁵ NAVARRO, Eduardo de Almeida. A filosofia de Sócrates. In. **O Pensamento vivo de Sócrates**. São Paulo: Martin Claret. p.45-46.

⁴²⁶ CORNFORD, F. M.. **Antes e Depois de Sócrates**. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 28.

⁴²⁷ Id. Ibid. p. 32.

⁴²⁸ Ibid. p.33-34.

importância, sem significar o ensinar ao homem o que ele deveria pensar ou fazer, mas mostrar que a função da educação era:

[...] o abrir dos olhos da alma, clareando sua visão pelo afastamento das névoas deturpadoras do preconceito, bem como do orgulho do conhecimento que, na verdade, não passava de opinião de segunda mão. [...] Sócrates incentivava os jovens a questionar todo preceito moral. [...] Na verdade, Sócrates estava minando a moralidade da submissão social – aquela moralidade da obediência à autoridade e da concordância com o costume. [...] o surgimento desta nova moral está dentro da própria alma⁴²⁹.

[...] O verdadeiro ser é uma faculdade, não apenas da descoberta intuitiva, mas também da vontade – uma vontade que pode anular todos os outros desejos de prazer e aparente felicidade. A alma que vê o que é realmente bom infalivelmente deseja o bem por ela discernido. Sócrates afirmava que este desejo da alma esclarecida é tão forte que sempre suplanta todos os outros desejos cujos objetos o verdadeiro ser vê como ilusório⁴³⁰.

Francis Macdonald Cornford ao apresentar a visão de Sócrates, sobre o papel do homem de buscar a verdade, coloca que esse era o significado dos paradoxos socráticos: “de que ninguém erra deliberadamente”. Portanto quando alguém erra, erra porque de fato não tinha conhecimento dos resultados de suas ações ou inércias. Normalmente, as pessoas justificam seus erros como algo que não puderam evitar. Mas, Sócrates responderia que:

Isso nunca é realmente verdade. Tu podes ter sabido que outras pessoas acham que o que fizeste era ruim, ou que te haviam dito que era ruim; mas se tivesses sabido por ti mesmo que era ruim, não o terias feito. Teu erro foi a falta de esclarecimento. Não viste o bem; foste enganado por algum prazer que parecia bom naquele momento. Se tivesses visto o bem, também terias o desejado e agido para obtê-lo. Ninguém age mal por sua verdadeira, vontade, pelo menos quando essa vontade foi direcionada para o seu objeto, o bem, por uma visão genuína e esclarecida⁴³¹.

Eduardo Navarro, resumidamente por nossa escrita, coloca que a filosofia de Sócrates se caracterizava pelo método maiêutico, em que ele [Sócrates] “inquiria, questionava, refutava, ironizava, fazendo o seu interlocutor ser vencido e se desfazer das falsas opiniões, levando-o a dilatar o seu espírito para conhecer a verdade”⁴³².

A maiêutica é o diálogo entre iguais, ou melhor, seria “matar o mestre no discípulo, inocular-lhe o germen da dúvida metódica, do questionamento purgativo e

⁴²⁹ Ibid. p.42-44.

⁴³⁰ Ibid.p.46-47.

⁴³¹ Ibid. p.47.

⁴³² Navarro. op.cit.p.31.

preparar-lhe o espírito para uma autêntica aprendizagem”⁴³³. Ora, o diálogo evitava as opiniões individuais, pois ao expor seu pensamento ou interpretações de leituras, pode ser refutado e sua visão ampliada. Afinal, os conceitos são representações intelectuais, formas abstratas de pensamento⁴³⁴. O que nos leva a “enxergar” as mesmas características nas práticas de leitura e escrita do Rocha Lima, do Capistrano de Abreu, de Xilderico de Farias, Araripe Júnior e Pompeu Filho, todos participantes da Academia Francesa. Além do método, a filosofia para Sócrates era o caminho de purificação do conhecimento - “O perfeito conhecimento do homem é objeto de todas as suas especulações e a moral é o centro para o qual convergem todas as partes de sua filosofia”⁴³⁵, pois:

O conhecimento de si mesmo implica o conhecimento das próprias faltas e carências e a verdadeira sabedoria consiste em admitir a própria ignorância, em eliminar as falsas opiniões e os conceitos errôneos, em abrir o espírito para chegar ao conhecimento verdadeiro. A presunção do saber, sem o possuir, origina os erros que nós cometemos com a nossa inteligência. Porém, como deixar o erro, a ignorância e atingir a verdade? Como purificar as almas? Como eliminar-lhes a falsa opinião?⁴³⁶.

Sócrates propõe a filosofia como o meio de se chegar à verdade, mas o que seria a verdade para Sócrates? A verdade em Sócrates era o Bem supremo. Chegar-se-ia a verdade pela ciência que era o uso da razão, da inteligência humana. Aristóteles afirma em sua “*Ética a Nicômaco*” que:

Sócrates acreditava que as virtudes identificavam-se com a razão, considerando que todas eram ciências, e até chegava a afirmar recorrendo à razão, que, onde há ciência, não pode faltar o domínio de si mesmo, pois ninguém que tenha inteligência age contra o melhor ou, se por acaso o faz, é por ignorância⁴³⁷.

[...] O bem liberta o homem e move sua ação espiritual e concreta. Assim, a ciência deve manifestar-se na concretude dos atos humanos, no dia a dia. Deve guiar o homem para seus fins supremos. Razão e caráter são coisas inseparáveis. A ciência e a virtude formam uma unidade indissociável. [...] Assim, a ciência torna o homem senhor de si mesmo e a falta dela torna-o escravo das paixões e dos impulsos irracionais. O erro e a culpa são considerados uma carência de ciência ou de sabedoria. Desse modo, “ninguém peca voluntariamente”. Nenhum homem há de preferir o mal, conhecendo o bem. A sabedoria assume aqui caráter ativo e não somente contemplativo. O bem pensar leva o homem ao bem agir⁴³⁸.

⁴³³ Id. Ibid. p.41.

⁴³⁴ Ibid. p.45.

⁴³⁵ Ibid. p.38.

⁴³⁶ Ibid. p.38.

⁴³⁷ Ibid. p.45.

⁴³⁸ Ibid. p.46.

O bem e o mal por Rocha Lima

Hoje estes dois princípios do bem e do mal, revestidos outrora de formas tão deslumbrantes e lúgubres, despem as roupagens sedutoras, que havia tecido a imaginação infante de nossos primeiros pais, para tomarem um caráter mais humano e desassombroso [sic]. O mal chama-se ignorância; o bem chama-se luz, ou progresso, desenvolvimento ou perfeição. Enquanto procurou-se exterminar o mal, guerreando uma divindade invisível, fugindo a uma sombra que a perseguiu de contínuo como o espectro de Hamlet⁴³⁹.

Rocha Lima afirmava que “o mal residia em nossa própria natureza, nos restos de animalidade que nos coube por destino”. E que reconhecer esta verdade não seria aceitar o peso do pecado original causado por Eva. Mas, em igual proporção esse homem que carrega em si o animal, pode através da sua inteligência libertar-se do cárcere, garantir que seu espírito garantisse e promovesse seu bem estar. “Maravilhas das maravilhas! Os primeiros passos do animal foram os primeiros adejos para a redenção do anjo”⁴⁴⁰.

Da verdade que não foge às nossas investigações, como a Ítaca do herói helênico, depois de rolar nas cinzas a Ílion do erro. Nós havemos de aportar à ilha feliz da perfeição moral, tendo por bússola a inteligência. E é por isto que vos falando do seu valor não tenho em mira estimular-vos à conquista de fórmulas científicas e de criações artísticas, apenas para satisfação da curiosidade ou para deleite de vossa estesia⁴⁴¹.

Rocha Lima aproxima-se do pensamento de Sócrates, de entender o filósofo como aquele que busca o bem viver, “reconhecendo-se pelo próprio exemplo e não pelas palavras”⁴⁴². Rocha Lima distanciou-se da proposta política de Platão, porque este acreditava e defendia que a raça humana nunca descansaria até que os amantes da sabedoria se tornassem reis. “A comunidade ideal devia ser governada por aqueles poucos que mais se aproximaram da perfeição espiritual, pois eles sabem o que é perfeição espiritual”⁴⁴³. Enquanto que Rocha Lima defendeu o “abrir dos olhos dos anjos”, e de olhos abertos, veriam pelos olhos da inteligência e se revoltariam contra suas próprias naturezas e juntos fariam a grande mudança.

Se o mal é a ignorância e a intolerância que cega o *anjo*, tornando-o escravo; o bem para Rocha Lima é o conhecimento, fruto da inteligência, que liberta o homem pela

⁴³⁹ Rocha Lima. op.cit. p.86.

⁴⁴⁰ Id. Ibid. p.88.

⁴⁴¹ Ibid. p.89.

⁴⁴² Navarro. op.cit.. p.108.

⁴⁴³ Cornford. op.cit. p.55.

verdade. E, “a verdade sob esta forma chama-se o bem”⁴⁴⁴. A ciência é o instrumento criado pela inteligência humana que liberta do cárcere e promove o bem estar:

Cada um sonde os arcanos da consciência e responda se o crime não se produz sempre por efeito de uma ignorância dupla, primeiro do valor dos motivos, depois dos resultados funestos do ato. Muitas vezes não a ignorância propriamente, mas falta de convicção que só a moral demonstrada pode produzir. Algum céptico objetaria talvez à nossa palavra com a impossibilidade de reagir contra o caráter com que nascemos ou que adquirimos na convivência social, ao influxo da educação e do meio físico⁴⁴⁵.

Rocha Lima ao ressaltar a observação às suas ideias por algum céptico que não acredita na independência e na força da inteligência do homem, permitindo que este assumisse as rédeas da própria vida, independente do meio físico e social, exclama:

O filósofo de Koenigsberg já havia lavrado esta sentença de morte ao homem, lutando por libertar-se das impurezas com que nascera. Como vós o sabeis, para Kant o esforço voluntário só vale antes da formação do caráter. Depois de constituído, cada um torna-se autômato desse déspota. Seja ou não exata a teoria, pouco importa⁴⁴⁶.

Ao refletir sobre a teoria da vontade de Kant para desconstruir a opinião dos cépticos, Rocha Lima vai argumentar que: “Se, o vigor da vontade exaure-se na gestão do mais capital dos fatos filosóficos, conceda-se ao espírito, no caos que precede a sua gênese moral, todos os recursos da inteligência”⁴⁴⁷. Continua a discursar aos senhores do Gabinete de leitura Cearense e seus convidados na solenidade de aniversário⁴⁴⁸ do seu primeiro ano de existência:

Eu já vos disse: foi o despotismo das necessidades materiais que despertou o espírito; seja a escassez do tempo concedido à constituição de seu ser moral mais uma razão de banhar todas as frentes, desde o berço, na luz que, jorrando pelos recessos d’alma, faz do homem e da sociedade uma harmonia mais inquebrantável que a das esferas⁴⁴⁹.

Desde o berço, o homem deve banhar-se na luz, para tanto é necessário libertar a mulher do cárcere imposto pela religião católica e pelo poder do chefe de família, os quais viam a mulher como um ser irresponsável, fraco e incapaz de participar ativamente da

⁴⁴⁴ Rocha Lima. op.cit. p.90.

⁴⁴⁵ Id. Ibid. p.90.

⁴⁴⁶ Ibid. p. 90-91.

⁴⁴⁷ Ibid. p.91.

⁴⁴⁸ Em 02 de dezembro de 2014.

⁴⁴⁹ Rocha Lima. op.cit. p.91.

formação da sociedade. Como já dissemos anteriormente, Rocha Lima valorizava o papel da mulher na sociedade, diferentemente do que pregava a Igreja Católica, que via na mulher a imagem do pecado, a culpada por levar Adão a pecar⁴⁵⁰:

[...] deve-se absolver a mulher de hoje do egoísmo [...] Como poderia ela tentar uma educação ampla, mais altruísta, por assim dizer, se ela já foi condenada por haver provocado o homem ao conhecimento do bem e do mal? Se já foi expulsa do paraíso por esta nobre ambição? Se lhe é imposto, pela moral a que obedece; a olhar só para o céu, a abdicar de todos os tentames terrenos, a implorar para o filho apenas salvação da alma, sem importa-lhe a salvação do futuro? (...) Se hoje mesmo vive numa eterna infância, com deveres, mas sem direitos, escrava da rotina e responsável pelo povir? Submissa à tutela teológica e à tirania social, por que a condenais pelo erro do presente, e dela exigis uma renovação, se já por isso mesmo repudiou-a o próprio Deus?⁴⁵¹

Rocha Lima pedia a “absolvição” da mulher, não porque a considerava culpada, pelo contrário; mas precisava construir seu discurso de modo que convencesse aos presentes, e destes, revoasse pela cidade sua ideia de que a criança deveria sugar com o leite as ideias regeneradoras para não estranhá-las, quando alistar-se filho da pátria. A família não podia separar-se da sociedade, como também, a célula não podia separar-se do organismo⁴⁵².

Rocha Lima acreditando e defendendo a ligação intersticial, solidária entre todos os membros da sociedade, como se fosse células de um mesmo órgão, órgãos de um mesmo organismo, o fez enxergar no método positivo, retirando do pensar de Augusto Comte somente o que lhe era útil; as bases que fundamentariam seu plano de ação: a formação política dos cidadãos, os anjos revoltosos:

[...] Vê-se que foi sentimental ou teológica a primeira dessas concepções, e que gradualmente foi-se transformando, até racionalizar-se completamente. [...] A constituição do terceiro estado em assembleia nacional realizou na política o que devia ser demonstrado pelos historiadores modernos: isto é, que as nações devem arrastar seu governo aos progressos necessários e indispensáveis a seu destino. Uma vez por todas, devia tornar-se inabalável a convicção de que os governos são chamados a realizar as necessidades urgentes da sociedade; quando assim procedem são nacionais e de sua época. Instrumentos de uma ideia, operários de um plano, traçado pelo grande arquiteto, que é o espírito humano, os governos não podem usurpar a glória de motores da evolução social. E não propomos aqui um ideal, que só pode realizar um estado muito avançado da civilização. A história, transformada por seu novo método, é a primeira a denunciar a insensatez do esforço

⁴⁵⁰ Rever as páginas 119 e 148 desta dissertação.

⁴⁵¹ Rocha Lima. op.cit.p.91-93.

⁴⁵² Id. Ibid. p.94.

individual ou partidário, em querer eximir-se à influência do meio, e em retardar ou acelerar a marcha das nações⁴⁵³.

Sem conseguir colocar, um ponto final... finalizamos.

Não poderíamos deixar de mencionar um ponto que distanciou as críticas e propostas políticas e administrativas de Rocha Lima no espaço de dois anos, entre 1876 e 1878; em 1876 o discurso de Rocha Lima é mais contagiante e crente na união de grupos com o objetivo de reformar/melhorar as práticas políticas e administrativas. Enquanto que, em 1878, o *tônus* de seu discurso é mais duro em apontar as falhas do governo e do cidadão a cruzar os braços. Percebemos essa mudança, carregada de mágoas e rancores do Rocha Lima de 1876 e 1878, apontados também por Capistrano de Abreu, sem mencionar nesse interim o suicídio de Xilderico de Farias, a partida de Capistrano de Abreu para o Rio de Janeiro; a escrita de Rocha Lima traz as marcas de uma decepção. Apresentamos duas passagens de seus discursos no Gabinete de Leitura Cearense:

O primeiro discurso pronunciado no Gabinete de Leitura Cearense, em comemoração ao seu primeiro ano de existência, em 02 de dezembro de 1876⁴⁵⁴:

[...] Senhores fundadores do Gabinete [...] Agora que solenizais [sic] o primeiro aniversário de vossa instituição, eu queria saudar-vos e também ao povo que acudiu ao ruidar de vossa festa. Não o faço: ao povo, porque em recompensa à sua cooperação espontânea e generosa colherá em breve os frutos da árvore que plantou o vosso patriotismo. A vós basta despertar uma esperança: quando a terra for semeada de almas luminosas, como o firmamento – de estrelas; quando a lei da atração, que governa os astros no espaço, governar os homens em sociedade, no livro de luz e de lágrimas em que estiver escrita a história de nossa redenção, o vosso nome estará gravado pela gratidão popular⁴⁵⁵.

O discurso pronunciado no Gabinete de Leitura Cearense, em comemoração ao segundo ano de existência, em 02 de dezembro de 1877⁴⁵⁶:

[...] Srs. Do Gabinete, bem sei que a ignorância lutou sempre com maiores vantagens, e que de todos os inimigos foi sempre o mais temível. A isso deve ela sua resistência e ao tempo – o grande verme destruidor das inutilidades, o abrigo que ainda conserva no espaço que se junca com os destroços do mal a cada passo da civilização. Não obstante, como os

⁴⁵³ Ibid. passim 256-259.

⁴⁵⁴ Recebeu o título *A Mulher*, por Capistrano de Abreu ao reunir e organizar os escritos de Rocha Lima na obra póstuma intitulada *Crítica e Literatura*, 1878.

⁴⁵⁵ Rocha Lima. op.cit. p.98.

⁴⁵⁶ Recebeu o título *Discurso*, também por Capistrano de Abreu.

espectros de um pesadelo, ela há de fugir diante das esplêndidas alboradas da civilização, mesmo nos países em que, como o nosso, ela tenha a espessura das trevas do caos. Examinai, portanto, essas vantagens para poderdes concertar o vosso plano de ataque. Vede-a: a ignorância possui o exército imenso dos ociosos: seus soldados alimentam-se de preconceitos, fardam-se de arrogância, vivem escondidos na trincheira da inércia para só saírem a batalhar no campo da rotina, tendo por armas a indiferença e por tática a intolerância. Ainda com todas essas superioridades vós podeis vencê-la. Sabeis como? Guarnecendo vossas estantes de livros e franqueando-lhes o assalto!⁴⁵⁷.

A esperança permanecia viva, mesmo que a mágoa com aqueles que se tornaram indiferentes à causa da formação da *Acrópole Ideal*: de através do desenvolvimento da inteligência e do conhecimento formar o cidadão político e solidário guiado por uma moral demonstrada, baseada na honra e nas virtudes positivas, justificada pelo bem estar coletivo, pela busca da felicidade. Rocha Lima foi fiel ao seu plano de vida.

⁴⁵⁷ Ibid. p.342.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como parte final da apresentação da pesquisa realizada, em que devemos realizar uma síntese dos elementos constantes no texto do trabalho, unindo as ideias e fechando as questões apresentadas na introdução, ou melhor, arrematando os pontos que ficaram soltos, ou talvez tenham se perdido ao longo da exposição. Devemos mostrar que fomos capazes de resolver o problema, inicialmente proposto, e deste, deixar portas abertas às novas problemáticas.

Bem, propomos analisar e apresentar o plano de vida de Rocha Lima, sinalizado por ele em carta à Capistrano de Abreu, quando relatou que ao passar uma temporada no Jacareganga-Fortaleza, em busca de restabelecer sua saúde ao voltar de Recife em 1871; colocou-se o grande problema da sua vida, um sentido para sua existência, que o fez encarar a morte e prometer agir com os olhos fixos sempre na honra e na verdade. Confessou ao Capistrano que nesse episódio, chegou ao Jacareganga com 16 anos e partiu com 50 anos.

Perseguimos esse plano, analisando seus escritos que foram produzidos em épocas distintas, alguns pronunciados nos círculos letrados e depois publicados nos jornais locais, outros ainda, com a finalidade de crítica literária, formavam um texto maior, um plano de ação em que Rocha Lima, ocupando o papel de filósofo, de analisar as condições de existência das dinâmicas sociais e de seus acontecimentos históricos, avaliando as práticas que contribuíam ou prejudicariam o processo de evolução social, empreendeu o movimento da Academia Francesa e buscou concretizar seu plano com a fundação da Escola Popular.

A Academia Francesa tinha a função de formação filosófica e política de seus membros, capitaneados por Rocha Lima; já a Escola Popular seria de formação também filosófica e política de todos aqueles que quisessem fazer parte da grande mudança. Lembramos que estes dois círculos letrados foram formados por grupos de amigos quase que distintos, se não fosse pela presença de Rocha Lima e João Lopes, o único de todos os amigos que sempre esteve ao lado de Rocha Lima, desde os tempos do colégio e da Fênix Estudantal.

Para tanto, analisamos e apresentamos três tessituras: a representação de Rocha Lima pela memória de amigos e coetâneos, e pela historiografia; os círculos

letrados enquanto espaços sociais e simbólicos criados e ocupados por Rocha Lima; e por fim, a análise do plano de Rocha Lima presente nos seus escritos que foram reunidos, organizados e publicados por Capistrano de Abreu em 1878, dois meses após a sua morte, na obra intitulada *Crítica e Literatura*.

Consideramos que nossa problemática central fora respondida por nossa exposição: de que os escritos de Rocha Lima formavam teoricamente seu plano de ação de formação da *Acrópole Ideal* e do cidadão político. E ainda, serviram de fundamentação para as suas explanações que objetivavam conquistar adeptos para o seu ideal, conquistados pelo desenvolvimento do pensar crítico e filosófico, e não pela beleza das ideias pronunciadas. Talvez, nossa escolha estrutural e de análise das fontes possam abrir flancos, mas decidimos correr os riscos e realizar um trabalho que respondeu às nossas angústias e, se não resolveu os problemas levantados por terceiros, esperamos que possa contribuir com a reflexão sobre o nosso *métier*.

Nosso fazer teórico-metodológico desde o início pretendeu apresentar uma possibilidade de pesquisa e compreensão do sujeito que foi Rocha Lima e de sua atuação social e política na cidade de Fortaleza, nossa escolha foi pelo ideal de vida, podendo ser denominado de plano de vida, ou de ação. Mas, também, foi nossa intenção sugerir uma nova abordagem de escrita e de análise historiográfica que leva em consideração: o que há de simbólico e sensível nos acontecimentos e nos sujeitos históricos; propondo que ao se escrever sobre uma vida sempre estaremos lidando com um universo que é abstrato, que escapa por entre os dedos, partindo e chegando a um mundo material, mas também simbólico.

Enfim, a sensação ao escrever estas considerações finais, é de sentimento de *vazio*. Um *vazio* construtivo, criativo e rebelde, não permitindo a ideia de um ponto final. Mas um até logo.

FONTE MANUSEADA

1. Fonte Primária:

- ❖ ROCHA LIMA, R.A. da. **Crítica e Literatura**. Prefácio de Capistrano de Abreu. Introdução e notas de Djacir Menezes. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1968.

2. Livros e escritos de Memórias da época:

- ❖ ARARIPE JÚNIOR. Tristão Alencar. **O Papado**. Fortaleza: Typographia Brasileira, 1874.
- ❖ BRÍGIDO, João. Raimundo Antonio da Rocha Lima. **Revista da Academia Cearense de Letras**, 1953.

3. Dicionários:

- ❖ PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832.
- ❖ **Diccionario da Lingua Brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832.

4. Jornais Impressos:

- ❖ *A Liberdade*
- ❖ *A Constituição* (órgão conservador)
- ❖ *Fraternidade* (órgão maçom.)
- ❖ *Gazeta da Tarde* (órgão carioca de luta abolicionista)
- ❖ *Gazeta do Norte* (órgão cearense)
- ❖ *Gazeta de Notícias* (órgão carioca)
- ❖ *Jornal do Ceará*
- ❖ *Jornal do Maranhão*
- ❖ *O Cearense* (órgão liberal)
- ❖ *O Globo* (órgão carioca)
- ❖ *O Libertador* (órgão do Centro Republicano)
- ❖ *O Piauihy*
- ❖ *Pedro II* (órgão conservador)

5. Documentos Oficiais e Estatísticos:

- ❖ DOCUMENTOS. **Revista do Arquivo Público do Ceará**: história e educação. Nº 2. Fortaleza: Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006.
- ❖ INVENTÁRIO de Manoel Bizerra de Albuquerque e Antonia Felismina Bizerra de Albuquerque. Cartório dos Órfãos. APEOC, pacote 166.
- ❖ **Relatório do Bibliotecário da Província** - João Severiano Ribeiro, de 09/06/1870.
- ❖ **Relatório do Seminário Episcopal do Ceará**. 1865. p. III e IV.
- ❖ **Relatório de Província**, em 04 de julho de 1865 por Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.
- ❖ **Relatório da Província**, 19 de junho de 1875 pelo secretário Ignacio Ferreira Gomes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ABREU, Berenice. **Intrépidos Romeiros do Progresso: maçons cearenses no império.** Fortaleza: Museu do Ceará/Secult, 2009.

ABREU, Capistrano de. **Correspondências de Capistrano de Abreu**, volume 1. Edição Org. e prefaciadas por José Honório Rodrigues. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____. **Correspondências de Capistrano de Abreu**, volume 2, edição org. e prefaciada por José Honório Rodrigues. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____. **Correspondências de Capistrano de Abreu**, volume 3, edição org. e prefaciada por José Honório Rodrigues. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 266-267.

_____. **Ensaio e Estudos** (Crítica e História). 1ª série. Edição da Sociedade Capistrano de Abreu. Livraria Brigueit. 1931.

ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira. **Quando o Anjo do extermínio se aproxima de nós: representações sobre o cólera no semanário cratense – O Araripe (1855-1864).** João Pessoa, UFPB, 2010.

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império.** São Paulo, Paz e Terra, 2002. 392 páginas.

_____. Crítica e Contestação: o movimento reformista da geração de 1870. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** Vol. 15. Nº44, out/2000.

ARAUJO, Ariane Bastos G. de. **Itinerários historiográficos: análise da constituição de narrativas historiográficas sobre a Academia Francesa.** Fortaleza: monografia, UECE, 2009.

ARARIPE JÚNIOR. Tristão Alencar. **O Papado.** Fortaleza: Typographia Brasileira, 1874.

AVELAR, Alexandre de Sá, FARIA, Daniel B.A. de, PEREIRA, Mateus. H. F. (Orgs.). **Contribuições à história intelectual do Brasil Republicano.** Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

AZEVEDO, Sânzio. **A Academia Francesa do Ceará (1873-1875).** Fortaleza: Casa José de Alencar/ Imprensa Universitária, 1971.

BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense.** Ed. Fac-simile. Fortaleza: Instituto do Ceará. T. I. 1938.

BARROS, José D'Assunção. História, narrativa, imagens. Desafios contemporâneos do discurso historiográfico. **Antíteses.** Vol. 1, n. 1, jan.-jun. de 2008. p. 33-64.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Nota sobre a fotografia. Trad. Júlio Castañon Guimarães. 9ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.89

BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Capistrano de Abreu e a correspondência feminina**. Coleção Outras Histórias. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

BOAS, Sergio Vilas. **Metabiografia e seis topicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. São Paulo: USP, 2006.

BARBOSA, Walmir. **Marxismo: história, política e método**. Goiânia: UFG, monografia de graduação em história, 1986.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e Misérias da Biografia. apud PINSKY, Carla Bassanezi(org). **Fontes Históricas**. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 220.

BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 181-91.

BOURDIEU, P. 1983. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (organizadoras). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. 2ªed. –Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BRÍGIDO, João. Raimundo Antonio da Rocha Lima. **Revista da Academia Cearense de Letras**, 1953.

CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Capistrano de Abreu: tentativa bibliográfica**. 2ª ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1999.

CARDOSO, Gleudson Passos. **As Repúblicas das Letras Cearenses**. Literatura, Imprensa e Política (1873-1904). Dissertação. São Paulo: PUC, 2000.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. A história hoje; dúvidas, desafios, propostas apud VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: microhistória**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

CORBIN, Alain. **O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. Alain Corbin o prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, Vol.25, nº49, p.11-35 - 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882005000100002>.

CORDEIRO, Celeste. **Antigos e modernos no Ceará Provincial**. São Paulo: Annablume, 1997.

CORNFORD, F. M.. **Antes e Depois de Sócrates**. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura Brasileira**. 3ªed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

DE CERTEAU, Michel. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 65-119.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, v.10, n.19, jul-dez. 2009, p.7.

DOCUMENTOS. **Revista do Arquivo Público do Ceará: história e educação**. Nº 2. Fortaleza: Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A Imprensa em pauta: jornais Pedro II, Cearense e Constituição**. Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2006.

GALENO, Juvenal. **Lendas e Canções Populares**. 5ªedição. Raymundo Netto (Org.). Fortaleza: Secult, 2010.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, Memória e Narrativa: elementos para a construção de uma história da cultura escrita. In: GALVÃO...[et al.], (orgs.). **História da Cultura Escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

GIRÃO, Raimundo. Educandários de Fortaleza. **Revista do Instituto do Ceará**. 1855.

GONÇALVES, Adelaide. Muitos Tipos na Educação para os Pobres: imprensa e instrução no Ceará de fins do século XIX aos anos 1920. In: Documentos. **Rev. do Arquivo Público do Ceará - APEC: história e educação** n2. Fortaleza: APEC, 2006. p. 57-58.

GOTIJO, Rebeca. Entre quatre yeux: a correspondência de Capistrano de Abreu. **Escritos. Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa**. Ano 2, n. 2, 2008.

HANSEN, João Adolfo. Reorientações no campo da Leitura Literária. IN. ABREU, Márcia, SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). **Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo, SP: Fapesp; 2005.

HERDER, Johann Gottfried apud LORIGA, Sabina. **O pequeno x – da biografia à história**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p.121.

HUMBOLDT, Wilhelm Von apud LORIGA, Sabina. **O pequeno x – da biografia à história**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KUGELMAS, Eduardo. Revisitando a geração de 1870. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 18 Nº52. 2003.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. IN. REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas** – A experiência da microanálise. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LÖWY, Michael. **Ideologia e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 19ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

MAURÍCIO, Carlos. **A Invenção de Oliveira Martins**: Política, Historiografia e Identidade Nacional no Portugal Contemporâneo (1867-1970). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

MENDONÇA, Sonia Regina de. Os Intelectuais na Historiografia Brasileira. Anais do **IV Simpósio Nacional Estado e Poder: Intelectuais**. São Luís: UEMA, 2007.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. Rocha Lima – a obra e a época. IN: **Revista Brasileira de Filosofia**. Vol. XXVIII, fascículo 110, abr.-mai.-jun., 1978.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. A filosofia de Sócrates. In. **O Pensamento vivo de Sócrates**. São Paulo: Martin Claret, 1987.

NETA, Olívia Morais de Medeiros. **Escrita (de)marca espaços**: a historiografia e a produção do Seridó Potiguar. Rio Grande do Norte: UFRN [s/d].

NOBRE, Geraldo. Rocha Lima (desfazendo equívocos). **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: 1992.

_____. **A Capital do Ceará**. Evolução Política e Administrativa. Fortaleza: UFC – Casa de José de Alencar. Programa editorial, 1997.

_____. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC/SECULT-APEC, 2006. p.111.

NOGUEIRA, Alcântara. **O Pensamento Cearense na segunda metade do século XIX**: Em torno do Centenário da morte de Rocha Lima. Fortaleza: Instituto Brasileiro de Filosofia/Sociedade Cearense de Geografia e História/Casa Juvenal Galeno, 1978.

_____. O pensamento cearense na segunda metade do século XIX (Em torno do Centenário da morte de R.A. da Rocha Lima). IN: **Revista Brasileira de Filosofia**. Vol. XXVIII, fascículo 110, abr.-mai.-jun., 1978.

NOGUEIRA, Aline Paiva. **O "nacer do sol do progresso"**: o pensamento pedagógico da Academia Francesa durante a questão religiosa- Fortaleza- 1872-1875. Fortaleza: UECE, 2006.

NOGUEIRA, C. A análise do discurso. In: L. ALMEIDA e E. FERNANDES (Edts). **Métodos e técnicas de avaliação**: novos contributos para a prática e investigação. Braga: CEEP, 2001.

OLIVEIRA, Almir Leal de. Universo Letrado em Fortaleza na década de 1870. In SOUZA, Simone e NEVES, Frederico de Castro (Orgs). **Intelectuais**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

O pensamento de Comte. **Caderno de História nº23**, Memorial do RS – Voltaire Schilling. Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Cultura, 2007. Em razão da comemoração de 150 anos da morte de Augusto Comte. Disponível em: <<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/comte.pdf>>.

PANZIANI, Rodrigo R. Problemas, limites e possibilidades: os desafios do paradigma biográfico. **Rev. Brasileira de História & Ciências Sociais**. Vol. 2 Nº 4, dez de 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995.

_____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53. Jun, 2007. p. 11-12.

_____. **História, memória e centralidade urbana**. Conferência de abertura do Seminário História, Cultura e Cidade, promovida pelo grupo de pesquisa “A cidade em disputa: civilidade, modernidade e antidisciplina em Fortaleza (1845-1994)”, Departamento de História – UECE, outubro, 2005.

_____. O corpo e a alma do mundo. A micro-história e a construção do passado. **Revista História UNISINOS**. Rio Grande do Sul, Vol. 8 Nº 10 Jul/Dez 2004. p.179-189.

_____. Cultura e representações, uma trajetória. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy e LANGUE, Frédérique (Orgs). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. SC: UFRGS, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy e Outras (Orgs.). Narrativas, imagens e práticas sociais – Percursos em história cultural. Ed. Asterisco, 2008.

PIMENTEL FILHO, José Ernesto. **Urbanidade e Cultura Política**: a cidade de Fortaleza e o Liberalismo cearense no século XIX. Fortaleza: Casa de José de Alencar, UFC, 1998.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832.

RENAN, Ernesto. **Os Apóstolos**. Tradução de Paulo Augusto Salgado. Porto – Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1866.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Revista Trimensal do Instituto Do Ceará, ano XII, 2º e 3º Trimestres de 1898. Tomo XII. Fortaleza: Typographia Studart. p.202.

ROCHA LIMA, R. A. **Crítica e Literatura**. Prefácio de Capistrano de Abreu. Introdução. e notas de Djacir Menezes. 3ª ed. Fortaleza: UFC, 1968

SABINO, Márcia Peters. **Augusto dos Anjos e a poesia científica**. Dissertação. Juiz de Fora: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Em Busca da Terra da Promissão**: a história de dois líderes socialistas. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.

_____. **Workshop: O historiador como biógrafo**: possibilidades e desafios. Ministrado no V Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia e história. UFOP-Mariana-MG, em 23/08/2012.

_____. **Grafia da Vida**: Reflexões e experiências com a escrita biográfica. Alexandre Avelar e Benito Bisso Schmidt (Organizadores). São Paulo: Letra e Voz, 2012.

SILVA, Ítala Byanca Morais da. **Tristão de Alencar Araripe e a História do Ceará**. Fortaleza: Museu do Ceará, SECULT, 2006.

SILVA, Marcos José Diniz. **No Compasso do Progresso**: A Maçonaria e os Trabalhadores Cearenses. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora. Coleção Mundo do Trabalho, 2007.

SIRINELLI, François. *Os intelectuais* In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

STONE, Lawrence. O Renascimento da Narrativa. **Revista de História**. n. 2/3, IFCH, Unicamp, 1991.

TIBURI, Márcia. O que é sensibilidade? Artigo publicado e disponível em: <<http://www.marciatiburi.com.br/textos/sensibilidade.htm>>.

TINHORÃO, J. R.. **A província e o Naturalismo**. Ed. Fac-similar. Fortaleza: NUDOC/UFC, 2006.

VIEIRA JÚNIOR., Antonio Otaviano. **Entre o futuro e o passado**: aspectos urbanos de Fortaleza (1799-1850). Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

VIDAL, Laurent. Alain Corbin o prazer do historiador. Tradução: Christian Pierre Kasper. **Rev. Bras. Hist.** vol.25 nº 49 São Paulo Jan./Jun. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882005000100002>.